



Capistrano de Abreu (org.)

# Confissões da Bahia

Primeira Visitação do Santo Ofício  
às partes do Brasil



# Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil.

## **CONFISSÕES DA BAHIA**

1591-1592

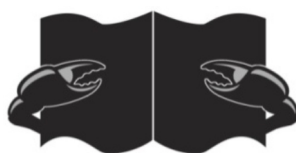
**Capistrano de Abreu (org.)**

Primeira edição: Série Paulo Prado, São Paulo, 1922.

Imagem da capa: The standards and criminal habits used by the Inquisition in the Dominions of Spain & Portugal. Engraving, 1748. Disponível em <https://wellcomecollection.org/works/dvgkeeg6>

Primeira visitação às terras do Brasil: **Confissões da Bahia.** / por  
Capistrano de Abreu (org.)/

Curitiba, antoniofontoura, 2020.



## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia, 1591-1592.

### CONFISSÕES DA CIDADE

Confissão de Frutuoso Alvarez vigário de Matoim no tempo da graça.

Confissão de Niculau Faleiro de Vasconcelos Cristão velho na qual diz contra sua mulher dona Ana [Alcoforado] cristã nova no tempo da graça.

Confissão de Fernão Gomez cristão novo no tempo da graça

Confissão de Baltezar Martinz Florença cristão velho de se casar duas vezes. No tempo da graça

Confissão de Pero Teixeira Cristão novo no tempo da graça

Confissão de Fernão Cabral de Taíde Cristão velho no tempo da graça.

Confissão de Maria Lopez cristã nova no tempo da graça

Confissão de Jerônimo de Bairos cristão velho no tempo da graça

Confissão de Catarina Mendez cristã nova no tempo de graça.

Confissão de Catarina Fernandez cristã velha no tempo da graça.

Confissão de Fernão Ribeiro índio do Brasil no tempo da graça

Confissão de Clara Fernandes meia cristã nova no tempo da graça

Confissão de Maria Lopez cristã nova no tempo da graça

Confissão de Jerônimo de Parada estudante Cristão velho na graça

Confissão de Catarina Mendez cristã nova no tempo da graça

Confissão de Roque Garcia. No tempo da graça

Confissão do doutor Ambrozio Peixoto de Carvalho cristão velho no tempo da graça

Confissão de Fernão Pirez que tem dúvida se é meio cristão novo no tempo da graça  
João Serrão, cristão novo  
Confissão do Licenciado em artes Bertolameu Fragoso no tempo da graça  
Brianda Fernandes, cigana, no tempo da graça  
Álvaro Sanches cristão novo, no tempo da graça  
Confissão do Cônego Jacome de Queiros mestiço no tempo da graça  
Confissão de Paula de Sequeira cristã velha no tempo da graça  
Confissão de Antônio Guedez Cristão velho no tempo da graça  
Confissão de Antônio Gomez cristão velho no tempo da graça  
Catarina Frois meia cristã nova no tempo da graça  
Confissão do Cônego Bertolameu de Vascogoncelos Cristão velho na graça  
Confissão de Lianor Carvalha cristã velha no tempo da graça  
Confissão de Maria Fernandes Confissão de Maria Fernandes aliás Violante, cigana no tempo da graça.  
Confissão de Domingos de Paiva Cristão velho na graça.  
Confissão de Guiomar d'Oliveira cristã velha na graça.  
Confissão de Catarina Morena na graça.  
Confissão de Luísa Barbosa, cristã velha na graça.  
Confissão de Antônia de Bairos, cristã velha na graça  
Confissão de Manoel Faleiro, cristão velho na graça  
Confissão de Bastião d'Aguiar na graça.  
Confissão de Niculao Luís francês na graça.  
Desfixação do édito da graça & do alvará de perdão das fazendas  
Confissão de Maria Lourenço, cristã velha.  
Confissão de Antônia d'Oliveira cristã nova.  
Confissão de Dona Margarida da Costa, cristã velha.  
Auto dos Trinta Dias de Graça concedidos ao Recôncavo da Capitania da Bahia de todos os Santos não incluindo a cidade nem uma légua ao redor dela.

## CONFISSÕES DO RECÔNCAVO

Confissão de Gaspar Pacheco cristão velho no tempo da graça.

Confissão de Gonçalo Fernandez cristão velho mamaluco no tempo da graça.

Confissão de Migel de Roxas Morales, castelhano cristão velho.

Confissão de Pero de Vila Nova francês no tempo da graça.

Confissão de Rodrigo Martins mamaluco de Tamaruria no tempo da graça.

Confissão de Guiomar Pinheira, mamaluca, no tempo da graça.

Confissão de Manoel Branquo mamaluco solteiro na graça.

Confissão de Thomas Ferreira mamaluco do tempo da graça.

Confissão de Francisco Afonso Capara mamaluco na graça

Confissão de Domingos Gomes Pimentel.

Confissão de Gaspar Nunes Barreto, duvida se é cristão novo na graça

Confissão de Cristóvão de Sá Betanqor cristão velho, na graça.

Confissão de Antônia Fogaça cristã velha no tempo da graça.

Confissão de Mateus Nunes cirurgião no tempo da graça

Confissão de Francisco Martins cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

João Gonçalves cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Cristóvão de Bulhões mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Lázaro da Cunha mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Bento Ruiz Loureiro cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Rodrigo d'Almeida cristão velho na graça do Recôncavo.

Confissão de Afonso Luís cristão velho no tempo da graça que se concedeu há gente do Recôncavo desta Bahia.

Confissão de Breatis de Sampaio cristã velha no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Antônio Correa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Baltasar Barbosa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Belchior da Costa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Marcos Barroso cristão velho no tempo da graça no Recôncavo.

Confissão de Antônio de Meira cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Domingos Rebelo mestiço, na graça do Recôncavo.

Confissão de Noitel Pereira cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Antônia Correa cristã velha, no tempo do Recôncavo.

Confissão de João Ruiz Palha cristão velho, no tempo do Recôncavo.

Confissão de Brás Dias cristão velho, mestiço no tempo do Recôncavo.

Confissão de Antônio Gonçalves cristão velho no tempo do Recôncavo.

Confissão de Mana Rangel Confissão de Meaia Rangel aísia velha no tempo do Recôncavo.

Confissão de Gaspar Ruiz no tempo do Recôncavo.

Confissão de João Gonçalves cristão velho, no tempo do Recôncavo

Confissão de Apolonia de Brustamante cigana no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Diogo Afonso cristão novo, no tempo do Recôncavo.

Confissão de João Queixada cristão velho.

Confissão de Dona Custódia de Faria cristã nova.

Confissão de Breatis Antunes cristã nova no tempo da graça.

Confissão de Maria Grega mestiça no tempo do Recôncavo.

Confissão de Manoel Antônio torneiro cristão novo no tempo do Recôncavo.

Confissão de Ana Ruiz cristã nova na graça.

Confissão de Dona Lianor cristã nova no tempo da graça.

Confissão de Isabel Antunes meia cristã nova no tempo da graça do Recôncavo, mulher de Henrique Nunez Cristão novo.

Confissão de Baltazar André Cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Nuno Fernandez cristão novo na graça.

Confissão de João Remirão na graça

Confissão de Baltezar Camelo na graça.

Confissão de André Dias mestiço na graça

Confissão de Simão Luís francês filho de luterano na graça.

Confissão de Pero Gonçalves cristão velho na graça.

Confissão de Duarte da Costa Cristão velho, na graça.

Confissão de Maria Varela cristã velha na graça

Confissão de Pero Domingez grego na graça

Confissão de Antônio de Aguiar Cristão velho, solteiro na graça.

Confissão de Dona Maria de Reboredo cristã velha na graça

Confissão de Heitor Gonçalves cristão velho na graça.

Confissão de Andresa Ruiz cristã velha no tempo da graça.

Confissão de Lucas d'Escovar meio Cristão novo solteiro na graça.

Confissão de Luísa Ruiz mestiça na graça.

Confissão de Guiomar Piçarra cristã velha no tempo da graça do Recôncavo.

Confissão de Madanela Pimetel cristã velha na graça

Confissão de Maria Pinheira cristã velha na graça.

Confissão de Isabel Marques mestiça.

Confissão de Francisco Pirez cristão velho, no tempo do Recôncavo.

Confissão de Antônio de Serpa cristão velho no tempo do Recôncavo.

Confissão de Francisco de Azevedo cristão velho

Confissão de João Biscainho castelhano na graça.

Confissão de Lucas Gato cristão velho, no tempo do Recôncavo.

Paulo Adorno no tempo do Recôncavo

Confissão de Pedro Alvarez Aranha cristão velho.

Confissão de Nuno Fernandes cristão novo na graça.

Confissão de Francisco Pires cristão velho na graça.

Confissão de Domingos Fernandes, Nobre de alcunha tomacaúna mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo no último dia dela.

Confissão de Dona Ana Alcoforada cristã nova no tempo da graça do Recôncavo, no último dia dele.



# INTRODUÇÃO

Por Capistrano de Abreu<sup>[1]</sup>

## 1.

Inutilmente procurou D. Manoel, rei de Portugal, introduzir a Inquisição em seus domínios, a exemplo de Isabel de Castela e Fernando de Aragão. Coube a ventura a seu filho e sucessor imediato, que de Clemente VII obteve em 17 de Dezembro de 1531 a bula *Cum ad nihil magis* nomeando um inquisidor geral para o reino, e anos mais tarde viu o Santo Ofício constituído de modo a desafiar a ação dos séculos pela bula *Meditatio cordis nostri* de Paulo III.

Entre as duas datas extremas ocorreram vários movimentos de recuo e de avanço. “Revogada por Clemente VII em breve de 17 de Outubro de 1532 a concessão por ele feita no ano anterior, posta novamente em vigor no mês de Abril de 1534, para ser outra vez retirada em Novembro desse ano por Paulo III; restabelecida em Maio de 1536 e suspensa em Setembro de 1544, só foi afinal confirmada a 16 de Junho de 1547 por bula do mesmo papa”<sup>[2]</sup> – sumaria Lúcio de Azevedo.

Ao desvairado e quase deserto território brasílico chegavam estas notícias vagas e incompletas.

Em Lisboa a 13 de Setembro de 1543, João Barbosa Paes denunciou Pero do Campo Tourinho, donatário de Porto Seguro, por se dizer papa e rei e fazer trabalhar aos domingos<sup>[3]</sup>. Em 24 de Novembro de 1546, quando o tribunal estava suspenso por Paulo III, clérigos e seculares capturaram Tourinho, arvoraram-se em juízes e preso, a ferros, remeteram o potentado para além-mar, onde em 1550 ainda respondia a interrogatório.

Nem Gândavo, nem Gabriel Soares, nem frei Vicente do Salvador aludem ao sucesso. Narra-o nos seguintes termos o sexagenário Gaspar Dias Barbosa, denunciante na presente visitação: “na capitania de Porto Seguro André do Campo e Gaspar Fernandes, escrivão, e uns frades da ordem de S. Francisco e outras pessoas que lhe não lembram, ordenaram autos e tiraram testemunhas e prenderam a Pero do Campo, capitão e governador da dita capitania, pai do dito André do Campo, e o enviaram preso ao reino por

parte da Santa Inquisição, dizendo que era herege e depois ouviu dizer que fora aquilo inventado para o dito André do Campo ficar em lugar do pai como ficou”. Com estes não concordam em tudo os dizeres do processo ainda existente: dele divulgaram excertos em 1917 o abaixo assinado na revista *Sciencias e Letras de A. C.* Beviláqua desta cidade e Borges de Barros nos Anais do Arquivo Público da Bahia em 1919. Muito conviria a publicação integral.

Pouco preocupavam-se com o Santo Ofício os mamalucos de Santo André da borda do campo, a julgar por uma carta de José de Anchieta, escrita da capitania de S. Vicente em 1554. Um deles, tendo usado de certas práticas gentílicas, sendo advertido duas vezes se acautelasse com a Santa Inquisição, respondeu: acabaremos as inquisições a flechas<sup>[4]</sup>.

Ao nome de Anchieta tem andado injustamente ligado o de João Cointa, senhor de Boulés, fidalgo francês vindo ao Rio de Janeiro em 1557 com os huguenotes trazidos por Bois-le-Comte. Nas lutas teológicas que agitaram a colônia decidiu-se por Villegaignon e pelo catolicismo; desertou mais tarde para S. Vicente e nessa vila, em Santos, na Bahia, em Pernambuco andou soltando palavras ímpias e semeando doutrinas heterodoxas. Entrou na expedição contra os franceses partida da Bahia em 1560, gaba-se de ter facilitado a tomada do inexpugnável forte Coligny. Por este serviço contra seus compatriotas julgava-se com direito a recompensas do governo português. A reclamá-las embarcou com Estácio de Sá em S. Vicente para além-mar. Casual ou propositalmente Estácio de Sá aportou à Bahia de Todos os Santos; de bordo foi arrancado o transfuga, incurso em peçonhentas heresias, segundo depunham contestes várias testemunhas. Remetido para o reino, submetido a processo, foi afinal degredado para a Índia, de onde não se sabe como terminou a carreira acidentada. Não podia, portanto, ser supliciado quando se fundou a cidade de S. Sebastião, nem Anchieta representar o papel de vitimário com que procuram transfigurá-lo panegiristas indiscretos<sup>[5]</sup>.

José de Anchieta e Fernão Cardim mencionam, sem lhe declarar o nome, um varão mágico ou nigromático, de ação preponderante nas guerras de Duarte Coelho II contra os indígenas da Nova Lusitânia. Chama-o o padre do Ouro a história do Brasil de frei Vicente do Salvador, que narra seus

feitos como os memorava a tradição pernambucana meio século depois. O processo, publicado pelo erudito Pedro de Azevedo no Arquivo Histórico Português, desvenda o mistério: as denominações vagas identificam o aventureiro com Antônio de Gouvêa, ilhéu da Terceira, clérigo de missa, pertencente algum tempo à Companhia, viajado por diversos países europeus, alquímico e outras coisas mais que o levaram pela primeira vez ao pretório inquisitorial. Degredado para o Brasil, obteve do bispo a reintegração nas ordens sacras, firmou-se na simpatia de Duarte de Albuquerque Coelho e operou livremente em Pernambuco.

Suas façanhas chegaram ao velho mundo: acusavam-no de dizer missa com paramentos heréticos em sítios vedados pelo concílio tridentino, de matar ou ferrar na cara índios tomados em combate, de arrancar as cunhãs a seus donos ou amantes, de desafiar para duelos, de difamar os jesuítas atribuindo-lhes pensamentos suspeitos, doutrinas heréticas, etc.

Preso na rua Nova de Olinda, nas pousadas de Anrique Alfonso, juiz ordinário, a 25 de Abril de 1571, foi internado a 10 de Setembro no cárcere de Lisboa, onde em 30 de Dezembro de 1575 pedia em audiência aos membros do tribunal que o quisessem despachar ou lhe dar culpas que contra ele tivessem para se defender e livrar delas<sup>[6]</sup>.

Em 1573 foi queimado um francês herético na Bahia<sup>[7]</sup>. As circunstâncias não vieram a nosso conhecimento. Estava nas atribuições episcopais velar pela pureza da fé, dar combate às heresias, castigar os hereges. Quando as heresias medievais apareceram sob as formas mais diversas, reclamando especialistas teólogos para as desmascararem, e surgiram nos pontos mais afastados, exigindo unidade de ação para debelá-las, a autoridade episcopal foi diminuindo, embora não desaparecesse de todo diante da autoridade dos inquisidores. A pena de fogo reservada primeiro a nigromantes e aos maniqueus, tornou-se de praxe depois das constituições do imperador Frederico II, a que a igreja se conformou<sup>[8]</sup>.

A quem caía na sua alçada, a Inquisição podia infligir todos os castigos até a prisão perpétua. Se esta parecia insuficiente, o criminoso ia entregue ao braço secular, que se encarregava do resto: o resto era a fogueira. Na Bahia representavam-no Mem de Sá e o ouvidor geral, quando foi queimado o francês. Existiria qualquer relação entre a queima do francês herético e a

comissão ao bispo do Brasil e aos padres da Companhia passada em 12 de Fevereiro de 1579 por D. Henrique<sup>[9]</sup>, ao mesmo tempo rei e inquisidor geral?

Em 1585 assim se exprimia Anchieta nas *Informações*, 9:

“Ofício de Inquisição não houve até agora, posto que os bispos usam dele quando é necessário por comissão que têm, mas dando apelação para o Santo Ofício de Portugal e com isso se queimou já na Bahia um francês herege. Agora tem o bispo D. Antônio Barreiros este Ofício para com os índios somente e é nomeado seu coadjutor o padre Luís Grã, da Companhia, que é agora reitor do colégio de Pernambuco”. “Com isso” é ambíguo: pode significar por isso ou apesar disso.

Esta situação foi modificada pelo cardeal Alberto de quem um forte da baía de Todos os Santos recebeu o nome.

Filho do sobrinho e genro do Carlos V Maximiliano II, imperador da Alemanha, o arquiduque Alberto d'Áustria, nascido em 1561, educou-se na Espanha, seguiu a carreira eclesiástica, logrou o cardinalato em 1573, o arcebispado de Toledo em 1584. Conquistado Portugal, Filipe II, seu tio, nomeou-o vice-rei, e no posto o manteve durante dez anos até removê-lo para os Países Baixos a guerrear contra franceses e holandeses. Quando o real tio assinou o tratado de Vervins com Henrique IV, elevou a principado autónomo os Países Baixos, o Franco-Condado, o Charolais, doou-o à infanta Elara Isabel Eugênia sua filha e ao futuro esposo, o cardeal arquiduque. Este renunciou às dignidades eclesiásticas. O papa Clemente VIII concedeu licença para o estéril matrimônio celebrado em 1508.

Já vice-rei de Portugal e legado *de latere*, o papa Sixto V constituiu-o por bula de 25 de Janeiro de 1586 inquisidor geral dos reinos e senhorios portugueses. Neste caráter ordenou a primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. O fato ficou desconhecido até revelá-lo a história do capucho Vicente do Salvador, impressa em 1888. Mais tarde Antônio Baião, o ilustre diretor da Torre do Tombo, descobriu alguns dos livros da visitação e sobre eles começou na Revista de história de 1912 uma notícia que não foi concluída. Agora sai com esta a primeira parte dos documentos relativos à visitação de Heitor Furtado de Mendonça.



Os livros da visitação eram nove: três de confissões, quatro de denunciadores, dois de ratificadores. Estes estão completos: das confissões falta o volume de Pernambuco, que era o segundo; de denúncias restam o primeiro da Bahia e o terceiro, muito desorganizado, sem ordem geográfica, sem ordem cronológica, incluindo Bahia e Pernambuco, a julgar pelos sumários de Antônio Baião. É possível que ainda apareçam os três que faltam. Na Torre do Tombo os processos do Santo Ofício andam por dezenas de milhares.

Heitor Furtado de Mendonça, a 2 de Março de 1591 nomeado pelo inquisidor geral para visitador dos bispados de Cabo-Verde, São Tomé, Brasil e administração de S. Vicente ou Rio de Janeiro, chegou à capital baiana com o governador D. Francisco de Sousa em 9 de Junho, domingo da Santíssima Trindade. Publicam suas patentes a 28 de Julho, concedendo trinta dias de graça para a cidade e uma légua em roda; a 12 de Janeiro do ano seguinte concedeu outros tantos dias de graça, encerrados a 11 de Fevereiro, para os moradores do recôncavo.

A 29 de Julho recebeu a primeira confissão; no mesmo dia fez-se primeiro denunciante João Serrão, que a 22 de Agosto veio pedir perdão do perjúrio por se dizer cristão velho sendo cristão novo. As ratificações começaram a 4 de Setembro, tudo de 1591. Em 2 de Setembro de 1593 o visitador geral partiu da Bahia para a capitania de Pernambuco, a bordo da nau *São Miguel*, de que era mestre Bartolomeu Fernandes.

Da sua estada na Bahia, contém ligeiras notícias uma carta de Anchieta, escrita da cidade do Salvador em 1 de Dezembro de 1592, impressa em 1897 no vol. 19 dos *Anais da Bib. Nac.*, segundo cópia muito imperfeita.

Informa Anchieta que Fernão Cabral de Taíde, saíra agora com sua sentença, misericordiosa, segundo todos afirmavam e o próprio Cabral reconhecia, dando graças ao inquisidor e a todos os adjuntos pela mercê que lhe fizeram, merecendo muito mais suas culpas, e isto de joelhos com limitada humildade<sup>[10]</sup>

Anchieta acrescenta outro caso difícil de esclarecer. Trata-se de certo Rocha, morador, segundo parece, da capitania do Espírito Santo, que agravado do visitador lhe atirou duas noites com um arcabuz a sua janela. “Foi preso e, se os padres que são adjuntos do inquisidor não trabalharam muito nisso, ele não escapava de morte de fogo conforme a bula do Papa,

mas eles a interpretaram de maneira que parecero (sic) bem ao inquisidor dar-lhe a vida, mas contudo saiu com degredo para as galés por dois anos e primeiro cinco domingos na Sé com grilhão e baraço e no cabo deles pregão por toda a cidade com baraço e cumprir um ano de cadeia e depois o degredo”.

A cronologia da visitação a Pernambuco e capitanias vizinhas não pode precisar-se na falta de livros essenciais. Sabe-se apenas que terminaram a 8 de Fevereiro de 1594 os trinta dias de graça para virem confessar-se em Olinda os habitantes da freguesia dos santos Cosme e Damião de Igaracú; de S. Lourenço com a capela anexa de S. Miguel em Camaragipe; de S. Amaro (cujo vigário Antônio André estava cego) com as capelas de N. S. das Candeias e N. S. da Graça; de S. Antônio no cabo de S. Agostinho com as capelas de S. João e N. S. da Anunciação ; de S. Miguel de Pojuca, com a capela de Santa Luzia. A 21 de Dezembro terminaram os doze dias da graça concedidos a N. S. da Conceição de Tamaracá; a 24 de Janeiro de 1595 os de N. S. das Neves da Paraíba. Em fins de Junho o visitador continuava em Olinda, onde chegara de volta da Paraíba em 1 de Fevereiro .

Nas pesquisas feitas por Lúcio de Azevedo para mandar proceder à copia do presente volume, surgiu urna novidade inteiramente desconhecida: houve outra visitação na Bahia realizada em 1618, ordenada pelo inquisidor geral Fernão Martins Mascarenhas! Os poderes do incumbido da visitação, protonotário apostólico, deputado do Santo Ofício, inquisidor e visitador, limitavam-se à cidade do Salvador e seus recôncavos e a Angola. Haveria outros agentes para Pernambuco e para as capitanias de baixo?

O visitador chamava-se Marcos Teixeira. Seria o mesmo bispo da Bahia que, depois de tomada a cidade pelos Holandeses, encabeçou o movimento de reconquista? Varnhagen identificou o bispo do Brasil com um inquisidor homônimo, que devia orçar por oitenta anos, pois fora nomeado no século anterior.

Segundo frei Vicente ao morrer o bispo não tinha ainda cinquenta. É bem possível, certo quase, que o guerrilheiro de 1624 fosse o visitador de 1618; o solio episcopal seria como reconhecimento de seu zelo na comissão do Santo Ofício.

Da visitação de Marcos Teixeira conhece-se um códice de 322 folhas; nas primeiras vem a lista das pessoas denunciadas, cento trinta e quatro ao todo; até a f. 81, de que já foi extraída copia, falaram cinquenta denunciantes. No livro figuram algumas pessoas autuadas na visitação de Heitor Furtado de Mendonça; lê-se nele que fora queimada a octogenária Ana Ruiz.

Um manuscrito jesuítico da biblioteca nacional de Nápoles informa que o governador Antônio Teles da Silva, a alma ardente e apaixonada, o grande ateador do incêndio que mandou os holandeses para fora do Brasil, empenhava-se por introduzir o Santo Ofício em terras de sua governança, disposto a sacrificar todos os seus bens a este proposito. Que teria feito sem o trágico naufrágio de Buarcos em 1649?

Problema ainda intacto é o motivo por que o governo português, que desde 1560 introduziu o Santo Ofício em Goa, deixou de fazer o mesmo no Brasil. A distância deve ter concorrido para este resultado: comparado com o périplo do cabo da Boa Esperança através do Índico até as terras de Cambaia, as viagens de longo de Portugal ao Brasil podiam considerar-se de recreio. O Atlântico entre Lisboa e o Rio bem merecia chamar-se oceano Pacífico, disse urna vez o benemérito H. Gorceix, na última viagem a este país, a que sacrificou sua mocidade e seu futuro científico.

A distância ainda podia influir por outro modo. O ampço litoral, navegável segundo as monções, que ora sopravam num, ora em outro sentido, estabelecendo assim um bloqueio móvel, não apresentava centro natural; muito menos o interior: assim não bastaria um só, e vários tribunais, quer de primeira quer de última instância, ofereciam desvantagens patentes. Estas considerações foram frequentemente invocadas nas Cortes Constituintes de 1821 e 1822, quando se tratou das relações entre o reino unido do Brasil e Portugal.

Acresce que Inquisição só com frades podia prosperar, e a metrópole desde os começos do século XVII começou a opor dificuldades à criação de novos conventos na colônia. Também poderia alçar embaraços a novas criações à própria Santa Sé, depois de ter visto perdidos, no reinado de D. Pedro II, todos os esforços feitos para abreviar as liberalidades prodigalizadas por Paulo III e alguns de seus sucessores. Nestas tentativas para melhorar a sorte dos Cristãos novos pôs todas as forças de sua inteligência, todo o

ardor de seu temperamento e foi quase esmagado o padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, português de nascença, brasileiro de formação<sup>[11]</sup>.

Os escritores que negam a participação da igreja na estrutura inquisitorial e tudo atribuem ao estado ávido de presa, poderiam ainda afirmar que ao fisco não convinha repartir os bens dos condenados entre a metrópole e a colônia: a metrópole queria a fazenda inteira para seu proveito exclusivo.

Com a falta de tribunais no Brasil não folgou nem lucrou o gado humano marcado para a Inquisição. Supria-os pelo seu fervor e por sua ubiquidade o familiar do Santo Ofício, título muito cobiçado porque explicitamente afirmava a limpeza de sangue e implicava numerosos privilégios. Basta citar a C. R. de D. Sebastião, datada de 14 de Dezembro de 1562. Por ela o familiar ficava isento de pagar fintas, talhas, etc., de ser constrangido a ir com presos e dinheiros, de ser tutor ou curador, exceto se as tutorias fossem lidimas, de exercer contra a vontade ofícios de conselho, de lhe serem tomados para a aposentadoria a casa de morada, cavalaria, etc., de lhe tomarem pão, vinho, roupa, palha, cevadas, lenhas, galinhas, ovos, bestas de sela ou albarda; podia trazer armas ofensivas; a mulher, o filho e a filha do familiar enquanto sob o pátrio poder, podiam usar seda em seus vestidos<sup>[12]</sup>. Com o tempo os privilégios foram acrescidos.

No começo do século XVIII a Inquisição lavrou sobre tudo nas terras fluminenses e suas vizinhas, já porque a proximidade das minas de ouro para elas atraísse gentes das mais diversas procedências, já porque, como sugere Varnhagen, frei Francisco S. Jerônimo, bispo diocesano de 11 de Janeiro de 1702 a 7 de Maio de 1721 cedeu à nostalgia do torresmo a que se avisara como qualificador do Santo Ofício em Évora.

“A perseguição foi progredindo por tal arte, escreve o autor da *História Geral*, que de 1707 a 1711 houve ano em que se prenderam mais de cento e sessenta pessoas, às vezes famílias inteiras sem exceção das crianças. Nos autos de fé de 1709 em Lisboa apareceram já algumas desgraçadas filhas do Brasil... No ano de 1713 se contou o número maior de condenações em gente ida do Brasil; foram sessenta e seis os sentenciados, incluindo trinta e nove mulheres... As outras capitanias do Brasil foram também mais ou menos perseguidas por este flagelo, porém não tanto como a do Rio”. Op. cit. 835, 837.



A Inquisição, observa Turberville, para prosperar precisava do apoio da opinião pública e da força armada. Quando em Portugal a proteção desta diminuiu, a pressão daquela afrourou, principalmente com o cerceio das imunidades eclesiásticas que punham o clero acima das leis civis até o reinado de D. José I.

O marquês de Pombal, depois de cevar no jesuíta Gabriel de Malagrida todas as ruins paixões de seu coração inexorável, mandou o cardeal João Cosme da Cunha elaborar ou, mais provavelmente, apenas assinar um novo regimento do Santo Ofício. Seria o quarto: o primeiro feito em 1552 por D. Henrique, cardeal inquisidor geral, e só recentemente impresso por Antônio Baião no 5º volume do Arquivo histórico português; o segundo de D. Pedro de Castilho em 1613; o terceiro de D. Francisco de Castro em 1640.

Bem dignas de leitura as paginas de que o lastimável cardeal precedeu o regimento de 1774.

A Inquisição, tal e qual a impetrou D. João III e a concedeu o papa Paulo III, era um tribunal régio, como o patenteia o fato do primeiro inquisidor geral ter sido de nomeação del rei, independente da Sé Apostólica. A pravidade dos jesuítas arrancou a prerrogativa da Coroa, que só a re-houve em 1771, quando nomeou a ele cardeal para o cargo.

No tribunal introduziram-se cinco erros capitais: negarem-se aos réus os nomes das testemunhas que os acusavam; proceder-se à relaxação, que é a morte natural, confiscado de bens e infâmia até a segunda geração por testemunhos singulares; empregarem tormentos, que aliás “podiam e deviam ser aplicados aos sismáticos e heresiarcas até delatarem todas as pessoas que perverteram para se extinguirem estas venenosas plantas da vinha do Senhor até as últimas raízes” — alusão clara a Malagrida, chamado **Monstro** um artigo; ficar infamado em sua pessoa e na de seus descendentes qualquer um, ainda depois de cumpridas as penas impostas posto que leves; preterirem-se e abandonarem-se as leis do reino pela simples autoridade do inquisidor.

O regimento pombalino deve ter eliminado todos estes erros; mesmo assim seria muito superior aos que o precederam? Duvida-o Hipólito e autoridade alguma podia comparar-se à sua.

Hipólito Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça nasceu na famosa colônia do Sacramento, no rio da Prata, pouco antes dos portugueses perderem-na definitivamente. No reino formou-se em direito e ciências naturais ou filosofia; além das duas línguas clássicas, estudou alemão, francês e inglês. Sabia naturalmente espanhol e italiano. Viajou pelos Estados Unidos e diversos países europeus. Era um dos membros da colmeia intelectual agremiada por Conceição Veloso em torno do Arco do Cego. Em Julho de 1802 contava 28 anos, quando foi preso e depois levado aos cárceres da Inquisição pelo crime de ser pedreiro livre.

Sua *Narrativa de uma perseguição* conta a luta tremenda de um homem contra uma instituição, sempre animoso, impelido pela audácia, sustentado pela presença de espírito, dominando pela sagacidade e pelo sangue frio. Nunca negou que fosse maçom; sobre seus confrades, sobre os recursos pecuniários de que dispunham não houve meio de extorquir-lhe revelações; nunca se considerou vencido ou deixou intimidar. Veja-se o seguinte trecho da Narrativa:

“Mandou-me o Inquisidor que ajoelhasse diante dele para dizer a doutrina (do catecismo); mas eu retorqui-lhe que um dos pontos que me haviam ensinado na mesma doutrina cristã era que dos três cultos de latria, hiperdulia e dulia se devia dar só a Deus o culto de latria, no que se compreende ajoelhar com ambos os joelhos e que era um dos maiores pecados tributar este culto à criatura; e por mais que ele instou não me resolvi a fazê-lo, dando-lhe por escusa que temia ser aquilo artifício dele Inquisidor, para experimentar a minha fé vendo se eu era capaz de idolatrar adorando-o a ele; não obstante asseverar-me que este era o costume do Tribunal, não só quando os réus eram examinados da doutrina, na audiência, mas também quando eram levados à mesa do tribunal no tempo que os ministros estavam ao ponto de deliberar para dar a sentença, oferecendo esta ocasião ao réu de impetrar com a humilhação a misericórdia de seus juízes, e ao depois quando se lhe proferia a sentença, que também de joelhos se costuma ouvir”.

Este pequeno incidente mostrará a soberba e orgulho das pessoas que contém este tribunal, comenta o prisioneiro. Com mais razão diz Nietzsche que só pode falar em orgulho quem sofre o tormento e não revela seu

segredo. Os três anos de prisão celular para temperamento tão vibrátil como o de Hipólito deveriam doer mais que o potro e a polé.

Hipólito não sofreu a pena nem o perdão do Santo Ofício. Logrou fugir para a Inglaterra, onde serviu de secretário a Augusto Frederico, filho de Jorge III, duque de Sussex, grão-mestre da maçonaria. Dado o refúgio, previu a importância do fato e iniciou o *Correio Brasiliense*, o primeiro vulgarizador de ideias políticas na colônia luso-americana; ainda assistiu aos albos da independência; provavelmente tornaria à pátria livre, honrado e engrandecido, se não falecesse a 11 de Setembro de 1823, com menos de 50 anos. Seu livro acompanhado de dois regimentos da Inquisição teve também uma edição inglesa.

Tudo inclina a supor que direta ou indiretamente se deve à sugestão de Hipólito o artigo do tratado entre Portugal e a Inglaterra que proibiu para o futuro o estabelecimento da Inquisição em terras brasileiras.

No dia 31 de Março de 1821 foi expedido um decreto das Cortes Constituintes de Portugal abolindo em todo o reino e seus domínios o tribunal do Santo Ofício da Inquisição. O último inquisidor geral foi um brasileiro natural do Rio: Azeredo Coutinho, primeiramente bispo de Pernambuco, onde exerceu, pela fundação de um seminário inspirado em ideias modernas, extraordinária influência sobre a mentalidade pátria. Sem Azeredo Coutinho não surgiria a geração idealista e pura de 1817.

Ainda persiste em Roma uma congregação do Santo Ofício, da qual os não iniciados mal conhecem a existência. Alph. Viktor Müller, que depois de vinte anos de assistência na capital do catolicismo acaba de imprimir em Gotha uma obra sobre o Papa e a Cúria, afirma que não só o objeto de suas pesquisas é desconhecido como também o seu modo de proceder... “O silêncio sobre os processos do Santo Ofício é tão severamente guardado que nem mesmo se conhece a fórmula do juramento prestado ao assumir o cargo. Sabemos mais que o infrator deste segredo incorre numa excomunhão de que nem o cardeal penitenciário pode absolver, e que só ao Papa é reservada: sabe-se que o infrator está sujeito ainda a outras penas, — ignora-se quais”.

## 2.

Para pautar suas ações o visitador dispunha do monitório de 1536, formulado por D. Diogo da Silva, inquisidor mor, e do regimento de 1552, promulgado pelo cardeal infante D. Henrique, inquisidor geral.

O monitório de D. Diogo servia ao duplo fim de facilitar o exame de consciência dos confitentes e de indicar o caminho aos espiões e delatores. Está impresso no *Collectorio* de 1634, prova de que ainda então vigorava. Entre ele e os depoimentos da presente visitação nem sempre se nota correspondência exata: pode ser houvesse monitórios parciais que não conhecemos. Vai adiante transcrito o monitório de D. Diogo.

Os cento quarenta e um capítulos do seu regimento reforçou D. Henrique com vinte e três adições e declarações em 1564; o cardeal Alberto modificou alguns, não consta quais. Muito poucos bastam para o fim mirado nesta nota preliminar.

A visitação exigia apenas três pessoas: visitador, not rio, meirinho. Do visitador se ocupam os capítulos 3 a 8, do not rio os 80 a 84, do meirinho os 95 a 98. Saindo para tão longe, o visitador recebeu do cardeal Alberto autoridade de prender os culpados e sentenciar-los em final, conforme ao regimento e   instrução que trazia. Sobre as atribuições do not rio e do meirinho devia ter influído de qualquer modo o novo meio a que vinham transferidos.

Do regimento de D. Henrique são característicos o segredo e a tortura.

O Santo Ofício surgiu em terras de hereges notáveis pelo número e pelo poderio; os denunciante arriscavam a vida no caso de serem identificados; mais de um inquisidor sucumbiu   vindita popular;urgia o maior segredo. Agora a situação mudara; os réus eram os escorra ados e os indefesos. Apesar disto o regimento mantinha o segredo originário, não são calando os Nomes dos denunciante, como encobrindo as circunstâncias por onde se poderia atinar com eles; os réus se equiparavam para o fim do sigilo absoluto e inviolável a pessoas prepotentes e régulos perigosos.

O uso das torturas acompanha a sociedade humana desde os incun bulos e com mais ou menos hipocrisia há de escolta-la até o dia do juízo. Mesmo aqui, nesta pretensa ou real metrópole de cultura, contra as mais



insofismáveis prescrições legais vêm à luz uma vez por outra fatos horrorosos; pelo que transpira pode imaginar-se quanto fica abafado. No Santo Ofício o tormento era tradicional e legítimo, pois abonava-se com a autoridade suprema desde 1252, desde a bula *Ad extirpanda* de Inocêncio IV.

Não se conhecem com precisão os instrumentos de tortura no tempo do cardeal Alberto: o regimento de 1640 estabelece o potro e a polé, “o potro, espécie de cama de ripas onde, ligado o paciente com diferentes voltas de corda nas pernas e braços, se apertavam aquelas com um arrocho, cortando-lhe as carnes; e a polé, moitão seguro no teto, onde era suspensa a vítima, com pesos aos pés, deixando-a cair em brusco arranco sem tocar no chão”, explica Lúcio de Azevedo<sup>[13]</sup>.

Celebram vários escritos a clemência e a brandura dos inquisidores. Clemência e brandura são possíveis, mas pouco prováveis: a onipotência irresponsável não se limita espontaneamente; o contato diário e diuturno com o sofrimento embotava a sensibilidade; tinha-se como caso somenos deixar o réu apodreecer nas masmorras durante anos e anos sem interrogá-lo sequer; os autos de fé pompeavam como marchas triunfais. A relaxação ao braço secular, a cremação na fogueira daí decorrente, esta, sim, foi rara e mais rareou ainda quando o tribunal compreendeu que importava uma declaração de falência, um gesto de desespero impotente de sua parte<sup>[14]</sup>.

Tudo isto, se disfarça, não atenua a missão precípua do Santo Ofício: obter confissão voluntária e sincera, provocar arrependimentos e abjurações. Obedecendo à praxe secular, o regimento de D. Henrique estabelecia dias de graça em que os confitentes, se espontaneamente vinham confessar-se, se convenciam ao inquisidor de sua sinceridade, de seu arrependimento, e se o pecado não fora testemunhado, eram reconciliados sumariamente e conservavam a fazenda. O caso complicava-se se havia testemunhas; ainda mais se coincidia a confissão com a denúncia, porque esta podia anular aquela, como sucedeu a Fernão Cabral de Taíde já citado.

A confissão mera e simples nem a todos aterrava. No capítulo 15º de seu regimento D. Henrique providencia sobre o reconciliado no tempo da graça e depois que se jatar ou gabar em público “dizendo que ele não cometia

nem cometeu os heréticos erros por ele confessados ou que não errou tanto como confessou”.

Das cento e vinte uma confissões adiante impressas fique de parte o referente ao pecado sexual contra a natureza. Com a sexualidade andaram sempre em estreito amplexo as feiticeiras, capazes de produzirem impotência ou esterilidade. Nem uma compareceu perante o visitador: três citam-se com maior insistência: Isabel Rodrigues, de alcunha *Boca torta*, Antônia Fernandes, de alcunha *Nóbrega*, Maria Gonçalves, de alcunha *Arde-lhe o rabo*. Boca torta, a mais modesta, apenas fornecia certos pós miríficos e ensinava orações fortes. A Nóbrega, proxeneta de gostos torpes e sacrílegos, impava de pato com o diabo; possuía num vidro certa coisa que falava e respondia quanto lhe perguntavam, coisa amiga de cebolas e vinagre, que gostava lhe dessem uma vez por semana. Arde-lhe o rabo dez anos antes, degredada por feiticeira, desembarcara de Pernambuco, onde estivera de carocha à porta de igreja. A alguém que se queixava de pouca eficácia de suas feitiçarias, respondeu segundo uma denunciante: “por muito que ela me dê, muito mais lhe mereço, por que eu ponho me a meia noite no meu quintal com a cabeça ao ar e com a porta aberta para o mar e enterro e desenterro urnas botijas e estou nua da cinta para cima e com os cabelos e falo com os diabos e os chamo e estou com eles em muito perigo”.

A estas não se emparelha a velhinha Leonor Soares, chegada à terra baiana em 1550, na companhia do seu marido Simão da Gama de Andrade, capitão-mor da primeira armada de socorro a Tomé de Sousa. Grande repúblico da cidade, senhor de engenho no Pirajá, Simão de Andrade deixou um epitáfio em verso, conservado por frei Vicente do Salvador. Seu cunhado Sebastião da Ponte possuiu um engenho em Cotegipe, currais de gado em Ti2nharé, prestou serviço a Mem de Sá na guerra contra os índios de Paraguaçu. O futuro parecia auspicioso Quando foi mandado ir preso para o reino, por uma ordem régia expressa, que quase revolucionou a populacho, pondo em alvoroço seminaristas, fâmulos do bispo e representantes do poder civil.

A viuvez, a perda do irmão, que no Limoeiro expirou expiando suas culpas, a idade deviam dar a Leonor Soares um ar estranho e a aura popular, sem

que ela o imaginasse, envolveu-a no bruxedo. Depõe uma denunciante: quando nesta cidade houve um dia grandes brigas e revoltas entre o bispo e o governador Luís de Brito, esta na mesma noite foi a Portugal dar aquela nova.

Além dos Pirineus a Inquisição guerreou e extinguiu várias heresias medievais indígenas ou adventícias: na península ibérica e respectivas colônias os inimigos capitais foram os judeus batizados à força, marranos, cristãos novos, *gente da nação*, que, cedendo à violência quanto às exterioridades, guardavam no foro íntimo as crenças da velha lei e praticavam os ritos hereditários.

Dos cristãos novos da Bahia reclamam o primeiro lugar os de Matoim, onde existia uma sinagoga (ou esnoga, como então se dizia), — assoalhava a voz pública, sempre malévola para a gente da nação.

Heitor Antunes, fundador da parentela, pode ter sido o mesmo partido de Belém a 30 de Abril e chegado a Bahia em 28 de Dezembro de 1557, com o governador Mem de Sá, em cujo instrumento de servidos jurou como testemunha<sup>[15]</sup>. Uma sua filha de quarenta e três anos jurou que tinha seis ou sete quando a família imigrou. O pai já não existia no tempo da visitação.

Heitor Antunes, cristão novo, casara no reino com Ana Ruiz, cristã nova, e houveram Isabel, mãe de Ana Alcoforado, casada, com 27 anos; Violante, já defunta, mãe de Lucas Escobar de 21 e Isabel de 18 Beatriz, mulher de Bastião de Faria, mãe de Custodia, de 23 anos, casada com Bernardo Pimentel de Alineida, (senhor do engenho de que era lavrador o sexagenário João Rodrigues Palha, pai de frei Vicente do Salvador); Leonor de 32 anos, mulher de Henrique Muniz; Jorge Antunes já falecido, cuja viúva, Joana de Sá, convolou para o tálamo de Sebastião Cavalo; Álvaro Lopes Antunes, casado; Nuno Fernandes, solteiro, de trinta anos. Todas estas idades referem-se a 1591 ou 1592.

Com os Antunes, parentes dos Macabeus e portanto da mais fina prosapia judaica, não podia competir a prole de Fernão Lopes, alfaiate do duque de Bragança, e de sua mulher Branca Ruiz, ambos já falecidos quando começou a visitação.

Uma das filhas, Maria Lopes, casou com o bacharel mestre Afonso Mendes, vindo como cirurgião mor do Brasil em companhia de Mem de Sá, de cujos serviços jurou testemunho<sup>[16]</sup>. Teve o casal: Manoel Afonso, meio cônego da Sé, já falecido; Ana de Oliveira duas vezes viúva; Branca de Leão, já falecida, casada com Antônio Lopes Ulhoa; Álvaro Pacheco.

Leonor da Rosa, irmã de Maria, casada com João Vais Serrão, cristão novo, cirurgião que emigrou para as colônias espanholas, teve pelo menos uma filha, que casou com o primo Álvaro Pacheco.

Catarina Mendes, casada com Antônio Serrão, parece não ter deixado descendência.

Ana Rodrigues, casada com Gaspar Dias da Vidigueira, teve, além de Antônio de Oliveira, casada com Pedro Fernandes, Matias Ruiz e Diogo Afonso.

Os outros cristãos no vos não constituíam parentela considerável.

No índice da visitação de Marcos Teixeira lê-se que Ana Ruiz fora queimada pela Inquisição. Confessa a matriarca que numa doença chegou a tresvariar e dissera, ao que depois ouviu, desatinos, do que não se lembrava. Lembravam-se os denunciante e tudo levaram aos ouvidos de Heitor Furtado de Mendonça. Esperemos fosse garroteada antes da cremação.

O monitório de D. Diogo facilitava as confissões e denúncias dos judaizantes, mas era deficiente. Clara Fernandes previne ao inquisidor que a Boca Torta a infamava de ter um crucifixo que açoitava. Esta abominação, a mais frequente nas denúncias contra os cristãos novos, não figurava no monitório de D. Diogo.

Dos autóctones catequizados confessou-se um, denunciado por outro: serviu de intérprete um padre da Companhia. É de estranhar não se tivesse ainda concertado numa mesma denominação geral para os aborígenes; aparece com frequência a de negros, tão prepóstera para os conhecedores de Angola e Guiné como a de índios, afinal vencedora, para o que viram os berços onde nasce o dia. Uma vez por outra vem Brasil.

Não menos de estranhar no manuscrito agora impresso é a multiplicidade de grafias para certos nomes geográficos, o de Cotegipe, o de Pirajá, o do Paraguaçu por exemplo. Em fonética o notário Manuel Francisco podia bem



proclamar-se fenomenal e deixa perplexo quanto a várias identificações, tão bem as soube embuçar no seu proteísmo cacográfico ou cacofônico.

Em mais de uma confissão aparecem as tatuagens do brasis. Já sabíamos que nesta heráldica da epiderme podia escrever-se a história do um famanaz: Claude d'Abbeville estampa um tabajara cujas cicatrizes narravam vinte e quatro mortes em combate singular. Novo agora é o informo de que as tatuagens podiam servir de salvo conduto; em um apuro delas socorreu-se com êxito o famoso Tomacaúna.

A santidade era festa extraordinária dos Índios: *caraíba*, coisa santa, *caraimoinhaga*, santidade dos Índios, *acaraimonhang*, fazer santidade, aponta um vocabulário tupi do século XVI, incompleto, ainda inédito, de que a Bibliotboca Nacional guarda a maior parte. Descreve-a Nóbrega na informação do Brasil impressa nas *Copias de unas cartas* de 1551, e quase nos mesmos termos João de Aspilcueta em sua notável carta da coleção castelhana de 1555. Esplana-a largamente Jean de Léry em um dos mais interessantes capítulos de sua narrativa de viagem à França Antártica.

A santidade consistia na chegada de um feiticeiro ou profeta, o *caraíba*, vindo de longes terras, a pregar a boa nova. Esperavam-no com ansiedade, para recebe-lo limpavam os caminhos. edificavam um tijupá em que se recolhia com seus maracas e outros apetrechos prestigiosos. O jubileu podia durar meses; enquanto fervia, apenas comia-se, bebia-se, dançava-se e, fatalmente. brigava-se. O *caraíba* garantia o futuro mais fantástico. Para que caçar? As flechas disparariam por si, as caças viriam ter à casa. Para que trabalhar? As enxadas iriam a cavar nas roças, os mantimentos amadureceriam com fartura.

Nos efeitos materiais imediatos a santidade não devia diferir muito de uma praga de gafanhotos.

Os efeitos morais podiam ser outros. Os caraibas, que iam de um a outro extremo da área da língua geral, concorreriam para manter a unidade de crenças e ritos. Pode-se compará-los mal, mesmo muito mal, com missionários como Malagrida, que percorreu a pé os sertões do Maranhão a Bahia.

Os índios atuais inserem em suas tradições mais antigas as últimas novidades percebidas entre os brancos. Os caxinauás falam numa casa-canoa que singrava apitando entre as águas do dilúvio. Os bacaeris contam como se atravessa o oceano em um grande veado à busca de machado do ferro: a gente pode assentar-se nas ancas, nos chifres, em outras partes do corpo; assim carregado o animal podia chegar perto de terra: não podia ir adiante porque é exclusivamente aquático. O vapor é celebrado como um jacaré, que pode mergulhar e alimentar-se de pedras.

Os índios quinhentistas assimilavam também as novidades ultramarinas e sem repugnância fundiam-nas com os haveres tradicionais: de sua pendência para a sincrese a santidade não devia escapar.

Na capitania de Porto Seguro em 1574 Antônio Dias Adorno e seus companheiros encontraram seis ídolos de madeira, de forma humana e tamanho natural; serviam de barreira para tiros: os atiradores que acertavam eram tidos como fortes, os que erravam não levantavam mais a cabeça. Viam-se dois paus de 50 a 60 palmos de altura, à maneira de mastros com suas gáveas. Mandara plantá-los o caraíba que se dizia filho de Deus padre e da virgem Maria, vindo de Portugal fugido dos que o queriam crucificar; por um subia ao céu, por outro descia; a gávea servia-lhe de púlpito se queria pregar<sup>[17]</sup>.

Toda esta encenação realizara um índio do Espírito Santo, antigo discípulo dos padres da Companhia. Da aldeia jesuítica do Tinharé fugira também o encenador da santidade descrita nas presentes confissões e ainda melhor nas denúncias inéditas. Aos índios não repugnavam os acessórios cristãos acumulados sobre a solidez do fundo nativo, como adiante se verá a mais de um passo. Estranho seria que os acessórios cristãos obscurecessem e tornassem aceitável aos católicos o gentilismo do fundo. Pois deste sincretismo apareceram casos...

Confessa Luísa Barbosa que, sendo de doze anos poucos mais ou menos, acreditou na santidade. Gonçalo Fernandes confessa que não deixou de crer em Deus todo poderoso e em Jesus Cristo seu filho, e no Espírito Santo, três pessoas um só deus verdadeiro, e sempre teve em seu coração a fé católica; entretanto cuidara que este mesmo Deus verdadeiro, senhor nosso, era aqueloutro que na dita abusão e idolatria se dizia que vinha. Margarida da

Costa, mulher de Fernão Cabral de Taíde, um dos mais ricos proprietários da capitania, confessa que durante os dois meses de assistência da santidade em sua fazenda de Jaguaripe “tinha para si e dizia que não podia ser aquilo demônio senão alguma causa santa de Deus, pois traziam cruzes de que o demônio foge e pois faziam grandes reverências às cruzes e traziam contas e nomeavam Santa Maria”.

Com a denominação vaga de blasfêmias, heresias, infrações dos mandamentos da igreja, etc., aparecem confessadas ou denunciadas várias feições da sociabilidade baiana.

Citam-se livros proibidos, como a bíblia em linguagem vernácula, referida, nunca vista, pois provavelmente não existia; a *Eufrosina*, a *Diana*, as *Metamorfoses* de Ovídio. O nome de Lessuarte lembra Lisuarte, protagonista do *Amadis de Gallia*.

Aos leigos podem afigurar-se de pequena monta certas blasfêmias e heresias aduzidas: os conhecedores julgariam de outro modo. João Fernandes, clérigo de missa e vigário de Tacuapina, denunciou que João Bautista, cristão novo, pesando um pouco de especiaria, ao freguês, que lhe reprochava não estar justo o peso, respondeu: justo só Deus! E diante do enleio de visitador explicou o reverendo denunciante se escandalizara por que a Virgem Maria é justa, São João Batista é justo e a igreja tem o velho Simeão como *vir justus et timoratus*.

Destoam como exceção as palavras de Lázaro Aranha, lavrador em Capanemo, junto ao Pairaguaçu, mamaluco, de quarenta e cinco anos: imortal, dizia, só carvão metido na terra; Mafoma era um dos deuses do mundo, ouviu-lhe um denunciante.

Comparando as confissões agora impressas com as denúncias que o serão depois tem-se às vezes ideia de corrida de aposta: o pecador confessasse a toda pressa para aproveitar os dias de graça; o zelota vai com o mesmo ímpeto denunciar para não ser cúmplice, para aparentar devoção e fervor.

Um caso ilustrará isto.

A 19 de Agosto de 1591 Ambrósio Peixoto de Carvalho, doutor em leis, desembargador, provedor de defuntos e ausentes, disse em discussão com Antônio Soares Reimão que as contas deste estavam erradas e disto não o

dissuadiaria nem S. João Evangelista. Passada a excitação tratou no dia seguinte de confessar-se. Fez bem em não remanchar. Ao dia 21 Antônio Soares ia denunciá-lo como blasfemo.

À excomunhão incorria por quem vendesse armas aos infiéis, aos pecados cometidos por quem comia carne em dias de preceito devemos informes relacionados mais ou menos com o devassamento dos sertões. Deles constam entradas compostas de centenas de pessoas às vezes. Alguns dos sertanistas compraziam-se na vida solta das tabas, e no meio do mulherame farto e fácil ficaram anos e anos.

Certas entradas e certos nomes já conhecíamos desde a divulgação da história de frei Vicente.

### 3.

De bom grado trocaríamos os pormenores meramente biográficos dos sertanistas adiante apontados por um pouco mais de precisão quanto à geografia. As entradas para o sertão partiram de Pernambuco ou da Bahia, motivadas sempre pela gana de caçar índios e reduzi-los ao cativeiro; as primeiras procuravam a margem esquerda, as últimas a margem direita do S. Francisco, limite comum.

Ao Norte da baía de Todos os Santos, desde o rio Real, abundante de pau brasil, até o São Francisco, confederaram-se tupinambás e franceses logo depois de descoberto o Brasil e opuseram aos portugueses resistência formidável.

Segundo um documento publicado por Felisbelo Freire, *Hist. de Sergipe*, 418, ainda depois de fundada a cidade do Salvador franceses e tupinambás reunidos pensaram em destruí-la.

Em 1587 escrevia Gabriel Soares, *Roteiro*, 342, a respeito dos franceses que “muitos se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quais e dos que vinham todos os anos à Bahia e ao rio de Sergipe em naus da França se inchou a terra de mamelucos que nasceram, viveram e morreram como gentios; dos quais há hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por índios tupinambás e são mais bárbaros que eles”.

As terras conhecidas depois pelo nome de Sergipe, que ainda conservam, constituindo um estado da federação, só foram incorporadas ao domínio português no governo interino que regeu a colônia antes da chegada de D. Francisco de Sousa com o Visitador apostólico.

Portanto, Frios grandes. Palmeiras, compridas, Sertão dos ninhos das garças e outras localidades vagamente nomeadas nas confissões seguintes, devem procurar-se aquém do Real, entre este e o Paraguaçu.

Nesta zona assim reduzida os sertanistas familiarizaram-se com as catingas e entabularam relações pacíficas com os tapuias, que a Cardoso de Barros serviram na guerra de Sergipe. Nos tapuias depositava grandes esperanças quanto às minas de salitre o regimento passado ao governador Francisco Geraides em 1588<sup>[18]</sup>.

Orobó ou Arabó com suas cercanias, qual oficina *gentium*, forneceu quantidade extraordinária de escravos da língua geral. “Há seis anos que um homem honrado desta cidade e de boa consciência e oficial da Câmara que então era, disse que eram descidas do sertão do Arabó naqueles dois anos atrás, vinte mil almas por conta”, lê-se na — R. Trim. 57º, I, 242, documento de 1585.

Quebrada a barreira do rio Real, a populacho de procedência baiana atirou-se pela costa a fora até as divisas da antiga capitania de Francisco Pereira Coutinho. Viagens entre Bahia e Pernambuco beirando o mar tornaram-se frequentes. Na falta de pontes ou canoas aproveitavam-se os vaus. Às vezes bastava esperar pela maré.

Do baixo S. Francisco foi sendo logo ocupado o lado direito, quase todo favorável à criação de gado vacum, semovente e por isso o único produto apropriado à distância. À medida que o gado medrava e progredia a penetração e crescia o afastamento do mar, impunha-se a necessidade de caminhos de vazão, caminhos mais diretos, o que nas redes ferroviárias um notável engenheiro nosso compatriota, C. Morsing, chamava a procura das hipotenusas. Basta recordar o que antes de concluído o século XVII atravessava as freguesias de Tapicurú, Lagarto, Itabaiana, Geremoabo, e comunicava os aldeamentos de Socorro, Canabrava, Saco dos Morecos, etc.<sup>[19]</sup>

E a margem pernambucana?

O rio de São Francisco fascinou Duarte Coelho, primeiro donatário de Pernambuco, que para devassá-lo e arrancar-lhe as riquezas apregoadas apenas esperara a hora de Deus, segundo sua grave expressão. Os sucessores por ali andaram e guerrearam. De várias entradas por suas ribeiras temos notícia. De algumas sabemos que, deixando parte da gente com as embarcações abaixo das cachoeiras, seguiram por terra a seu destino. Isto mesmo fez Cristóvão da Rocha, doador dos terrenos onde se fundou Penedo, que alcançou a serra de Rari ou Laripe, fonética, porem não geograficamente, idêntica à serra do Araripe no Ceará<sup>[20]</sup>.

Tão belos princípios não foram por diante. Depois os pernambucanos amarraram-se ao baixo São Francisco. Onde fenecia a navegação estacaram, pouco avançando para as terras do Norte ou Oeste. Além a inútil ou pelo menos infecunda casa da Torre, Domingos Afonso Certão e outros muitos, vindos da Bahia ou para lá se norteando, puderam exercitar sua bulimia territorial na margem esquerda do rio e nos seus sertões, com o apoio do governo de Olinda e a indiferença de seus jurisdicionados.

A transgressão da gente baiana explica-se pela dificuldade de expandir-se para Leste do rio, rompendo a serra do Espinhaço, vencendo as matas começadas à beira mar, árdua tarefa legada ao século XIX. Para os ribeirinhos baianos as cachoeiras e o sumidouro de Paulo Afonso, o *nec plus ultra* para Pernambuco, perdiam a importância. Não tratavam de navegar o rio, mas de atravessá-lo, mero exercício de natação, encanto do sertanejo. Os gados também aprenderam em sua escola. Na passagem de alguns rios, escrevia Antonil-Andreoni, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra às rezes o vão por onde hão de passar.

Desde o rio Grande, o rio Grande do Sul, como se chamava antes da capitania de São Pedro avocar-lhe o nome; desde o rio Grande do Sul até as cachoeiras, a divisora das águas com o Parnaíba aproxima-se do São Francisco, permitindo-lhe apenas rios insignificantes, válidos só enquanto duram as chuvas. Da vila de Penedo até a barra do rio Grande, em cujo intervalo os viajantes contam acima de cem léguas, não sai para o São Francisco um só regato no tempo da seca, — conclui Aires de Casal.



Por um dos rios, o Fontal<sup>[21]</sup> ou outro vizinho, deu-se a penetração na bacia contravertente do alto Parnaíba. Os gados centuplicara, maravilhosamente na pastaria parnaibana.

Para o Sul, quando a divisora se afasta do São Francisco, inundaram as ribeiras dos rios Grande e Carinhanha, chegando quase às fronteiras de Goiás, onde logo apareceram com os descobertos do Anhanguera. Para o Norte misturaram-se com os gados do Piauí e Maranhão e os que do litoral do Ceará, Rio Grande e Paraíba demandavam o alto sertão. “De algumas partes gastam-se dois anos para conduzirem boiadas às praias da Bahia e Pernambuco, por ser necessário refazê-las no caminho um ano”, escrevia-se no começo do século XVIII.

Em suma ao findar o século XVII bem diversas apareciam acima e abaixo das cachoeiras as margens baiana e pernambucana do São Francisco, já demarcadas e repartidas desde beira mar ao arraial de Matias Cardoso.

Pela direita, acima das cachoeiras, à medida que se encaminhava para o Sul, surgia a serra do Espinhaço, restringia-se a área desbravada, escasseavam os moradores, a importância da região provinha sobretudo do trânsito e das invernadas dos gados tangidos para a marinha. Com o impulso da mineração, ligou-se a bacia do São Francisco à do alto rio de Contas e esta pela serra do Cincorá e rio Una ao Paraguaçu, caminho de Cachoeira. Abriu-se apenas um corredor, como o prova o relatório de Miguel Pereira da Costa; alarga-lo demandou muito tempo e muito esforço do século seguinte<sup>[22]</sup>.

À esquerda o território, pernambucano por fora de lei, dilatava-se até o divórcio das águas do Tocantins; nele multiplicavam-se currais e mais currais; tentava-se mesmo com proveito a indústria de extrair sal, que permaneceu enquanto o permitiu a concorrência do vapor; a maior desvantagem, o segregamento do povoado, ia diminuir com o jorro de aventureiros golfados pela fascinação dos descobertos auríferos.

O nome de Matias Cardoso lembra a intervenção dos paulistas na história da Bahia e outras capitanias remotas. Em 1658, à pedido da autoridade baiana, partiu de Piratininga, às ordens de Domingos Barbosa Calheiros, uma pequena leva destinada a dar guerra aos tapuias irreprimíveis. Com o mesmo fim em 1671 o governador geral e a câmara do Salvador remeteram

mil cruzados por intermédio da de São Paulo a Estevão Ribeiro Baião Parente e Braz Rodrigues Arzão, que nos anos seguintes desempenharam galhardamente a empreitada. Tanto aquela como esta expedição serviram-se da via marítima, a mais breve e conveniente, assegurava Estevão Ribeiro.

Entretanto, iam sendo melhor conhecidos os sertões do rio das Velhas e do alto S. Francisco; verificava-se a existência de centenas e milhares de quilômetros francamente navegáveis no rio formado pela confluência de ambos; apurou-se a existência em suas cercanias de madeiras próprias às construções navais; umas cem famílias paulistas, algumas de grossos cabedais, ali se estabeleceram. A segunda geração de conquistadores, João Amaro, Matias Cardoso, Domingos Jorge, não quis mais saber do mar, atiraram-se todos à navegação sertaneja. Comparem-se os seus feitos com os dos que os precederam e ver-se-á como acertada foi sua preferência: os primeiros pacificaram apenas partes do Paraguaçu e dos Ilhéus, os outros alcançaram ao Piauí e ao Ceará, caminho do Maranhão.

Paulistas mais pacíficos repetiram e amiudaram estas viagens. Quem desse o São Francisco deixa atrás de si as matas mais possantes. Nas das minas faziam-se todas as grandes e boas canoas empregadas entre o rio das Velhas e as cachoeiras; antes de se tirar ouro naqueles distritos construíram-nas os paulistas e por negociação as vinham vender pelo rio abaixo, atesta um contemporâneo<sup>[23]</sup>

Os caminhos terrestres não perderam com isto sua freguesia. Desde a barra até onde terminam as fazendas, informa o mesmo contemporâneo, o S. Francisco não tem parte despovoada ou deserta em que os viandantes tenham de dormir ou albergar no campo, querendo recolher-se nas casas dos vaqueiros, como ordinariamente fazem pelo bom acolhimento que nelas acham.

Abaixo das cachoeiras não era menor o contraste das duas margens. Na Bahia, apenas transposta a barra, desenrola-se largo terreno afeiçoado principalmente ao pastoreio. Por toda a parte viam-se boiadas, apareciam veredas, facilitavam-se as comunicações, fundindo as trilhas vicinais em caminhos maiores.

Em Pernambuco quase toda a marinha prestava-se a canaviais e a engenhos. Ora o engenho, dando costas ao sertão, polarizava-se para os mercados

onde seus produtos valiam, polarizava-se para a outra banda do Oceano.

No São Francisco pernambucano numerosas serras, matas formando uma cinta quase contínua, como em Ilhéus e Porto Seguro, embora em dimensões muito menores, dificultavam as entradas e tolhiam a expansão pernambucana que pouco se afastou do rio. Os que dele se afastavam, se não utilizavam canoas que os levassem ao Recife, preferiam a praça da Bahia para suas transações.

Coincidência resultante das mesmas causas: tanto na margem pernambucana do baixo São Francisco como na marinha de Ilhéus e Porto Seguro quase todos os povoados eram aldeamentos de índios catequisados.

Nada prova melhor a fraca penetração dos pernambucanos, quer de beira-mar, quer de beira-rio, do que a resistência secular da negrada de Palmares, de história mais famosa do que conhecida.

O ataque decisivo contra os Palmares veio do interior para a costa. Domingos Jorge Velho, saindo embarcado de São Paulo e descendo o São Francisco, passou ao Piancó, donde chegou à terras piauienses. Destas voltou, contratou a destruição dos quilombos e destruiu-os. Nem assim Pernambuco se aproximou do S. Francisco, desafrontada embora no território do atual estado de Alagoas uma grande área. Tão pouco desde o rio dos Camarões ou Poti<sup>[24]</sup>, onde parece ter sido o maior centro de suas proezas, Domingos Jorge conseguiu desviar para o litoral pernambucano a exígua corrente maranhense que do Itapicurú tendia a passar ao Parnaíba no lugar de menor distância entre as duas bacias. Com suas entradas só lucrou a Bahia.

Os pernambucanos preferiam outros recessos. Terminada a guerra flamenga, foram procurando as terras ao Norte de Olinda até o Ceará, desanexado afinal do Maranhão, de onde todas as condições geográficas o repeliam. Nos rios, alguns de grande volume durante a invernia, secos ou cortados em poços no verão, no amplo território flagelado de secas com regularidade mais ou menos periódica, balizado pela Borborema, pelos Cariris e rematando na Ibiapaba só multiplicaram e constituíram um centro de povoamento comparável a S. Paulo ou Bahia. Mesmo daí romperam para o São Francisco: o trio do Pontal, via de penetração para o Piauí, e o riacho de Brígida, via da vasão para o Ceará, ficavam a pouca distância um do

outro. Afinal abriu-se a primeira via de vasão genuinamente pernambucana, do Jaguaribe ao Capibaribe.

Não terminou o período colonial sem que o problema do São Francisco chamasse a atenção dos pernambucanos. Azeredo Coutinho, bispo e governador interino de Pernambuco, mandou construir uma estrada entre Olinda e os sertões do grande rio. A obra fez-se, nela trabalharam, sobretudo, Custódio Moreira dos Santos e José de Barros Falcão de Andrade Cavalcanti<sup>[25]</sup>. Contemporâneos deste caminho são os que romperam as matas de Ilhéus e Porto Seguro, já citados na Corografia de Aires de Casal.

A estrada de Azeredo Coutinho veio tarde.

Do que algum tempo foi a capitania general de Pernambuco desagregaram-se Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas. Como castigo pela confederação do Equador foram desanexadas as fronteiras de Minas e Goiás, e incorporado a Bahia seu território, já baiano aliás pelas gentes que o povoavam.

#### 4.

As cópias publicadas neste volume foram bondosamente lidas pelo digno diretor da Torre do Tombo, Dr. Antônio Baião. Sem a dedicação incansável de Lúcio de Azevedo não seria possível obtê-las. Às confissões faltam as frases tabeliãs com que começavam e acabavam: a de Frutuoso Alves vai completa para se ver que o que foi cortado não fez falta.

**Primeira visitação do Santo Ofício às partes do  
Brasil. Confissões da Bahia, 1591-1592.**

*Monitório do inquisidor geral, por que manda todas as pessoas que souberem d'outras, que forem culpadas no crime de heresia, e apostasia, o venham denunciar em termo de trinta dias.*

Dom Diogo da Silva, por mercê de Deus e da santa Igreja de Roma, Bispo de Septa confessor de el Rei nosso Senhor, e do seu Conselho, Inquisidor mor, por autoridade apostólica, em estes Reinos, e senhorios de Portugal, sobre os crimes de heresia, etc.

A todas as pessoas, assim homens, como mulheres, eclesiásticos, clérigos seculares, religiosos e religiosas, de qualquer estado, dignidade proeminência e condição que sejam, isentos, e isentas, não isentos, e não isentas; vizinhos e moradores, estantes nesta Cidade de Évora, e seus termos, a todos em geral, e a cada um em especial, saúde em nosso Senhor Jesus Cristo, que de todos é verdadeira salvação:

fazemos saber aos que esta nossa carta monitória, e mandados Apostólicos virem, ou ouvirem, e lerem, em qualquer modo que seja, ou dela certa notícia ouvirem.

Que nós somos informados, por informação de pessoas fidedignas e por fama pública, que nós ditos Reinos, e Senhorios de Portugal, há algumas pessoas assim homens como mulheres, que não tendo o Senhor Deus, nem o grande perigo de suas almas, apartados de nossa Santa Fé Católica, tem dito, feito cometido, e perpetrado delitos, e crimes de heresia, e apostasia contra a dita nossa Santa Fé Católica, tendo, crendo, guardando, e seguindo a lei de Moisés e seus ritos, preceitos, e cerimônias, e tendo outras opiniões, e erros heréticos:

querendo nós, como por nosso ofício de Inquisidor Mor, somos obrigados, para glória, honra, e louvor de N. Senhor, e Salvador Jesus Cristo, e exaltamento da santa Fé Católica, reprimir as ditas heresias, e arrancá-las do povo Cristão, pela dita autoridade Apostólica, a nós nesta parte cometida.

Mandamos a vós sobreditas pessoas e a cada uma, em virtude de obediência, e sob pena de excomunhão, e vós requeremos, e amoestamos que dentro de trinta dias primeiros seguintes, os quais vós damos por todas as três canônicas admoestações, repartidamente, s. dez dias pela primeira, e



dez pela segunda, e outros dez pela terceira e última admoestação, e todos os ditos trinta dias por termo peremptório, que vós damos, e assinamos, para que dentro do dito termo venhas, e cada um de vós venha por ante nós pessoalmente, a nós dizer, e notificar qualquer pessoa, ou pessoas de qualquer estado, condição, grau, e proeminência, que seja, ou sejam, presentes ou absentes que nos ditos Reinos, e Senhorios de Portugal, vistes, ou ouvistes, que foram, ou são hereges, ou herege, difamados, ou difamadas, suspeitos ou suspeitas de heresia, ou que mal sentiram, ou sentem dos Artigos da Santa Fé, ou do Santo Sacramento, ou que se apartaram, ou apartam da vida, e costumes dos fiéis cristãos;

E se viram, ou ouviram, ou sabem algumas pessoas, que aprovaram, ou aprovam, seguiram ou seguem erros luteranos, que agora em algumas partes há, e se sabeis, vistes, ou ouvistes, que algumas pessoas, ou pessoa dos ditos Reinos, e Senhorios de Portugal, ou estantes em eles, sendo Cristão (seguindo ou aprovando os ritos, e cerimônias Judaicas) guardaram, ou guardam os sábados em modo, e forma Judaica, não fazendo, nem trabalhando em eles coisa alguma, vestindo-se, e ataviando-se de vestidos, roupas e joias de festa, e adereçando-se, e alimpando-se às sextas-feiras ante suas casas, e fazendo de comer às ditas sextas-feiras para o sábado acendendo e mandando acender nas ditas sextas-feiras à tarde candeeiros limpos com mechas novas mais cedo que os outros dias, deixando-os assim acesos toda a noite, até que eles por si mesmo se apaguem, todo por honra, observância, e guarda do sábado.

Item, se degolam a carne, e aves, que hão de comer, à forma e modo Judaico, atravessando-lhe a garganta, provando, e tentando primeiro o cutelo na unha do dedo da mão, e cobrindo o sangue com terra por cerimônia Judaica.

Item, que não comem toucinho, nem lebre, nem coelho, nem aves afogadas, nem enguia, polvo nem congro, nem arraia, nem pescado, que não tenha escama, nem outras coisas proibidas aos judeus na lei velha.

Item, se sabem, viram, ou ouviram, que jejuaram, ou jejuam, o jejum maior dos Judeus, que cai no mês de Setembro, não comendo em todo o dia até noite, que saiam as estrelas, e estando aquele dia do jejum maior, descalços, e comendo aquela noite carne, e tigeladas, pedindo perdão uns aos outros.

Outro, se viram, ou ouviram, ou sabem alguma pessoa, ou pessoas jejuaram, ou jejuam o jejum da Rainha Ester por cerimônia Judaica, e outros jejuns que os Judeus soiam e costumavam de fazer, assim como os jejuns das segundas e quintas-feiras de cada semana, não comendo todo o dia, até a noite.

Item, se solenizaram, ou solenizam as Páscoas dos Judeus, assim como a Páscoa do pão asmo, e das Cabanas, e a Páscoa do corno, comendo o pão asmo na dita Páscoa do pão asmo, em bacios, e escudelas novas, por cerimônia da dita Páscoa, e assim se rezaram ou razão, orações Judaicas, assim como são os Salmos penitenciais, sem Glória Patri, et Filio, et Espírito Sancto, e outras orações de Judeus, fazendo oração contra a parede, sabadeando, abaixando a cabeça, e alevantando-a, à forma e modo Judaico, tendo, quando assim razão os atafalis, que são umas correias atadas nos braços ou postas sobre a cabeça.

Item, se por morte dalguns, ou dalgumas, comeram ou comem em mesas baixas, comendo pescado, ovos, e azeitonas, por amargura, e que estão detrás da porta, por dó, quando algum, ou alguma morre, e que banham os defuntos, e lhes lançam calções de lenço, amortalhando-os com camisa comprida, pondo-lhe em cima uma mortalha dobrada, à maneira de capa, enterrando-os em terra virgem, e em covas muito fundas, chorando-os, com suas liteiras cantando, como fazem os Judeus, e pondo-lhes na boca um grau de aljôfar ou dinheiro dourado, ou prata, dizendo que é para pagar a primeira pousada, cortando-lhes as unhas, e guardando-as, derramando e mandando derramar água dos cântaros, e potes, quando algum, ou alguma morre, dizendo, que as almas dos defuntos se vem aí banhar, ou que o Anjo percuciente, lavou a espada na água.

Item, que lançaram, e lançam às noites de São João Batista, e do Natal, na água dos cântaros e potes, ferros, ou pão, ou vinho, dizendo, que aquelas noites, se torna a água em sangue.

Item, se os pais deitam a benção aos filhos, pondo-lhe as mãos sobre a cabeça, abaixando-lhe a mão pelo rosto abaixo, sem fazer o sinal da cruz, à forma, e modo Judaico.

Item, que quando nasceram ou nascem seus filhos se os circuncidam, e lhe puseram, ou põem secretamente nomes de judeus.

Item, se depois que batizaram, ou batizam seus filhos, lhe raspam ou raspam o óleo, e a crisma, que lhes puseram, quando os batizaram.

Item, se algumas pessoas, ou pessoa nos ditos Reinos, e Senhorios de Portugal, sendo batizados, e tornados cristãos, tiveram ou têm, e razão ou creem, seguiram ou seguem a seita de Maomé, fizeram ou fazem ritos preceitos e cerimônias Maométicas, jejuando o jejum de Rabadam, ou Ramedam, não comendo em todo dia, até noite saída a estrela, banhando todo o corpo, e lavando o rosto, e os ouvidos, e os pés e as mãos, e os lugares vergonhosos, e fazendo oração, estando descalços, rezando orações de Mouros, guardando as sextas-feiras, das quintas feiras à tarde por diante, vestindo-se, e ataviando-se nas ditas sextas-feiras, de roupas limpas, e joias de festa, não comendo toucinho, nem bebendo vinho, por rito, e cerimônia Maomética, por guarda, e observância da dita festa; fizeram, ou fazem outros ritos, e cerimônias, assim da lei dos Judeus, como da dita seita de Maomé.

Item, outrossim, se sabeis, vistes ou ouvistes que algumas pessoas, ou pessoa, tenham ou ajam tido alguma opinião herética, dizendo, e afirmando, que não há paraíso nem glória, para os bons, nem inferno, nem penas para os maus, ou que não há mais que nascer, e morrer.

Item, que não creram, ou não creem no Santíssimo Sacramento do Altar, e que aquele pão material, ditas as palavras da consagração pelo Sacerdote, se torna em o verdadeiro corpo de Nosso Senhor, e Salvador, Jesus Cristo, e o vinho em seu verdadeiro, e precioso sangue.

Item, que não creem os Artigos da Santa Fé Católica, e, que negaram, ou negam, alguns, ou algum deles.

Item, que os sacrifícios, e Missas, que fazem na Santa Igreja não aproveitam para as almas.

Item, se afirmaram, ou afirmam, que o Santo Padre, e Prelados, não tem poder para ligar, nem absolver, ou que a confissão, se não há de fazer, nem dizer a Sacerdote, mas que cada um se há de confessar em seu coração.

Item, que disseram, ou dizem, que a alma saída de seu corpo, entra em outro, e que assim há de andar, até o dia de Juízo. E assim se disseram, ou

dizem, que o Judeu, e Mouro, cada um em sua lei se pode salvar também, corno o Cristão na sua.

Item, que negaram, ou negam a virgindade, e pureza de Nossa Senhora dizendo, que não foi Virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Ou que nosso Senhor Jesus Cristo, não é verdadeiro Deus e homem, e o Messias na lei prometido.

Itera, se sabeis, vistes ou ouvistes, que algumas pessoas se casassem duas vezes, sendo o primeiro marido, ou a primeira mulher, vivos, sentindo mal do Sacramento do matrimônio.

Item, se sabeis, vistes ou ouvistes, que algumas pessoas, ou pessoa, fizeram ou fazem certas invocações dos diabos, andando como bruxas de noite em companhia dos demônio, como os maléficos, feiticeiros, maléficas, feiticeiras, costumam fazer, e fazem encomendando-se a Belzebu, e a Satanás, e a Barrabás, e renegando a nossa santa Fé Católica, oferecendo ao diabo a alma, ou algum membro, ou membros de seu corpo, e crendo em ele, e adorando-o, e chamando-o para que lhes diga cousas que estão por vir, cujo saber, a só Deus todo poderoso pertence.

Item, se algumas pessoas, ou pessoa, têm livros, e escrituras, para fazer os ditos cercos, e invenções dos diabos, como dito é, ou outros alguns livros, ou livro, reprovados pela Santa Madre Igreja.

Item, se sabeis, vistes, ou ouvistes dizer, que algumas pessoas, ou pessoa, reconciliadas, ou reconciliada pelos ditos crimes de heresia, e apostasia, e cada um deles, tornaram a reincidir, e errar nos ditos delitos, e crimes de heresia, e cada um deles, come dito é.

Item, se vistes, ou ouvistes que algum Judeu de sinal, ou Mouro, nesses Reinos, e senhorios de Portugal procurassem, ou procurem, de induzir, e provocar algum Cristão novo, ou velho, para o tornar ao judaísmo ou seita Maométrica.

Item, que se alguma pessoa ou pessoas souberem que algumas pessoas ou pessoa nos ditos Reinos, e Senhorios de Portugal, tem alguma Bíblia em linguagem, que no lo venham outro se dizer e notificar, e os que as tiverem, que no las venham, ou mandem mostrar, para serem vistas, e examinadas

por nós, para se ver, se são fiel, e verdadeiramente trasladadas, e como devem.

As quais coisa, e cada uma delas, que assim souberdes de vista, ou de ouvida, como dito é, nos assim vireis pessoalmente, e cada um, e cada uma, viram dizer e notificar, dentro dos trinta dias, e termo peremptório.

E porém, porque os cristãos novos que de Judeus se tornaram cristãos e os que dele descendem por linha de pai ou mãe são perdoados, desde doze dias do mês de Outubro, do ano passado, de mil e quinhentos e trinta e cinco anos, para cá, de todos os crimes de heresia, e apostasia da Fé, de qualquer qualidade, e gravidade, que sejam, que até o dito dia, de doze de Outubro do dito ano passado, cometeram: declaramos por essa nossa carta, e dizemos, que dos ditos crimes, e delitos de heresia, e apostasia, que até o dito dia cometeram, nos não venhas dizer, nem notificar, posto caso que o saibais, vísseis, ou ouvísseis, e somente dos ditos novos cristãos, que de Judeus se tornaram Cristãos, e de seus descendentes por linha paterna, ou materna. E nos vireis dizer e notificar pessoalmente os ditos crimes, ritos e cerimônias judaicas acima ditas, expressas e declaradas, que lhes vistes ou ouvistes fazer, desde o dito dia de doze de Outubro do dito ano passado, a esta parte.

E passado o dito tempo e não o fazendo vós e cada um assim e não vindo pessoalmente nos dizer, descobrir e notificar as sobreditas cousas e cada uma delas como sois obrigados, e cada um e cada uma obrigado e obrigada, pomos em estes presentes escritos em vós e cada um de vós sentença de excomunhão maior, cuja absolvição para nos reservamos, cujos nomes, e cognomes, estados, dignidades, graus, prominhências, aqui haver-nos *ex nunc prout extunc, et extunc prout ex nunc*, por referidos e cada um e cada uma, por requerido, e requerida, para os mais procedimentos, que contra vós, e cada um entendemos fazer, se necessário for por nós, e nossos deputados conselheiros, usando de nosso ofício de Inquisidor Mor segundo forma de Bula da Santa Inquisição, guardando a cada um, e a cada uma sua justiça, como nos parecer que é direito. E porque as sobreditas coisas venham à notícia de todos, e de cada um, a que toquem ou tocar possam, e delas não possam pretender, nem alegar ignorância, mandamos passar a presente carta, para ser lida, e publicada neste lugar, e em todas as Igrejas

desta Cidade, e seus termos, em modo, que a todos, e a todas seja notório, e manifesto, o que dito é.

Dada na cidade de Évora, sob nosso sinal, e selo aos dezoito dias do mês de Novembro. Diogo Travassos Notário, e escrivão da Santa Inquisição, a fez.       Ano do Nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e trinta, e seis anos.

A qual carta acima, e atrás escrita foi publicada por mim Diogo Travassos Notário, logo o Domingo seguinte, que foram dezenove dias do dito mês, do dito Ano, estando presente, o Reverendíssimo Senhor, o Senhor Cardeal Infante de Portugal, e o Reverendo Senhor Inquisidor Mor, e seus deputados conselheiros da Santa Inquisição, e outros muitos senhores do povo.

(Coletório das bulas, e Breves Apostólicos, Cartas, Alvarás & Provisões Reais que contêm a instituição e progresso do Santo ofício em Portugal, Vários Indultos e Privilégios que os Sumos Pontífices e Reis Destes Reinos lhe concederam. *Impresso por mandado do Ilustríssimo e Revm. Senhor Bispo Dom Francisco de Castro Inquisidor geral do Conselho de Estado de Sua Majestade.* Em Lisboa no Estado por Lourenço Craesbeeck Impressor do Rei. Ano MDCXXXIV).



*As seguintes determinações encentradas no 1º volume das Denunciações têm cabida depois do monitório:*

— Seguem-se algumas Determinações que se assentaram nesta mesa alguns casos que nela se tratam”

“Tratando se nesta Mesa se incorriam na Excomunhão da Bula da Cea os que dão Armas a estes gentios Brasis deste Brasil que tem guerra com os brancos e com os índios Cristãos. Assentou-se que não se compreendem na dita Bula estes gentios, porquanto não são inimigos do nome de Cristo como são os turcos & mouros etc. E não fazem guerra aos Cristãos por respeito de serem Cristãos em ódio do nome Cristão senão por outros Respeitos, diferentes na Bahia, 29 de julho de 1593. — O Bispo — Heitor Furtado de Mendonça — Fernão Cardim — Leonardo Armínio. Marcos da Costa. — fr. Marcio da Cruz — fr. Damião Cordeiro.

— Tratando se nesta Mesa se se devia proceder como contra suspeitos na fé, contra os que se deixam andar excomungados mais de um ano sem pedir o beneficio da Absolvição não sendo declarados *nominatim* por Excomungados. Assentou-se q neste caso quando não são declarados *nominatim*, não se deve proceder contra eles como suspeitos, porque o Sagrado Concilio Tridentino *sessione*, 25, de *reformatione* c. 3 *in fine*, que diz que se possa proceder contra os persistentes na Excomunhão um ano, como suspeitos de heresia, entende-se sendo os Excomungados, declarados por tais *nominatim*. Como também o determinou o Sereníssimo infante Cardeal Dom Henrique na Extravagante 18 Junta as suas Constituições. Na Bahia, 31 de julho 1593 — O Bispo — Heitor furtado de Mendonça — Fernão Cardim. — Leonardo Armínio — Marcos da Costa. — fr. Mâncio da Cruz. — fr. Damião Cordeiro.

Depois de nesta Mesa serem sentenciados alguns homens de culpas cometidas no Sertão, aos quais (por se lhes tirar a ocasião de tornar a cometer tais culpas) foi mandado em suas Sentenças que não tornem mais ao Sertão. Se assentou nela que somente quando os governadores gerais deste Estado mandassem ao Sertão destruir alguma Abusão da chamada Santidade, ou dar algum socorro de guerra, ou descobrir minas de metais, salitre, e enxofre, Poderão ir os tais Condenados com licença desta Mesa,

ou (em sua ausência do Sor. Bispo deste Estado. Na Bahia, a 2 de Agosto de 1593 — O Bispo, Heitor Furtado de Mendonça.— Fernão Cardim. — Leonardo Armínio. — Marcos de Castro. — fr. Mâncio da Cruz. — fr. Damião Cordeiro.

## PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

Traslado da Comissão de S. A. ao senhor Visitador

O cardeal Arquiduque Inquisidor geral em estes Reinos e Senhorios de Portugal etc.

fazemos saber aos que esta nossa comissão virem que confiando nós das letras e sã consciência do licenciado Heitor Furtado de Mendonça do desembargo do Rei meu senhor deputado do Santo Ofício e crendo dele que fará bem e fielmente com todo segredo verdade e consideração tudo o que por nos lhe for cometido e encomendado, havemos por bem que em nosso nome vá visitar e visite por parte do Santo Ofício da Inquisição, por esta vez somente o Bispado do Cabo Verde e o Bispado de San Tomé e o Bispado do Brasil e todas as cidades, vilas e lugares dos ditos Bispados e da administração de São Vicente no estado do Brasil e lhe damos por autoridade apostólica poder e faculdade para que possa inquirir e inquirir contra todas e quaisquer pessoas assim homens como mulheres, vivos e defuntos presentes e ausentes, de qualquer estado e condição, prerrogativa, preeminência, e dignidade q sejam, isentos, e não isentos, vizinhos e moradores, ou que por qualquer via residirem ou estiverem nas cidades, vilas, e lugares dos ditos Bispados, da dita administração que se acharem culpadas, suspeitas ou infamadas no delito e crime de heresia, e apostasia ou em outro qualquer que pertença ao Santo Ofício da Inquisição e tomar contra elas todas e quaisquer denúncias, informações e testemunhos e assim contra os autores, receptores e defensores destas, e para que se possa fazer e faça contra os culpados e cada um deles processos, em forma devida de direito sendo necessário segundo a forma da bula da Inquisição e Breves concedidos ao Santo Ofício e para que possa prender os ditos culpados e sentenciá-los em final conforme ao Regimento e instrução que leva por nós assinados, e fazer todas as mais coisas que ao dito cargo de deputado e visitador do Santo Ofício pertencerem,

e para todo o sobredito e suas dependências lhe cometemos nossas vezes e damos inteiro poder e pela mesma autoridade apostólica mandamos em virtude da Santa obediência e sob pena de excomunhão maior *ipso facto incurrenda* (cujá absolvição a nós reservamos) a todas as Justiças e pessoas

assim seculares como eclesiásticas a que esta for mostrada que lhe deem todo favor e ajuda que por ele e de sua parte lhe for pedido, e cumpram integralmente seus mandados em tudo o que tocar à dita visitação e deem ordem, e façam como os culpados sejam presos vendo para isso seus mandados e lhe obedeçam nas coisas que pertencem ao Santo Ofício de modo que por sua negligência e descuido se não deixem de fazer como convém

dada em Lisboa a xrbj (26) de Março de M.D.L.xxxxj. Matheus Pereira o fez. – O Cardeal Antônio de Mendonça — Diogo de Sousa.

Foi trasladado o alvará acima bem e fielmente por mim Notário do próprio original que fica em poder do senhor visitador e o concertei com ele com Provisão do Notário as entrelinhas que dizem, culpados, ne, nesta cidade do Salvador, e assinei aqui com o dito Senhor visitador aos cinco de julho de 1591 — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

Traslado da provisão do Notário Manoel Francisco

O Cardeal Alberto Arquiduque Inquisidor geral em estes Reinos e senhorios de Portugal etc.

fazemos saber aos que esta nossa comissão virem que pela boa informação que temos da vida costumes geração e suficiência de Manoel Francisco sacerdote de missa, e confiando dele que fará com todo segredo verdade e diligência tudo o que por nós lhe for cometido e encomendado haver-nos por Bem que ele sirva de Notário do Santo Ofício na visitação, que ora mandamos fazer pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, nos bispados do Cabo Verde, São Tomé e Brasil e administração do Rio de Janeiro e lhe damos por Autoridade apostólica poder e faculdade para servir o dito cargo e escrever todas as coisas que pertencerem à dita visitação e usar dele assim como fazem os mais notários das Inquisições destes Reinos conforme a seu Regimento.

notificamo-lo assim ao dito visitador para que o admita ao dito ofício de Notário e lho deixe servir dando-lhe primeiro juramento de que se fará

termo por ele assinado, no princípio do livro que houver de servir na dita visitação para em todo tempo constar como o havemos assim por bem dada em Lisboa a xx biiij (28) de Março de M.D.Lxxxxj. Mateus Pereira o fez. — O Cardeal — Antônio de Mendonça — Diogo de Sousa.

A qual comissão acima escrita eu Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação trasladei bem e fielmente da própria que fica em meu poder e a concertei com o senhor visitador e concordam de verbo ad verbum e por verdade assinamos aqui ambos nesta cidade do Salvador aos cinco de julho de mil quinhentos e noventa e um. Heitor Furtado de Mendonça — Manuel Francisco.

Traslado da provisão do Meirinho Francisco de Gouvêa

O Cardeal Arquiduque Inquisidor geral em estes Reinos e senhorios de Portugal etc.

fazemos saber aos que esta nossa Provisão virem que pela boa informação que temos da vida e costumes e mais partes de Francisco de Gouvêa e confiando dele que fará com todo segredo verdade e diligência tudo o que por nós lhe for mandado, e de nossa parte cometido, Haver-nos por bem que ele sirva de Meirinho do Santo Ofício na visitação que ora mandamos fazer no bispado do Brasil e na administração da cidade de São Sebastião e nos bispados do Cabo Verde São Tomé pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça do desembargo do Rei nosso senhor deputado do Santo Ofício da Inquisição, e lhe damos autoridade apostólica, poder, faculdade e jurisdição para servir o dito cargo em todas as coisas que a ele pertencerem e lhe forem encomendadas pelo dito visitador assim e da maneira que fazem os mais meirinhos das Inquisições destes ditos Reinos conforme o seu Regimento.

e pela mesma autoridade apostólica mandamos a todas as Justiças assim eclesiásticas como seculares, e mais pessoas do dito estado do Brasil e das cidades vilas e lugares dos ditos Bispados do Cabo Verde e São Tome a que o conhecimento desta pertencer que o ajam e tenham por Meirinho do Santo Ofício e lhe deixem livremente usar seu ofício e trazer sua vara branca alçada e fazer executar todas as mais diligências que a ele pertencerem, e

sendo por ele requeridos para boa execução dos negócios e se fizerem algumas prisões com a segurança e diligência que se requiere cumpram inteiramente o que por ele lhes for requerido da parte do Santo Ofício.

notificamo-lo assim ao dito Heitor Furtado de Mendonça para que o admita ao dito cargo e lho deixe servir dando-lhe primeiro juramento conforme ao estilo do Santo Ofício de que se fará assento por ele assinado no princípio do livro que houver de servir da dita visitaçāo para em todo tempo constar como o houvemos assim por bem.

dado em Lisboa a xx e oito de Março de M.D. Ixxxxj Mateus Pereira secretário do Conselho geral o fez — O Cardeal — Antônio de Mendonça — Diogo de Sousa.

Provê Vossa Alteza por Meirinho do Santo Ofício na visitaçāo que ora manda fazer nos Bispados do Cabo Verde, São Tomé e Brasil, Francisco de Gouvêa pela boa informaçāo que dele teve.

O qual Alvará acima eu Notário tresladei bem e fielmente do próprio original que fica em poder do dito Meirinho Francisco de Gouvêa e o concertei com o senhor visitador e concordam *de verbo ad verbum* e por verdade assinamos ambos e assinou também o dito Meirinho de como lhe fica em seu poder o dito original nesta cidade do Salvador aos cinco dias do mês de julho. Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi de 1591 — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco — Francisco de Gouvêa.

## **APRESENTAÇÃO AO SENHOR VISITADOR DAS PRIVISÕES Do NOTÁRIO E MEIRINHO**

Ano de nascimento de nono Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e um ao primeiro dia do mês de julho nesta cidade do Salvador da capitania da Bahia de Todos os Santos, partes do Brasil nas casas da morada do senhor licenciado Heitor Furtado de Mendonça do desembargo de Sua Majestade deputado do Santo Ofício e visitador Apostólico deste Bispado do Brasil e dos Bispados de São Tomé e Cabo Verde em todas as coisas de nossa Santa Fé Católica: por ele senhor foi mandado a mim e a Francisco de Gouvêa que presentes estávamos lhe apresentássemos as provisões de Sua



Alteza para podermos servir perante ele senhor, eu de Notário e o dito Francisco de Gouvêa de meirinho, para conforme a elas nos dar o juramento, pelo que logo lhes apresentamos e depois de nos dar o juramento a cada um de nós na forma que adiante vai mandou trasladar neste livro as ditas provisões juntamente com a provisão da Comissão do cargo dele senhor visitador as quais eu trasladei nas primeiras folhas atrás.

Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação o escrevi.

### *Forma do juramento que fez o Notário Manoel Francisco*

Ao primeiro dia do mês de julho do ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e um nesta cidade do Salvador, Capitania da Bahia de Todos os Santos nas casas da morada do senhor visitador Heitor Furtado de Mendonça que ora por Comissão e mandado de Sua Alteza tem cargo de visitar por parte do Santo Ofício estas partes do Brasil, eu Manuel Francisco lhe apresentei à Comissão de Sua Alteza por que manda que eu escreva e seja Notário perante ele nesta visitação destas partes do Brasil e nas que fizer nas ilhas de São Tomé e Cabo Verde, para efeito do qual ele senhor visitador me deu juramento dos Santos Evangelhos o qual eu fiz na forma seguinte.

Eu Manoel Francisco juro em estes Santos Evangelhos em que tenho minhas mãos que servirei este cargo de que Sua Alteza me encarregou de Notário do Santo Ofício nesta visitação destas partes do Brasil e dos bispados de São Thomé e Cabo Verde bem e fielmente quanto a minhas forças e entendimento for possível, guardando em tudo segredo e verdade sem ódio nem afeição alguma às partes a que tocar e que não descobrirei por mim nem por outra pessoa o segredo destas visitasões e de tudo o que a elas tocar e que não receberei peitas de pessoa que traga ou possa trazer negócio que toque a estas visitasões e que cumprirei inteiramente tudo o mais a que sou obrigado conforme o regimento da Santa Inquisição.

O qual juramento fiz perante o dito senhor visitador na mesa do despacho e em fé do sobredito assinei aqui no dito dia com ele senhor visitador Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação que o escrevi.— Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

### *Forma do juramento que fez o Meirinho Francisco de Gouvêa*

Ao primeiro dia do mês de julho do ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e um nesta cidade do Salvador capitania da Bahia de Todos os Santos nas casas da morada do senhor visitador Heitor Furtado de Mendonça que ora por comissão e mandado de Sua Alteza tem cargo de visitar por parte do Santo Ofício estas partes do Brasil e os bispados de São Tomé e Cabo Verde perante ele apareceu Francisco de Gouvêa e lhe apresentou a provisão de Sua Alteza por que manda que sirva o cargo de meirinho do Santo Ofício nas ditas visitas para efeito do qual ele senhor visitador deu juramento dos Santos Evangelhos ao dito Francisco de Gouvêa que o fez na forma seguinte.

Eu Francisco de Gouvêa juro em estes Santos Evangelhos em que tenho minhas mãos que servirei este cargo de que Sua Alteza me encarregou de meirinho do Santo Ofício nesta visita deste bispado e partes do Brasil e dos bispados de São Tomé e Cabo Verde bem e fielmente quanto a minhas forças e entendimento for possível guardando em tudo segredo e verdade sem ódio nem afeição alguma às partes a que tocar e que não descobrirei por mim nem por outra pessoa o segredo destas visitas e de tudo o que a elas tocar e que não receberei peitas nem dádiva de pessoa alguma que traga ou possa trazer negócio que toque a estas visitas e cumprirei inteiramente tudo o mais a que sou obrigado conforme ao regimento da Santa Inquisição e em fé do sobredito assinou aqui no dito dia com ele senhor visitador Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visita que o escrevi – Heitor Furtado de Mendonça – Francisco de Gouvêa.

### *Apresentação ao Senhor Bispo da Comissão de S. A. feita ao Senhor Visitador*

Aos quinze dias do mês de julho do ano de mil e quinhentos e noventa e um nesta cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos nos paços da morada do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Antônio Barreiros Bispo de todo este Estado do Brasil lhe foi apresentada por mim a provisão do Cardeal Alberto Inquisidor geral dos Reinos e Senhorios de Portugal em que dá Comissão ao senhor licenciado Heitor Furtado de Mendonça do

desembargo do Rei Nosso Senhor e deputado do Santo Ofício para que em nome de Sua Alteza visite por parte do Santo Ofício este bispado do Brasil.

A qual provisão de Comissão o dito senhor Bispo leu e depois de lida a beijou e respondeu que está aparelhado com inteira vontade para sempre dar toda ajuda e favor que necessário for ao dito senhor licenciado e para cumprir a dita provisão como nela se contem pelo que eu Manoel Francisco Notário do Santo Ofício fiz este termo que o dito senhor Bispo assinou nesta dita cidade *die mense et anno ut supra*. — Bispo.

*Apresentação na Câmara, da Comissão de S. A. feita ao Senhor Visitador*

Aos vinte e dois dias do mês de julho do ano de mil e quinhentos e noventa e um na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos no Paço do Conselho e Câmara dela estando presentes os Muito nobres senhores juizes e vereadores, com os mais oficiais a saber Martin Afonso Moreira juiz mais velho, e Vicente Rangel de Macedo, juiz seu parceiro, e Garcia da Vila vereador mais velho, e Fernão Vaz, e Bernaldo Pimentel de Almeida também vereadores e Gonçalo Veloso de Barros procurador da cidade, e Gaspar das Naus escrivão da dita Câmara, eu Notário lhes apresentei uma Provisão do Cardeal Alberto Arquiduque de Áustria legado de latere, Inquisidor geral dos Reinos e Senhorios de Portugal em que dá Comissão ao senhor licenciado Heitor Furtado de Mendonça do desembargo do Rei nosso senhor e deputado do Santo Ofício, para que em nome de Sua Alteza visite por parte do Santo Ofício este estado do Brasil.

A qual provisão de Comissão o dito juiz mais velho leu e lida a beijou e pôs na cabeça, e logo todos concordes responderam que estão aparelhados para sempre dar toda ajuda e favor ao Santo Ofício, e para cumprir em tudo a dita provisão, que eu tornei a levar, pelo que eu Manoel Francisco Notário do Santo Ofício fiz este termo que todos assinaram nesta dita cidade, *die mense et Anno ut supra*. Martin Alonso Moreira – Garcia da Vila – Gonçalo Veloso de Barros — Fernão Vaz – Vicente Rangel.

***ATO DA PUBLICAÇÃO DOS ÉDITOS DA FÉ E DA GRAÇA E DA PROVISÃO DE S. MAJESTADE QUE SE LEERAM NO PRIMEIRO ATO DA FÉ QUE SE CELEBROU NO BRASIL, NA SÉ DA CIDADE DO SALVADOR CAPITANIA DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS A 28 DE JULHO DE 1591.***

Ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e um na dominga oitava *post Penthecostem* que foi aos vinte e oito dias do mês de julho nesta cidade do Salvador da Capitania da Bahia de Todos os Santos se fez uma soleníssima procissão da igreja de Nossa Senhora d'Ajuda até a Sé Catedral pelo muito reverendo senhor Dom Antônio Barreiros Bispo de todo este estado do Brasil com seu cabido e com os da governança e da Justiça e com todos os vigários curas e capelães e clérigos e confrarias e mais povo desta dita capitania.

Na qual solenidade, levando debaixo de um Paleo de tela de ouro ao senhor licenciado Heitor Furtado de Mendonça Capelão fidalgo do Rei nosso senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Ofício e visitador Apostólico em nome de Sua Alteza nas coisas de nossa Santa Fé católica deste Bispado do Brasil.

E na dita Sé estando o dito senhor visitador em uma cadeira de veludo carmesim guarnecida de ouro debaixo de um dossel de damasco carmesim na capela maior acima dos degraus junto do altar a parte do Evangelho, se disse a missa com muita solenidade, a qual disse o chantre com dois cônegos diácono e subdiácono.

E acabada a missa pregou o Reverendo Padre Marçal Beliarte provincial da companhia de Jesus a pregação da Fé com muita satisfação tomando por tema, *tu es petrus et super hanc Petram edificaba ecclesiam meam*.

Depois da pregação subiu ao púlpito o Arcediago da dita Sé Baltasar Lopez com uma capa de asperges de damasco branca e tela de ouro e com a cabeça descoberta leu e publicou em alta e inteligível voz os dois Éditos da Fé e da graça e o alvará de Sua Majestade por que perdoa as fazendas nos que se acusarem no tempo da graça.

e depois de os ter publicados subi eu Notário ao mesmo púlpito com uma sobrepeliz e com a cabeça descoberta li e publiquei a constituição e moto próprio do Santo Padre Pio Quinto de boa memória em favor da Santa

Inquisição e contra os que a ofendem e a seus ministros traduzida de latim em linguagem português

e enfim lei mais certos capítulos em que os dito senhor visitador mandava e declarava certas coisas a saber que lhe levassem todos os livros ou os róis dos livros que tinham e que não se saísse ninguém então da igreja antes de se acabar o Ato, e que concedia quarenta dias de indulgência aos que ali se achavam presentes, e outros semelhantes capítulos para bem da visitação.

Isto acabado desceu o dito senhor visitador entre duas dignidades ao meio da Capela maior onde estava posto um altar portátil ricamente ornado com uma cruz de prata arvorada e quatro castiçais grandes de prata com velas acesas e com dois livros missais abertos em cima de almofadas de damasco sobre os quais missais estando deitadas duas cruzes de prata, e se assentou no topo do dito altar na parte do Evangelho na dita cadeira de veludo que lhe foi logo trazida por um capelão.

E estando assim assentado fizeram perante ele o juramento da Fé conforme o Regimento, postos com ambos os joelhos no chão e com ambas as mãos sobre os ditos livros missais e cruzes de prata que neles estavam o governador geral e os juízes e vereadores e oficiais e mais pessoas pela ordem e modo que ao diante se segue nos termos seguintes.

Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação que a todo o sobredito fui presente o escrevi e assinei este auto com o senhor visitador— Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

### ***Juramento do governador***

*Aos vinte e oito dias do mês de julho do ano de 1591 in dominica octavo post penthecostem na Sé catedral desta cidade do Salvador celebrando-se o Ato da publicação da Santa Inquisição perante o senhor visitador Heitor Furtado de Mendonça se achou presente o senhor Dom Francisco de Sousa do conselho de Sua Majestade governador de todo este estado do Brasil o qual da maneira contida neste Auto atrás jurou e fez o juramento público sobre o negócio da Fé na forma declarada no Regimento que traz o dito senhor visitador que eu Notário há lido e o dito senhor governador dizendo em inteligível voz pelo que eu Manoel Francisco*

*Notário do Santo Ofício fiz este termo que o dito senhor governador assinou no dito dia mês e ano — O governador Dom Francisco de Sousa.*

### ***Juramento da Câmara***

Aos vinte e oito dias do mês de julho do ano de 1591 in dominica octava post penthecostem na Sé catedral desta cidade do Salvador celebrando-se o Ato da publicação da Santa Inquisição perante o senhor visitador Heitor Furtado de Mendonça foram presentes os senhores juízes e vereadores e os mais oficiais da Câmara convém a saber Martim Afonso Moreira, juiz mais velho, Vicente Rangel de Macedo, juiz seu parceiro, e Garcia de Ávila, vereador mais velho, e Fernão Vaz, e Bernardo Pimentel de Almeida ambos também vereadores e Gonçalo Veloso de Barros, procurador da cidade e Gaspar das Naus escrivão da Câmara, os quais pela dita maneira deste Auto atrás juraram e fizeram o juramento público da Fé na forma declarada no Regimento que eu Notário há lido e eles dizendo em inteligível voz.

pelo que fiz este termo em que eles assinaram no dito dia mês e ano Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi. — Martim Alonso Moreira — Vicente Rangel — Garcia de Ávila — Fernão Vaz — Guaspar das Naus — (1591 anos) — Gonçalo Veloso de Barros.

### ***Juramento do Ouvidor desta Capitania em ausência do ouvidor geral***

Jurou pela sobredita maneira e fez o dito juramento na dita forma Cristóvão Brandão ouvidor desta Capitania da Bahia de Todos os Santos e assinou aqui no dito dia mês e ano Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi. – Cristóvão Brandão.

### ***Juramento dos Meirinhos e Alcaldes***

Juraram pela sobredita maneira e fizeram o dito juramento na dita forma todos os Meirinhos e alcaldes a saber Simão de Siqueira meirinho do eclesiástico nesta cidade do Salvador, e Jaques Pires Lamdim Meirinho da Conceição, e Paulo Moreira Meirinho da ouvidoria da Capitania, e Simão Borralho alcaide desta cidade, e Pero Godinho alcaide do Campo, e Antônio

Lobo meirinho do mar e assinaram aqui todos este termo Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi Simão Borrvalho — Antônio Lobo — Simão de Sequeira Paulo Moreira — Jaques Piros Landim — Pero Godinho.

### *Juramento do povo*

E logo depois das sobreditas pessoas terem feito o dito juramento eu Notário cheguei abaixo do cruzeiro e em alta voz li para a gente e povo que estava presente o dito juramento como se contém no Regimento e depois de lhe ter lido a forma do dito juramento perguntei se o juravam e prometiam assim e responderam que assim juravam e prometiam, em fé do qual em nome de todo o povo assinaram aqui, João Gonçalves d'Aguiar e André Monteiro, que foram vereadores do ano passado e Gerônimo Barbosa que foi juiz do ano passado. Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi — João Gonçalves de Aguiar — André Monteiro Hieronymo Barbosa.

### *Fixação dos Éditos da fé e da graça e do Alvará de S. Majestade nas portas da Sé*

Depois que tudo assim passou e se fez como se declara no Ato e termos atrás, sendo presentes o dito senhor Bispo e todo o cabido, e todos os ditos vigários, curas e capelães e clérigos de ordens sacras e confrarias desta cidade e de todas as igrejas e capelias de todo o recôncavo desta dita Capitania e quase todos os religiosos do Colégio da Companhia de Jesus e dos mosteiros de São Bento e de São Francisco e muito grande número de gente e povo que concorreu de toda a capitania, porquanto no domingo dantes todos os ditos vigários, curas e capelães publicaram em suas estações mandados do dito senhor visitador, em que declarava que no dito dia se havia de celebrar a dita procissão e Ato da Publicação da Santa Inquisição, e havia de haver o sermão da Fé na dita Sé e mandava que todos os vigários, curas, capelães e clérigos de ordens sacras, e oficiais de confrarias de toda esta capitania se achassem presentes com suas cruces, sobrepelizes e vestes e que não houvesse pregação em outra parte alguma.

E depois que as ditas pessoas fizeram ao senhor visitador na dita forma os ditos juramentos e assinaram os termos deles atrás escritos em presença de



todos, e se acabou toda a solenidade do dito Ato da Fé logo eu Notário fiz fixar nas portas da dita Sé o Édito da Fé e monitório geral em que o senhor visitador manda com penas de excomunhão maior, ipso facto incurrenda, cuja absolvição para si reserva e de se proceder como contra pessoas suspeitas na fé que todos os moradores e por qualquer via residentes, estantes, ou vizinhos, desta dita cidade do Salvador e de dentro de uma légua ao redor dela denunciem e manifestem perante ele em termo de trinta dias primeiros seguintes, indo o que souberem, de vista, ou de ouvida, que qualquer pessoa tenha feito, dito ou cometido contra nossa Santa fé Católica e contra o que tem, crê e ensina a Santa madre Igreja de Roma, como mais larga e especificamente se contém no dito Édito e monitório.

E outrossim fiz fixar o Édito da graça que o senhor visitador concede a todos os moradores e por qualquer via residentes, estantes ou vizinhos desta cidade do Salvador e de dentro de uma légua ao redor dela que em termo de trinta dias primeiros seguintes fizerem perante ele inteira e verdadeira confissão de suas culpas como mais largamente se declara no dito Édito.

E outrossim fiz fixar o traslado do alvará de Sua Majestade por que concede que os que se acusarem e confessarem suas culpas no tempo de graça perante ele senhor visitador não percam suas fazendas, concertado em modo que faz fé.

Os quais Éditos e traslado de alvará farão fixados perante mim nas ditas portas por Francisco Ferreira porteiro da casa da mesa do Santo Ofício e por Antônio Ruiz Loureiro familiar sendo mais testemunhas presentes Francisco de Gouvêa meirinho do Santo Ofício e Álvaro de Vilas Boas e Pero Barbosa.

E dou minha fé passar assim todo na verdade como se contém neste Ato e no Ato atrás que fiz por mandado do senhor visitador para sempre constar do sobredito e assinei aqui com ele senhor e com os sobreditos que todos a tudo fomos presentes. Nesta cidade do Salvador no dito dia mês e ano vinte e oito de julho de mil e quinhentos e noventa e um Manuel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação o escrevi Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco — Pero Barbosa — Francisco de Gouvêa — Álvaro de Vilasboas — Antônio Ruiz Loureiro — Francisco Ferreira.

SEGUEM-SE OS TRINTA DIAS DA CIDADE DO SALVADOR E UMA  
LÉGUA AO REDOR DELA.

Primeiro Livro das reconciliações e confissões da Primeira Visitação do Santo Ofício de Inquisição das Partes do Brasil: a qual fez por especial Comissão do Cardeal Alberto, do título de Santa Cruz, em Hierusalem Arquiduque de Áustria, Legado de Latere, Inquisidor geral nos Reinos e Senhorios de Portugal, o Ldo Heitor Furtado de Mendonça do desembargo do Rei nosso senhor, Deputado do Santo Ofício, Primeiro Visitador que visitou pelo Santo Ofício as ditas Partes do Brasil — 1591.

## NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Ano do Nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e um. Na dominga oitava post penthencostem vinte e oito dias do mês de Julho nesta cidade do Salvador da capitania da Bahia de todos os Santos se fez uma soleníssima procissão em que foi levado o Senhor visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça à Sé catedral.

E Porquanto esta Bahia e todo o seu Recôncavo é muito grande e de muita gente moradora por muitas freguesias e lugares mui distantes concedeu ele senhor a todos os moradores residentes, estantes ou vizinhos desta cidade do Salvador e de dentro de uma légua ao derredor dela trinta dias de graça para dentro neles fazerem perante ele inteira e verdadeira confissão de todas suas culpas. E se publicou na dita Sé o édito da dita graça, e outrossim foi publicado o alvará de Sua Majestade por que livremente perdoa as fazendas as Pessoas que no dito tempo da graça confessarem suas culpas perante ele senhor visitador como mais largamente se contém no dito édito da graça e no dito alvará que foram publicados. Da qual publicação se fez auto em que tudo meudamente se declara no Primeiro livro das denúncias desta Visitação no princípio a folhas sete. O qual Édito de graça e o Traslado do dito Alvará de Sua Majestade em modo que fazia fé foram fixados nas portas da dita Sé, como também se declara no auto que da dita fixação se fez no dito Primeiro livro das denúncias desta visitaço no Princípio a folhas nove na volta onde se tudo pode ver Pelo que não se faz aqui mais larga menção.

e de tudo assim passar na verdade eu Notário dou minha fé e para disto constar fiz aqui por mandado do senhor visitador este Auto aos vinte e nove dias do mês de julho de mil e quinhentos e noventa e um anos Manoel Francisco, Notário do Santo Ofício, nesta visitaço do Brasil que o escrevi — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

SEGUEM-SE OS TRINTA DIAS DA GRAÇA CONCEDIDOS À  
CIDADE DO SALVADOR & ATÉ UMA LÉGUA AO REDOR DELA,  
QUE COMEÇAM HOJE 29 DE JULHO DE 1591.

# CONFISSÕES DA CIDADE

## **Confissão de Frutuoso Alvarez vigário de Matoim no tempo da graça.**

29 de Julho de 1591

Aos vinte e nove dias do mês de julho de mil e quinhentos e noventa e um ano nas casas de morada do senhor visitador Heitor Furtado de Mendonça perante ele parecem em esta mesa o Padre Frutuoso Álvarez vigário de Nossa Senhora da Piedade de Matoim dizendo que tinha que confessar nesta mesa sem ser chamado

pelo que lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pôs sua mão direita, sob cargo do qual prometeu dizer verdade e confessando se disse, que de quinze anos a esta parte que há que esta nesta capitania da Bahia da Todos os Santos, cometeu a torpeza dos tocamientos desonestos com algumas quarenta pessoas pouco mais ou menos, abraçando, beijando, a saber,

com Cristóvão de Aguiar mancebo de dezoito anos, então que era ora a dois ou três anos filho de Pero d'Aguiar morador na dita sua freguesia teve tocamientos com as mãos eu suas naturas ajuntando-as uma com a outra e fazendo poluição da parte do dito mancebo duas vezes.

E assim também tocou no membro desonesto a Antônio, moço de dezessete anos criado ou sobrinho de um mercador que mora nesta cidade que chamam Foam de Siqueira e com este moço não houve poluição fora um mês pouco mais ou menos,

e assim também teve congresso por diante ajuntando os membros desonestos um com outro sem haver poluição com um mancebo castelhano que chamam Medina de idade do dezoito anos morador que era na ilha de Maré sendo feitor do mestre de capela desta cidade e por outra vez com este mesmo teve abraços o beijos e tocamientos nos rostos e isto com este castelhano foi há três ou quatro anos

e assim também com outros muitos moços, e mancebos, que não conhece nem sabe os nomes, no onde ora estejam teve tocamientos desonestos e torpes, em suas naturas e abraçando e beijando e tendo ajuntamentos por diante e dormindo com alguns algumas vezes na cama, e tendo cometimentos alguns pelo vaso traseiro com alguns deles sendo ele o agente

e consentindo que eles o cometessem a ele no seu vaso traseiro sendo ele o paciente lançando-se de barriga para baixo e pondo em cima de si os moços e lançando também os moços com a barriga para baixo pondo-se ele confessante em cima deles cometendo com seu membro os vasos traseiros deles e fazendo da sua parte por efetuar posto que nunca efetuou o pecado de sodomia penetrando,

e em especial lhe lembra que cometeu isto desta maneira algumas dez vezes nesta cidade onde ele ora é vigário com um moço que chamam Gerônimo que então podia ser de idade de doze ou treze anos e isto poderá haver como dois ou três anos, o qual moço é irmão do cônego Manoel Viegas, que é ora estudante nesta cidade,

e assim também, lhe aconteceu isto com outros muitos moços e mancebos a que não sabe os nomes nem onde estão nem suas confrontações que acaso iam ter com ele.

e declarou que na visitação que fez o provisor o ano passado houve quem foi denunciar dele acusando-o desta matéria, e que não se procedeu contra ele por não haver prova bastante

e sendo perguntado respondeu que nenhuma pessoa lhe viu cometer as ditas culpas de que se confessa.

e perguntado se dizia ele a estas pessoas com quem pecava que cometer aquelas torpezas não era pecado respondeu que não, mas que alguns deles entendiam ser pecado, e alguns por serem pequenos o não entenderiam mas que ele confessante sabe muito bem quão grandes pecados sejam estes que tem cometido, e deles esta muito arrependido e pede perdão e do costume disse nada

e foi admoestado que se afaste da conversação destas pessoas e de qualquer outra que lhe possa causar dano em sua alma sendo certo que fazendo o contrário será gravemente castigado e lhe foi mandado que torne a esta mesa no mês de setembro o primeiro que vem e assinou aqui com o senhor visitador

e pelo dito juramento declarou que é cristão velho de todos os costados e natural de Braga filho de Janalvarez pichaleiro e de Maria Goncalves já defuntos.

e que na dita cidade de Braga há vinte e tantos anos cometeu ele e consumou o pecado de sodomia uma vez com um Francisco Dias estudante filho de Aires Dias serralheiro metendo seu membro desonesto pelo seu vaso traseiro, dormindo com ele por detrás como um homem dorme por diante com uma mulher pelo vaso natural.

e assim cometeu os tocamientos desonestos com outras pessoas pelo qual caso foi denunciado pelo ordinário na dita cidade e foi degradado para as galés e sem cumprir o dito degredo foi ao Cabo Verde onde também foi acusado por tocamientos torpes que teve com dois mancebos e por apresentar uma demissória falsa pelo que foi enviado preso a Lisboa onde pelas ditas culpas foi sentenciado e condenado em degredo para sempre nestas partes do Brasil.

e estando nesta cidade foi também acusado pelo mesmo pecado que cometeu com Diogo Martinz que ora é casado com a padeira Pinhera moradora nesta cidade junto de Nossa Senhora de Ajuda de que saio absoluto por não haver prova.

E outrossim foi acusado nesta cidade por quatro ou cinco testemunhas com quem teve os ditos tocamientos desonestos s[cilicet] Antônio Alvarez Manoel Alvarez seu irmão, os quais ora são mestres de açúcar e os mais que não conhece, nem sabe deles, e deste caso saiu condenado em condenação pecuniária que pagou e em suspensão das ordens por certo tempo que já lhe é levantada.

e por não dizer mais o Senhor visitador o admoestou muito que pois era sacerdote pastor de almas e tão velho pois disse que é de sessenta e cinco anos de idade pouco mais ou menos e tem passado tantos atos torpes em ofensa de Deus Nosso Senhor e ainda há um só mês que os deixou de cometer que se afaste deles e das ruins ocasiões e torne a esta mesa no dito tempo que lhe está mandado, e ele disse que assim o faria e assinou aqui Manoel Francisco Notário do Santo Ofício o escrevi — Heitor Furtado de Mendonça — Frutuoso Alvarez.



## **Confissão de Niculau Faleiro de Vasconcelos Cristão velho na qual diz contra sua mulher dona Ana [Alcoforado] cristã nova no tempo da graça.**

29 de Julho de 1591

disse, que haverá ano e meio pouco mais ou menos, que falecendo-lhe em sua casa um seu escravo sua mulher dele denunciante [sic] lhe disse que era bom vazar fora a água dos cântaros, e que ele lhe respondeu que isso eram agouros que não cresse neles e não é lembrado se a deitaram então fora.

e que depois disso haverá obra de sete ou oito meses que lhe faleceu em casa outro seu escravo e então vindo ele de fora perguntara a dita sua mulher se lançara já fora a água dos cântaros e ela lhe respondeu que sim e ele confessante nesta segunda vez consentiu e aprovou o dito derramamento da água dos cântaros porém que ele não entendeu ser isto cerimônia dos judeus nem o consentiu com essa tenção, nem sabe com que tenção lançara fora a dita água a dita sua mulher.

E declarou que ele se chama como dito tem e é Cristão velho de todas as partes natural da capitania dos Ilhéus neste Brasil de idade de trinta e sete anos pouco mais ou menos morador em Matoim casado com a dita sua mulher que se chama dona Ana que dizem ser cristã nova da parte de sua mãe de idade de vinte e seis anos pouco mais ou menos filha de Antônio Alcoforado defunto cristão velho segundo dizem e filha de Izabel Antunes, defunta cristã nova a qual Izabel Antunes foi filha de Heitor Antunes mercador e morador que foi em Matoim o qual ouviu dizer que tinha um Alvará dos Macabeus

e por não dizer mais o dito senhor visitador lhe disse que não parece crível que sendo tão conhecida a cerimônia de botar a água fora e sendo ele de bom entendimento, consentisse nela senão com a tenção da lei de Moisés que portanto amoesta com muita caridade que confesse a verdade de sua culpa e a tenção que teve em consentir na dita cerimônia de lei de Moisés por que fazendo-o assim está em tempo de graça no qual receberá larga misericórdia.

e ele respondeu que tem dito a verdade que ele não sabia ser aquilo cerimônia dos judeus mas que ontem [28 de Julho] ouviu na Sé publicar o édito da fé e ouviu ler nela esta cerimônia e por isso a entendeu, e soube e vem agora a acusar se nesta mesa e pedir nela misericórdia.

e mais não disse e do costume disse o que dito tem e que está bem casado e amigo com a dita sua mulher e foi lhe mandado ter segredo sob cargo do juramento que recebeu e ele assim o prometeu e foi lhe mandado que tornasse a esta mesa por todo este mês de agosto que vem.

E declarou sendo perguntado que a dita sua mulher dona Ana nunca lhe disse nem fez coisa em que entendesse dela má tenção contra nossa santa fé católica mas antes sempre lhe viu fazer obras de boa cristã rezando a nossa senhora e fazendo romanas, e devoção e jejuando às vésperas de nossa Senhora e fazendo esmolas e obras de que teme a Deus e a tem por muito boa cristã e virtuosa.

e assinou aqui com ele senhor visitador e declarou mais que a dita sua mulher e as primas e tias dela são casadas com homens fidalgos e principais e cristãos velhos e que por elas serem virtuosas casaram tão bem.

## Confissão de Fernão Gomez cristão novo no tempo da graça

30 de Julho de 1591.

disse que ele é cristão novo de pai e de mãe natural de vila real filho de Lançarote Guomez alfaiate e de sua mulher Lianor Dias defuntos, casado com Guiomar Lopez alfaiate, de idade de sensenta (sic) anos pouco mais ou menos morador nesta cidade detrás da sé, que haverá dois anos e meio pouco mais ou menos que dentro na igreja de Nossa Senhora Dajuda desta cidade para a qual ele costumava a tirar esmola, e vindo ele a dita igreja onde por suas ocupações havia alguns dias que ele não tinha vindo tirar a dita esmola e administrar o serviço da dita nossa senhora e achando que no dito tempo da sua falta não se havia tirado a dita esmola nem se tinha procurado tanto o servido do altar da dita senhora ele confessante disse perante algumas pessoas que lhe não lembram, estas palavras, coitado do serviço de Nossa Senhora se eu não fosse e que destas palavras pedia perdão dentro neste tempo da graça, e que declarava que algumas pessoas lhe dizem que ele disse coitada de Nossa Senhora, porém que ele confessante não disse tal palavra, e outrossim confessando se disse que haverá nove anos pouco mais ou menos que nesta cidade, em casa de Lesuarte de Andrade levando lhe ele uma obra vindo a falar sobre ela ele confessante disse eu sou alfaiate que não furto e neste caso não devo nada a nenhum homem, nem mulher, nem à minha alma, nem a Deus e que estas são as palavras que ele disse e que delas pede perdão neste tempo da graça e declarou que ele ouviu depois dizer que ele que dissera que não, digo que logo o dito Lesuarte de Andrade lhe disse logo não sois vós tão cristão velho que digais que não deveis nada a Deus, mas que ele confessante quando disse que não devia nada a Deus, era com tenção de não furtar em seu ofício e mais não disse e lhe foi mandado que tenha muito resguardo em suas palavras e diga sempre palavras de bom e verdadeiro cristão

## **Confissão de Baltezar Martinz Florença cristão velho de se casar duas vezes. No tempo da graça**

31 de Julho de 1591 .

disse chamar-se do dito nome e ser cristão velho natural das Florenças termo da vila da Calheta na ilha da Madeira filho de Gaspar Martins Preto e de Violante de Florença d'Abreu defuntos, mestre de açúcares, de idade de quarenta e dois anos, morador em Quotolgipe desta capitania

e confessando se disse, que haverá vinte e seis anos que ele recebeu por sua mulher na cidade do Funchal da ilha da Madeira a Isabel Nunes de Grados natural da dita cidade filha de Francisco Preto de Sá defunto, dentro na Sé da dita cidade, e os recebeu o cura que então era na dita Sé cujo nome lhe não lembra, e ele confessante disse as palavras do matrimônio que recebia a dita Isabel Nunez por sua mulher como manda a Santa madre igreja e outrossim dizendo ela que recebia a ele por marido como manda a Santa madre igreja e foram padrinhos e madrinhas que os acompanharam no dito recebimento Manuel de Florença cidadão, e Gonçalo Ruiz Jardim cidadão moradores na dita cidade e assim madrinhas e outras testemunhas foram presentes cujos nomes lhe não lembra.

e depois de assim serem recebidos fizeram vida marital de umas portas a dentro por espaço de seis meses, e sendo passados os ditos seis meses, veio a notícia dele confessante que a dita Izabel Nunez era casada por palavras de presente em face da igreja, na cidade de Tangere com um Bento da Veiga e que sendo assim casados o dito Bento da Veiga viera a ilha da Madeira, e depois viera aí também ter a dita Isabel Nunez e ambos na dita cidade do Funchal andaram em demanda perante o bispo e ela fez prender ao dito Bento da Veiga e enfim se deu sentença por ela em que se mandava ao dito Bento da Veiga fazer vida com ela de que o dito Benito da Veiga apelou e depois não sabe ele confessante que fim houve apelação.

viu ele confessante estar na dita cidade ao dito Bento da Veiga com uma outra mulher que se chamava Fulana Ferreira como casados de uma porta a dentro e por tais eram tidos.

e sem ele confessante saber que o dito Bento da Veiga tinha passado dito casamento com a dita Isabel Nunez ele confessante se havia casado com ela como dito tem.

e vindo o sobre dito a sua notícia o sobredito e outro si vindo a sua notícia que além do parentesco do quarto grau, em que estavam, e sua avó dela Isabel Nunes Florença ser prima com irmã de Manoel Florença avô dele confessante, do qual já tinham dispensação do núncio, tinham mais outro impedimento de parentesco no quarto grau por parte do avô dela Aires Preto de Sá, primo com irmão de Constança Anes Preta avô dele confessante, ele confessante se veio para estas terras do Brasil, e deixou a dita sua mulher Isabel Nunes,

e depois de estar ele confessante estar nestas partes do Brasil seis ou sete anos veio a sua notícia que a dita sua mulher fazia mal de si e sabendo ele bem que ela estava viva ele se casou nesta vila velha digo em Vila Velha desta capitania com Susana Borges Pereira filha de Fernão Borges Pacheco comendador da Facha em Ponte de Lima de São Testevão em Portugal já defunto e a recebeu na igreja de Vila Velha com ele o vigário que então era Marçal Ruiz na forma que se costumam receber dizendo as palavras de presente, como se ele não tivera a dita sua primeira mulher ainda viva, e neste segundo casamento foram padrinhos e madrinhas Fernão Cabral de Taíde e Bastião de Faria, Maria Barbosa defunta mulher que foi de Francisco de Barbudo e sua irmã Violante Barbosa mulher de Francisco Ruiz dourens todos moradores nesta capitania e outras muitas testemunhas foram presentes neste segundo casamento, como Francisco d'Araújo, e Francisco de Barbudo moradores nesta cidade, e outros, e depois de assim estar recebida esteve com ela como casados alguns seis ou sete anos havendo dela filhos.

e sabendo se isto na dita Ilha da Madeira a dita sua primeira mulher Isabel Nunes enviou a esta cidade um precatório do bispo pelo qual ele foi mandado à dita ilha onde foi preso por este caso e sendo sentenciado em dois anos de degredo para galés e que fizesse vida com a primeira mulher ele confessante antes de cumprir isto fugiu da cadeia.

e andando ausente daí a dois anos lhe foi dito que a dita sua primeira mulher era falecida, pelo que se tornou a esta cidade e sem fazer antes de

vir mais diligência sobre a dita morte se tornou a receber de novo com a dita Susana Borges Pereira com a qual tornou a estar de umas portas a dentro fazendo vida marital e os tornou a receber o cura que então era da igreja de Cahipe, desta capitania sendo padrinho Diogo Correa de Sande já defunto e outras testemunhas que lhe não lembram, e declarou que este segundo recebimento da dita Susana Borges fez com licença do bispo desta cidade por lhe constar por testemunhas que a dita primeira mulher era já morta.

e depois de assim estar recebido de novo com a dita Susana Borges foi denunciado dele na visitação que fez o vigário geral o ano passado, dizendo-se, que ainda ao tempo deste derradeiro recebimento era viva a dita sua primeira mulher na Ilha da Madeira, e por este caso está ora apartado da dita Susana Borges e se livra perante o bispo nesta cidade solto sobre fiança.

e que de toda a culpa que ele confessante neste caso tem cometida pede perdão e misericórdia pois se vê confessar neste tempo que é de graça e que da culpa que tem cometido está muito arrependido. E foi lhe mandado que tivesse segredo sob cargo do juramento que recebeu e do costume não mais do que tem dito.

[À margem:] Já é sentenciado pelo Bispo e degradado.

## **Confissão de Pero Teixeira Cristão novo no tempo da graça**

2 de Agosto de 1591

disse ser Cristão novo filho de Jorge Ruiz Navaro e de Caterina a Rana moradoras nazinhagua natural datouguia em Portugal, solteiro mercador de idade de dezoito anos pouco mais ou monos morador nesta cidade

e confessando disse que haverá dois meses que o bispo desta cidade o mandou prender e depois de o ter preso três ou quatro dias o mandou soltar e ir perante si e o repreendeu de palavra e lhe mandou dar quatro cruzados de esmola à confraria do Santíssimo Sacramento dizendo que algumas testemunhas diziam que ele confessante tinha dito havia dois ou três anos que uma bula que estava em uma igreja com os selos pendentes parecia carta de éditos com chocalhos pendurados porém que ele confessante não é lembrado formalmente que tais palavras disse mas que como ele era moço as poderia dizer simplesmente

pelo que caso que as teria dito confessa sua culpa e pois este tempo é da graça pede perdão e misericórdia

## **Confissão de Fernão Cabral de Taíde Cristão velho no tempo da graça.**

2 de Agosto de 1591.

disse ser cristão velho natural da cidade de Silvis no reino do Alguarue filho de Diogo Fernandez Cabral e de sua mulher dona Ana d' Almada defuntos casado com Dona Margarida da Costa de idade de cinquenta anos morador na sua fazenda de Jaguaripe nesta capitania e confessando disse que haverá seis anos pouco mais ou menos que se levantou um gentio no Sertão com uma nova seita que chamavam Santidade havendo um que se chamava papa e uma gentia que se chamava mãe de Deus e o sacristão, e tinham um ídolo a que chamavam Maria que era uma figura de pedra que nem demonstrava ser figura de homem nem de mulher nem de outro animal, ao qual ídolo adoravam e rezavam certas coisas por contas e penduravam na casa que chamavam igreja umas tábuas com uns riscos que diziam que eram contas bentas e assim ao seu modo, contrafaziam, o culto divino dos cristãos,

e estando este gentio assim alevantado ele confessante mandou gente de armas para o fazerem vir do Sertão com a qual gente se viu grande parte do gentio ficando lá o que chamavam o Papa e ele confessante consentiu que o dito gentio se aposentasse em uma sua aldeia dentro na dita sua fazenda onde é morador e nela se aposentou o gentio e fez casa a que chamavam igreja onde puseram o ídolo e faziam suas cerimônias como atrás fica dito

e uma vez foi ele confessante a dita chamada igreja e entrou dentro amimando e honrando aqueles gentios e tratando os bem porque não entendessem que lhes havia de fazer mal e que isto consentiu

e que não lhe lembra se uma se muitas vezes, que o dito mestre ensinou a todos os discípulos na escola que, quando se benzeessem dissessem desta maneira In nomine, patris, descendo com a mão da testa até baixo do peito dizendo que aquela dianteira do rosto até baixo do peito representava a pessoa do padre, então et filii pondo a mão no ombro direito dizendo que representara, o filho estar a destra do padre, então, et spiritus sancti, pondo a mão no ombro esquerdo representava o espírito Santo e na boca, pondo uma cruz com os dedos, unus Deus, e alegava que no credo dizemos filium



ejus, et qui sedet ad dexteram patris, e que David no salmo diz dixit dominus domino meo sede adexteris meis, e no símbolo de Atanásio sedet ad dexteram dei patris, e noutros versos da igreja qui sedes adexteram patris miserere nobis

e assim lhes ensinava o dito frade seu mestre que quando se benzesem havuam de nomear o filho a destra no ombro direito, e não abaixo do peito, como Gênesis Alfonso em um seu livro ensina dizendo que o dito Genésio Alfonso não era Santo non se lhe havia de dar mais crédito que as sobreditas autoridades e que ainda que o outro modo de benzer de que os cristãos todos usam nomeando o padre na testa e o filho no peito é bom, contudo que melhor era estoutro modo que ele ensinava nomeando o filho a destra,

e que depois que ouviu esta doutrina ele confessante sempre usou do dito modo de benzer nomeando o filho no ombro direito, até haverá quatro ou cinco anos segundo sua lembrança que ouvindo uma pregação na vila dos Ilhéus a um padre da Companhia de Jesus lhe ouviu dizer nela que Deus não tinha mão direita nem esquerda, e ouvindo ele isto foi ao mosteiro falar com o dito pregador e outros padres e lhe declarou este escrúpulo e eles lhe ensinaram que deixasse o dito modo de benzer e que se benzesse da maneira que os cristãos todos se benzem nomeando o padre na testa e o filho no peito e depois dos ditos padres lhe dizerem isto ele o fez assim sempre

pelo que se tem cometido culpa todo aquele tempo em se benzer daquela maneira que o dito frade seu mestre lhe ensinou crendo ser boa doutrina, pede perdão disso e que se use com ele de misericórdia dando se lhe penitência saudável, conforme a este tempo que é da graça

e sendo perguntado respondeu que não sabe de certeza se o dito frade é vivo ou morto e que se lembra que era tido em boa conta e não sabe de que nação era e do costume disse nada

## Confissão de Maria Lopez cristã nova no tempo da graça

3 de Agosto de 1591

disse ser cristã nova natural de Monxaraz termo d'Évora em Portugal, filha de Fernão Lopez alfaiate do duque de Bagança e de sua mulher Branca Ruiz defuntos viúva mulher que foi de Afonso Mendez cirurgiã do Rei, de idade de sessenta e cinco ou seis anos moradora nesta cidade.

e confessando se disse que em todo o tempo que teve casa até agora quando mandava matar alguma galinha para rechiar ou para mandar de presente a mandava degolar e degolada pendurar a escorrer o sangue por ficar mais formosa e enxuta do sangue e que sempre quando em sua casa se cozinha, digo se assa quarto traseiro de carneiro ou porco lhe manda tirar a lândoa por que se assa melhor e fica mais tenro e não se lhe ajunta na lândoa o sangue encruado e assim mais quando a carne de porco é magra a manda alguma vez a mandou cozinhar laneando-lhe dentro azeite ou grãos na panela com ela e isto mesmo mandou fazer alguma vez a carne de vaca quando era magra

e outrossim disse que tinha nojo e asco as galinhas e a qualquer outra ave que morria de doença,

disse mais que quando morreu seu filho Manoel Afonso meio cônego na sé desta cidade estando ela confessante no nojo e pranto pela morte do dito seu filho que ainda estava morto em casa pediu um púcaro de água e uma sua escrava entrou na Câmara onde ela estava e lhe levou um púcaro grande novo com água e que dona Lianor Mulher de Simão da Gama defunto moradora nesta cidade que presente estava disse as outras mulheres que aí estavam que aquela água que vinha de fora

outrossim disse que haverá doze ou quinze anos que saindo ela do confessionário de se confessar no colégio de Jesus lhe disse Isabel Corea que hora é viúva mulher que foi de Francisco Alverez Fereira moradora nesta cidade que por que se detinha tanto na confissão e que é o que confessava ao que ela confessante respondeu, que se confessava de muitas

mentiras e malícias, e pecados que nela havia e depois disto veio a notícia dela confessante que a dita Izabel Correa, trocando lhe suas palavras dizia que ela lhe dissera que ia confessar que tudo eram mentiras, porém que ela confessante não disse senão como dito tem.

E assim disse mais que haverá cinco anos em dia das cadeias de São Pedro no qual dia se costuma guardar nesta cidade por estar esperando por um seu filho casado de pouco que vinha com sua mulher ela confessante mandou caiar a casa tendo as portas abertas sem má tenção de desprezo mas por lhe vir nova que vinha o dito filho por não acharem a casa suja

outrossim disse que haverá ano e meio que estando para comer com a mesa posta chamando por um seu sobrinho por nome Matias Ruiz que andava sempre com as contas na mão ela confessante lhe disse por algumas vezes que não andasse sempre com as contas na mão que tempo havia de rezar e tempo de comer,

e que todas as ditas coisas tem feito e dito sem malícia e má tenção, e sem saber que eram cerimônias dos judeus pelo que se algumas pessoas que dela sabem isto tem recebido escândalo e tem cometido culpa no sobredito da maneira que diz pede perdão e misericórdia e penitência saudável,

e por não dizer mais dizendo que lhe não lembra mais nada e que lembrando lhe o vira confessar foi lhe dito pelo senhor visitador que algumas das ditas coisas eram conhecidas muito notoriamente serem cerimônias da lei de Moisés e assim o mandar trabalhar no dia santo e dizerem dela que dizia confessar mentiras e mandar também ao dito seu sobrinho que não rezasse sempre com as contas na mão são coisas que mostram não ser ela boa cristã maiormente sendo ela mulher de tão bom entendimento como é e que não é de crer que ela não soubesse que fazer as ditas coisas do quarto de carneiro tirando lhe a lândoa e de cozinhar a carne com azeite e graus eram cerimônias dos judeus e que portanto com muita caridade a admoesta que declare e confesse a verdade de suas culpas e a tenção que teve em fazer as ditas coisas por que fazendo assim está em tempo de graça no qual merecerá larga misericórdia da Santa madre Igreja.

e respondeu que ela nas ditas coisas que tem declarado nunca teve tenção judaica nem tenção do desprezo do dia santo nem de ofender a Deus, mas

que é boa cristã e por mais não dizer lhe foi mandado que tenha segredo e assim o prometeu pelo juramento que tinha recebido.

e do costume disse que houve grandes diferenças com a dita dona Lianor e não se querem bem, e que, a dita Isabel Correa e ela se não querem bem declaro que disse que em algum tempo ela e as sobreditas estiveram muito mal e em ódios porém que ora já se tratam e conversam

e por saber assinar assinou com o senhor visitador e declaro que sendo perguntada pelo senhor visitador que mal entendeu ela da tenção de dona Lianor em dizer que o púcaro d'água lhe vinha de fora respondeu, que entendeu que a dita dona Lianor por lhe não ter boa vontade quis dar a entender que em lhe trazer água de fora era sinal que não havia água em casa querendo dar a entender que ela confessante guardara a cerimônia dos judeus de lançar toda à água fora quando alguém morre em casa mas que ela confessante não fez tal nem se sabe se água lhe veio de fora se de casa.

## **Confissão de Jerônimo de Bairos cristão velho no tempo da graça**

4 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural desta cidade de idade de trinta anos filho de Gaspar de Bairos já defunto e de Caterina Loba que ora é casada segunda vez com André Monteiro morador nesta cidade,

e confessando se disse que haverá três anos pouco mais ou menos que o dito seu padraсто vendeu um pedaço de terra em passe a um Manoel Ferreira morador em passe o qual comprador fez na dita terra lavoura de milho e algodão e sete tarefas de lenha

e que porquanto o dito seu padraсто não tinha ainda feito partilhas com ele e com suas irmãs, da dita terra, um cunhado dele confessante por nome Pero Dias lavrador em cuja casa ele agora é morador me disse que se fosse desforçar, arrancado e danando toda a dita lavoura e obra do dito Manoel Ferreira pelo que ele confessante levou consigo a Bastião negro de Guiné e a Gonçalo, Antônio Arda, Antônio molec, Pedro Angola, Simão Egico, Pedro Ongico, Rodrigo Angola, Lourenço Ongico, Joane Ongico, Duarte Angola, Cristóvão Angola, todos negros de Guiné, Jorge Angola, Francisco Angola, Bastião Gongo, todos negros de Guiné, Francisco da Terra, Manoel da Terra, e Pedro da Terra, todos ao presente vivos escravos cativos do dito seu cunhado Pero Dias, e outrossim um negro por nome Antônio de Guiné cativo também do dito seu cunhado que haverá quatro ou cinco meses que o mataram

e ele com todos os sobreditos puseram o fogo nas ditas tarefas de lenha e arrancaram e destruíram toda a dita lavoura

e depois disto feito o dito Manoel Ferreira tirou uma carta de excumunhão, a qual se publicou e nunca ele confessante nem os ditos ajudadores saíram a dita de excumunhão e do dito tempo até agora passaram já duas quaresmas e nas confissões que ele confessante fez pela obrigação da igreja nunca confessou este pecado de ter feito o dito dano e o calou sempre entendendo muito bem e remordendo lhe a consciência que o não calasse e nunca declarou a dita excumunhão e se deixou andar excomungado todo este

tempo que há mais de dois anos, e que desta culpa pede perdão e remédio saudável usando se com ele de misericórdia.

## **Confissão de Catarina Mendez cristã nova no tempo de graça.**

5 de Agosto de 1591

disse chamar-se do dito nome e ser cristã nova natural de Lisboa filha de Fernão Lopez alfaiate do duque de Barchina e de sua mulher Branca Ruiz defuntos casada com Antônio Serrão moradores nesta cidade de idade de cinquenta e um anos.

e confessando-se disse que haverá vinte e quatro anos que sendo ela já casada indo visitar Luísa Correa mulher de Pero Teixeira já defunto moradora em Toquetoque desta capitania estando também presente Paula Serrão mulher que foi dome (sic) Medeiros sogra do mestre da capela e uma mourisca que veio degradada a esta terra a que não sabe o nome e que é já defunta ela confessante perante eles disse que um agnus dei que tinha ao pescoço gabando lho muito, dizendo ela que um padre de São Francisco lho dera em muita estima e lhe disse que quando o papa os benzia que era com grande aparato com os cardeais revestidos de pontifical, e querendo-o ela confessante encarecer a muita estima em que o tinha disse que o tinha em tanta veneração como a uma hóstia

ao que lhe replicou uma mourisca sobredita que não dizia bem e contudo ela confessante tornou a retificar o seu dito e nele ficou, e que dissera as ditas palavras e as retificara simplesmente de que ficou depois muito arrependida

E a dita mourisca a foi acusar perante o bispo passado, o qual deu sentença no caso e que segundo sua lembrança lhe parece que saiu absoluta, e contudo ela vem pedir perdão a Santa madre igreja e que se use com ela de misericórdia neste tempo de graça

Sabia ler e não escreve, pelo que a seu rogo assinou o Notário.

## **Confissão de Catarina Fernandez cristã velha no tempo da graça.**

9 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha, natural de Estremoz que veio a esta cidade degradada por cinco anos por ser culpada na morte de um homem a que matou o pai de uma sua filha e ser filha de Pero Fernandes almocreve e de sua mulher Maria Lopes defunta casada com Gaspar Ruiz, homem do mar marinheiro, costureira moradora no Monte Calvário junto desta cidade de idade de trinta anos

e confessando se disse que haverá ano e meio que em dia de Nossa Senhora da Conceição pela manhã morando ela em Piraia desta capitania se confessou ao Capelão do engenho da cidade Pantaleão Gonçalves e dele recebeu o Santíssimo Sacramento

e depois indo para sua casa lhe lembrou seu marido que ela antes de ir para a igreja tinha comido uma talhada de ananás, e ela vendo também as cascas no chão lhe lembrou então que tinha comido uma talhada de ananás antes de ir comungar e então teve grande arrependimento e se tornou a confessar a um padre da companhia o qual, lhe deu em penitência que trouxesse um cilício quinze dias, e rezasse cinco vezes o rosário e outras tantas à coroa de Nossa Senhora e jejuasse três sábados a pão e água a qual penitência ela cumpriu e que ora pedia misericórdia nesta mesa conforme a este tempo de graça

e por não dizer mais foi perguntada pelo senhor visitador se crê que no Sacramento da Eucaristia consagrada a hóstia está o verdadeiro corpo de Cristo Nosso Senhor e que a igreja santa condena por hereges os que o negam e se quando tomou o Santíssimo Sacramento tendo comido sabia que estava nele o corpo de Cristo Nosso Senhor ou se duvidou disso, e respondeu que ela crê que no Sacramento da Eucaristia está o verdadeiro corpo de Cristo, e que tem por herege quem o negar e que quando ela o recebeu não duvidou nada mas antes o recebeu para salvação de sua alma

e sendo mais perguntada respondeu que quando se confessou e comungou no dito dia de Nossa Senhora não lhe lembrou que tinha comido e que não



tinha comido mais que uma talhada de ananás e que com a cólera e agastamento que levava contra seu marido com quem pelejara lhe não alembrou

e que nunca esteve em terra de Luteranos, nem tratou com eles e que sabia muito bem que se há de comungar em jejum e que a isso estava obrigada e que está prestes para receber penitência

Por não saber escrever, assinou o Notário, a seu rogo.

## Confissão de Fernão Ribeiro índio do Brasil no tempo da graça

12 de Agosto de 1591

por querer confessar sua culpa nesta mesa e ele ser do gentio desta Bahia que não sabe a língua portuguesa foi presente o Padre Francisco de Lemos religioso da companhia de Jesus por seu intérprete e declarador que sabe a sua língua e lhes foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que puseram as mãos direitas, sob cargo do qual prometeram dizer verdade etc.

pelo dito intérprete disse que é cristão há seis ou sete anos filho de gentios pagãos morador na aldeia de São João de idade de cinquenta anos e confessando-se disse que haverá dois anos que dizendo lho outro gentio por nome Simão que os cristãos que comungavam tinham de costume usar de caridade dando esmolas e favores aos próximos e que tem eles entre si que os que comungam são os homens mais virtuosos, então ele confessante respondeu ao dito Simão que naquele Sacramento da comunhão estava a morte, e que quem comungava recebia a morte e isto disse uma só vez e depois de o ter dito ficou muito arrependido, e lhe pesou muito de o Diabo lhe fazer dizer tão ruim palavra

e que sabendo isto o padre superior da dita aldeia João Álvares da companhia de Jesus que tem cuidado de os doutrinar e instruir na fé, o prendeu e penitenciou e o mandou estar em público na igreja pedindo perdão a todos e tomando disciplina ao que ele satisfez e ora dentro neste tempo de graça vem pedir perdão a Santa madre igreja e que se use com ele a santa madre igreja, digo de misericórdia

e sendo mais preguntado respondeu que ele crê que na hóstia consagrada esta o verdadeiro corpo de Cristo e vida e saúde das almas e que os homens morrem neste mundo e suas almas vão ou à glória ou o inferno, segundo seus feitos merecem e que isto lhe ensina o dito padre.

## **Confissão de Clara Fernandes meia cristã nova no tempo da graça**

14 de Agosto de 1591

disse ser cristã nova meia natural de Castelo Branco em Portugal filha de Antônio Ruiz Paneiro cristão novo e de sua mulher Gracia Diaz já defuntos ela era cristã velha, viúva mulher que foi de Manoel Fernandes carcereiro, cristão velho estalajadeira que dá de comer em sua casa de idade de quarenta anos moradora nesta cidade

e confessando se dentro neste tempo da graça disse que ela veste alguns sábados camisa lavada quando tem a do corpo cuja por respeito do serviço de estalajadeira e assim a veste lavada todos os mais dias da semana em que se lhe oferece tela, por limpeza do dito ofício, e que isto faz sem ter tenção alguma ruim somente por limpeza e não por cerimônia nem guarda dos sábados

e disse que Isabel Ruiz a boca torta lhe deve mil e oitocentos rs. que lhe emprestou sobre um conhecimento que lhe fez e ora lhe nega a dívida e trazem demanda e é sua inimiga e lhe alevanta falsos testemunhos infamando-a dizendo que ela é uma judia e que ajunta as panelas de toda a semana e as quebra ao sábado e que tem um crucifixo e o acouta, e tudo isto ela confessante nega e diz serem falsidades que lhe alevanta a dita sua inimiga e por isso não pede disto perdão nem o confessa por culpa somente confessa vestir alguns sábados camisa lavada como dito tem sem ruim tenção e se nisso tem culpa pede misericórdia.

e por não dizer mais e ser perguntada respondeu que não conhece parente algum seu que fosse preso ou penitenciado pelo Santo Ofício e foi admoestada pelo senhor visitador que faça confissão inteira e verdadeira de suas culpas pois está em tempo da graça para a merecer e alcançar, respondeu que não tinha mais que dizer do que dito tem.

Por não saber escrever o Notário assinou a seu rogo.

## **Confissão de Maria Lopez cristã nova no tempo da graça**

16 de Agosto de 1591

apareceu sem ser chamado dentro no tempo da graça Maria Lopez viúva mulher que foi de mestre Afonso Mendez e a qual já fez confissão neste livro folhas 10 e pelo juramento dos Santos Evangelhos em que tornou a por sua mão direita declarou que lhe lembrara mais que haverá dez anos estando ela em prática com certas pessoas que lhe não lembram uma delas veio a falar em mestre Roque cristão novo d'Évora que estando preso na Inquisição se degolou, ou matou por sua mão e a isto respondeu ela confessante que lhe parecia que aquela morte fora para ele mais honrada e que da culpa que nisto tem em dizer esta palavra simplesmente pede perdão e misericórdia

e sendo perguntada respondeu que a sua tenção era entender que se o dito mestre e o que fora queimado teria morte mais desonrada e que não teve outra tenção nem malícia e que não sabe que algum parente seu fosse penitenciado ou preso pelo Santo Ofício

## **Confissão de Jerônimo de Parada estudante Cristão velho na graça**

17 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural desta Bahia filho de Domingos Lopez carpinteiro da Ribeira e de sua mulher Lianor Viegas morador nesta cidade de idade de dezessete anos

e confessando-se disse que há dois ou três anos em dia de pascoa à tarde foi ele confessante a casa de Frutuoso Alvarez clérigo de missa homem velho que tem já a barba branca por ter amizade com seu pai e com seu irmão e o dito Frutuoso Alvarez o começou apalpar dizendo lhe que estava gordo e outras palavras meigas e lhe meteu a mão pelos calções e lhe apalpou a sua natura alvoraçando lha com a mão e lhe tirou os calções fora e o levou a sua cama, e o dito clérigo tirou também os seus e se deitaram ambos sobre a cama e o dito clérigo ajuntou a sua natura com a dele confessante e com a mão solicitava ambas as naturas juntas por diante a ter poluição, porém daquela vez não teve poluição nenhum deles,

e depois daquela vez há muito tempo sendo o dito Fructuoso Alvarez vigário da igreja de Matoim foi ele confessante para casas de seu pai que morava meia légua além de Matoim por chegar de noite a Matoim se foi agasalhar a casa do dito Frutuoso Alvarez e se lançou na cama com ele o qual começou apalpá-lo também a provocar lhe e fazer o mesmo como da outra vez ele confessante da mesma maneira apalpava com a mão a natura do dito clérigo e desta segunda vez não houve também mais que ajuntamentos por diante

e depois disto muitos dias aconteceu que veio o dito Frutuoso Alvarez a esta cidade e se agasalhou em casa da avó dele confessante e por eles ficarem ambos sós lhe disse o dito Frutuoso Alvarez que fizessem como das outras vezes e que ele respondeu que não queria e ele então lhe deu um vintém e por ele se não contentar com um vintém lhe deu mais outro vintém, então ambos tiraram os calções e se deitaram em cima da cama e depois de terem feito por diante como das outras vezes o dito clérigo se deitou com a barriga para baixo e disse a ele confessante que se pusesse em cima dele e assim o

fez e dormiu com o dito clérigo carnalmente por detrás consumando o pecado de sodomia metendo seu membro desonesto pelo vaso traseiro do clérigo como um homem faz com uma mulher pelo vaso natural por diante e este pecado consumou tendo poluição como dito tem uma só vez e disto disse que pedia perdão e se confessava dentro neste tempo de graça

e perguntado se alguma pessoa o viu ou ouviu disse que não e perguntado se lhe disse que cometer aquelas torpezas não era pecado disse que lhe disse que era pecado e que se confessasse a ele que ele o absolveria

e sendo perguntado se sabia ele confidente que aquilo era pecado respondeu que se sabia

e sendo mais perguntado disse que ouviu que o dito Frutuoso Alvarez era amigo de fazer estas torpezas com moços e já por isso viera degradado do reino e do costume disse nada

e foi admoestado pelo senhor visitador que se afaste da conversação de semelhantes pessoas que lhe possam causar dano em sua alma sendo certo que fazendo o contrário será gravemente castigado e por dizer que já estava emendado e havia muito tempo que deixara o dito pecado foi lhe mandado que se confesse ao Padre guardião de Santo Antônio digo de São Francisco e que traga escrito a esta mesa

e declarou que não se quis confessar ao dito Frutuoso Alvarez, e que já se confessou destes pecados os padres da Companhia e o absolveram e cumpriu as penitências e se mostrou arrependido.

## Confissão de Catarina Mendez cristã nova no tempo da graça

18 de Agosto de 1591

declarou que lhe lembraram mais algumas coisas de que se quer confessar dentro neste tempo da graça e confessando-se disse que no tempo que ela esteve em Perabasa que foi vigário Marçal Ruiz que ainda agora o é ela confessante quatro ou cinco sábados vestiu camisa lavada e beatos lavados e pôs na cabeça toalhas lavadas para ir à igreja ouvir missa por quanto o dito vigário não dizia missa senão de quinze em quinze dias aos sábados

E outro se confessando se disse que todas as vezes que em sua casa até agora se assavam quartos traseiros de rês miúda lhe mandava tirar a lândoa por quanto Antônio Alvarez cozinheiro da rainha lhe ensinou que era isto bom para a carne ser bem assada e por isso ela também o ensinou a outras pessoas e estas coisas fez sem ter nelas má tenção

e pelo senhor visitador foi admoestada com muita caridade que pois isto eram cerimônias de judia e ela é da nação dos cristãos novos e mulher de bom entendimento que presume dela que as fazia por guardar a lei de Moisés e que por tanto para alcançar misericórdia e a graça deste tempo faça confissão inteira e verdadeira

e ela respondeu que é boa cristã, e que não fez as ditas coisas com tenção de judia e que não tinha mais que confessar e que fez as ditas coisas pelas razões que tem dito e que se por as fazer com a dita boa tenção ela caiu em alguma culpa pede perdão e misericórdia com penitência saudável

e foi perguntada se sabe algum parente seu que fosse preso ou penitenciado pelo Santo Ofício respondeu que o não sabe

## **Confissão de Roque Garcia. No tempo da graça**

19 de Agosto de 1591

Confessando se disse que haverá cinco meses estando ele em Cerezipe donde é capitão Thomé da Rocha disseram uns negros que os gentios tinham mortos os quatro ou cinco homens que estavam em um barco em o rio de São Francisco e que o queimaram ao barco

e dizendo o capitão que os negros mentiram respondeu ele confessante que tanto cria ele no que diziam aqueles negros como no Evangelhos de São João, sendo presente Antônio Fernandes, casado na Ilha Terceira, soldado em Ceregipe o qual o repreendeu e ele se calou

e disse aquelas palavras parvoamente e pede delas perdão e penitência saudável com misericórdia e disse que não deu conta disto a outrem e foi-lhe mandado ter segredo e que atente como fala e fale palavras de bom cristão que não deem escândalo e lhe não causem dano em sua alma e se vá confessar a um padre da companhia e traga escrito, e cumprirá a penitência que lhe derem



## Confissão do doutor Ambrozio Peixoto de Carvalho cristão velho no tempo da graça

20 de Agosto de 1591

confessando disse ser cristão velho natural de Guimarães filho do Doutor Gonçalo Viaz Peixoto desembargador da casa do cível e de sua mulher Madalena de Carvalho de idade de trinta e sete anos casado com Dona Beatiz de Taíde morador nesta cidade,

e confessando disse que ontem à tarde no colégio da companhia de Jesus estando fazendo umas contas com Antônio Nunez Reimão mercador, quis o dito mercador que se desse crédito a uns assinados de mestres e feitores de um engenho de açúcar

e ele confessante não queria senão que se desse crédito a um caderno que mostrava e sobre isto acendido em cólera e agastamento na porfia que tinham disse sem deliberação que ainda que São João Evangelista lhe dissesse o contrário do que se continha no dito caderno lho não creia

e depois de acabadas as porfias o Padre Quericio que estava presente lhe lembrou que dissera ele aquelas palavras, e então sentiu ele que dissera mal nelas sem considerar o que dizia e por isso pede perdão

e por ser dentro no tempo da graça foi admoestado em suas práticas seja atentado como também convém a qualidade de sua pessoa e que se confesse desta culpa a seu confessor e cumpra a penitência espiritual secreta que ele lhe der

*Era do desembargo de Sua Majestade e provedor mor dos defuntos e ausentes, genro de Fernão Cabral de Taíde e de sua mulher D. Margarida da Costa.*

## **Confissão de Fernão Pirez que tem dúvida se é meio cristão novo no tempo da graça**

20 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho da parte de seu pai e tem dúvida se é cristão novo da parte de sua mãe, natural da cidade do Porto solteiro que está ora jurado para casar com Luísa d'Almeida de idade de quarenta anos morador nesta cidade filho de Salvador Pires e de sua mulher Ana Ruiz defuntos

e confessando disse que algumas vezes assando se eu sua casa quartos de carneiro lhe tirou a lândoa para se assar melhor e alguns sábados vestiu camisa lavada por limpeza somente como costuma a vestir quase todos os dias da semana e as ditas coisas sem nenhuma má tenção

e disse que por ele ser engenhoso sem aprender costuma fazer cadano pela quaresma uma imagem de Cristo de bulto de barro para se por na semana santa em alguma igreja e quando as está fazendo fala algumas palavras descortesias às suas negras e a outras pessoas mas não que as fala em desprezo da imagem.

e outrossim às vezes estando à mesa comendo com outros a saber Manoel Ruiz Ribeiro mercador, Diogo Martins ao tempo que um Mãe com o copo para beber os outros lhe dão traques e assim os deu ele algumas vezes ao tempo que os outros bebiam e isto fazia sem tenção de ofender a Cristo e destas coisas que fez sem má tenção da culpa que tem pede perdão neste tempo da graça

e por não dizer mais foi admoestado que faça confissão inteira e verdadeira porque as ditas cerimônias são conhecidas serem dos judeus quanto mais que ele é de bom entendimento, respondeu que tem dito a verdade e que é muito bom cristão e não teve tenção judaica.

## João Serrão, cristão novo

22 de Agosto de 1591

confessando disse que ele é cristão novo inteiro filho de Francisco de Chaves cristão novo alfaiate e de sua mulher Clara Seram cristã nova moradores em Bargarça ele defunto e ela viva e que sendo isto assim ele veio um dos dias passados a esta mesa a denunciar cuja denunciação está no primeiro livro dos denunciações desta visitação

e sendo perguntado por ele senhor visitador sob cargo de juramento que tinha recebido se era cristão velho ou novo ele confessante falsamente respondeu que era cristão velho de todas as partes e assim se escrevera e isto fizera por ele estar casado nesta cidade com uma mulher cristã velha de gente nobre limpa e abastada e ele ser tido de todos por cristão velho e ser cidadão que já foi almotacel desta cidade ávido em boa conta e de honrado porém que há verdade é como aqui tem confessado ser cristão novo inteiro

e que da culpa que cometeu e perjúrio nesta mesa calando a verdade e dizendo a dita falsidade pede perdão neste tempo da graça e está muito arrependido e deu mostras de arrependimento

e sendo perguntado pelo Senhor visitador se o induziu alguém a dizer a dita falsidade nesta mesa, respondeu, que ninguém e que ninguém o sabe senão o seu confessor a quem se confessou ontem desta culpa

e sendo mais perguntado disse que quando ele cometeu a dita culpa nesta mesa sabia muito bem a verdade e que não conhece tio nem parente seu que fosse preso nem penitenciado pelo Santo Ofício e que nas outras mais coisas que denunciou na dita denunciação falou verdade.

## **Confissão do Licenciado em artes Bertolameu Fragoso no tempo da graça**

28 de Agosto 1591

disse ser cristão velho natural de Lisboa filho de Amador Fernandes alfaiate e de sua mulher Victória Fragosa moradores na rua Nova de Lisboa solteiro, licenciado em artes de idade de vinte e cinco anos morador nesta cidade

e confessando se disse que haverá sete ou oito meses pouco mais ou menos que havendo umas diferenças no curso das artes entre ele e seu mestre acerca de uma conta da circunferência e diâmetro da terra dizendo ele confessante que a dita conta feita por ele conforme certas opiniões que ele seguia estava certa e o dito mestre dizia que ele que errava na dita conta com palavras de escândalo

e saindo ele confessante do curso a porta dos estudos lhe disse o licenciado Domingos Pires que a dita sua conta estava errada, pelo que ele confessante se agastou e agastado disse estas palavras, tão certo estou nestas contas que dado caso que que viesse Cristo e me dissesse não ser assim cuidou lhe não daria crédito a mo dizer, sendo testemunhas presentes o Licenciado, Domingos Pires, e o mestre em artes Julho Pereira natural de São Thomé que ora vai para o reino e o licenciado Bertolameu Madeira

e logo o dito Domingos Pires o repreendeu, e ele confessante entendeu consigo que era verdade que falara mal e lhe pesou muito de as ter ditas, e depois dito espaço de um mês foi ele confessante confessar esta culpa ao bispo deste estado do Brasil o qual o repreendeu de palavras e nunca mais procedeu em nada que ele saiba sobre isto

e assim mais confessou que lendo ele por uma Diana de Monte Maior lhe disseram que era proibido aquele livro e seu embargo disso ele o acabou de ler depois de ouvir que era proibido

e sendo mais perguntado disse que uma só vez disse aquelas palavras à porta do estudo e as disse com cólera e depois disso as não tornou a repetir nem as disse mais outra vez e que quanto ao livro de Diana já o rompeu e assim como o ia lendo o ia rompendo



## **Brianda Fernandes, cigana, no tempo da graça**

20 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural de Lisboa de idade de cinquenta anos pouco mais ou menos casada com Rodrigo Solix cigano filha de Francisco Álvares e de Maria Fernandes ciganos defuntos moradora nesta cidade na rua do Chocalho que usa de ser a dela

e confessando disse que haverá dez anos que nesta cidade na rua do Barbudo ela estando agastada não lhe lembra a que propósito perante gente que lhe não lembra disse com muita cólera que arrenegava de Deus

da qual blasfêmia logo se arrependeu e foi confessar ao colégio de Jesus e cumpriu a penitência que lhe foi dada e ora nesta mesa pede perdão e misericórdia da dita culpa pois a vem confessar dentro deste tempo da graça

## Álvaro Sanches cristão novo, no tempo da graça

20 de Agosto de 1591

disse ser cristão novo natural de Viana digo d'Oliveira filho de Bento Anriquez, mercador sem loja tratante e de sua mulher Lianor Sánchez cristãos novos defuntos de idade de quarenta anos pouco mais ou menos mercador de loja morador nesta cidade casado com Maria da Costa cristã velha

e confessando disse que haverá dezoito anos pouco mais ou menos em Passé em casa de Gaspar de Bairos seu sogro pai de Mecia de Bairos sua primeira mulher defunta sendo presente Caterina Loba madrastra da dita sua primeira mulher e suas filhas dela e do dito seu sogro ele confessante tomou um Flox Santorum e com um alfinete picou uma figura que estava debuxada no dito Flox Santorum de Nossa Senhora e lhe picou a coroa e parte da caneca de Nossa Senhora e picava a dita imagem para a tirar em debuxo e lhe ser molde para por ele tirar outros debuxos semelhantes e isto fez com esta tenção boa sem ter tenção nenhuma ruim nem pensamento dela

e depois disto alguns dias lhe disse o vigário geral desta cidade que o dito seu sogro o acusara que ele confessante picara a dita imagem, e nunca mais o dito vigário geral lhe falou nisto

e confessando disse mais que no dito tempo e pouco mais ou menos indo ele para dizer o pesar de ante Cristo disse, o pesar de Cristo não lhe lembra perante quem e foi com agastamento e pouco tento, sem má tenção e logo se foi confessar e das culpas que nestes casos cometeu pede perdão e se acusa dentro neste tempo de graça

## **Confissão do Cônego Jacome de Queiros mestiço no tempo da graça**

20 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural da capitania do Espírito Santo deste Brasil mamaluco filho de Manoel Ramalho e de sua mulher Antônia Paes de idade de quarenta e seis anos sacerdote de missa

e confessando se disse que haverá sete anos pouco mais ou menos uma noite nesta cidade levou a sua casa uma moça mamaluca que então seria de idade de seis ou sete anos que andava de noite vendendo peixe pela rua escrava cativa de Ana Carneira mulher do mundo moradora nesta cidade na rua de Bastião de Faria à qual moça não sabe o nome e depois de ele cear e se encher de vinho cuidando que corrompia a dita moça pelo vaso natural, a penetrou pelo vaso traseiro e nele teve penetração sem poluição e tanto que sentiu que era pelo traseiro se afastou e tirou dela e isto lhe aconteceu uma vez por seu desatento como dito tem,

confessou mais que haverá também sete ou oito anos que querendo corromper outra moça por nome Esperança sua escrava de idade de sete anos pouco mais ou menos no dito tempo cuidando que a corrompia pelo vaso natural a penetrou também pelo traseiro e sentindo isso se afastou logo sem poluição e também estava ceado e cheio de vinho e lhe aconteceu isto por desatento a qual escrava ele depois vendeu a Marçal Ruiz e está ora casada.



## Confissão de Paula de Sequeira cristã velha no tempo da graça

20 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural da cidade de Lisboa, filha de Manoel Pires ourives de prata meio framengo, e de sua mulher Mecia Ruiz defuntos salvo que não se afirma se sua mulher é defunta casada com Antônio de Faria contador da fazenda del rei nesta cidade de idade de quarenta anos moradora nesta cidade na rua de São Francisco

e confessando suas culpas disse que haverá três anos pouco mais ou menos que Filipa de Sousa moradora nesta cidade casada com Francisco Pires pedreiro junto de Nossa Senhora de Ajuda a qual ela tem por cristã nova que foi já casada com outro primeiro marido defunto sergueiro cristão novo lhe começou a escrever muitas cartas de amores e requebros de maneira que ela confessante entendeu que a dita Filipa de Sousa tinha alguma ruim pretensão

e com estas cartas e semelhantes recados e presentes continuou com ela espaço de dois anos pouco mais ou menos, dando-lhe alguns abraços e alguns beijos sem lhe descobrir claramente o seu fim e propósito, até que num dia domingo ou santo haverá um ano pouco mais ou menos, estando ela confessante em sua casa nesta cidade veio a ela a dita Filipa de Sousa e porquanto ela confessante já do decurso do dito tempo atrás suspeitava e tinha entendido e por certo que a tenção da dita Filipa de Sousa era chegar a ter com ela ajuntamento carnal a recolheu consigo para dentro de uma sua Câmara e se fechou por dentro e lhe disse por palavras claras que fizessem o que dela pretendia

então ambas tiveram ajuntamento carnal uma com a outra por diante ajuntando seus vasos naturais um com o outro tendo deleitação e consumando com efeito o comprimento natural de ambas as partes como se propriamente foram homem com mulher e isto foi pela manhã, antes de jantar por duas ou três vezes pouco mais ou menos, tendo do dito ajuntamento sem instrumento algum outro penetrante

e depois que jantaram tornaram a ter outras tantas vezes o mesmo ajuntamento torpe pela dita maneira usando ela confessante sempre do

modo como se ela fora homem pondo-se de cima

e disse que quando cometeu estas ditas culpas tão torpes ela não cuidava que era pecado tão grave e contra natura como depois soube em sua confissão,

e que no dito dia a tarde a dita Filipa de Sousa depois de terem feito o sobre dito antes de se ir para sua casa lhe contou que ela tinha pecado no dito modo com Paula Antunes mulher de Antônio Cardoso pedreiro morador nesta cidade junto de São Francisco e com Maria de Pertalto cristã nova mulher de Thomas Bibentão ingles moradora ora em Pernambuco e assim lhe disse mais que ela tinha usado do dito pecado com outras muitas mulheres e moças altas e baixas e também dentro em um mosteiro onde ela estivera usara do dito pecado.

e sendo perguntada se quando ela lhe contou estas coisas se entendeu dela que lhas falava de verdade ou a fim de lhe facilitar o dito negócio, respondeu, que não sabe e que lhe não viu fazer desatinos nem falar despropósitos posto que isto lhe contou depois de merenda tendo bebido muito vinho

e disse que antes que lhe acontecesse terem o dito ajuntamento torpe ela ouviu dizer a uma sua comadre moradora em Matoin, por nome Isabel da Fonseca mulher de Simão Pires carpinteiro de engenho, que diziam que a dita Filipa de Sousa namorava mulheres e tinha damas e que perseguia muito a uma moça casada com um alcorcovado ferreiro moradora junto de São Bento cometendo-a por palavras claras que queria dormir com ela, e que sabendo isto o dito alcorcovado por lho dizer a filha moça sua mulher andou para tomar a dita Filipa de Sousa em sua casa por manhã para a espancar o por lhe darem aviso ela se afastou

e disse que sabe que nesta cidade houve muita murmuração da muita conversação e amizade que a dita Filipa de Sousa tinha com a dita Paula Antunes,

e confessando mais disse que haverá vinte e três anos pouco mais ou menos morando na cidade de Lisboa havendo três anos pouco mais ou menos que ora casada com o dito Antônio de Faria, um clérigo por nome Gaspar Franco já defunto que foi Capelão do Rei cuja irmã Mecia do Basto já

defunta era casada com João de Magalhães irmão do dito seu marido lhe ensinou que dissesse ela as palavras da consagração da missa com que consagram a hóstia na boca do dito seu marido quando ele dormisse e que ele amansaria e poria toda a sua afeição nela, e para isto o dito clérigo lhe deu em um papel escritas as ditas palavras, e ela confessante disse as ditas palavras na boca algumas vezes ao dito seu marido dormindo

e perguntada se depois que ela usou as ditas palavras sente ou entende que alcançou o efeito para que usou delas de fazer amansar seu marido respondeu, que há muito tempo que isto foi que não lhe lembra

confessando mais disse que haverá oito ou dez anos pouco mais ou menos que nesta cidade Isabel Ruiz a boca torta dalcunha nela moradora lhe ensinou as ditas palavras da consagração desta maneira hoc est enim, dizendo-lhe que as dissesse na boca dormindo a seu marido e que lhe quieria bem ela confessante usou das ditas palavras, dizendo algumas vezes da dita maneira ao dito seu marido

confessou mais que a dita Boca-torta lhe deu uma carta que chamam carta de tocar dizendo lhe que tinha tanta virtude que em quantas coisas tocasse se iriam após ela a qual carta ela confessante não leu nem usou dela somente tendo intenção de usar dela a deu a uma velha por nome Mecia Dias mulher de Jorge Fernandez Freire moradora nesta cidade para que a levasse na cabeça debaixo do toucado e ela lha concertou ainda segundo sua lembrança para que fosse a três padres que lhe dissessem três evangelhos e a dita velha, depois lha tornou dizendo lhe, que já lhe tinham dito três evangelhos na cabeça sobre a dita carta e ela confessante não usou nunca delas

e outrossim, a dita Boca-torta lhe ensinou umas palavras para que dizendo-as a alguma pessoa lhe quisesse bem e amansasse as quais palavras nomeavam as estrelas e os diabos e outras palavras supersticiosas e ruins, das quais não é lembrada das quais palavras ela confessante usou muitas vezes delas dizendo-as para que o dito seu marido lhe quisesse bem e fosse manso

outrossim uma mulher por nome Breatiz de Sampaio mulher de Jorge de Magalhães morador em Matoim lhe ensinou umas palavras que havia de dizer andando em cruz atravessando a casa de quanto em quanto das quais

lhe não lembra nem usou delas dizendo-lhe que faria com elas ao dito seu marido Antônio de Faria que fosse muito seu amigo declarando lhe mais quando lhas ensinou que ela tivera dois maridos e que lhe eram tão obedientes que se algum ora pelejavam ela lhes mandava que lhe viessem beijar o pé e eles lho beijavam e um dos ditos maridos é o que ela agora tem Jorge de Magalhães,

e sendo perguntada se tem ainda escritas as ditas palavras e a dita carta respondeu, que já queimou todos os ditos papéis e os não tem há mais de sete ou oito anos,

confessou mais que haverá dez ou doze anos que nesta cidade Maria Vilela<sup>[26]</sup> natural do Porto mulher de Miguel Ribeiro morador nesta cidade na rua de São Francisco lhe disse que ela usava de muitas coisas para fazer, querer lhe bem seu marido e que primeiro pegara com Deus para isto, porém depois que viu que Deus não quisera melhorar lhe seu marido pegou com os diabos para isso dizendo lhe mais que ela mandara com muito trabalho buscar a igreja de Vila Velha um pedaço de pedra d'ara e que lha trouxera um moço que então segundo sua lembrança estava com Cosme Rangel ao qual moço não sabe o nome e vendo ela confessante isto, lhe pediu uma pequena para dar ao dito seu marido a qual lha deu e ela confessante a deu moída em pó em um copo de vinho ao dito seu marido Antônio de Faria uma vez

e perguntada se quando lhe deu a dita pedra d'ara a beber usou de mais algumas palavras respondeu que sim, usou destas assim como sem esta se não pode celebrar assim etc. não lhe lembra as outras mais palavras que dizia

perguntada se a mesma mulher que lhe deu a pedra lhe ensinou também as mesmas palavras, respondeu que lhe parece que não mas que lhe parece que lhas tinha ensinado a dita Isabel Ruiz dalcunha Boca-torta.

Perguntada se achou o efeito que pretendia de amansar seu marido depois de lhe dar a beber a dita pedra d'ara sagrada respondeu que não sentiu melhoria,

outrossim disse que antes da dita Marta Vilela lhe dar a dita pedra d'ara ou na dita conjunção daquele tempo ela confessante praticou com Maria Ranjel

filha da dita Marta Vilela sobre a devoção de Santo Arasmo e a dita Maria Rangel lhe disse algumas palavras dela, que falavam eu sarilhar e dobrar tripas e lhe disse que por que ela fez por mandado da dita sua mãe tivera muito trabalho na confissão que a não queria absolver,

disse mais ela confessante que há mais de um ano que teve palavras de diferença com Custódia de Faria indo a ela confessante visitar a sua casa estando doente entre as quais ela confessante lhe disse estas palavras, quem me a mim houver de emendar a de ser tão purificada como São João Batista, e enganai-vos que só Deus me pode tirar o que tiver no coração

e depois alguns dias veio a notícia dela confessante que a dita Custódia de Faria dissera a algumas pessoas que ela confessante dissera que nem Deus lha podia tirar o que ela tivesse no seu coração, e que era tão purificada como São João Batista e por que a dita Custódia de Faria é sua inimiga capital falsamente disse dela as ditas palavras de diferente modo e substância do que ela disse por que há verdade é como dito tem e de toda a culpa que em todas as ditas coisas como dito tem cometeu pede perdão e misericórdia neste tempo de graça por que está muito arrependida

[À margem] A esta confidente mandei confessar e dei penitências espirituais, com a repreensão e admoestação necessárias na mesa em segredo.

## Confissão de Antônio Guedez Cristão velho no tempo da graça

20 de Agosto de 1591

Disse ser cristão velho natural de Tarouca filho de Roi Guedes e de Ana de Lisboa sua mulher de idade de trinta anos pouco mais ou menos casado com Maria Pires (cristã velha) tabelião do público judicial desta cidade

e confessando disse que no mês de outubro do ano passado de mil e quinhentos e noventa vindo ele de Lisboa para esta cidade o tomaram os ingleses luteranos no mar nas Berlengas perto de Lisboa e o trouxeram consigo a ele e a mais companhia dez ou doze dias nos quais os ditos luteranos rezavam e cantavam ao seu modo luterano suas salvas uma vez e às vezes duas vezes cada dia sem terem retábulo de Deus nem de Nossa Senhora nem de Santo algum, e as orações que rezavam eram na língua inglesa.

e ele confessante com medo dos ditos ingleses algumas quatro ou cinco vezes achando se presente às ditas suas salvas e rezas se ajoelhou também e tirou o chapéu da cabeça

e uma vez por ele não querer tirar o chapéu lhe perguntaram os ditos luteranos se era papista e ele sim confessou que era papista cristão e sempre teve em seu coração a fé Católica e nunca creu na dita seita luterana mas fez as ditas exterioridades tirando o chapéu e ajoelhando-se com medo e desta culpa pede perdão e misericórdia dentro neste tempo de graça

e sendo perguntado se andou algum ora por terras de Luteranos ou foi outra vez alguma tomado por eles em que lhe acontecesse este mesmo caso ou outro contra nossa Santa fé respondeu que nunca

e perguntado quais eram mais os seus companheiros que juntamente com ele foram tomados respondeu que já os tem declarados na denúncia que fez nesta mesa a qual está escrita no livro primeiro das denúncias as folhas setenta e oito.

## Confissão de Antônio Gomez cristão velho no tempo da graça

20 de Agosto 1591

disse ser cristão velho natural da cidade de Lisboa filho de Roque Gonçalves agente das causas dos padres da companhia de Jesus e de sua mulher Maria Gomez defuntos de idade de trinta anos escrivão da Câmara do bispo desta cidade e nela casado com Antônia de Pina

e confessando disse que há quatro ou cinco anos nesta cidade no Juízo eclesiástico se tratou um auto de uma denunciação que se fez contra Gaspar Ruiz criado que foi de Manoel de Melo por pecar no pecado nefando com Matias negro de Guiné no qual auto foram testemunhas o dito Manoel de Melo ora estando nas Índias de Castela e seu irmão Bartolameu de Vascogoncelos cônego da Sé desta cidade e seu cunhado Manoel de Miranda morador em Piraia termo desta cidade do qual auto de culpas do dito Gaspar Ruiz foi escrivão Belchior da Costa de Ledesma que foi nesta cidade escrivão do eclesiástico

e vindo depois ter as ditas culpas a mão dele confessante as queimou e por isso lhe deram dez cruzados, e isto negociou com ele o dito Bertolameu de Vascongongcelos irmão do amo do dito culpado, e Nuno Pereira a quem também serviu o dito culpado os quais dez cruzados lhe pagou pelo dito culpado Pero de Vila Nova francês a quem naquele tempo servia o dito culpado e não se afirma ele confessante se sabia o dito Pero de Vila Nova a razão por que ele recebia os ditos dez cruzados e desta culpa pede perdão dentro neste tempo da graça

e sendo mais perguntado disse que as ditas culpas, não estavam ainda em termos de despacho final nem houve segundo sua lembrança nenhuma pronunciação, e que o dito culpado poderá ora ser de idade de trinta anos pouco mais ou menos e é homem baixo do corpo e magro e poderá dar razão donde ele esteja o dito Pero de Vila Nova morador em Ceregipe, e quanto é ao negro Matias não sabe onde está mas poderá dar razão dele o dito Cônego.

## Catarina Frois meia cristã nova no tempo da graça

20 de Agosto de 1591

disse ser natural da cidade de Lisboa meia cristã velha filha de Simão Ruiz Frois cristão velho e de sua mulher Mecia Ruiz cristã nova de idade de cinquenta anos pouco mais ou menos, mulher de Francisco de Moraes que serviu nesta cidade de escrivão e de meirinho e outros officios moradora nesta cidade

e confessando disse que haverá um ano que nesta cidade cometeu e acabou com Maria Gonçalves dalcunha Arde-lhe-o-rabo mulher não casada vagabunda ora ausente que lhe fizesse uns feitiços para que um seu genro Gaspar Martins lavrador morador em Tasuapina ou morresse ou o matassem ou não tornasse da guerra de Ceregipe Sertão desta capitania na qual então estava por não dar boa vida a sua mulher moça filha dela confessante por nome Isabel da Fonseca e isto entendendo ela confessante e assim o pretendendo que os ditos feitiços aviam de ser por arte do diabo

e para isto deu algum dinheiro a dita Maria Gonçalves e a dita Maria lhe dizia que já lhe fazia os tais feitiços pedindo-lhe mais dinheiro e por ela vir a entender que a dita Maria Gonçalves lhe não havia de fazer coisa que obrasse desistiu disto nem veio a haver efeito nem chegou a lhe a dita Maria Gonçalves dar os feitiços e declarou ela confessante que pretendeu haver os ditos feitiços da dita maneira a instância e rogo da dita sua filha que lho pediu que lhos negociasse por não gostar dele

e outrossim confessou que haverá dois anos que ela rogou à dita Maria Gonçalves que fizesse outros feitiços a outro seu genro Antônio Dias cristão velho carpinteiro de navios para que fizesse tudo o que quisesse sua mulher Caterina de Sousa outrossim sua filha moradora em Perabasu entendendo também e pretendendo que os tais feitiços se haviam de fazer com entrevir o diabo e arte sua e para isto lhe deu um botão e um retalho da capa do dito seu genro e a dita Maria Gonçalves lhe deu uns pós dizendo-lhe que eram de um sapo tersado e que lhe custaram muito trabalho fazê-los, e que fora ao mato falar com os diabos e que vinha moída deles



e ela confessante viu que a dita Maria Gonçalves vinha então do mato toda escabelada e seria isto entre as oito e nove horas da noite na qual se agasalhou em sua casa e por conselho da dita Maria Gonçalves tomou os ditos pós dizendo lhe ela que os lançasse debaixo dos pés do dito seu genro para fazer quanto sua mulher dele quisesse

e tudo isto negociou por rogo da dita sua filha Caterina de Sousa que lho pediu lhe negociasse os tais feitiços porém enfim lhe tornou a dizer que já os não queria e por isso botou os ditos pós fora e não usaram deles nem puseram mais nada neste negócio em obra nem em feito, e de todas estas culpas pede perdão dentro neste tempo da graça

perguntada se viu mais fazer alguns feitiços à dita Maria Gonçalves ou se sabe onde ela agora está respondeu que não viu nem sabe nem nisto interveio outra alguma mais pessoa.

## **Confissão do Cônego Bertolameu de Vascogoncelos Cristão velho na graça**

20 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho inteiro natural desta cidade filho de Antônio d'Oliveira do Carvalhal, e de Dona Luzia de Melo de idade de trinta e dois anos cônego prebendado na Sé desta cidade, nela morador

e confessando disse que haverá quatro ou cinco anos que nesta capitania servio a seu irmão Manoel de Melo ora estante nas Índias de Castela um homem por nome Gaspar Ruiz que ora poderá ser de trinta anos de idade o qual dizem que foi cativo já de mouros ou turcos

e estando o dito Gaspar Ruiz na fazenda do dito Manoel de Melo seu irmão um negro de Guiné por nome Matias que então poderia ser de dezoito anos cativo do dito seu irmão Manoel de Melo que ora está na dita fazenda de Jaguaripe em poder de sua cunhada mulher do dito seu irmão Dona Francisca descobriu e declarou a ele confessante que o dito Gaspar Ruiz pecava com ele no pecado nefando de sodomia tendo ajuntamento carnal com ele penetrando com seu membro desonesto no seu vaso traseiro e tendo aí poluição e comprimento com efeito e consumação assim como faz um homem com uma mulher, sendo sempre ele Matias negro o paciente e lhe disse mais que o dito Gaspar Ruiz o forçara para fazer o dito pecado e o fizera com ele algumas vezes

e que uma vez querendo ele forçar a ele dito negro para fazer também este pecado lhe fugiu de noite da fazenda onde o dito Gaspar Ruiz era feitor e se viu fugindo para Pirajá à casa de Manoel de Miranda cunhado dele confessante onde daí a pouco espaço vindo depois ele veio ter à mesma casa o dito Gaspar Ruiz e pelo dito negro declarar então ao dito Manoel de Miranda todo o sobre dito de como o dito Gaspar Ruiz pecava com ele e o constrangia a pecar no dito nefando e o descobrir também e declarar a ele confessante e ao dito seu senhor Manoel de Melo seu irmão o dito seu irmão despediu e lançou fora da dita sua fazenda ao dito Gaspar Ruiz

e ele confessante foi denunciar este caso perante o vigário geral desta cidade que então era Sebastião da Luz, o qual mandou fazer autos e estando

depois os ditos autos em poder do escrivão Antônio Gomes que ora é escrivão da Câmara do Bispo de este estado, ele confessante a rogo e instância do dito Gaspar Ruiz negociou e acabou com o dito escrivão Antônio Guomes que queimasse as ditas culpas do dito Gaspar Ruiz por dez cruzados que por parte do dito culpado deu ao dito escrivão um Pero de Vila Nova de nação estrangeiro que tem uma mão menos morador em Ceregipe desta capitania ao qual o dito culpado também serviu

e o dito escrivão recebeu os ditos dez cruzados e queimou e rompeu os ditos autos das ditas culpas e não se procedeu contra o dito Gaspar Ruiz nem se livrou delas

e desta culpa de negociar e tratar que se queimassem e consumissem as ditas culpas vem pedir misericórdia e perdão a esta mesa dentro neste tempo da graça

e logo sendo mais perguntado disse que não sabe se o dito Pero de Vila Nova que pagou os ditos dez cruzados ao dito escrivão sabia a causa e razão porque o dito culpado lhos dava e que segundo ouviu dizer lhe parece que o dito Gaspar Ruiz está ora feito soldado na cidade de São Cristóvão de Ceregipe desta capitania

e disse mais que na dita negociação de se queimarem os ditas culpas instruiu também Nuno Pereira de Carvalhal morador nesta cidade que tem fazenda em Tasuepina

## Confissão de Lianor Carvalha cristã velha no tempo da graça

2 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural de Arzila filha de Francisco Carvalho e de Mor Lopez ele era clérigo prior de Arzila viúva mulher que foi de Lopo de Rebelo escrivão da alçada deste Brasil, já defunto, de idade de sessenta anos pouco mais ou menos moradora nesta cidade

e acusando se disse que sendo ela moça de quinze anos em Arzila entrou em uma esnoga<sup>[27]</sup> de judeus na qual não havia cruz nem imagem de Deus nem de Santos senão uma cantareira com um frontal de pano da Índia pintado na qual cantareira estavam uns rolos que diziam serem de pergaminhos enfronhados em uns sacos de pano de linho e defronte estava dependurado um alampadário de muitas trocidas dazeite, acesas, e estavam alguns judeus assentados num banco falando alto entoado entoada de be, be estando um moço com um livro nas costas servindo de estante

e ela confessante entrou no dito tempo na dita esnoga uma vez somente em companhia de Caterina Afonso mulher de Fernão de Matos do hábito de Cristo moradora em Lisboa não sabe onde cristã velha e de outras que lhe não lembram

e entrando na dita esnoga sem fazer mesura nem reverência disse estas palavras Deus vos salve lei bem escrita e mal entendida parecendo-lhe que dizia uma boa oração por assim lhe ensinar que dissesse a dita Caterina Afonso, e que da culpa que disto tem pede perdão nesta mesa dentro neste tempo de graça

e sendo perguntada mais disse que sua tenção quando entrou na dita esnoga não foi mais que ver aquilo por curiosidade e que o sentido que ela tomou das ditas palavras que disse foi entender que a lei era bem escrita por Deus e mal entendida pelos judeus

e sendo perguntada se alguma pessoa lhe ensinou que era boa a dita lei dos judeus ou lhe tratou nisso ou lhe pareceu bem a ela as cerimônias dos judeus respondeu que não lhe falou nunca tal ninguém e ela tomou grande aborrecimento às ditas cerimônias dos judeus e lhe pesou de as ter vistas,

e acusando-se mais disse que sendo ela moça de treze ou doze anos em Arzila no tempo que lá foram ter os judeus que deitaram fora do Reino, uma noite, digo dia à tarde em casa de seu pai estando se fazendo umas linguiças, ou chouriços ela com Guimar Vieira ama da condessa do Redonde que era de Arzila cristã velha já velha defunta tomaram com as mãos daquela calda dos chouriços ou linguiças e lançaram sobre um judeu que se agasalhava na mesma casa de seu pai e lançando-lha diziam eu te batizo mas não tinha tenção de aquilo ser batismo nem fazer desprezo ao sacramento do batismo, mais que somente por sujarem e afrontarem a judeu e que também da culpa que nisto teve pede perdão neste tempo da graça Por não saber assinou a seu rogo o Notário

## **Confissão de Maria Fernandes Confissão de Maria Fernandes aliás Violante, cigana no tempo da graça.**

20 de Agosto de 1591

disse ser natural de São Felices dos Galegos filha de Francisco Escudeiro português cristão velho e de sua mulher Maria Violante cigana de idade de quarenta anos pouco mais ou menos cigana viúva mulher que foi de Francisco Fernandes ferreiro cigano morador nesta cidade que veio degradada do reino por furto de burros para estais partes do Brasil

e confessando disse que haverá dois meses que com agastamento indo pelos matos caminho das fazendas destes recôncavos por se ver em trabalhos de passar umas ribeiras de água e se molhar disse que arrenegava de Deus e esta blasfêmia disse duas vezes naquela mesma hora e tempo, indo presente com ela que lhe isto ouviu outra cigana por nome Angelina sua inimiga com a qual está ora em grandes ódios.

e sendo mais perguntada disse que nunca outra vez nesta cidade nem fora dela só nem acompanhada lhe aconteceu outra coisa semelhante nem disse a dita blasfêmia nem outra tal mais que somente na dita hora no dito caminho como dito tem e disso pede perdão e misericórdia

e assim mais na mesma hora e tempo disse também com agastamento por que chovia muito que Deus que mijava sobre ela e que a queria afogar e disto pediu também perdão

e foi perguntada se quando ela disse as ditas palavras teve tenção consideradamente de arrenegar de Deus não crendo nele e apartando-se da sua crença ou entendendo que Deus verdadeiramente mija como os outros homens, respondeu que não fez nenhuma consideração das sobreditas mas que, só subitamente com agastamento disse as ditas palavras e que ela sempre creu e crê em Deus e sabe que Deus não mija que é coisa pertencente ao homem e não a Deus

## **Confissão de Domingos de Paiva Cristão velho na graça.**

20 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural desta cidade filho de Pero Paiva cidadão desta cidade e de sua mulher Lianor de Chaves moradores no Rio Vermelho termo desta cidade de idade de vinte anos estudante da 1ª nesta cidade solteiro.

e confessando sua culpa dentro neste tempo da graça disse que sendo ele de idade de nove ou dez anos nesta cidade em casa de Cristóvão de Bairros ouviu dizer a Francisco Nunez criado do dito Cristóvão de Bairros que ora mostra ser de idade de vinte e dois anos estando ambos sós indo a falar no pecado da carne que dormir um homem com mulher não era pecado

e isto lhe disse o dito Francisco Nunez o qual é natural dos Ilhéus e ele o tem por cristão velho e é irmão de Gaspar Fernandez Capelão desta Sé.

e por ele confessante cuidar que o que o dito Francisco Nunez lhe disse era verdade que dormir um homem com mulher não era pecado assim o teve para si por espaço de alguns dias e estando neste erro isto mesmo disse a algumas pessoas até que o dito Capelão Gaspar Fernandez emendou a ele confessante deste erro em que estava e lhe declarou como fazer o sobre dito era pecado, e de então por diante entendeu ele ser, o sobredito pecado e nunca mais disse a ninguém que o não era, como dantes tinha dito e que desta culpa pede perdão e sendo mais perguntado disse que o dito Francisco Nunez quando lhe disse que dormir um homem com uma mulher não era pecado, não lhe declarou mais outra qualidade a alguma de soleira ou solteiro ou casada, mas simplesmente homem com mulher e que não sabe se o dito Francisco Nunez está ainda hoje na dita falsa opinião nem tem dele por outra via ruim suspeita

## Confissão de Guiomar d'Oliveira cristã velha na graça.

21 de Agosto de 1591

Disse ser cristã velha natural da cidade de Lisboa filha de Isabel Jorge e de seu marido Cristóvão d'Oliveira meirinho das viagens das naus da Índia defuntos de idade de trinta e sete anos pouco mais ou menos casada com Francisco Fernandes cristão velho sapateiro morador nesta cidade.

e confessando disse que haverá quatro anos pouco mais ou menos que a esta terra veio degradada uma mulher por nome Antônia Fernandes cristã velha dalcunha a Nóbrega natural de Guimarães viúva mulher que foi de um João da Nóbrega homem que ia por despenseiro nas armadas de Lisboa mulher de idade de redor de cinquenta anos a qual haverá quinze anos pouco mais ou menos que ela confessante morando nos Cubertos em Lisboa conheceu ser taverneira e morar junto do arco de debaixo das casas de Luís Cesar na Tenuaria a qual veio degradada por alcovitar sua própria filha por nome Joana da Nóbrega

e vindo assim tomou amizade com ela confessante pelo conhecimento que tinham em Lisboa e ela confessante e seu marido a recolheram e agasalharam dando lhe em sua casa cama e comer por muitas vezes e correndo assim esta amizade vendo a dita Antônia Fernandes que ela confessante era mal casada de seu marido lhe veio a descobrir que ela falava com os diabos e lhe mandava fazer o que queria e eles lhe obedeciam e que uma vez lhes mandara matar um homem e eles o mataram por que também ela fazia o que eles dela queriam e que em Santarém dera aos diabos um escrito de sangue de um seu dedo, no qual se lhes entregava e que eles lhe ensinavam muitas coisas de feitiçarias para o que ela queria pelo que se ela confessante quisesse lhe faria e ensinaria com feitiços com que fosse bem casada com seu marido e ela confessante consentiu nisto

então lhe ensinou que tomasse três avalãs ou em lugar de avelãs três pinhões dos que nesta terra há que serve de purgas furados com um alfinete tirado o miolo fora então recheados de cabelos de todo seu corpo dela confessante e de unhas de seus pés e mãos e de rapaduras das solas dos seus pés e assim mais com uma unha do dedo pequeno do pé da mesma Antônia



Fernandes, e que assim recheados os ditos pinhões os engolisse e que depois de lançados por baixo lhe os desse

o que tudo ela confessante assim fez e a dita Antônia Fernandes mandou lavar os ditos três pinhões depois de engolidos e lançados por ela e os torou e os fez em pós os quais ela confessante botou em uma tigela de caldo de galinha e os deu a beber a João de Aguiar casado e lavrador em Taparica desta capitania vindo lhe a sua casa e isto lhe deu para o amigar que a não apertasse muito a ela e a seu marido pela dívida do aluguel das suas casas em que ainda ora moram pelo qual aluguel ele então apertava muito

e outrossim lhe deu também a dita Antônia Fernandes outros pós não sabe de quê e outros pós de osso de finado os quais pós ela confessante deu a beber em vinho ao dito seu marido Francisco Fernandes para ser seu amigo e serem bem casados e que todas estas coisas fez tendo lhe dito a dita Antônia Fernandes ensinado e declarado que eram diabólicas e que os diabos lhas ensinavam.

e outrossim lhe ensinou também que tinha aprendido dos diabos que a semente do homem dada a beber fazia querer grande bem sendo semente do próprio homem do qual se pretendia afeição depois de terem ajuntamento carnal e cair do vaso da mulher, e que esta tal semente dada a beber ao mesmo que a lançou fazia lhe tomar grande afeição e isto fez ela também por obra ela deu a beber em vinho ao dito seu marido,

e de todas estas culpas de fazer as ditas feitiçarias tendo esperanças que lhe aproveitariam sendo diabólicas como dito tem pede perdão e misericórdia nesta mesa,

e sendo perguntada se além de pelo dito da dita Antônio Fernandes ela entender que os ditos feitiços eram com pacto do demônio fez ela também algum pacto com ele ou quando os fazia chamou pelos diabos ou falou com eles, respondeu que quando fez os ditos feitiços ela expressamente não falou nem chamou pelos diabos,

perguntada que mais coisas lhe ensinou ou disse a dita Antônia Fernandez ou sabe dela respondeu que a dita Antônia Fernandez cometeu a ela confessante que aprendesse aquele ofício de feiticeira diabólica que ela a ensinaria e lhe daria mais quando se fosse para Portugal um vidro que ela

tinha em que estava uma coisa que falava e respondia quanto queriam saber e que em certos dias da semana havia de ter cuidado de por cebola e vinagre perto do dito vidro porque aquilo que nele estava era amigo deste comer e ela confessante não consentiu em tal nem tal quis saber nem entender,

e também lhe dizia a dita Antônia Fernandez que coitada daquela pessoa a que os diabos punham e pé ou a mão,

e também cometeu a ela confessante que tomasse desonesta conversação com um clérigo da Sé desta cidade e que ela lhe faria feitiços para isto e que depois de serem amigos alcançaria do clérigo que lhe desse os óleos do batismo porque os desejava muito para os dar aos diabos e também para untar os beijos e com eles untados no Ato venéreo beijar na boca aos homens leigos, e na coroa aos clérigos e religiosos porque com isto ficavam tais que não se podiam nunca mais apartar de sua conversação, e ela confessante não quis consentir em tal nem tal fez,

e assim também lhe ensinou que se uma pessoa no Ato carnal desonesto dissesse na boca a outra as palavras da consagração que eram cinco, hoc., est enim corpus meum, que a faziam endoidecer de amor e bem querer aquela a que se diziam por aquela pessoa que as dizia e que isto era certíssimo porém ela confessante não usou disto,

e assim lhe disse mais que sabia umas palavras com as quais encantava qualquer pessoa dizendo-lhas na fronteira as quais palavras eram, foan eu te encanto e reencanto com o lenho da vera cruz, e com os anjos filósofos que são trinta e seis e com o mouro encantador que tu te não apartes de mim e me digas quanto souberes e me dêes quanto tiveres, e me ames mais que todas as mulheres e ela confessante disse estas palavras muitas vezes pela manhã e às noites defronte de seu marido e disto também pede perdão.

e também lhe disse a dita Antônia Fernandes que fora uma noite a Vila Velha termo dessa cidade cortar uma mão a um negro que lá estava enforcado

e lhe disse mais que fizera arribar uma nau da Índia, e que Clara d'Oliveira em Santarém era sua amiga e companheira e mestra que lhe ensinara todas estas feitiçarias, e que o diabo vinha falar a ela Antônia Fernandez em figura de homem acompanhado de muitos cavaleiros e que se ela

confessante quisesse ser feiticeira como ela que faria com os demônios que lhe falassem em figura de homem sempre por não lhe haver medo

e que os diabos lhe faziam muitas promessas se acabasse com ela confessante que quisesse ser sua discípula, e ela confessante nunca tal quis consentir nem aceitar, mas antes falando lhe restas coisas se benzia e nomeava o nome de Jesus.

e a dita Antônia Fernandez lhe defendia que se não benzesse nem nomeasse Jesus e lhe dizia mais que um diabo chamado Antonim era seu particular servidor e fazia tudo o que lhe ela mandava e que Lúcifer lho dera por seu guarda

e lhe disse mais que sua filha Joana Nóbrega solteira que estava no reino moradora na rua de Cataquefarás também tinha o seu ofício de feiticeira diabólica e tinha um familiar em um anel que trazia no dedo ao qual familiar chamava Baul e que a dita sua filha dormia com os estrangeiros por detrás consumando o pecado nefando de somíticos porque lhe pagavam bem.

e sendo mais perguntada disse que a dita Antônia Fernandes se embarcou desta terra para o reino e que não sabe mais novas dela onde está nem se chegou ao reino,

e perguntada se achou que os ditos feitiços ensinados pelos diabos que ela fez achou que lhe aproveitaram, respondeu que achou por experiência que as ditas coisas fizeram obra e aproveitaram para sua tenção por que o dito João d'Aguiar a que ela deu os ditos pós dali por diante não molestou pelo aluguel das casas antes lhe largou palavra que quando quisesse o pagasse e sentiu nele de então por diante sentiu nele que lhe tinha amor e afeição e a namorava e também no dito seu marido a que deu os outros pós achou melhoria.

e logo foi admoestado pelo senhor visitador que não tivesse crença nas ditas feitiçarias e coisas por que tudo são abusos supersticiosos com que o diabo engana a gente fraca

e sendo mais perguntada disse que lhe parece que podem saber algumas coisas da dita Antônia Fernandez as pessoas seguintes João Ribeiro de Paripe, e Manoel Rôis Ribeiro mercador, e Maria Pinheira mulher de Simão

Nunez Dultra e Gonçalo Dias cônego e Francisca Pinheira padeira todos moradores nesta cidade com os quais ela tinha amizade e conversação.

A seu rogo, por não saber assinou o Notário.

## **Confissão de Catarina Morena na graça.**

21 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural de uma aldeia duas léguas de Toledo que se diz Nave-del-moras e criada em Talaveira dela Reina, arcebispado de Toledo.

e confessando disse que haverá onze anos pouco mais ou menos sendo ela então de idade de dezoito anos casou na cidade de Málaga bispado de Granada com Francisco Duram castelhano natural da Beira de Prazença em Castela estalajadeiro de dar de comer e camas aos passageiros, que então dizia ser de idade de trinta anos com o qual casou por palavras de presente em face de igreja como a Santa Madre Igreja manda e foram recebidos dentro na igreja de São João e os recebeu o padre da mesma igreja cujo nome lhe não lembra em um dia pela manhã véspera da véspera de Santo André, e foi sua madrinha dela Isabel Fernandez também estalajadeira e o marido dela Isabel Fernandez foi padrinho do dito seu marido Francisco Duram, e foi mais presente ao dito recebimento outra muita gente.

e com o dito seu legítimo marido ela esteve fazendo vida marital de umas portas a dentro a uma cama e mesa como casados que eram espaço de seis meses pouco mais ou menos usando o dito o ofício de estalajadeiro,

e no fim dos ditos seis meses por ela ter grande aborrecimento ao dito seu marido por ser ele acostumado a embebedar-se e ser homem de rois manhas e lhe dar mau trato ela fugiu de casa e o deixou na dita cidade de Málaga e se veio fugida com um homem castelhano chamado Francisco de Burgos que a trouxe consigo a este Brasil onde ele ora está nessa capitania e viajaram na armada de Dom Diogo Darca que vinha com quatro naus em socorro da armada de Diogo Flores que haverá isto dez anos pouco mais ou menos

e depois de estar neste Brasil algum tempo na conversação do dito Francisco de Burgos se apartou dele e o deixou e ela se foi a Pernambuco onde haverá ora seis anos pouco mais ou menos vendo-se ela muito pobre e desremediada determinou de se casar, e fez fazer uma carta falsa fingindo que lhe vinha de Málaga em que se dizia como o dito seu marido Francisco Duram era morto a qual deu a ler a muitas pessoas

e assim fingindo-se ser viúva sem ela ter recado nenhum de o dito seu marido ser morto e entendendo que podia estar vivo ela se casou segunda vez com Antônio Jorge português mestre de açúcar na dita vila de Pernambuco e dando fiança a mandarem trazer os pregões corridos de Malega, donde ela dizia que fora casada e enviuvara,

e foram recebidos na igreja matriz de Pernambuco pelo cura dela em uma segunda-feira pela manhã primeira oitava do Espírito Santo em presença de muito povo e foram padrinhos Josefe Ribeiro natural da Ilha da Madeira já defunto e sua mulher Blasea Martins castelhana e se recebeu com o dito Antônio Jorge por palavras de presente dizendo que recebia a ele Antônio Jorge por seu marido como manda a Santa Madre Igreja e outrossim dizendo o dito Antônio Jorge que recebia a ela confessante por sua mulher como manda a Santa Madre Igreja como é notório e sabido na dita vila de Pernambuco

e depois de assim serem recebidos estiveram de umas portas a dentro como marido e mulher quinze meses pouco mais ou menos no fim do qual tempo ela movida de sua consciência se foi confessar a um padre da companhia o qual secretamente negociou com o vigário da vara de Pernambuco Diogo do Couto com que declararam ao dito Antônio Jorge que se apartasse dela confessante porquanto ela não era sua mulher legítima

e ela confessante deixou ao dito Antônio Jorge em Pernambuco onde ora lhe parece que está e ela se veio para esta Bahia haverá cinco anos pouco mais ou menos ou quatro anos e meio e que desta culpa de se casar segunda, vez sendo casada e sem ter novas do seu primeiro legítimo marido ser morto mas antes tendo o por vivo pede misericórdia e perdão neste tempo de graça que errou como mulher pecadora

e foi lhe mandado ter segredo e por não saber assinar eu Notário assinei por ela a seu rogo, e declarou ser ora de idade de trinta anos pouco mais ou menos e ser filha de Francisco Moreno e de sua mulher Joana de Sarria lavradores.

## **Confissão de Luísa Barbosa, cristã velha na graça.**

23 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural desta Bahia filha de Álvaro Gonçalves Ubaca e de sua mulher Maria Barbosa casada com Belchior Dias Porcalho de idade de trinta e sete anos pouco mais ou menos moradora nesta cidade

e confessando disse que sendo ela moça de doze anos pouco mais ou menos se alevantou nesta capitania entre os gentios e índios deste Brasil cristãos se alevantou uma abusão chamada entre eles a santidade como muitas vezes depois disso se alevantou também nesta capitania.

a qual era que diziam os ditos brasis assim cristãos como gentios que aquela sua santidade era um Deus que eles tinham que lhes dizia que não trabalhassem por que os mantimentos por si próprios haviam de nascer e que quem não cresse naquela santidade se havia de converter em paus e em pedras, e que a gente branca se havia de converter em caça para eles comerem e que aquela sua santidade era a santa e boa e que a lei dos cristãos não prestava e assim diziam e tinham outros muitos despropósitos

E nesse tempo ela confessante por sua mãe ser morta estava a doutrinar em casa de Dona Mecia Pereira mulher de Antônio da Costa e aí assim os negros cristãos e gentios, do gentio deste Brasil da dita casa de Dona Mecia como da casa do pai dela confessante e doutras partes que falavam com ela confessante se contavam e diziam as ditas coisas da dita sua abusão e outras muitas que lhe não lembram

e a induziram e provocaram que cresse nela pelo que ela como moça e de pouca experiência por espaço de um ou dois meses pouco mais ou menos se enganou tendo o dito a dita errônea e crendo na dita santidade parecendo lhe ser coisa certa e verdadeira, e praticando ela com os seguidores da dita erronia consentia com eles e lhes manifestava crer nela por boa,

e depois de os ditos seguidores da dita abusão serem extinguidos e castigados aquela vez, entendeu ela ser tudo aquilo falso e errôneo e se confessou aos padres da companhia de Jesus que à absolveram, e que ora pede perdão nesta mesa e misericórdia

e perguntada se quando ela creu nas ditas coisas da dita abusão se deixou de crer na fé de Cristo e que a lei dos cristãos que era boa, respondeu que sempre teve por boa a lei dos cristãos e nunca deixou a fé de Cristo mas que juntamente tinha para sim aqueloutra parvonice por ser moça

e perguntada mais disse que todos os da dita abusão são com quem ela tratava e falava são já mortos e que nenhum sabe vivo.

e logo pelo senhor visitador lhe foi encomendado que se confesse muitas vezes e ouça as pregações.



## Confissão de Antônia de Bairos, cristã velha na graça

23 de Agosto de 1591

disse ser cristã velha natural de Benavente filha de Diogo Ruiz Perdigão dos da gouernança da dita vila e de sua mulher Maria de Bairos defuntos, de idade de setenta anos pouco mais ou menos moradora nesta Bahia mulher que foi de Álvaro Chaveiro pescador e barqueiro de Benavente para Lisboa.

e confessando disse que haverá trinta e dois anos pouco mais ou menos que ela veio do Reino degradada pelas justiças seculares por cinco anos para este Brasil por adultério de que a acusou o dito seu marido e

lá em Portugal se amigou ela com um homem cristão velho chamado Anrique Barbas filho de Vasco Barbas da gente principal de Vila Franca, e com ele se veio para este Brasil e aportaram na capitania de Porto Seguro

e logo na dita capitania poucos dias depois de estarem nela sabendo ela muito bem e o dito Anrique Barbas de como o dito marido Álvaro Chaveiro seu legítimo marido ficava vivo em Portugal se casaram ambos ela confessante com o dito Anrique Barbas

e o dito Anrique Barbas negociou testemunhas falsas que juraram que ele Anrique Barbas era solteiro e que ela confessante era viúva e que viram enterrar e morrer em Benavente ao dito seu marido Álvaro Chaveiro sendo isto falsidade e mentira porque depois de ela confessante estar casada com o dito Anrique Barbas a porta da igreja com licença do Ordinário por razão do dito instrumento de testemunhas falsas, depois disso daí a dois anos ainda estava vivo em Benavente o dito seu marido Álvaro Chaveiro e assim vieram depois novas e recados certos.

e que depois de assim se casar em face de igreja com o dito segundo marido Anrique Barbas sendo ela e ele sabedores que o seu legítimo marido Álvaro Chaveiro estava vivo viveram ambos como casados em Porto Seguro mais de quinze anos.

e por ele vir a dar açoites e pancadas e muito má vida a ela confessante, ela confessante lhe fugiu de casa e se meteu na igreja da vila e começou a declarar e manifestar como o dito Anrique Barbas não era seu marido legítimo por quanto quando com ele se casara no dito Porto Seguro era vivo ainda e depois vivera dois anos o seu marido legítimo Álvaro Chaveiro,

e assim se afastou dele o qual ora está na capitania do Espírito Santo costa deste Brasil ainda solteiro e desta culpa disse que pedia perdão e misericórdia nesta mesa dentro neste tempo da graça

e foi perguntada quais foram as testemunhas respondeu que já são mortas e perguntada onde foi ela recebida com o primeiro marido respondeu que ela com o dito seu primeiro marido Álvaro Chaveiro foram recebidos pelo prior de Benavente cujo nome lhe não lembra da igreja matriz de Nossa Senhora da Graça dizendo ela e ele as palavras costumadas da igreja e foram madrinhas dela Dona Tareja da Gama irmã do conde de Vidigueira cuja criada ela confessante foi e Maria Teixeira também fidalga já de ora defuntos, e padrinhos dele foram Luís Mendez e Manoel de Vascogoncelos filhos da dita dona Tareja que depois foram para a Índia e assim foram presentes no dito recebimento outros muitos pessoas que ora lhe não lembram,

e perguntada quem a recebeu com Anrique Barbas em Porto Seguro disse que ele deu as ditas testemunhas falsas como tem declarado e com isso se lhes deu licença para se receber e os recebeu o vigário Diogo d'Oliveira na igreja de Santo Amaro na forma que a Santa Madre Igreja manda dizendo ela e ele as palavras do matrimônio como a igreja costuma e foi madrinha dela Maria Barbosa no dito recebimento do Porto Seguro, e padrinho dele o dito seu marido Gonçalo Pirez marido da dita Maria Barbosa e outras muitas pessoas foram presentes no dito recebimento que ora lhe não lembram

e por não dizer mais foi lhe mandado ter segredo pelo juramento que recebeu e que torne a esta mesa quando for chamada.

Por não saber assinou a seu rogo o Notário.

## **Confissão de Manoel Faleiro, cristão velho na graça**

24 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural do Barreiro filho de Manoel Faleiro homem do mar e de sua mulher Breatiz Ruiz defuntos de Idade de cinquenta anos pouco mais ou menos, casado com Joana Gonçalves cristã velha morador nesta cidade

e confessando disse que haverá vinte anos pouco mais ou menos estando ele na praia desta cidade na fonte do Pereira trabalhando em um barco dos padres da Companhia de Jesus o obrigavam as justiças da terra a ir trabalhar nas obras del'rei, e por essa causa agastando-se ele e tomando cólera disse, que tanto lhe fariam que diria que Deus não era Deus, das quais palavras não lhe lembra se alguém o repreendeu porém lembra lhe que estava presente o padre da Companhia Quiricio Caixa e assim o porteiro do conselho Pero Vaz que o foi apenar,

Confessando mais disse que haverá cinco anos pouco mais ou menos que estando ele em sua casa com cólera e paixão de não ter que dar de comer a seus filhos que lhe pediam de comer disse que se dava a os diabos, e não lhe lembra que estivesse presente ouvirem que o repreendesse

e das ditas culpas disse que está muito arrependido e que já se confessou destas a seus confessores e delas pede ora misericórdia e perdão nesta mesa

e foi logo admoestado pelo senhor visitador com muita caridade que ele tenha muito tento e resguardo em suas palavras que sejam sempre católicas e cristãs e não haja cólera nem paixão que isso lhe estorve e que se vá confessar.

## Confissão de Bastião d'Aguiar na graça.

26 de Agosto de 1591

disse ser cristão velho natural desta Bahia de idade de dez até (sic.) ou dezesseis anos filho de Pero d'Aguiar d'Altero e de sua mulher Custódia de Faria solteiro morador em casa do dito seu pai e mãe nesta cidade

e confessando disse que haverá alguns seis anos que estando em casa do dito seu pai e mãe em Matoim sendo ele de idade de alguns dez ou onze anos dormia com seu irmão maior que ele e mais velho que ele um ano pouco mais ou menos chamado Antônio d'Aguiar morador mesmo ora com o dito seu pai e mãe ambos em uma cama e uma ou duas vezes lhe aconteceu que alternadamente um ao outro se cometeram com seus membros viris desonestos por seus vasos traseiros começando de querer penetrar porém não penetraram, e ele confessante não tinha idade para ter poluição e de seu irmão não lhe lembra se a teve e estes acessos nefandos e contatos de querer participar a penetrar um ao outro com o membro viril o vaso traseiro de cada um deles lhe aconteceu como dito tem duas vezes pouco mais ou menos

confessou mais que no mesmo tempo pouco mais ou menos um mamaluco que em sua casa estava chamado Marcos o qual ora não sabe onde está maior ainda que o dito seu irmão se foi algumas vezes lançar na cama com ele e com o dito seu irmão, e uma ou duas vezes o dito Marcos, ou três vezes o dito Marcos teve acessos nefandos, a ele confessante com seu membro viril desonesto no vaso traseiro dele confessante tendo nele contatos para penetrar sem penetrar mais que uma só vez que começou já com efeito a penetrar e por ele confessante o não consentir não procedeu a penetração,

e ele confessante também outras três vezes pouco mais ou menos, cometeu com seu membro desonesto ao dito Marcos no seu vaso traseiro tendo nele os ditos acessos e contatos nefandos e torpes, e de todas vezes nunca ele confessante teve poluição de semente, e ainda então não tinha idade para isso, e posto que o dito Marcos seria então de idade de alguns quinze anos

pouco mais ou menos não se lembra ele ora nem se afirma se teve o dito Marcos Poluição de semente alguma das ditas vezes,

e perguntado ele confessante pelo senhor visitador disse que lhe parece que quando ele com o dito Marcos estavam nos ditos ajuntamentos torpes, que o dito seu irmão Antônio d'Aguiar que na dita cama estava os sentia,

e disse mais que também ele confessante estando na cama com os ditos seu irmão e Marcos sentiu uma vez aos ditos seu irmão e Marcos estarem fazendo o dito ajuntamento torpe e nefando um por detrás com o outro porém ele confessante não sabe se penetravam eles um ao outro ou não

e que também outra vez estando ele em a mesma sala onde estava a sua cama sentiu bolir o cátaie da cama onde estava o dito seu irmão de maneira que lhe pareceu e entendeu que o dito Marcos que na dita sala costumava dormir estaria na dita cama com o dito seu irmão tendo o dito ajuntamento nefando.

Confessou mais que depois disto sendo de quinze anos de idade foi dormir algumas vezes à casa dele confessante a sua cama Antônio Lopez bacharel em artes natural do Rio de Janeiro que ora nesta cidade se quer ordenar de clérigo, e duas ou três vezes, ele confessante teve ajuntamento nefando com o dito Antônio Lopez metendo ele confessante seu membro desonesto pelo vaso traseiro do dito Antônio Lopez penetrando-o ainda que não perfeitamente e tendo no dito seu vaso traseiro poluição de semente por detrás como se fora homem com mulher por diante, e o dito Antônio Lopez teve com ele confessante outras tantas vezes o dito ajuntamento nefando da maneira sobredita penetrando com seu membro desonesto o vaso traseiro dele confessante e tendo nele poluição de semente

e de todas estas culpas disse que está muito arrependido e que pede delas perdão e misericórdia e que já está apartado destas desonestidades e foi logo admoestado pelo senhor visitador com muita caridade que ele se afaste de tais torpezas nefandas e de conversação das ditas pessoas e das mais de que lhe poderá vir dano à sua alma e consciência e que se confesse mil vezes receba o Santíssimo Sacramento de conselho de seus confessores e que se vá ora confessar ao colégio de Jesus e traga escrito do confessor a esta mesa e cumpra a penitência que lhe o confessor der e do costume disse nada mais que é irmão do dito Antônio d'Aguiar



## **Confissão de Niculao Luís francês na graça.**

27 de Agosto de 1591

disse ser francês de nação natural de Deipo (Diepe ?) filho de Ruberto Cluce e de sua mulher franceses católicos, de idade de quarenta anos pouco mais ou menos, que há vinte e dois anos que está neste Brasil morador ora em Ceregipe casado com Luísa Fernandos mamaluca

e confessando disse que haverá vinte e quatro anos pouco mais ou menos que indo ele confessante em uma nau de seu pai de Bordeos para a sua terra em que não ia nenhum português senão todos franceses foram tomados no mar pelos franceses luteranos, os quais costumavam fazer suas salvas pela manhã e a tarde luteranas na nau e espaço de mês e meio que com eles andou constrangido e com medo deles ele confessante se ajoelhava e desbarretava e estava com eles ditos luteranos quã [quando] eles faziam as ditas salvas luteranas porém nunca ele confessante as aprovou em seu coração nem lhes pareceram bem, mas com medo dos ditos luteranos se punha com eles no tempo que eles as faziam.

e ele é bom cristão e católico e sempre o foi em seu coração e destas culpas exteriores disse que pedia perdão e misericórdia,

e foi logo admoestado pelo senhor visitador que a ele lhe não aconteça mais cair em semelhantes culpas e que faça coisas exemplares de bom cristão e lhe encarregou que se confesse muitas vezes e tome o Santíssimo sacramento de conselho de seus confessores e que se vá logo confessar e que a penitência que seu confessor lhe der por estas culpas essa penitência cumpra

**FIM DOS TRINTA DIAS DA GRAÇA CONCEDIDA À CIDADE DO SALVADOR, A UMA LÉGUA A REDOR DELA**

## **Desfixação do édito da graça & do alvará de perdão das fazendas**

Aos vinte e sete dias inclusive do mês de agosto de mil e quinhentos e noventa e um anos que foi ontem se acabaram os trinta dias que o Senhor visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça concedeu de Graça para dentro neles os moradores, vizinhos e por qualquer vias residentes, estantes e presentes desta cidade do Salvador e de dentro de uma légua ao redor delta virem a mesa perante ele acusar se de suas culpas e fazer inteira e verdadeira confissão delas.

Pelo que ele senhor visitador mandou despregar e desfixar o Édito da dita Graça, e o traslado autêntico do Alvará de Sua Majestade do perdão das fazendas que estiveram fixados nas portas da igreja da Sé catedral desta cidade todos os ditos trinta dias da graça, e por seu mandado foram despregadas por serem já acabados os ditos trinta dias,

e de tudo assim passar na verdade eu Notário dou minha fé, e para disto sempre constar fiz aqui este termo por mandado do dito senhor visitador nesta cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos aos vinte e oito dias do mês de Agosto de mil e quinhentos e noventa e um.

Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação do Brasil que o escrevi. — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.



## **Confissão de Maria Lourenço, cristã velha.**

28 de Agosto de 1591

Disse ser cristã velha natural do termo de Viseu filha de Antônio Pirez caldeireiro e de sua mulher Maria Francisca de idade de quarenta anos casada com Antônio Gonçalves caldeireiro morador nesta cidade

e confessando disse que haverá quatro anos pouco mais ou menos, estando ela confessante em uma roça meia légua desta cidade acolhida por causa dos ingleses que entraram na Bahia deste porto, foi ter com ela confessante a dita roça Feli digo que estando ela confessante na dita roça com Filipa de Sousa mulher de Francisco Pires pedreiro cuja é a dita a roça a dita Filipa de Sousa se fechou em uma sua Câmara com ela confessante um dia depois de jantar pela sesta e lhe começou de falar muitos requebros e amores e palavras lascivas melhor ainda do que se fora um rufião à sua barregam, e lhe deu muitos abraços e beijos e enfim a lançou sobre sua cama e estando ela confessante lançada de costas a dita Filipa de Sousa se deitou sobre ela de bruços com as fraldas delas ambas arregaçadas e assim com os seus vasos dianteiros ajuntados se estiveram ambas deleitando até que a dita Filipa de Sousa que de cima estava cumpriu e assim fizeram uma com a outra como se fora um homem com mulher porém não houve nenhum instrumento exterior penetrante entre elas mais que somente seus vasos naturais dianteiros

e depois disto na noite logo seguinte quisera a dita Filipa de Sousa deitar-se na cama dela confessante para dormir com ela e ela confessante não quis consentir isso mas disse ao dito Francisco Pires que é um homem já velho que não deixasse a dita sua mulher Filipa de Sousa vir se a cama dela confessante

então a dita Filipa de Sousa de noite se fingiu doente da madre e fez levantar da cama ao dito velho seu marido para que ela confessante se fosse deitar com ela fingindo que para a curar porém ela confessante o não quis fazer,

e depois disto daí a cinco ou seis dias estando ela confessante já nesta cidade em sua casa veio a ela ter a dita Filipa de Sousa um dia e depois de

acabarem de jantar se tornaram a fechar na Câmara dela confessante e a dita Filipa de Sousa a tornou a requisitar de amores apalpando-a, e abraçando-a, e beijando-a, e enfim sobre a sua cama se lançou de costas a dita Filipa de Sousa e ela confessante se lançou em cima dela de bruços e alevantadas as fraldas ambas ajuntaram seus vasos dianteiros deleitando-se uma com outra como se fora homem com mulher até que a dita Filipa de Sousa cumpriu

e que estas duas vezes fez o dito pecado nefando com a dita Filipa de Sousa da dita maneira não intervindo entre elas outro instrumento penetrante senão somente seus vasos naturais mas crê nenhuma das ditas vezes ela confessante cumpriu

e que destas culpas pede perdão e misericórdia dizendo que não veio no tempo da graça confessá-las porque não lhe lembraram senão ainda agora nesta ora que a dita Filipa de Sousa chegou à sua casa perguntar-lhe se tinha ela vindo dizer isto a esta mesa e espedindo a ela confessante com dizer que não, tomou logo o manto e se vem aqui fazer esta confissão

e assim disse mais que a dita Filipa de Sousa tornou depois a sua casa e pertendeu dormir uma noite na sua cama mas ela confessante o não consentiu.

e assim disse mais a dita Filipa de Sousa se lhe gabou que tinha a tal desonesta e nefanda amizade com Paula de Sequeira mulher do contador, e com Paula Antunes mulher de um pedreiro e com Maria Pinheira mulher de Simão Nunes Ultra, e que em uma sesta se fechara com Paula de Sequeira e que Paula de Sequeira lhe dera um anel de ouro e que assim todas lhe faziam muitos mimos motejando a ela confessante de esquiva e sequa,

e depois de tudo isto lhe acontecer ouviu ela confessante dizer a algumas pessoas não lhe lembra quais que a dita Filipa de Sousa dava mil réis a uma moça casada com um ferreiro alcorcovado de frente de São Bento que dormissem ambas, e que mais lhe não lembra,

e disse mais que algumas vezes pelejando ela confessante com seu marido com a cólera e agastamento lhe chamou somítico dizendo que ele que a dormia por detrás porém que isto é falsidade e o dito seu marido não é tal, nem tal lhe fez nunca e que pode ser que algumas pessoas lhe ouviram isto que ela disse com fúria,

e por dizer que não lhe lembra mais que confessar o senhor visitador a repreendeu e admoestou com palavras de muita caridade que se afaste de semelhantes culpas e das ocasiões delas e das pessoas de cujas conversações lhe pode vir dano à sua alma e que viva bem com seu marido e seja amiga de Deus e muito devota da Virgem Sagrada e se confesse muitas vezes e tome o senhor de conselho de seus confessores e que saiba certo que se outra vez cair em semelhante culpa há de ser castigada mui rigorosamente como este pecado de sodomia e contra natura merece, e lhe mandou que se vá logo confessar ao Colégio Jesus, ou ao mosteiro de São Bento ao padre abade e que cumpra a penitência que ele lhe der e que traga a esta mesa escrito do confessor

e assim lhe mandou mais que cumpra a penitência espiritual seguinte que jejue dois dias e que reze nove vezes o rosário de Nossa Senhora e ela assim prometeu todo cumprir

Por não saber escrever, assinou o Notário a seu rogo.

## **Confissão de Antônia d'Oliveira cristã nova.**

5 de outubro de 1591

disse ser cristã nova de todos os costados filha de Guaspar Dias da Vidigueira cristão novo defunto e de sua mulher Ana Ruiz cristã nova casada com Pero Fernandes também cristão novo natural de Porto Seguro costa deste Brasil de idade de trinta anos pouco mais ou menos que ora veio com o dito seu marido do dito Porto Seguro para esta cidade e ora estão nela moradores em casa de sua irmã dela Caterina Gomez mulher de Salvador da Maia

e confessando-se disse que haverá dezessete anos que é casada com o dito seu marido e depois de estar com ele alguns dois ou três anos pouco mais ou menos ele se foi para Portugal

e nessa conjunção depois de ele ido foi ter a Porto Seguro onde ela era moradora Álvaro Pachequo solteiro cristão novo seu primo com irmão filho de Maria Lopes irmã de sua mãe morador nesta cidade e vendo que ela Confessante jejuava às quartas e sextas-feiras e sábados do carnal os quais dias ela jejuava encomendando-se a Deus Nosso Senhor e à Virgem Nossa Senhora e aos Santos do paraíso encomendando lhes também ao dito seu marido ausente e rezando lhes pelas contas as orações da Santa madre igreja, o dito seu primo lhe disse estas palavras, a prima quão pouco sabe que se não há de salvar por aí para se salvar, venha qua prima quero a ensinar como se salvaram nossos avós há de jejuar às segundas e quintas feiras sem comer nem beber nem dormir nem rezar até noite até sair a estrela então depois de sair a estrela há de cear uma galinha se a tiver bem gorda, assada, ou cozida, e seará à sua vontade, dizendo lhe mais, que este era o verdadeiro jejum e não comer e fartar se ao meio dia e que este jejum faziam seus antepassados e por ele se salvavam.

e que também as tias dela confessante eram mulheres que se confessavam e comungavam, eram honradas, e elas e seus maridos faziam este jejum e por ele se haviam de salvar, e que este era o verdadeiro jejum e aceito a Deus dizendo lhe mais que fosse ela confessante ter com sua tia, Violante Ruiz já

ora defunta irmã de sua avó Branca Ruiz também defunta e que ela a ensinaria,

e que depois de jejuar fosse ela à dita sua tia que lançasse a benção dizendo-lhe também que se a dita sua avó Branca Ruiz fora viva ela lhe ensinava a ela como se havia de salvar porque fora muito santa mulher e morrera uma morte santa dizendo-lhe mais o dito seu primo, que guardasse os sábados porque os sábados, eram os verdadeiros domingos e neles se haviam de vestir as camisas lavadas e neles se não havia de trabalhar e que os domingos nossos cristãos eram dias de trabalho.

e que todas estas coisas lhe ensinava e dizia o dito seu primo a ela confessante no dito tempo por vezes estando sós dizendo-lhe que por que lhe queria bem lhe ensinava estas coisas estando algumas vezes presentes umas suas irmãs dela mais moças a saber, Caterina Gomes e Branca Ruiz as quais lhe parece não atentavam nisso nem o entendiam

e vendo ela confessante estas coisas que o dito seu primo lhe dizia cuidando serem boas não entendendo então que eram judaicas mas parecendo-lhe que assim merecia mais com Deus Nosso Senhor ela jejuou o dito jejum não comendo nem bebendo, nem rezando nem dormindo, até sair a estrela à noite e depois das estrelas saídas ceou e comeu o que achou em casa

e este jejum fez duas vezes somente e lhe parece que os fez ambos em uma semana e em cada uma das ditas vezes foi a dita sua tia Violante Ruiz que tinham a serventia por dentro, que lhe lançasse a benção e a dita sua tia lhe pôs a mão na cabeça, nomeando Abraham a qual Violante Ruiz foi mulher de Anrique Mendez do Porto Seguro já defunto

e ela confessante disse uma ou duas vezes à dita sua tia Violante Ruiz que o dito seu primo Álvaro Pachequo lhe dissera que ela a ensinaria como se havia de salvar e a dita sua tia quando ela isto lhe disse se desfigurou mudando a cor do rosto e lhe disse que se calasse que era tola e não dissesse aquilo

e disse ela confessante que fez os ditos dois jejuns parecendo lhe que neles fazia uma grande devoção a Nosso Senhor sem entender serem judaicos e que agora depois de se publicar nesta cidade a Santa Inquisição contando lhe seu marido em Paripe como todas as pessoas, vinham e eram obrigadas

vir a esta mesa a manifestar todas as culpas que de si e de quaisquer outras pessoas soubessem fez ela então escrúpulo do sobredito e o começou a contar ao dito seu marido simplesmente e se veio a esta cidade onde ora está e se confessou aos padres da companhia de Jesus Antônio Blasquez e Pero Coelho e vem agora a esta mesa fazer esta confissão e pedir misericórdia e pede pelas chagas de Jesus Cristo se use com ela de misericórdia e se lhe outorgue perdão, respeitando-se que nunca ela teve no entendimento erro algum contra a fé de Cristo

e declarou mais que seu compadre Miguel Gomez cristão novo mercador morador no Espírito Santo haverá seis anos disse a ela confessante que então morava também no Espírito Santo costa deste Brasil por muitas vezes vendo a rezar, estas palavras, como reza e não sabe como se há de salvar dizendo lhe mais que os seus antepassados dela sabiam como se haviam de salvar e que todos estavam na glória e lhe contou a história do bezerro dourado quando os filhos de Israel idolatraram estando Moisés no monte e que queriam dizer que dos que adoraram procedem os ijuos [jejuns?] daquela nação e lhe disse mais vendo que ela jejuava como se costuma na Santa Madre igreja que seus avós dela jejuavam doutra maneira.

e também o dito seu compadre lhe disse que seu sogro Jorge Fernandes pai do dito seu marido Pero Fernandes era deles e que seus avós do dito seu marido, e o dito seu pai jejuavam e rezavam e então calava-se,

e outro sim declarou ela confessante que no dito tempo que haverá quatorze anos pouco mais ou menos que o dito seu primo Álvaro Pacheco lhe disse as ditas coisas em Porto Seguro, ia muitas vezes à sua casa que era a casa de sua mãe onde ambas moravam um Diogo Lopez Ylhoa cristão novo cunhado de sua prima Branca de Leão defunta irmã do dito seu primo Álvaro Pacheco e vendo a rezar lhe disse por muitas vezes estas palavras, como é devota a senhora Antônio de Oliveira, como é rezadeira e confessadeira, e isto rindo se mas não sabe sua tenção.

E outrossim declarou ela confessante que haverá mês e meio que em Paripe desta capitania lhe disse sua mãe Ana Ruiz que indo ela haverá ano e meio a Péro Absu despedir-se de suas irmãs Caterina Mendes mulher de Antônio Serrão e Leonor da Roza mulher de João Vaz Serrão tias dela confessante

elas a importunavam e lhe diziam que lhes dissesse o que rezava e que devoções e que se não podia ver livre de lhe elas perguntarem isto

e que também lhe disse a dita sua mãe que em casa de sua prima Ana d'Oliveira mesmo em Paripe viúva sendo casada com o segundo marido Belchior da Costa dizia sempre a uim seu irmão dela confessante por nome Matias estas palavras que rezais, que falais, que andais rezando, todo o dia o qual Matias é um moço doente que reza sempre por contas e ela confessante não sabe suas tenções mas ora depois de entender estas cousas da Santa Inquisição tomou escrúpulo destas coisas que ouviu a dita sua mãe

E declarou mais ela confessante que também o dito Álvaro Pacheco no dito tempo lhe dizia e ensinava a ela confessante que quando fizesse os ditos jejuns às segundas e quintas feiras que não havia de rezar em todo o dia pater noster nem ave Maria nem outra alguma oração,

disse mais ela confessante que também no dito tempo o dito seu primo Álvaro Pacheco lhe dizia e ensinava a ela confessante que Deus que era um só Deus que estava no céu e que a ele só se encomendasse e que nele pusesse os olhos e em Nossa Senhora e que não curasse de imagens,

e disse ela confessante que ora lhe não lembram mais coisas que estas que tem denunciado e confessado e que de qualquer culpa que nelas tem cometido ignorantemente como dito tem pede misericórdia.

e sendo perguntada quais são as suas tias que ela tem disse que são Maria Lopez viúva mulher que foi de mestre Afonso mãe do dito seu primo Álvaro Pacheco e Caterina Mendez mulher de Antônio Serrão moradores nesta cidade e Lianor da Rosa mulher de João Viaz Serrão morador em Pero Absu e Breatis Mendez casada com Francisco Mendez em Pernambuco todas irmãs de sua mãe Ana Ruiz

Por não saber assinou a seu rogo o Notário.

## **Confissão de Dona Margarida da Costa, cristã velha.**

30 de Outubro de 1591

disse ser cristã velha natural de Moura filha de Manoel da Costa e de sua mulher Beatiz Lopez de Gouvêa de idade de quarenta anos mulher de Fernão Cabral de Thaíde moradora no seu engenho de Jaguaripe do Recôncavo desta Bahia

e confessando disse que haverá cinco anos pouco mais ou menos que na dita sua fazenda de Jaguaripe se aposentaram por ordem do dito seu marido que ora está preso no cárcere do Santo Ofício uns gentios da terra que faziam a abusão chamada Santidade tendo um ídolo de pedra que não tinha figura humana ao qual chamavam a Santidade e faziam suas reverências e suas cerimônias gentílicas

e no dito tempo duas negras e três negros do dito gentio da terra da dita abusão vieram da casa em que estavam aposentados dentro na sua fazenda ter as casas do aposento dela confessante que será distância quase de meia légua tudo dentro da dita sua fazenda e a choraram ao seu modo gentílico como costumam fazer quando querem reverenciar e festejar alguma pessoa e ela confessante por obra de uma hora que aí estiveram os mandou agasalhar dando lhe peixe e farinha e uma das ditas negras era a que chamavam mãe de Deus na dita abusão e a essa deu ela confessante umas fitas dizendo lhe que se fosse com elas mais honrada.

Confessou mais que no dito tempo que a dita abusão esteve na dita sua fazenda que poderia ser de dois meses pouco mais ou menos ela tinha para si, e dizia que não podia ser aquilo demônio senão alguma coisa santa de Deus pois traziam cruces de que o demônio foge, e pois faziam grandes reverências às cruces e traziam contas, e nomeavam Santa Maria

e antes de os ditos gentios virem do Sertão para a dita sua fazenda dizia ela que desejava já de vir aquele papa e aquela santidade para ver o que aquilo era por quanto entre o dito gentio vinha também um negro ao qual chamavam papa, o qual no caminho do sertão fugiu e não chegou a dita fazenda com os mais e na verdade ela no dito tempo desejava de ver vir o dito Papa como dizia



e dizendo lhe a dita negra a que chamavam mãe de Deus a dita vez que a foi ver que lhe queria pintar as suas casas como costumavam lá no gentio, que lhe desse licença para isso e ela confessante por não a agravar lhe disse que sim mas não houve efeito nem lhe pintaram nada

e assim mais ela confessante mandou aos seus negros de casa que não agravasse aos ditos gentios da dita abusão e assim mais quando os ditos gentios a vinham ver ela lhes gabava aquela sua chamada santidade dizendo lhe que era muito bom aquilo,

e quando no fim de tudo por mandado do governador Manoel Telez Barreto se desfez a dita casa da dita abusão e ídolo, ela confessante antes de trazerem o dito ídolo para a cidade o mandou trazer dentro ao aposento onde ela estava para o ver por quanto o não tinha ainda visto e ela confessante o tomou na mão e lhe deu com a mão no rosto e lhe cuspiu

e declarou mais que todas as sobreditas coisas que fez e disse em favor dos ditos gentios e sua abusão foi por contemporizar com eles e não os agravar e por não se levantarem e lhe fazerem mal e fazerem também mal à gente branca que estavam no sertão para acabarem de trazer a mais companhia dos ditos gentios

Assinou o Notário pela confessante

## **Auto dos Trinta Dias de Graça concedidos ao Recôncavo da Capitania da Bahia de todos os Santos não incluindo a cidade nem uma légua ao redor dela.**

No Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e dois aos doze dias do mês de Janeiro primeiro domingo depois de dia da festa dos Reis foram publicados geralmente por todo o contorno e Recôncavo desta capitania da Bahia de Todos os Santos pelos vigários, curas e capelães de todas as freguesias, igrejas e capelas dele, a missa em suas estações, os éditos da fé e monitórios gerais em que o senhor visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça mandava com pena de excomunhão maior ipso facto incurrenda (cuja absolvição para se reservava) e de se proceder contra os Reveis como contra pessoas suspeitas na fé que todos os moradores ou por qualquer outra via, vizinhos, residentes, estantes, ou presentes, em todo o dito Recôncavo e qualquer parte dele viessem denunciar perante ele senhor em termo de trinta dias primeiros seguintes tudo o que soubessem de vista ou de ouvida que qualquer pessoa tivesse feito dito ou cometido contra nossa Santa fé Católica e contra o que tem crê e ensina a Santa madre igreja de Roma.

E outrossim os Éditos da graça que o dito senhor concedeu a todos os sobreditos moradores ou por qualquer via vizinhos, residentes, estantes, ou presentes, no dito Recôncavo e qualquer parte dele, que no dito termo dos ditos trinta dias primeiros seguintes viessem fazer perante ele senhor inteira e verdadeira confissão de suas culpas e pedir perdão delas.

E outrossim os Traslados do alvará de sua Majestade por que perdoava as fazendas as pessoas que no dito tempo da graça viessem confessar suas culpas pela dita maneira como tudo mais larga e especificadamente se continha nos ditos editos da fé e monitórios gerais e Éditos da graça e Traslados do alvará solenizados em forma autêntica que o senhor visitador mandou a todos os ditos Vigários, Curas e capelães s(cuicet) a cada um deles um monitório geral e édito da fé, e um édito da graça e um traslado do

alvará de sua Majestade para assim se publicarem geralmente em todo o Recôncavo no mesmo domingo por serem freguesias e capelas mui distantes em fazendas e habitações muito espalhadas por todo o dito Recôncavo, do qual a maior parte tem a serventia por mar, cujos lugares com a declaração das Igrejas e capelas e dos vigários curas e capelães são os seguintes.

It. Pirajao, onde está a igreja de que é vigário Francisco da Silva d'Espinha.

It. Paripe, onde está a igreja de Nossa Senhora do Ó de que é vigário Miguel Martins.

It. Oentum, onde está a capela de São Hieronymo de que é Capelão Manoel Atures.

It. Matoim onde está a igreja de Nossa Senhora da Piedade de que é vigário Fructuoso Álvares.

It. O engenho de Gaspar Dias Barbosa no mesmo Matoim onde está a capela de Santa Caterina de que é Capelão Francisco Seraiva.

It. Jacaracanga, onde está na fazenda de Cristóvão de Bairros, uma capela de que é Capelão Estevão Fernandes.

It. Japase, onde está a igreja da Madre de Deus de que é vigário Bartolameu Gonçalves.

It. Tasuaipina onde está a igreja de Nossa Senhora do Socorro de que é cura Lopo Gomez.

It. A fazenda do Margalho na mesma Tasuaipina onde está a capela de Nossa Senhora dos Prazeres de que é Capelão Hieronymo Brás.

It. Tamararia onde está a igreja de Nossa Senhora, do Monte de que é vigário Pero Gonçalves.

It. Seregipe do Conde onde está a igreja de Nossa Senhora de Purificação de que é cura Antônio Fernandes.

It. Pero Absu, onde está a igreja de que é vigário Marçal Ruiz.

It. Taparica, onde está a igreja da Vera Cruz de que é vigário José Barbosa.

It. Jaguaripe, onde está a capela de São Bento de que é Capelão Lucas de Figueiredo.

It. Caipe onde está a igreja de São Lourenço de que é cura Luiz do Couto.

It. Seregipe de São Cristóvão onde é vigário Baltasar Lopes.

Os quais vigários curas e capelães sobreditos são os de todo o dito Recôncavo desta Bahia de Todos os Santos, não contando esta cidade do Salvador nem uma légua ao redor dela.

E todos eles (cada um em sua igreja ou capela) publicarão em suas estações a missa os ditos papéis no dito domingo e depois de publicados o fixarão nas portas das ditas igrejas e capelas e nelas estiveram fixados todo o dito termo de trinta dias como tudo constou por suas certidões solenizadas com testemunhas nelas assinadas passadas nas costas dos ditos papéis que eles tornaram a mesa do Santo Ofício.

E as confissões que se fizeram na dita mesa dentro nos ditos trinta dias assinados na graça são as que concedidos ao Recôncavo ao diante se seguem, neste primeiro livro das confissões até onde está o termo da declaração do fim delas.

E eu Notário dou minha fé passar tudo na verdade assim e para sempre em todo o tempo disto constar fiz aqui este auto por mandado do dito senhor visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça nesta cidade do Salvador capitania da Bahia de Todos os Santos partes do Brasil aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de mil e quinhentos e noventa e dois anos.

Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação do Brasil que o escrevi — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

SEGUEM SE OS TRINTA DIAS DA GRAÇA DO RECÔNCAVO.

## CONFISSÕES DO RECÔNCAVO

Confissão de Bertolameu Garcês cristão novo alfaiate no tempo da graça.

13 de Janeiro de 1592

disse ser cristão novo filho de Sebastião Pirez alfaiate cristão novo defunto e de sua mulher, Guiomar Fernandes cristã nova moradora em Pernambuco a qual disse já a ele confessante que ela era neta de um homem cristão velho, de idade de quarenta anos pouco mais casado com Maria Gonçalves mamaluca a qual ele tem por cristã velha filha de homem branco e de negra deste Brasil, obreiro de alfaiate morador em Tapagipe nesta capitania,

e confessando disse que haverá três anos pouco mais ou menos que sendo ele morador então em Pero Absu vindo uma vez a esta cidade se agasalhou em Monte Calvário em casa de Antônio de Melo homem aleijado que foi já porteiro e rendeiro do verde nesta cidade

e estando uma vez a boca da noite na dita casa ambos sós praticando lhe contou ele confessante como tinha determinado de ir a aldeia do Espírito Santo para comprar a um mancebo lá morador uma criação de porcos que tinha para vender e como naquele dia tinha topado com o dito mancebo à porta de Gonçalo Álvares Giga nesta cidade e lhe dissera que trouxera a dita criação ao dito Giga para a vender que lhe mandava o Padre Antônio Diaz da Companhia de Jesus que a comprara ao dito mancebo.

e estando assim falando neste queixume que ele confessante estava fazendo ao dito Antônio de Melo de o dito padre ter comprado a dita criação que ele determinava comprar com agastamento disse estas palavras, por clérigos e frades se há de perder o mundo

e logo o dito Antônio de Melo lhe foi a mão dizendo lhe que não falava bem e ele confessante lhe respondeu que não cuidou que naquelas palavras dizia tanto mal e desta culpa pedia perdão e misericórdia neste tempo da graça

e foi perguntado se entendeu ele quando disse estas palavras que as religiões não eram boas respondeu que a sua tenção não foi falar contra a

religião nem contra o estado sacerdotal, mas que falou estas palavras simplesmente sem consideração

e foi perguntado se andou em Itália, França, Inglaterra ou se comunicou e tratou com alguns luteranos ou leu por seus livros, respondeu que ele é natural de Lisboa e em Lisboa se criou e ele lá veio a este Brasil e não andou outras partes nem tratou com luteranos que ele saiba e que lê e escreve mal e não lê por livros danosos e que é bom cristão

e perguntado mais disse que só o dito Antônio de Melo lhe ouviu estas palavras e que ele as disse estando em seu siso porém da maneira que dito tem e foi lhe mandado tornar a esta mesa no mês que vem

## **Confissão de Gaspar Pacheco cristão velho no tempo da graça.**

13 de Janeiro de 1592

Disse ser cristão velho de todos os costados natural da cidade de Lisboa filho de Gomez Pacheco e de sua mulher Joana Ruiz que foi tesoureiro da alfândega de Lisboa já defunto solteiro que nunca casou de idade de sessenta anos morador no seu engenho em Taparica desta capitania

e confessando disse que haverá seis ou sete anos pouco mais ou menos que em Taparica um dia estando ele muito agastado contra uns homens que lhe tinham morto naquele comenos a um seu sobrinho ele sem consideração nem deliberação com fúria e agastamento jurou esta jura, por estas barbas e pelas barbas de Cristo,

o qual juramento fez sendo presentes Antônio Lopez Penela cidadão desta cidade que então era juiz e o alcaide que então era Foam da Costa e Antônio Corelha escrivão todos moradores nesta cidade e seu termo e outras pessoas mais que ora lhe não lembram e isto aconteceu dentro na sua dita fazenda em Taparica,

e outrossim se acusou que é costumado jurar pelo corpo de Deus, e que destas culpas pede perdão neste tempo da graça e foi logo perguntado se sabe ele e crê que Cristo Nosso Senhor depois de ressuscitado e glorioso ficou seu corpo imortal glorioso com suas partes indivisíveis de maneira que é herético cuidar que se podem apartar as mãos, ou pés, ou barbas, ou tripas, ou quaisquer outras partes suas do seu corpo e que assim fica sendo blasfêmia heretical jurar pelas barbas, ou por outra parte em particular do corpo de Cristo, respondeu que ele crê tudo como crê e tem a Santa madre Igreja e que quando fez o dito juramento o fez com cólera súbita sem deliberar razão alguma

e sendo perguntado de que maneira entende ele o dito juramento pelo corpo de Deus se Deus não tem corpo respondeu que entende pelo corpo de Cristo Nosso Senhor Deus verdadeiro segunda pessoa da Santíssima Trindade humanado e que bem sabe que a primeira e terecira pessoa da Santíssima Trindade não têm corpo e que assim o confessa como o tem a Santa madre igreja porém que porquanto ele tem jurado muitas vezes o dito juramento

pelo corpo de Deus sem declarar o como o entende que é de Cristo, e ele tem muitos inimigos que lhe poderão arguir mal faz esta declaração,

declarou mais ele confessante que haverá oito ou doze anos pouco mais ou menos que nesta cidade seus inimigos capitais o acusaram falsamente e nas visitas do ordinário testemunharam falso contra ele infamando-o e impondo lhe que era blasfemo, herege sodomítico, e que dissera que os evangelistas sagrados se encontravam nos Evangelhos, impondo lhe mais falsamente outras culpas as quais ele nunca fez nem cometeu nem é lembrado que nenhuma delas fizesse e disto há autos processados no Juízo eclesiástico desta cidade os quais não são ainda sentenciados finalmente e claramente se vê que foi tudo falso porque o vigário geral Bastiam da Luz desta cidade seu inimigo capital pediu perdão a ele confessante de lhe ter alevantado as ditas culpas e de falsamente fabricar contra ele os ditos autos e convocar a seus inimigos para neles jurarem falso contra ele como juraram nos ditos autos

e para certeza disto apresentou nesta mesa uma certidão feita e assinada pelo Reverendo Padre Fernão Cardim Reitor do Colégio da Companhia de Jesus desta cidade e pediu e requereu a ele senhor visitador mande vir perante se os ditos autos e neles proceda como for Justiça



## Confissão de Gonçalo Fernandez cristão velho mamaluco no tempo da graça.

13 de Janeiro 1592

confessando disse ser cristão velho natural desta capitania filho de Fernão Gonçalves, homem branco lavrador morador em Paripe nesta capitania e de sua escrava Antônia Brasila casado com Incensa Nunez, cristã nova e mamaluca de idade de vinte e cinco anos mais ou menos lavrador e morador no dito lugar de Paripe

e confessando disse que haverá seis anos pouco mais ou menos que no Sertão desta capitania para a banda de Jaguaripe se alevantou uma erronia e idolatria gentílica a qual sustentavam e faziam os brasis deles pagãos e deles cristãos e deles foros e deles escravos, que fugiam a seus senhores para a dita idolatria e na companhia da dita abusão e idolatria usavam de contrafazer as cerimônias da igreja e fingiam trazer contas de rezar como que rezavam e falavam certa linguagem por eles inventada e defumavam-se com fumos da erva que chamam erva Santa e bebiam o dito fumo até que caíam bêbados com ele dizendo que com aquele fumo lhe entrava o Espírito da santidade e tinham um ídolo de pedra a que faziam suas cerimônias e adoravam dizendo que vinha já o seu Deus a livrá-los do cativoiro em que estavam e fazê-los senhores da gente branca e que os brancos haviam de ficar seus cativos e que quem não cresse naquela sua abusão e idolatria a que eles chamavam Santidade se havia de converter em pássaro e em bichos do mato e assim diziam e faziam na dita Idolatria outros muitos despropósitos

e com isto estavam no Sertão onde chamam pela sua língua gentia roigalhes [roigaté?] que quer dizer frio grande e na companhia deles andava Domingos Fernandes Nobre dalcunha Tomacaúna o qual tinha ido por mandado de Fernão Cabral de Taíde para os trazer consigo por ser mamaluco e saber bem a língua.

e como quer que a fama e novas de todas as ditas coisas da dita chamada Santidade correram e se espalharam por toda esta capitania logo os brasis todos escravos e forros, ou fugiam a seus senhores para o dito sertão a

juntar-se na companhia dos da dita abusão ou não fugnido, onde quer que qua estavam usavam as ditas cerimônias e cria na dita abusão

e assim o fizeram os brasis cristãos que estavam na dita freguesia de Paripe geralmente assim forros como cativos, s[eilicet] Simão e Paulo, e todos seus companheiros escravos que ora são do doutor Ambrósio Peisoto e o foram de Francisca da Costa já defunta tia de sua mulher e outros muitos que com eles se ajuntavam cujos nomes lhe não lembram

e com estes na dita freguesia de Paripe ele denunciante [sic] se ajuntou e por espaço de dois meses pouco mais ou menos fez com eles as ditas cerimônias tomando os ditos fumos e falando o seu linguagem e crendo que era verdade o que eles diziam e que vinha o seu Deus e tendo fé na dita idolatria e abusão assim como os ditos mantedores dela parecendo lhe ser certo e bom o por eles dito daquela sua santidade

e que estando ele confessante nesta crença e enganado nesta falsa fé desejou muito de ir ao dito Sertão ajuntar se com os principais mantedores da dita idolatria que estava no dito lugar chamado Frio Grande para com seus olhos ver a dita chamada santidade onde diziam que estava o Deus parecendo a ele confessante ser esse o verdadeiro Deus

e que com estes desejos pediu a Fernão Cabral de Taíde licença e cartas para ele ir ao dito sertão para o dito Domingos Fernandes Tomacaúna que estava com os da dita abusão e o dito Fernão Cabral de Taíde lhas deu com uma pouca de farinha para o caminho

e levando consigo um brasil cristão seu escravo já defunto caminhou pelo mato dois dias, e por haver modo dos gentios salteadores se tornou para casa de seu pai a Paripe na qual ele então morava por ser ainda solteiro e tornou a dar as cartas ao dito Fernão Cabral

e declarou que no dito tempo viu ele confessante no dito Paripe a Francisco moço que andava na escola não sabe que idade mamaluco filho de Antônio Pereira homem branco lavrador, de Matoim e de Maria Pinta filha de Brasila, andar também juntamente com os brasis de casa do dito seu pai Antônio Pereira e com outros mais fazendo as ditas cerimônias e usos da dita feitiçaria, abusão e idolatria chamada santidade como que também cria nela e que isto faziam de noite escondidamente por a gente branca os não

ver nem sentir dentro nas casas e gasalhados dos brasis a que chamam negros da terra

e por não dizer mais foi perguntado quem o induziu a ele confessante e o provocou a crer na dita abusão e idolatria respondeu que um brasil negro da terra foi o primeiro que o induziu pregando lhe pela língua gentia que ele bem entende que era verdade aquela santidade e que vinha seu Deus e defumando o, o qual se chamava Manoel e era escravo do dito Antônio Pereira e já é defunto

e sendo perguntado de que maneira teve ele confessante a dita crença e fé na dita idolatria, se lhe pareceu que Cristo Nosso Senhor não era o verdadeiro Deus e se deixou ele de crer em Cristo e na Santíssima Trindade e no que crê a igreja Católica respondeu que ele não deixou de crer em Deus todo poderoso, e em Jesus Cristo seu filho e no Espírito Santo três pessoas um só Deus verdadeiro e sempre teve em seu coração a fé Católica mas que cuidava ele, que este mesmo Deus verdadeiro Senhor nosso era aqueloutro que na dita abusão e idolatria se dizia que vinha

e foi logo admoestado pelo senhor visitador, que isto que ele diz não tem propósito por que se ele é cristão e sabe que depois que Cristo padeceu e está Deus glorioso no céu não há já de tornar ao mundo senão no fim dele no último dia do Juízo a julgar os vivos e os mortos, bons e maus, para não haver mais geração no mundo que como é possível que cuidasse ele que havia de vir na dita abusão a fazer senhores aos brasis e fazer escravos aos brancos?

que por tanto pois está em tempo de graça e perdão que ele confesse toda a verdade se deixou a lei de Cristo Deus verdadeiro porque não se trata ora nesta mesa senão da saúde de sua alma por que ninguém outrem o pode absolver senão ele senhor visitador e por dizer que a verdade é como tem já dito neste auto e que não sabe mais do que dito tem foi lhe mandado ter segredo

## **Confissão de Migel de Roxas Morales, castelhano cristão velho.**

14 de Janeiro de 1592

Disse ser cristão velho natural da cidade de Loxa do Reino de Granada filho de Antônio de Morales, lavrador e de sua mulher Dona Maria de Roxas defuntos casado com Dona Violante Morgade cristã velha lavrador morador na freguesia de Passe desta Capitania de idade de vinte e oito anos

e confessando disse que poucos dias ao redor das oitavas do natal próximo passado pouco mais ou menos estando ele confessante em boa conversação de prática amigável com Antônio da Costa Castanheira lavrador tido por cristão velho solteiro mancebo que parece ser de idade de vinte e oito anos morador na mesma freguesia de passe e estando mais em prática o Padre Bertolameu Gonçalves vigário da dita freguesia e outras pessoas mais que ora lhe não lembram começou o dito Antônio Castanheira a modo de zombaria falar com ele confessante desdenhando dos castelhanos que não eram gente e entre palavras desta sorte disse mais estas, antes mouro que castelhano,

e que então ele confessante parecendo-lhe mal as ditas palavras o repreendeu dizendo que olhasse como falava e que o dito Antônio Castanheira lhe disse então que ele lera já em uma crônica tratando se das gueras de Castela com Portugal que o campo dos castelhanos estava de uma banda e o dos cristãos, (entendendo pelos portugueses) estava da outra

e que depois disto em outro dia pouco depois se tornaram a juntar em casa de Manoel Gonçalves Ferreira mesmo em Passe, e o dito Antônio da Castanheira apontando para ele confessante que então chegava de fora disse que já ele não era castelhano e era português e renegara de ser castelhano, e então ele confessante respondeu estas palavras antes mouro que português, e se mudou então a prática em outro propósito

e que destas palavras que disse pede perdão e misericórdia as quais ele disse inconsideradamente sem fazer discurso, nem deliberação do que dizia e sem ter tenção de querer afirmar ser melhor a seita dos mouros que a fé dos portugueses que é de Cristo e verdadeira,

e foi logo perguntado de que maneira entendeu ele que dizia as ditas palavras o dito Antônio Castanheiro respondeu que o sentido delas era dizer

ser melhor ser mouro que castelhano porém que a ele confessante lhe parece que também o dito Antônio Castanheira inconsideradamente disse as ditas palavras sem ter ânimo de afirmar o que elas soavam e sendo mais perguntado se algum tempo andou e comunicou entre mouros ou luteranos e se tem livros deles, respondeu que nunca comunicou com eles, nem leu nem teve seus livros e que somente em Granada donde ele é natural via muitos mouriscos já cristãos mas que deles nem de seus costumes sabe nada

e sendo mais perguntado disse que o dito Antônio Casltanheira disse as ditas palavras estando no alpendre da hermidia da invocação de Todos os Santos e que não sabe se lhas ouviu também o dito padre vigário que presente estava porque lhe parece que estava divertido talando com outro, e que quando ele confessante disse também as ditas palavras em casa do ferreiro não sabe se lhas ouviu, o dito vigário que também presente estava nem o ferreiro porque lhe parece que estavam divertidos só lhe parece que Domingos de Andrade mamaluco lavrador casado morador no mesmo Passe lhas ouviu dizer porque estava junto dele e que o dito Antônio Castanheira estava em seu siso sem agastamento nem paixão quando disse as ditas palavras e dessa mesma maneira estava também ele confessante quando disse as suas e que tem em boa conta e de bom cristão ao dito Castanheira, e que quando ele confessante ora queria vir a esta cidade a esta mesa disse em Passe ao dito Antônio Castanheira que lhe parecia que aquelas palavras que ele dissera no dito alpendre de antes ser mouro que castelhano lhe parecia pertencerem ao Santo Ofício que por tanto se viesse acusar a esta mesa e ele lhe respondeu que assim o havia de fazer mas que primeiro o havia de perguntar a um padre

## **Confissão de Pero de Vila Nova francês no tempo da graça.**

17 de Janeiro de 1592

confessando disse ser francês de nação natural da cidade de Provins, filho de Nicolao de Colheni cavaleiro e de sua mulher Nicola Simonheta franceses católicos de idade cinquenta e cinco anos pouco mais ou menos, casado com Lianor Marques de Mendonça cristã velha morador em Ceregipe do Conde

e que na era de mil e quinhentos e cinquenta e sete veio de França uma frota de três Naus de que era senhor Monsenhor Debuela conte [de Bois le Comte], católico na qual vinham muitos mosenhores a saber Monsenhor de la Fonsilha, Monsenhor Thoret, Monsenhor de Pont, Monsenhor do Berit, Monsenhor de Bolex, Monsenhor de la Xapela, e outros muitos Mosenhores e outra muita gente francesa dos quais a maior parte deles eram luteranos e vinham repartidos pelas ditas três naus na capitania das quais vinha ele confessante e chegaram todas ao Rio de Janeiro costa deste Brasil aonde povoaram e não havia ainda no dito Rio de Já nenhum português

e como quer que os luteranos eram mais e mais poderosos que os católicos, começaram a espalhar seus livros luteranos e semear sua doutrina luterana fazendo escolas públicas de sua seita luterana constrangendo e forçando com acoutes a todos os moços e mancebos de pouca idade que fossem às ditas escolas e doutrinas

pelo que ele confessante que então poderia ser de idade de dezoito ou dezenove anos pouco mais ou menos foi às ditas escolas, nove ou dez dias, aonde ouvia aos mestres luteranos ler e ensinar a seita luterana e cerimônias dela mas que ele confessante era cristão católico e sempre o foi e nunca lhe pareceu bem a dita seita luterana nem seus erros nem suas cerimônias e nunca tal aprovou interior nem exteriormente, mas foi as ditas vezes às ditas escolas com medo de lhe fazerem mal

e por isso depois de haver onze meses que estavam na dita terra do Rio de Janeiro tratou de fugir para os cristãos portugueses e se foi meter com os negros gentios entre os quais andou alguns nove ou dez meses no qual

tempo ele não sabia quando era domingo nem em que dia estavam nem se estavam na quaresma e por isso comeu carne nos ditos dias em que a igreja a defende

e enfim foi ter a São Vicente capitania povoada já então de cristãos portugueses e nunca mais até agora teve conversação nem mistura com luteranos

e disse que da dita culpa de ir os ditos dias às ditas escolas luteranas exteriormente pede perdão e misericórdia

e foi logo perguntado se lhe lembram alguns erros que os ditos luteranos tinham contra nossa Santa fé Católica, respondeu que os ditos luteranos tinham e ensinavam que Deus não fizera a missa, e que a missa era feita dos homens, e que na hóstia consagrada da missa não estava o verdadeiro corpo de Cristo e que o verdadeiro sacramento é receber uma fatia de pão em comemoração do corpo de Cristo como eles luteranos usavam e negavam haver se de venerar cruz nem imagem alguma, e não faziam comemoração alguma de Nossa Senhora e diziam que era ela tão pura e limpa que não se havia de por boca em a nomearem e diziam mais que não se haviam de confessar a homens pecadores como eles e não tinham sacerdotes nem confessores e assim tinham outros muitos erros luteranos de que hora não é lembrado,

e foi logo admoestado pelo senhor visitador com muita caridade que ele faça confissão inteira e verdadeira, e que pois começou a usar de bom conselho em vir a esta mesa neste tempo da graça que ele diga tudo porque assim lhe releva para salvação de sua alma e para seu bom despacho

e por ele foi dito que ele tem confessada a verdade e que não lhe lembra mais salvo que algumas vezes praticando com pessoas que lhe perguntavam pelo que faziam os ditos luteranos ele confessante lhes contara e referia estes ditos erros luteranos que ora acabou de declarar dizendo que estes erros lhes vira ele ter no Rio de Janeiro quando com eles estivera e que a sua tenção era quando ele contava estas coisas as pessoas que lho perguntavam conta-las e dizê-las por modo de referir e enunciar os erros dos luteranos, mas não por modo de os afirmar nem de os ensinar, nem de os dizer como coisa boa nem que ele tal sentisse nem aprovasse,

e que já pode ser que alguma pessoa ouvindo lhe contar algumas das ditas erronias cuidaria que ele que os afirmava e não que as contava porém que a verdade de seu ânimo e coração é que nunca teve nem creu nos ditos erros nem outro algum dos mais dos ditos luteranos, perguntado se sabe alguns dos ditos luteranos que ficassem e estejam neste Brasil, respondeu que não sabe luteranos senão dois católicos, que também fugiram para os cristãos a saber Marim Paris, que ora dizem estar casado no Rio de Janeiro, e André de Fontes também ora casado em São Vicente.



## **Confissão de Rodrigo Martins mamaluco de Tamaruria no tempo da graça.**

17 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da capitania de Porto Seguro deste Brasil filho de Francisco Martins homem branco e de uma sua escrava negra deste Brasil chamada Isabel defuntos mamaluco de idade de trinta e oito anos casado com Isabel Ruiz também mamaluca filha de branco e de negra lavrador na freguesia de Tamararia em Pernão mirim

e confessando disse que haverá dezesseis anos pouco mais ou menos que foi na companhia de Diogo Leitão já defunto ao Sertão de Hijuiuibá que em português quer dizer o Sertão de ninho de garça dentro nesta capitania

ao qual Sertão foram para resgatar e fazer descer gentio e nele andou nove ou dez meses, no qual tempo lá esteve uma quaresma e nela e nos mais dias em que a igreja defende carne ele sem ter licença do ordinário e estando são e sem necessidade comeu carne podendo escusá-la porque tinha outros mantimentos,

e perguntando que mais companheiros seus fizeram o mesmo respondeu que não se afirma neles,

e confessou mais que dos ditos nove ou dez meses os quatro meses derradeiros (depois de vindos seus companheiros) ficou ele só entre os gentios em conversado com eles, e recebia deles os seus fumos de erva que chamam erva santa que é sua cerimônia gentílica e outrossim confessou que então deu aos ditos gentios uma espingarda, sem pólvora e sem munição, e assim mais uma espada e estas armas lhe deu por os fazer seus amigos,

e perguntado se os ditos gentios eram de casta dos que fazem mal e guerreiam aos cristãos respondeu que os ditos gentios, antes daquele tempo tinham já brigado com os cristãos e alguns mortos e feridos, ao longo do mar antes de se irem aposentar no dito sertão

e confessou mais que depois de ele vir do dito sertão tornou algumas vezes em outras companhias a outros sertões aonde também em duas quaresmas

nos mais dias em que a igreja defende carne comeu carne sempre como dito tem podendo-a escusar

e deu mais a outro gentio que descia em sua companhia outra espada o qual fugiu com ela para o sertão e era dos gentios que fazem dano e guerra aos cristãos e disse que destas culpas pedia perdão e misericórdia

e foi perguntado pelos companheiros que nestoutras vezes que ele também comeu carne fizeram o mesmo respondeu que não se afirma neles,

e perguntado se sabia ele que ficava excomungado em dar as ditas armas respondeu que quando as deu já o sabia porque já o tinha ouvido,

perguntado quantos anos há que deu a derradeira espada, respondeu que haverá quatorze anos, perguntado se confessou em suas confissões sacramentais estes pecados e se

o absolveram destas excomunhões e quanto tempo há, respondeu que sim confessou estes pecados a seu confessor espiritual s[cilicet] depois que deu a primeira vez as ditas armas, antes de chegar a um ano se confessou ao padre Belchior de Boim vigário de Tamararia, e depois da segunda vez que deu a dita espada também antes de chegar a ano se confessou ao vigário que ora é de Tamararia Pero Gonçalves e sempre o absolveram assim dos ditos pecados como das ditas excomunhões

## **Confissão de Guiomar Pinheira, mamaluca, no tempo da graça.**

17 de Janeiro de 1592

disse ser cristã velha natural da capitania dos Ilhéus costa deste Brasil filha de Antônio Vaz Falcato homem branco e de uma sua escrava por nome Victoria Brasila, viúva casada que foi casada já três vezes com três homens brancos, dos quais enviuvou três vezes, e o derradeiro marido se chamava Pero Fernandez lavrador moradora em Tamararia desta capitania de idade de trinta e oito anos

e confessando disse que sendo ela moça de idade de oito anos na vila dos Ilhéus um dia não lhe lembra se pela manhã se a tarde levando ela um recado de uma sua tia a uma mulher chamada Quiteria Sequa casada que então era com Pero Madeira alcaide dos ditos Ilhéus, a dita Guiterea Sequa tomou a ela confessante que ia em camisa (segundo o costume deste Brasil) nos braços e a lançou em cima da sua cama de costas e lhe alevantou a camisa e arregaçando assim as suas fraldas se pôs em cima dela confessante e ajuntando seu vaso natural com o vaso natural dela confessante fez com ela, como se fora homem com mulher tendo deleitação por espaço de tempo e depois disto passados alguns dias, em outro dia chamou a dita Guiterea Sequa a ela confessante e tornou a fazer com ela sobre a dita cama outra vez o sobre dito pecado ajuntando seus vasos e tendo a dita deleitação por espaço de tempo como da primeira vez, e este pecado nefando cometeram as ditas duas vezes sendo sempre a dita Guiterea Sequa a autora e a íncuba mas não entreveu nisto nenhum instrumento exterior mais que seus vasos naturais

e depois disto assim acontecer a dita Guiterea Sequa com o dito seu marido Pero Madeira se mudaram para as capitanias de baixo e nunca mais a viu nem sabe dela,

e perguntada mais disse que já confessou estes pecados a seu confessor e cumpriu a penitência espiritual que lhe deu e nunca mais fez o dito pecado

Por não saber, assinou o Notário a seu rogo.

## **Confissão de Manoel Branquo mamaluco solteiro na graça.**

17 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho segundo lhe parece, natural desta Bahia filho de Estevam Branco homem francês de nação e de sua mulher Barbora Branca negra brasila defuntos, solteiro de idade de vinte e quatro anos morador em Pirajahia termo desta cidade não tem ofício vive por sua indústria é mestiço, e confessando disse que ele vem ora do Sertão de Laripe onde andou ano e meio na companhia do capitão Cristóvão da Rocha que foram para fazer descer gentio no qual tempo esteve lá uma quaresma e nela e nos mais dias em que a igreja defende carne comeu carne e assim comeu toda a companhia estando sãos e sem licença do ordinário porém com necessidade por que não tinha outra coisa que comer

E outrossim no dito Sertão se riscou e mandou riscar por um negro segundo o costume dos gentios deste Brasil os quais se costumam riscar com labores polo corpo como ferretes cortados na carne que ficam perpétuos significando que são gentios valentes e cavaleiros e isto fez ele confessante parvoamente seu tenção de gentio,

e foi logo pelo senhor visitador admoestado que declare a verdade de sua tenção por que aqui tratasse da saúde de sua alma somente, e respondeu o que dito tem

confessou mais que no dito Sertão deu uma espada aos gentios selvagens amigos dos cristãos e que da culpa que tem nas ditas coisas pede perdão

e perguntado que pessoas mais viu fazer as ditas coisas ou outras pertencentes a esta mesa, respondeu que no dito Sertão em toda a companhia foi público e fama dito por todos que o dito capitão Cristóvão da Rocha deu pólvora e espingarda e bandeira e tambor de guerra aos gentios da serra de Laripe, e que Domingos Fernandes tomacaúna lhes deu também uma espada e que Antônio Diaz mamaluco mestre de açúcar e Baltesar de Leão correiro que foram para Pernambuco se riscaram segundo o dito uso gentílico e ele confessante os viu riscados, porém não sabe a tenção com que o fizeram

e perguntado disse que os ditos gentios de Laripe a quem os sobreditos deram as ditas armas costumam fazer dano e guerra aos cristãos quando acham tempo bom por assim

## **Confissão de Thomas Ferreira mamaluco do tempo da graça.**

18 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho segundo seu parecer natural dos Ilhéus deste Brasil filho de Marçal Ferreira homem branco e de sua escrava brasila por nome Hiena solteiro de idade de trinta e seis anos

e confessando disse que ele ora poucas dias há veio do Sertão da Serra de Laripe onde andou ano e meio no qual tempo teve lá uma quaresma e em muitos dias dela e em outros mais em que a igreja defende carne, ele a comeu estando são e sem licença do ordinário e sem necessidade podendo muito bem escusar de a comer porque tinha outros mantimentos com que nos ditos dias se podia manter e desta culpa pediu perdão.

e perguntando mais disse que bem sabia que pecava em comer carne nos ditos dias e que não lhe lembra que a visse comer a outrem

e disse mais que viu ao capitão da companhia em que ele estava no dito Sertão Cristóvão da Rocha dar uma espada e dois arcabuzes e pólvora e munição e tambor, e bandeira de guerra e um cavalo e uma égua, a um gentio principal dos gentios de Raripe chamado Arataca a troco de gentios escravos os quais gentios de Raripe antes do dito caso e depois e sempre de todo o tempo da memória dos homens fazem guerra e são costumados a guerrear aos brancos cristãos e fazer lhe dano no que podem quando eles se sentem com mais força

e por quanto o dito capitão Cristóvão da Rocha levava na companhia cento e tantos homens brancos afora os negros frecheiros por isso os ditos gentios do dito Arataca estiveram com ele de paz, e assim lhe deixou mais uma ferraria, safra, forja e todos os mais instrumentos do sarralheiro

e outrossim viu a Domingos Fernandez nobre tomacaúna e a André Dias mamaluco morador em Capanemo solteiro e Pedro Alvarez mamaluco solteiro natural de Pernambuco darem também armas aos ditos gentios s[ciliet] o Tomacaúna deu pistolete e pólvora, e os outros dois cada um uma espada,

e outrossim viu riscar-se em um braço Manoel Branco solteiro mamaluco irmão de Jacome Branco morador em Parasaia segundo o costume gentílico os quais gentios tem esta cerimônia que se riscam com lavores abertos na carne a modo de ferretes significando serem gentios valentes e da mesma maneira viu também riscar-se Domingos Dias solteiro mamaluco morador em Capanemo

## **Confissão de Francisco Afonso Capara mamaluco na graça**

18 de Setembro de 1592

disse ser cristão velho natural de Pernambuco filho de Diogo de Corredeira homem branco e de sua escrava Filipa Brasila defunto casado com Maria Pirez mamaluca, lavrador de idade de quarenta anos morador em Pirasaia de Taparica

e confessando disse que haverá quinze anos pouco mais ou menos que vindo se ele recolhendo do Sertão desta Bahia trazendo consigo descendo gentios duzentas almas, tendo ele que se alevantassem com ele os ditos gentios se mandou riscar no braço direito perante eles para se mostrar ser valente e o temerem por quanto é cerimônia dos gentios riscarem-se com uns labores pelo corpo ao modo de ferretes para significarem serem gentios valentes e cavaleiros porém ele o não fez com tenção de gentio senão por o temerem e não lhe fazerem mal como de feito o não fizeram



## **Confissão de Domingos Gomes Pimentel.**

18 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural desta Bahia filho de Simão Gomez Varela lavrador defunto e de sua mulher Magdalena Pimentel solteiro de idade de vinte e quatro para vinte e cinco anos morador em Passe com a dita sua mãe e confessando disse que haverá seis anos pouco mais ou menos que ele tinha a Diana de Monte Maior e a lia e algumas pessoas lhe disseram que o dito livro era defeso e em especial lhe lembra que lho disse um estudante Francisco d'Oliveira filho do tabelião Domingos d'Oliveira o qual estudante ora é da companhia de Jesus

e sem embargo de as ditas pessoas lhe dizerem que era defeso contado depois de assim lhe terem dito que era defeso e ele ter para se que o era contudo leu muitas vezes pelo dito livro de Diana e que desta culpa vem pedir perdão e misericórdia nesta mesa neste tempo da graça

e foi perguntado se lhe disseram a ele ou ele entendeu que quem lesse pelo dito livro defeso ficava excomungado respondeu que somente lhe disseram que era defeso e que não advertiu a se se incorria em excomunhão

e perguntado quem mais o viu ler e se se confessou disto e quem o absolveu respondeu que ninguém o viu ler que é parece que entendeu o que ele lia e que ele se não confessou até agora disto por que nos tempos das confissões lhe não veio isto nunca a memória

## Confissão de Gaspar Nunes Barreto, duvida se é cristão novo na graça

18 de Janeiro de 1592

disse ser natural desta Bahia filho de Francisco Nunez o qual ele teve sempre e tem por cristão velho e foi ferreiro nesta Bahia e depois largou o ofício e foi senhor de engenhos e de sua mulher Joana Barreta a qual ele não sabe se era cristã velha se cristã nova defuntos lavrador, que tem uma cafa [casa?] de meles, morador na freguesia de Taparica na terra firme de Peragasu, de idade de quarenta anos pouco mais ou menos, casado com Ana Alveloa

e confessando disse que sendo ele mancebo desbarbado que ainda não chegaria a idade de vinte anos que seria de idade de dezesseis anos pouco mais ou menos estando era Taparica se mandou riscar por um negro da terra na perna esquerda da banda de fora da cintura até meia coxa, o qual riscado ele consentiu e mandou fazer em si sem nenhuma má tenção gentílica mas simplesmente como moço ignorante o qual riscado é que com um dente agudo de um bicho se fazem uns labores rasgados na carne os quais untam com o sumo da certa erva chamada erva moura e uns pequenos de pós de escodado e assim saram as ditas feridas e ficam os labores como ferretes para sempre

e isto é costume entre os gentios deste Brasil os quais quando fazem alguns feitos grandes e mortes em guerras se costumam riscar da dita maneira pelos braços, e pernas, e corpo, e rosto para mostrar serem gentios valentes e desforcados, e quanto mais valentes se querem mostrar tanto mais junto dos olhos fazem os ditos labores no rosto

## **Confissão de Cristóvão de Sá Betanqor cristão velho, na graça.**

19 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Lisboa filho de Francisco Álvares Ferreira de Batancor e de sua mulher Izabel Correa de Almeida casado com Francisca Barbosa cristã velha lavrador de idade de trinta anos

e confessando disse que haverá oito ou dez dias pouco mais ou menos estando ele confessante na fazenda de seu sogro Baltasar Barbosa praticando com seu cunhado Antônio de Sousa e com Francisco Pirez carpinteiro que estava trabalhando em um barco todos moradores em Ceregipe vindo se a falar acerca dos estados não lhe lembra a que propósito nem quem o começou, ele confessante, disse que lhe parecia que o estado do casado era melhor que o do religioso

então o dito seu cunhado Antônio de Sousa o emendou dizendo lhe que o Padre frei Belchior comissário de São Francisco dizia que melhor estado era o dos religiosos que o dos casados

e logo ele confessante então se desdisse dizendo que seguia o que dizia o dito padre comissário e desta culpa, de simplesmente dizer as ditas palavras pede perdão e misericórdia,

e foi perguntado se havia muito tempo que ele tinha ouvido já e aprendido as ditas palavras, respondeu, que não lhe lembra que nunca em algum tempo ele ouvisse nem aprendesse as ditas palavras de ninguém e que nunca tal parecer lhe veio ao sentido nem dele tratou no pensamento nem por palavra senão então como dito tem.

## **Confissão de Antônia Fogaça cristã velha no tempo da graça.**

18 de Janeiro de 1592

disse ser cristã velha natural desta cidade filha de Diogo Jorilha defunto e de sua mulher Caterina dos Rios viúva mulher que foi de Antônio Dias Adorno defunto de idade de vinte e oito anos pouco mais ou menos moradora na sua fazenda de Peragasu Recôncavo desta capitania

e confessando disse que pelo Bispo deste estado Dom Antônio Barreiros lhe foi posta pena de excomunhão ipso facto incurenda, que ela não falasse nem tivesse comunicação pessoal, nem por escritos nem por recados nem por interposta pessoa com Fernão Ribeiro de Sousa cunhado dela confessante por cessarem certos escândalos e presunções que de falarem e comunicarem nasciam

e que depois de a dita pena ser notificada a ela confessante com declarado que somente se poderiam mandar recados e escritos sobre a liquidação das contas que entre ele e ela havia, acerca do dote que ela e o dito seu marido lhe prometeram em dote quando o casaram com sua irmã contudo sem embargo da dita pena posta, além de muitos escritos e recados que lhe mandou sobre a dita matéria das ditas contas e afora outra carta que lhe mandou depois do natal passado em que lhe dava repreensões e conselhos com palavras de escândalo que não deixasse ela vir a sua fazenda um certo homem, o dito Fernão Ribeiro lhe mandou mais a ela não se afirma se há mais de ano dois escritos cada um por sua vez em dias diferentes nos quais lhe falava também acerca das ditas contas e juntamente neles usava de palavras afeiçoadas e amorosas que é a matéria sobre que lhe foi posta a dita proibição pelo Bispo sob a dita pena,

e assim mais depois de ela receber os ditos escritos respondeu ao dito Fernão Ribeiro pelo menino que lhe trouxera os escritos que ela lhe não respondia a eles por que lhe estava posta a dita pena

e disse mais uma vez também depois da dita pena posta o dito Fernão Ribeiro lhe mandou dizer que lhe falasse que ele lhe iria falar sem lhe mandar declarar o negócio sobre que lhe queria falar e a confessante lhe

mandou dizer que sim falaria mas enfim não falaram e não lhe lembra ora que desvio houve para isso.

## Confissão de Mateus Nunes cirurgião no tempo da graça

11 de janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da cidade do Porto filho de André Nunez e de sua mulher Caterina Ruiz tecelões de toalhas moradores na dita cidade do Porto donde ele é natural já defuntos e de idade de quarenta e seis anos pouco mais ou menos morador na freguesia de Tasuapina do Recôncavo desta Bahia cirurgião casado com Caterina Coelha mamaluca

e confessando disse que sendo ele moço de dezesseis anos pouco mais ou menos fugiu de casa do dito seu pai da cidade do Porto para a vila de Ponte de Lima aonde esteve algum tempo em casa de um homem também tecelão de toalhas que lhe parece que era forasteiro e era já velho que entremetia na barba de branco e não lhe lembra o nome da pia dele, mas lembra lhe que tinha por sobrenome Nogueira e morava junto de Santo Antônio

e esses dias que em sua casa esteve dormiu sempre na sua cama com ele e aconteceu que o dito João Nogueira parece lhe que se chamava Antônio Nogueira teve com ele confessante o ajuntamento contra natura sodomítico penetrando com seu membro viril o vaso traseiro dele confessante lançando se ele confessante com a barriga para baixo e pondo-se o dito João Nogueira em cima dele fazendo como se fora homem com mulher por diante e consumando por detrás com ele o dito pecado de sodomia e isto três ou quatro vezes em noites diferentes sendo sempre ele confessante paciente, e não sabe se o dito homem era casado nem se será ora ainda vivo, era de boa estatura de corpo e de barba preta e branca

confessou mais que depois disto acontecer no mesmo ano tornando se ele confessante de Ponte de Lima para a cidade do Porto, e estando em casa de um cirurgião Domingos Jorge começando a ser seu discípulo, estava também na dita casa um moço pouco menor do que ele confessante então era ao qual não conhece nem sabe o nome nem donde é nem confrontação alguma, e o dito moço com ele confessante dormiam ambos em uma cama e aconteceu que ele confessante teve com o dito moço outro tal ajuntamento nefando penetrando com seu membro o vaso traseiro do dito moço e consumando nele o pecado de sodomia três ou quatro vezes em diversas

noites sendo ele confessante sempre incubo agente e disse que ninguém os viu fazer os ditos pecados e que já os confessou a seu confessores, e cumpriu as penitências que lhe deram

e que ora lhe não lembram mais culpas e que delas está muito arrependido, e emendado e pede perdão e misericórdia e logo o senhor visitador lhe encarregou muito a virtude da honestidade e que se guarde de ocasião de semelhantes pecados por que tornando-os a cometer há de ser gravissimamente castigado e que se confesse muitas vezes e lhe mandou que se fosse logo confessar e que cumpra a penitência espiritual que seu confessor lhe der novamente por estes pecados.

## **Confissão de Francisco Martins cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

20 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho inteiro natural de Bocelas termo de Lisboa filho de Pero Gomes pedreiro, e de sua mulher Joana Batalha de idade do quarenta anos casado com Francisca da Costa lavrador morador em Perabasu neste Recôncavo

e confessando disse que haverá dez anos que foi ao Sertão a fazer descer gentio na companhia de Domingos Fernandes tomacaúna no qual andaram então alguns dezoito meses e nesse tempo por muitas vezes em diversos dias da quaresma e sextas-feiras e sábados ele e a companhia comiam carne podendo escusar de a comer por terem favas e outras coisas com que se podiam manter sem comer carne

e as pessoas que também a comeram são, o dito Domingos Fernandez tomacaúna, e Lázaro Aranha e João Sardinha moradores em Perabasu e outros muitos a que não sabe os nomes e Manoel da Fonseca mamaluco morador em Taparica e Rodrigo Martins mamaluco o morador em Pernão Mirim e seu genro Diogo da Silveira mesmo morador em Pernão Mirim, e Antônio Ribeiro aí morador no mesmo Pernão Mirim, e Álvaro Ruiz oleiro morador em Jaguaripe, os quais todos comeram carne podendo a escusar como dito tem muitos dias.



## **João Gonçalves cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

20 de Janeiro de 1592

Disse ser cristão velho inteiro natural de Outeiro João de Chaves, filho de Diogo Viegas e de sua mulher Breatiz Pirez lavradores defuntos de idade de vinte e dois anos solteiro, trabalhador residente ora em Ceregipe de Conde de Linhares que veio degradado por vadio para o Brasil

e confessando disse que ele veio ora do Sertão de fazer descer gentios em companhia de Antônio Ruiz d'Andrade no qual andaram dezesseis meses e em todo esse tempo nos dias da quaresma e de sextas-feiras e sábados, comeram carne por falta de mantimentos porém muitos dos ditos dias ele confessante a comeu podendo escusar de a comer tendo outro mantimento com que se podia manter sem carne e assim a comeram outras muitas pessoas da dita companhia os quais ele por seu nome não conhece.

Assinou de cruz.

## **Confissão de Cristóvão de Bulhões mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

20 de Janeiro de 1592

Disse ser cristão velho natural da capitania de S. Vicente desta costa do Brasil mamaluco filho de Ignácio de Bulhões homem pardo e de Francisca Índia desta terra de idade de vinte e cinco anos solteiro, ao presente estante em Jaguaripe na fazenda de Fernão Cabral trabalhador

e confessando disse que haverá cinco anos pouco mais ou menos que ele foi ao Sertão e lá andou na companhia de Domingos Fernandez tomacaúna que ora vai para Pernambuco e então andaram no Sertão alguns oito meses em um lugar que chamam as Palmeiras

no meio do Sertão o dito Domingos Fernandes tomacaúna mandou a ele e aos mais companheiros que adorassem o ídolo dos gentios e fizessem todos as cerimônias dos gentios assim como eles faziam na sua abusão chamada Santidade, e ele confessante se ajoelhou por muitas vezes em diversos dias no dito Sertão diante do ídolo dos gentios que era uma figura de pedra que não representava homem nem mulher mas quimera, e fez também as cerimônias deles fazendo como eles faziam

e dizendo os gentios a eles cristãos que se fossem lavar, porque havia de nascer um fogo novo entre eles, e eles se foram lavar, e assim vieram até que chegaram a fazenda de Fernão Cabral onde os ditos gentios estiveram algum tempo com a dita sua chamada Santidade e no dito Sertão andaram fazendo as ditas cerimônias e adorações gentílicas por tempo de quatro meses

e todas estas coisas ele confessante fez por o dito Domingos Fernandes mandar que lho fizessem e também com medo de os gentios lhe não fazerem mal e de os matarem e as mesmas adorações e cerimônias fizeram o mesmo Domingos Fernandes tomacaúna, e Brás Dias mamaluco morador em Perabalu [sic] casado da ilha da Tamoataramdua e a Domingos Camacho, homem branco que foi feitor de Fernão Cabral que foi para as capitanias de baixo, e Simão Dias morador em Jaguaripe na mesma fazenda de Fernão Cabral e Pantaleão Ribeiro homem branco casado morador na

fazenda de Diogo Correa de Sande em Caipe e outros mais que lhe não lembram os nomes

e outrossim ele confessante se rebatizou pelo modo que costumavam os ditos gentios naquela abusão chamada Santidade, que é mudando o nome pondo o maioral do dito gentio outro nome e a ele confessante pôs outro nome que lhe não lembra o qual principal dizia que era Deus e senhor do mundo

e havia entre eles outro gentio a que chamavam Jesus e uma gentia a que chamavam Santa Maria e a outro chamavam vigário e outros ministros que ensinavam a doutrina da dita abusão, e havia outro gentio entre eles o mais grado a que chamavam papa e uma gentia mulher do dito Papa a qual dizia ser mãe de todo o mundo

e outrossim se rebatizaram pelo dito modo um negro cristão e casado de Fernão Cabral a que chamam cam grande ao qual puseram nome pai Jesus pocu, que quer dizer Senhor Jesus comprido, e o dito Simão Dias e outros muitos mais se rebatizaram que lhe não lembram

e depois de o dito ídolo da chamada Santidade estar já com os gentios na fazenda de Fernão Cabral ele confessante também lhe fez as reverências adorações e cerimônias como os ditos gentios muitas vezes e isso fizeram mesmo outros muitos da dita companhia que se acharam presentes

e também aí viu a Fernão Cabral de Taíde reverenciar e abaixar a cabeça ao dito ídolo e assim também viu a Francisco d'Abreu casado e morador era Tasuapina e a Simão da Silva sobrinho de Manoel Teles que foi governador deste estado que se foi para o reino, fazer as ditas reverências ao dito ídolo e assim fizeram na dita fazenda de Fernão Cabral as ditas reverências e idolatrias os mesmos da companhia acima nomeados,

e confessou mais que ele vem ora de Sertão onde foi na companhia de Antônio Ruiz d'Andrade onde há dezesseis meses que andam que foram fazer descer gentio no qual tempo todo nos dias de quaresma e de sextas-feiras e sábados comeu sempre carne podendo escusar comê-la

e assim mais a viu comer a Diogo da Fonseca solteiro mamaluco morador em Caipe e a Gonçalo Cardozo homem branco criado de Ambrósio Peixoto desta cidade e a Bastião Madeira mamaluco morador em Pernambuco, e a

outros muitos cujos nomes lhe não lembram os quais todos comeram carne e ele os viu comer em todo o dito tempo de dezesseis meses que há que para o Sertão foram nos dias proibidos podendo escusar de o comer por terem outros mantimentos de farinha, favas e pescado com que se podiam manter e outrossim confessou que nesta última jornada do Sertão ele confessante deu dez ou doze cargas de pólvora e seis ou sete pelouros a um principal cavaleiro dos gentios

e outrossim viu a Cristóvão da Rocha seu capitão que ora se foi do Sertão para Pernambuco onde é morador dar um cavalo, e uma égua e bandeira e tambor de guerra, e pólvora, e uma espada ao Arataca senhor gentio de certas aldeias do Sertão e mandar lhe concertar pelo sarralheiro que ia na dita companhia as suas espingardas os quais gentios são inimigos dos brancos e lhes dão guerra quando podem e ora nesta jornada não a deram a eles cristãos porque eram muitos e por também eles brancos cristãos usarem de manha mandando prometer dádivas aos ditos gentios inimigos aos quais o dito Cristóvão da Rocha deu mais uma tenda de sarralharia, forja de folies, bigorna e mais instrumentos de sarralheiro

e o dito Domingos Fernandes tomacaúna mandou consertar ao dito gentio cavaleiro inimigo dos cristãos uma espingarda e um pistolete a qual espingarda ele confessante levou a consertar a Gonçalo Cardozo acima nomeado deu o dito pistolete desconsertado ao dito cavaleiro gentio

e sendo perguntado e admoestado que diga a verdade de sua tenção quando fazia as ditas cerimônias gentílicas e idolatrias, respondeu, que sempre creu e teve a fé de Cristo no seu coração e sempre entendeu que o dito ídolo e a dita abusão era falsidade e ofensa de Deus nosso Senhor.

## **Confissão de Lázaro da Cunha mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

21 de Janeiro de 1592

disse ser mamaluco natural da capitania do Espírito Santo filho de Tristão da Cunha defunto homem branco e de sua mulher Isabel Paiz mamaluca irmã do Cônego Jacome de Queiros solteiro de idade de trinta anos que não tem ora lugar certo de morada

e confessando suas culpas disse que haverá sete anos pouco mais ou menos que ele foi de Pernambuco na companhia de Manoel Machado para o Sertão de Raripe no qual se deixou ficar em companhia dos tupinambás que são gentios e entre ellos andou vivendo cinco anos pouco mais ou menos sempre ao modo gentílico despido e tingido, e fazendo e usando, todas as cerimônias, usos, ritos, estilos, e costumes, dos ditos gentios fazendo tudo assim e da maneira como se ele fora gentio e tratando com os feiticeiros como eles fazem porém ainda que fazia tudo isto ele nunca no seu coração deixou a fé de Jesus Cristo e sempre em seu coração foi cristão e se encomendou a Deus e a Nossa Senhora e Santos do Paraíso

e no dito tempo andava com os ditos gentios nas suas guerras ajudando-os contra os outros gentios e uma vez vieram brancos cristãos ter sobre uma aldeia onde ele confessante estava e o puseram em cerco pelo que ele os guerreou e desbaratou porém neste desbarate não ficou nenhum dos cristãos morto ainda que ficaram alguns feridos que depois sararam

e outrossim no dito tempo nas guerras que ele fazia contra os outros gentios ferrou muitos deles e matou e os deu a comer aos gentios em cuja companhia ele andava e em todos os ditos cinco anos e meio pouco mais ou menos que andou no dito sertão sempre nos dias das quaresmas e das sextas-feiras e sábados e mais dias de jejum e proibidos pela igreja comeu carne seu fazer diferença alguma e sem ter necessidade dela e deu mais aos gentios uma espada

e sendo mais perguntado disse que os ditos gentios em cuja companhia andou são inimigos que quando acham tempo e conjunto matam brancos cristãos e os guerreiam como fizeram no fim do dito tempo que ele com

eles andou, que tendo feito resgate com um arraial de perto de duzentos brancos cristãos que foram ao dito Sertão resgatar, eles ditos gentios a traição saltaram com o dito arraial de brancos cristãos e mataram quatorze ou quinze brancos e a muitos feriram e os desbarataram tomando-lhe as peças e ficando se com elas e com o resgate delas que já tinham e neste desbarate ficou ele confessante então desbaratado e por isso se veio então de maneira que os ditos gentios são inimigos dos brancos cristãos e não costumam ter paz com eles senão enquanto eles não tem força nem posse para lhes dar guerra

e em todos os ditos anos não se confessou nem comungou e conversou carnalmente as gentias e tinha mulheres muitas como costumam os gentios e todos os exteriores de gentio guardou inteiramente e depois do dito tempo passado se veio a Ceregipe desta capitania

e depois ainda haverá quinze meses tornou para o Sertão outra vez em companhia de Gonçalo Álvares onde andou até gora que de lá vem e sempre também neste tempo nos dias da quaresma e sextas-feiras e sábados e mais dias proibidos comeu carne sem necessidade não se confessou na quaresma passada que esteve no dito Sertão

e foi perguntado se alguma vez em seu coração lhe pareceu que se podia salvar naquela gentilidade e que a lei dos cristãos não era boa para a salvação das almas e se com essa tenção fez algumas obras de gentio das que tem dito ou outras algumas mais respondeu que nunca tal lhe pareceu e sempre esperou salvar se na lei de Cristo e que o que fez fazia por comprazer aos gentios

e foi lhe declarado o muito que lhe importa falar verdade se fez as ditas obras de gentio com tenção de gentio porque não pode ser absolvido senão nesta mesa e foi admoestado que desencarregue sua consciência por que nesta mesa não se trata mais que da salvação de sua alma pois está no tempo da graça e perdão, respondeu que sempre teve a fé de Cristo no coração e tem dito a verdade

e foi perguntado que adorações fez ele e a quem adorava, respondeu que os ditos gentios não têm Deus nenhum em que creiam nem adorem nem tem ídolos mais que somente as coisas que os seus feiticeiros lhes dizem essas

creem e quando tomam carne humana dos selvagens que é outra casta dos gentios comem com grandes festas bailes e regozijos as quais festas ele confessante se achava presente, e nunca do seu coração creu aos ditos feiticeiros mas de fora mostrava-lhes que os cria e assim também ajuntava carne de porco com carne humana e comendo com os ditos gentios ele comia a de porco e os gentios a humana cuidando eles que também a de porco que ele comia era humana e de todas estas culpas disse que estava arenpendido e pedia perdão

e assim também confessou que uma vez no dito Sertão pecou no nefando consumadamente dormindo carnalmente com uma gentia pelo vaso traseiro como se propriamente fizera por diante pelo natural e de tudo disse que pedia perdão

e foi logo mandado que se fosse confessar ao colégio de Jesus e traga escrito de confissão a esta mesa

e sendo perguntado se nas ditas gentilidades andou outro algum cristão fazendo com ele o mesmo que dito tem respondeu que não.

## **Confissão de Bento Ruiz Loureiro cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

22 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural d'Almeirim filho de André Ruiz Loureiro e de sua mulher Caterina Luiz Loureiro já defuntos casado com Esperanza Tourinha, de idade de quarenta e sete anos pouco mais ou menos lavrador morador em Taparica digo na sua freguesia de Taparica

e confessando disse que haverá quinze anos pouco mais ou menos que indo ele com sua mulher e filhos em um carro para a igreja à missa vindo a ter certas diferenças com sua mulher sobre ciúmes que lhe ela demandava ele se benzeu e querendo dizer nome de Jesus era quem creu, disse e pronunciou com a boca Jesus de que a renegou, porém disse a dita blasfêmia súbita e desatinadamente sem ser sua tenção dizê-la e logo que a disse deu punhados na boca e se arrependeu muito e se veio à cidade confessar e ora neste tempo da graça vem pedir misericórdia a esta mesa

e foi logo perguntado se quando ele disse a dita blasfêmia deixou de crer em Jesus Cristo respondeu que nunca deixou de crer em Jesus Cristo mas que sem considerar a disse

e sendo mais perguntado disse que não estava bêbado, mas agastado e que sua mulher somente o ouviu e o repreendeu foi-lhe mandado ter segredo e que torne a esta mesa no mês de Março primeiro que vem.



## **Confissão de Rodrigo d'Almeida cristão velho na graça do Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da ilha da Palma filho de Estevam Ruiz e de sua mulher Filipa Velosa já defuntos de idade de vinte e seis anos casado cora Margarida Pereira mulher branca morador em Ceregipe do Conde

e confessando disse que haverá sete anos pouco mais ou menos em uma festa do natal na igreja de Ceregipe um dia depois de ele ter almoçado um pouca de farinha da terra foi receber o Santíssimo Sacramento da Eucaristia lembrando-se muito bem que tinha naquela manhã almoçado a dita farinha e disto pediu misericórdia neste tempo da graça nesta mesa

e por não dizer mais foi perguntado se crê que na hóstia consagrada está o verdadeiro corpo de Cristo Nosso Senhor e que o contrário é heresia, respondeu que sim crê

perguntado se quando almoçado tomou o Santo Sacramento, duvidou estar nele o corpo de Jesus Cristo respondeu que não;

e sendo mais perguntado disse que só almoçara farinha da terra e não bebeu vinho e estava em seu se siso e depois que saiu da sua terra não foi a outra senão a esta do Brasil e nunca tratou com Luteranos nem leu seus livros e que bem sabe que é obrigação comungar em jejum e que está muito arrependido e foi lhe mandado que no mês de março torne a esta mesa

## **Confissão de Afonso Luís cristão velho no tempo da graça que se concedeu há gente do Recôncavo desta Bahia.**

23 de Janeiro de 1592

Confessando disse ser cristão velho natural de vila d'Alvito filho de Manoel Luís e de Inês Ruiz, cassado com Isabel Luís cego morador na ilha dos Frades da freguesia de Tamararia

e confessando disse que haverá dezesseis anos pouco mais ou menos, que vive em contínuos desgostos, brigas e diferenças com sua mulher e com uma sua filha casada que ambas se chamam Isabel Luís e com um seu filho Afonso Ruiz por a dita sua mulher lhe negar o débito matrimonial e por a dita filha não querer ganhar de comer com seu marido, e com o dito seu filho por lhe não dar o que lhe pede não o tendo e por ele ser pobre, cego que não pode ganhar e pede esmolas pelo amor de Deus

e todos os ditos mulher e filhos o espancam, esbofeteiam e o escalavram e lhe puxam pelas orelhas e lhe fazem outras afrontas e lhe chamam nomes injuriosos, e ele desatinado e agastado com as ditas coisas que passa de dezesseis anos a esta parte pouco mais ou menos, em todo o dito tempo por muitas vezes em diversos dias e lugares renegou de Deus dos Santos do paraíso, as quais blasfêmias heréticas disse por grande número de vezes em todo o dito tempo perante a dita sua mulher e perante os ditos sua filha e filho e perante outras pessoas que por ele ser cego não vê e das ditas blasfêmias está muito arrependido e pede perdão neste tempo da graça

e também quando a dita sua filha o esbofeteia ele lhe diz que ela esbofeteando a ele esbofeteia a Cristo e a dita sua filha diz que ele que diz que já que ela o esbofeteia que ele se esbofeteara também com Cristo porém ele não se afirma que tal dissesse nunca porém se com agastamento o disse foi não atentando e pede perdão

e por mais não dizer foi perguntado se quando ele disse as ditas blasfêmias deixou de crer em Deus ou em os Santos ou quando disse alguma delas, respondeu, que sempre creu em Deus e na Santíssima Trindade e nos Santos do paraíso e logo depois que blasfemava se punha a chorar com arrependimento

e sendo mais perguntado disse que nunca blasfemou contra Nossa Senhora, e que nos ditos tempos em que disse as ditas blasfêmias ele não estava bêbado nem fora de seu Juízo mas estava cheio de ira e agastamento e foi-lhe mandado ter segredo e que torne a esta mesa no mês de Março próximo primeiro que vem.

[À margem:] Deixa aqui de confessar outras culpas graves e foi a público. Por ser cego assina a seu rogo o Notário.

## **Confissão de Breatiz de Sampaio cristã velha no tempo da graça do Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

apareceu sem ser chamada Breatiz de Sampaio mulher de Jorge de Magalhães cristã velha a qual denunciou nesta mesa no segundo livro das denúncias folhas 29 onde estão as suas mais confrontações...

disse que haverá cinco ou seis anos que mostrando esta ao dito seu marido uns relicários de ouro dentro nos quais estão uns agnus dei, dizendo ao dito seu marido que fizera aqueles relicários para suas filhas e ele lhe não deu boa reposta antes pelejou com ela por que gastava o dinheiro

pelo que ela agastada com cólera e agastamento tomou os relicários e com fúria os arremessou por uma ladeira abaixo, onde os relicários saltando pelo chão um deles quebrou na vidraça e pediu perdão neste tempo da graça

e foi logo perguntada em que conta tem ela o agnus dei e se sabe que é relíquia a que se deva muita veneração respondeu que tem em muita conta ao agnus dei e que um padre da companhia de Jesus lhe deu o dito agnus dei de que quebrou a vidraça dizendo lhe que viera de Roma que lhe tivesse muita devoção e veneração

foi mais perguntada se quando fez a dita injúria aos ditos agnus dei se duvidou ou sentiu mal deles e da veneração que a igreja santa manda tem às relíquias, respondeu que nunca tal duvidou, mas que com cólera sem consideração fez o dito desacatamento de que logo se arrependeu muito e se confessou a seus confessores e foi lhe mandado ter segredo e que no mês de Março que vem torne a esta mesa

Por não saber assinou a seu rogo o Notário.

## **Confissão de Antônio Correa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Moimenta termo da cidade de Lamego filho de Domingos Pires lavrador e de sua mulher Isabel Duarte solteiro de idade de vinte e cinco anos pouco mais ou menos morador na Tapuam termo desta cidade em casa de Antônio Botelho

e confessando disse que sendo ele frade da ordem de São João Evangelista no mosteiro de Vilar de Frades no termo de Braga que haverá quatro ou cinco anos no dito mosteiro um frade dele por nome Diogo da Conceição natural de Regalados mancebo que então podia ser de idade de trinta anos e já era sacerdote e naquele tempo era ou havia pouco que fora sacristão no dito mosteiro um dia na crasta<sup>[28]</sup> perguntou a ele confessante como se benzia e persignava

e logo ele confessante se persignou e benzeu do modo que a Santa Madre Igreja ensina e costuma, dizendo, em nome do padre na testa, e do filho abaixo dos peitos e do Espírito Santo nos ombros e o dito frade Diogo da Conceição lhe disse que era heresia nomear o filho abaixo dos peitos na barriga, e lhe ensinou que se havia de benzer nomeando o padre da testa até a barriga juntamente e nomeando o filho em um ombro e o Espírito Santo em outro ombro

e outro frade foram do Espírito Santo que presente estava do mesmo mosteiro também de missa lhe disse que aquela era a verdade e que assim se havia de benzer, como lhe ensinava o dito Diogo da Conceição

e por ele confessante cuidar que aquela era a verdade usou do dito modo de benzer e assim se benzeu sempre de então por diante como o dito frade lhe ensinou até ora pouco tempo há haverá menos de um ano que estando ele confessante na Pitanga termo desta cidade em casa de Francisca d'Almeida viúva mulher que foi de Lopo Vieira ensinando ele uns seus negrinhos a benzer da dita maneira eles disseram à dita sua senhora que ele os não ensinava a benzer da maneira que ela os ensinava

então a dita Francisca d'Almeida disse a ele confessante que não era aquele bom benzer pois era contra o costume da igreja e perguntou a um clérigo e também disse o mesmo como ela

pelo que ele confessante de então até gora deixou o dito modo de benzer que lhe ensinaram os frades e tornou a usar do primeiro modo de benzer como dantes usava e desse usa ora como costuma a igreja e da culpa de no dito tempo se benzer do dito modo pede perdão neste tempo de graça por que cuidou que acertava

e sendo mais perguntado disse que quando os ditos frades o ensinaram não estava outrem ninguém presente que lhe lembre, e que haverá três anos ou quatro que ele confessante se saiu do dito mosteiro por ser doente de gota coral e os ditos frades lhe parece que ficavam no dito mosteiro e não eram pregadores...

e foi-lhe mandado que no mês de Março que vem torne a esta mesa.

## **Confissão de Baltasar Barbosa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural dos Arcos cinco léguas de Braga filho de Gaspar Barbosa e de Violante Gonçalves, de idade de quarenta e cinco anos pouco mais ou menos casado com Caterina Álvares lavrador morador em Ceregipe do Conde deste Recôncavo

e confessando-se que haverá vinte anos pouco mais ou menos que perdendo-se com o tempo na costa de Ceregipe o novo, onde ora é a cidade de São Cristóvão desta capitania e ele com outros seus companheiros foram tomados pelos franceses luteranos que naquele tempo estavam no dito lugar e um dia estando um luterano daqueles disse aos companheiros dele confessante se indo ele a Roma ao Papa pedir-lhe perdão se lhe poderia o Papa perdoar as culpas de luterano para que ele tornasse a viver catolicamente e um seu companheiro por nome Antônio Gonçalves lhe respondeu que sim que podia perdoar o Papa

então ele confessante simples e inconsideradamente por contradizer ao seu companheiro respondeu-lhe que o não podia fazer e desta culpa pede perdão e foi logo perguntado se teve ele ou tem dúvida que o Papa tenha maior poder sobre todos os bispos e prelados do mundo, respondeu que nunca teve nem tem tal dúvida e que bem creu e sabia que o Papa tem poderes de Deus para poder perdoar aos Luteranos convertendo se eles a fé Católica

e sendo ele mais perguntado disse que o dito Antônio Gonçalves é já morto e quando isto aconteceu estava também presente Diogo Dias mamaluco genro de Garcia da Vila e cunhado dele confessante morador nesta cidade e não foi mais presente outrem alguém e que o dito Antônio Gonçalves já defunto repreendeu logo a ele confessante e ele se calou, e não estava bêbado nem fora de seu Juízo e foi lhe mandado ter segredo

e declarou sendo perguntado que duas ou três vezes no dito fregrante afirmou ele que o Papa não tinha poder para absolver e perdoar aos luteranos para ficarem cristãos, e contradizendo-lhe isto o dito Antônio

Gonçalves ele confessante o tornou a afirmar dizendo que o Papa não podia, até que enfim se calou sem se desdizer, e isto fez com teima de sempre contradizer ao dito Antônio Gonçalves por andarem de rixa

e depois disto o dito luterano blasfemou contra o Papa dizendo palavras injuriosas e o dito luterano falou as ditas coisas em espanhol que bem o entendia e prometeu ter segredo pelo juramento que recebeu e foi lhe mandado que no mês de março que vem torne a esta mesa.



## **Confissão de Belchior da Costa cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da vila de Guimarães filho de Jorge Gonçalves tecelão de toalhas e de sua mulher Senhorinha da Costa defuntos de idade de trinta e cinco anos morador em Ceregipe do Conde casado cora Breatiz Piscaria

e confessando suas culpas disse que sendo ele moço de dez anos de idade pouco mais ou menos veio pousar a casa do dito seu pai na dita vila de Guimarães, Mateus Nunes tido por cristão novo cirurgião morador nesta cidade e uma das noites que aí dormiu ele confessante com ele na cama e de noite o dito Mateus Nunes que então poderia ser de idade de vinte anos o começou a solicitar de maneira que com efeito chegou a dormir com ele carnalmente metendo seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele confessante e cumprindo nele assim como se o fizera com mulher por diante e consumou o pecado de sodomia uma vez somente

e sendo perguntado disse que naquele tempo não entendeu ele confessante bem ser isso pecado mas logo ao dia seguinte o contou em casa e nunca mais dormiu com ele por que se foi,

Confessou mais que sendo ele confessante de quatorze anos pouco mais ou menos nesta cidade em casa de seu pai um dia depois de jantar, estando ele deitado e uma rede veio aí ter um moço de idade de nove ou dez anos filho de um carpinteiro das ilhas morador ora em Paripe com sua mãe viúva o qual se deitou com ele na rede e ele confessante dormiu com ele carnalmente penetrando com seu membro desonesto o vaso traseiro do dito moço cujo nome lhe não lembra e cumpriu com ele como se o fizera com mulher por diante e consumou o pecado de sodomia

e sendo perguntado disse que neste caso segundo já ele bem sabia ser isso pecado grave e que ninguém o viu, e disse que destas culpas pedia perdão e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de abril

[A margem:]

Este confessante fez muitas mostras de arrependimento dei-lhe nesta mesa em segredo penitências espirituais com a admoestação necessária E mandei-o confessar e trouxe escrito do confessor (Rubrica)

## **Confissão de Marcos Barroso cristão velho no tempo da graça no Recôncavo.**

23 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Barroso filho de Bastião Pires e de sua mulher Inês Martins lavradores, já defuntos, casado com Caterina Colaba de idade de quarenta e cinco anos pouco mais ou menos, lavrador morador em Tasuapina no engenho de Martim Carvalho

e confessando disse que haverá vinte e oito anos pouco mais ou menos que estando ele no mosteiro de Bustelo da ordem de São Bento além da cidade do Porto onde ele confessante tinha um tio frade por nome frei Antônio de Rio Douro primo de sua mãe que então era prior no dito mosteiro por cuja causa ele continuava muitas vezes neles estava no dito mosteiro um moço derredor de idade de quatorze ou quinze anos por nome Domingos natural de Riba do Douro o qual servia de moço no dito mosteiro de mandados e tinha nele um irmão frade por nome frei Antônio Nogueira

e sendo ele confessante com o dito Domingos companheiros que dormiam em uma cama chegaram a ter amizade desonesta de maneira que pecaram no pecado nefando de sodomia duas ou três vezes em diversas noites sendo ele confessante sempre o agente dormindo com o dito Domingos carnalmente metendo seu membro desonesto pelo vaso traseiro do dito Domingos e cumprindo com ele por detrás como faz um homem com uma mulher por diante, consumando o pecado da sodomia as ditas duas ou três vezes,

e sendo mais perguntado disse que ninguém os viu fazer os ditos pecados, e que bem sabia ele que eram pecados graves e que já se confessou deles em suas confissões passadas, e que nunca mais os cometeu com outra alguma pessoa e que não sabe onde esteja ora o dito cúmplice e que ele confessante foi o principal provocador

e foi logo admoestado que lhe não aconteça outro tal porque será gravissimamente punido e foi mandado que se fosse confessar ao padre Quericio Caixa e traga escrito a esta mesa.



## **Confissão de Antônio de Meira cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural desta Bahia filho de Francisco de Meira homem branco e de sua mulher Elena de Meira, negra desta terra brasila, casado com Maria Alvernaz mamaluca morador e lavrador no Rio de Joane freguesia de Paripe

e confessando disse que haverá sete meses pouco mais ou menos ou menos que estando ele na sua fazenda onde é morador em uma sexta-feira a tarde chegaram a sua casa Pero Teixeira lavrador que ele sempre ouviu nomear por cristão novo morador em Toque Toque, e Luiz d'Oliveira carpinteiro o qual não sabe se é cristão novo também morador em Toque Toque ambos seus amigos que vinham da aldeia do Espírito Santo e iam para suas casas e aquela noite de sexta-feira foram seus hóspedes e lhes deu agasalhado em sua casa.

e ao sábado seguinte pela manhã querendo-se eles partir não tendo ele confessante que lhes dar a almoçar os convidou que se quisessem lhes mataria uma galinha para almoçarem e por eles dizerem que sim queriam ele confessante matou uma galinha e a assou e eles a almoçaram e juntamente com eles comeram dela também ele confessante e mais Domingos de Rebelo mamaluco seu cunhado morador na mesma fazenda dele confessante

e outrossim confessou que as negras de sua casa cristãs Margarida e Antônia brasilas alguns Domingos e dias Santos trabalham fiando e fazendo anastros<sup>[29]</sup> não lhe estorvando ele

e por não dizer mais foi perguntado quantas léguas são de sua casa para o lugar onde moram os ditos Pero Teixeira, e Luís d'Oliveira respondeu que são três léguas que caminham em três horas

e sendo miais perguntado disse que nenhuma outra pessoa os viu comer a dita galinha senão as ditas suas negras e negros seus que serviam à mesa e das ditas culpas pediu perdão neste tempo da graça e do costume disse nada

e foi lhe mandado ter segredo pelo juramento que recebeu e tornar a esta mesa no mês de Março primeiro.

## **Confissão de Domingos Rebelo mestiço, na graça do Recôncavo.**

24 de Janeiro de 1592

disse ser mamaluco natural desta Bahia filho de Miguel Martins homem branco e de Lianor brasila solteiro de idade de vinte e sete anos morador no Rio de Joane freguesia de Paripe

e confessando disse que no mês de fevereiro do ano passado em um sábado pela manhã estando em casa de seu cunhado Antônio de Meira com que ele é morador Pero Teixeira e Luís d'Oliveira carpinteiro moradores em Toque Toque que tinham dormido aquela noite aí em casa querendo se partir para a sua por não terem que almoçar disse o dito seu cunhado que lhes mataria uma galinha e eles disseram que sim queriam então se assou uma galinha e todos comeram dela a saber Pero Teixeira defunto e Luís d'Oliveira e ele confessante e seu cunhado

e desta culpa pede perdão e sendo perguntado disse que os ditos Pero Teixeira e Luís d'Oliveira caminhavam a cavalo e o caminho dali até suas casas é de três para quatro léguas.

## **Confissão de Noitel Pereira cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

24 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural d'Alvito filho de Afonso Luís carreiro e de sua mulher Isabel Luís, casado com Antônia Correa moradores na ilha dos Frades freguesia de Tamararia carpinteiro e lavrador de idade de vinte e sete anos

e confessando disse que esta quaresma que ora vem faz dois anos sendo ele morador em Ceregipe do Conde deste Recôncavo a dita sua mulher se foi confessar pela obrigação da igreja ao seu vigário que então era Antônio Fernandez

e depois de a dita sua mulher vir da confissão lhe disse em casa que o dito vigário na confissão a cometera tratando com ela palavras em desprezo dele confessante e em louvor dela que mal empregada era ela nele e que se ele vigário tivera mulher lhe havia de querer, grande bem, e a havia de trazer vestida de seda,

e ouvindo ele confessante estas coisas disse que a gente só a Deus se havia de confessar e não aos homens e desta culpa pede perdão

e foi logo perguntado se sabe ele que negar que não se deve fazer a confissão ao sacerdote senão somente a Deus que é heresia, respondeu que ele é idiota e simples e que não entendia isso mas que com paixão o disse levemente,

perguntado mais se crê que é obrigado todo cristão confessar-se ao seu pastor e prelado homem, e que não basta confessar se a Deus como a Santa madre igreja tem e ordena respondeu que assim tem e crê como a Santa Madre Igreja tem e ensina

e sendo mais perguntado disse que a dita sua mulher é de idade de dezessete anos e o dito vigário lhe parece ser de quarenta anos pouco mais ou menos.

Assinou de cruz



## **Confissão de Antônia Correa cristã velha, no tempo do Recôncavo.**

24 de Janeiro de 1592

disse ser cristã velha natural de Lisboa filha de Diogo Coadrado e de sua mulher Maria Fernandes criados do bispo dom Antônio Berreiros, e casada com Noitel Pereira lavrador de idade, de dezessete ou dezoito anos moradora na ilha dos Frades freguesia de Tamararia

e confessando disse que não na quaresma passada senão na outra atrás sendo ela moradora na freguesia de Cerecipe do Conde se confessou ao vigário da dita freguesia Antônio Fernandes pela obrigação da igreja e estando dentro do confessionário acabando de a absolver lhe disse logo que mal empregada era ela em seu marido e que se ela fora sua mulher dele vigário que doutra maneira com vestidos de seda a houvera de trazer e que se ela quisesse alguma coisa que lha pedisse que ele faria tudo e estas coisas com palavras brandas e de maneira que claramente ela entendeu serem com tenção desonesta

pelo que se alevantou logo muito envergonhada e se foi e depois era sua casa perante seu marido contou o que lhe aconteceu dizendo que era bom confessar se uma pessoa ao pé de um pau a Nosso Senhor que não aos clérigos e aos confessores pois eles eram tais que na confissão cometiam as mulheres e desta culpa pede perdão

e foi lhe logo dito pelo senhor visitador que ela podia enganar-se, que o vigário dir-lhe-ia aquelas palavras com bom zelo de caridade, respondeu que ela o não entendeu assim

e foi perguntada se crê ela que é bom e necessário confessar-se aos confessores como ordena a Santa madre igreja e como Cristo Nosso Senhor instituiu e não confessar-se só ao pé de um pau como ela diz, respondeu que tudo crê como crê a Santa Madre igreja e que ela como moça ignorante disse aquelas palavras e sendo mais perguntada disse que não se alembra bem se seu marido lhe ouviu dizer estas palavras.

Por não saber, assinou a seu rogo o Notário.



## **Confissão de João Ruiz Palha cristão velho, no tempo do Recôncavo.**

24 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da vila de Moura filho de Mateus Ruiz e de sua mulher Lionor Ruiz lavradores defuntos, de idade de sessenta e dois anos casado com Mecia de Lemos lavrador na freguesia de Nossa Senhora da Piedade no engenho de Bernaldo Pimentel,

e confessando disse que haverá cinquenta e dois anos que em Portugal no termo de Moura uma ou duas vezes encantou os bichos de certo gado cujo dono lhe não lembra

o qual encantamento, era para os bichos caírem ao gado da maneira seguinte, tomava nove pedras do chão e dizia as palavras seguintes, encanto bizandos com o diabo maior e com o menor, e com os outros todos, que aos três dias caíram todos, e estas palavras dizia nove vezes, e cada vez que as acabava de dizer, lançava uma das ditas pedras para encontrar o lugar onde andava o gado e desta culpa disse que pede perdão,

e foi perguntado se entendia ele que nisto havia contrato com o diabo, respondeu que sim entendeu

perguntado se quando usava deste encantamento ou antes ou depois deixou a fé de Jesus Cristo e creu que os demônios lhe podiam valer e aproveitar no dito encantamento, respondeu que nunca deixou a fé de Jesus Cristo e que o fazia por que naquele tempo o viu fazer geralmente a quase todos os pastores daquela terra,

e sendo mais perguntado disse que não sabe se aproveitou e não lhe lembra afirmadamente quem lho ensinou e nunca mais o usou e foi lhe mandado que o não use sob pena de ser gravemente castigado e foi lhe mandado que tornasse aqui no mês de março.

## **Confissão de Brás Dias cristão velho, mestiço no tempo do Recôncavo.**

25 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho mamaluco filho de Afonso Dias homem branco e de sua mulher Isabel Dias brasila, natural do termo desta cidade casado com Antônia Luís mamaluca, lavrador de idade de cinquenta anos morador na freguesia de Jaguaripe deste Recôncavo

e confessando disse que haverá seis ou sete anos que ele foi ao Sertão do campo grande em companhia de Domingos Fernandes Tomacaúna a fazer descer para a fazenda de Fernão Cabral os gentios que traziam a abusão erronia chamada Santidade,

e andou entre eles no Sertão alguns quatro ou cinco meses no qual tempo todo ele confessante fez com os ditos gentios todas as cerimônias e abusos e idolatrias assim como eles mesmos faziam de maneira que fez e exercitou todo os exteriores dos ditos gentios da dita abusão, e isso mesmo fizeram da mesma maneira também o dito Domingos Fernandes Tomacaúna, que era o língua e principal da sua companhia, e Pantaleão Ribeiro homem branco morador na dita freguesia de Jaguaripe e Pero Alvarez mamaluco morador em Pernambuco e Agostinho de Medeiros também mamaluco, Domingos Camacho homem branco, Diogo da Fonseca mulato, e Cristóvão de Bulhões mulato morador na fazenda de Fernão Cabral, Simão Dias mamaluco morador na mesma fazenda, e outros

e foi perguntado, que substância e que lei era, a da dita abusão chamada Santidade, respondeu que um brasil cristão chamado Antônio criado nas aldeias da conversão fugiu para o Sertão e lá inventou esta erronia chamada Santidade a qual em si não tem ordem nem certeza, nem regra, mais que uivarem, e bouziarem não tendo nomeadamente Deus e trazem cruces metidas no chão em montes de pedra e do pé dela para todas as partes em redondo riscam no chão uns riscos e trazem contas de rezar de pau com suas cruces, e extremos, e passeando bolindo com os beiços vão correndo as contas, e falam na Santíssima Trindade com despropósitos e erros heréticos de maneira que vivem assim sem nenhuma significação

e põem se nome uns aos outros de Jesus e de Santa Maria e o dito brasil Antônio tem mulher e filhos e ele mesmo batiza os seus filhos com duas candeias acesas com um prato d'água benzendo a lança lha pela cabeça de maneira que nesta abusão vão arremedando os estilos que nós os cristãos temos, nas cruces, e confessando que Cristo é senhor do mundo que dá os mantimentos filho de Santa Maria virgem mas nisto, tem muitas imperfeições e despropósitos como coisa de negros que são de pouco saber e sendo perguntado disse que ele e os sobreditos faziam e diziam os ditos despropósitos assim como os ditos gentios para os enganarem e trazerem consigo para a dita fazenda de Fernão Cabral porém que ele confessante interiormente sempre teve em seu coração firme a fé de Jesus Cristo e foi sempre no coração cristão e nunca creu nas ditas abusões, e disse estar muito arrependido e pedia misericórdia e perdão, e do costume disse nada e foi lhe mandado ter segredo e que torne a esta mesa no mês de Março primeiro que vem.

## Confissão de Antônio Gonçalves cristão velho no tempo do Recôncavo.

28 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Darque termo de Bracelos filho de João Pires oleiro e de sua mulher Maria Pires defuntos de idade de trinta e cinco anos casado com Francisca Pereira mamaluca oleiro morador em Tasuapina.

e denunciando disse que haverá oito anos pouco mais ou menos que fugiram doze ou quinze escravos índios deste brasil a Antônio Viera lavrador morador em Jacaracanga e ele, denunciante e o dito Antônio Vieira e Manoel Machado casado com uma mulher que foi de Duarte Alvarez mamaluco morador em Taraararia e João Morgado casado com uma mamaluca filha de um vaqueiro que foi do bispo por nome Bastião Dias que não sabe lugar certo onde mora foram todos quatro algumas cinco ou seis léguas pelo Sertão após os ditos negros fugidos os quais logo acharam

e voltando com eles no mesmo dia que era sexta-feira acharam uns gentios a montaria os quais lhes deram um pedaço de carne de porco assada e eles todos quatro a comeram na dita sexta-feira podendo escusar de a comer porque tinham perto a aldeia de São João qual ainda chegaram no mesmo dia com sol e desta culpa pede perdão e misericórdia

e sendo perguntado disse que todos eles sabiam muito bem quando comeram a carne que era dia de sexta-feira e que a não podiam comer e que era pecado grande comê-la.

## **Confissão de Mana Rangel Confissão de Meaia Rangel aísia velha no temjo do Recôncavo.**

29 de Janeiro de 1592

disse ser cristã velha natural do Porto cidade do Porto filha de Miguel Ribeiro, procurador do número desta cidade e de sua mulher Marta Vilela, casada com Rafael Teles lavrador, de idade de vinte e quatro anos moradores na freguesia de Tasuapina

e confessando suas culpas disse que haverá dez anos pouco mais ou menos sendo ela de idade de treze ou quatorze anos estando em casa de seu pai nesta cidade sendo donzela veio ter um dia ia sua casa outra moça do seu próprio corpo então e que parecia ser da sua própria idade então sua vizinha com a qual costumava folgar muitas vezes filha de um carpinteiro parece lhe que tinha nome Francisca moravam em uma rua que vai do terreiro de Jesus para a horta do correeiro onde ora mora Domingos d'Almeida, a qual ora é casada com Gonçalo Gonçalves mestre de açúcar do engenho de Antônio Francisco do Porto

e estando assim ambas sós em casa fecharam a porta por dentro e se deitaram sobre uma cama e tiveram ambas o nefando ajuntamento carnal deitando se a dita Francisca de costas e ela confessante de barriga em cima dela e ajuntando seus vasos sem haver outro nenhum instrumento penetrante mais que somente seus vasos um com outro assim se estiveram deleitando por espaço de um quarto de hora e o dito pecado fizeram ambas aquela vez somente e sabiam muito bem ser aquilo pecado grande em ofensa de Deus

e lembra-lhe que a mãe da dita moça se chamava Saboeira e declarou que não lhe lembra bem qual delas foi a que se pôs de cima e qual debaixo ou se ambas revezadamente o fizeram

e disse mais que sendo ela moça de sete ou oito anos na cidade do Porto estando lá em casa de seu pai e mãe, indo ela um dia a casa de Filipa Dias mulher de um picheleiro morador na porta de cima de Vila, uma sua filha por nome Isabel o sobrenome lhe não lembra já mulher que naquele tempo parecia ser de quinze ou dezesseis anos tomou por força a ela confessante e

fechando a porta ficando ambas sós, a lançou sobre uma cama de costas e se pôs em cima dela de barriga e ajuntando o seu vaso com o dela confessante sem haver outro instrumento penetrante esteve assim com ela deleitando se um pouco, mas como ela era então pequena e esta foi a primeira vez que isto lhe aconteceu o não o entendia e não sabe dar razão das mais circunstâncias

e outrossim disse que no mesmo porto no mesmo tempo ela com outras moças também pequenas e algumas de doze anos as quais lhe não lembram nem conhece em diverssos tempos e lugares por diversas vezes também umas com as outras se deitavam e ajuntando seus vasos pela dita maneira se deleitavam

e disse mais que haverá ano e meio pouco mais ou menos estando ela doente dos olhos por ter feito muitas devoções a Santa Luzia e não melhorar nos olhos disse agastada sem considerar o que dizia que nunca mais havia de rezar a Santa Luzia de trampa, isto segundo sua lembrança mas que logo se arrependeu e de todas estas culpas pediu perdão

e sendo mais perguntada disse que fez o dito pecado com a dita Francisca filha do carpinteiro em um domingo ou dia Santo estando em seu siso não lhe lembra se pela manhã se com tarde e não sabe se foram vistas de alguém, nem o descobriu alguém senão na confissão e de então até gora se emendou do dito pecado e disse que nunca mais o fizera

pelo que foi admoestada que se aparte da conversação das ditas pessoas e de quais quer outras que lhe possa causar dano em sua alma e lhe foi mandado que o faça assim porque fazendo o contrário será gravemente castigada e que se confesse ao padre Quericio Caixa da companhia e traga escrito a esta mesa

Por não saber assinou seu rogo o Notário apostólico.



## **Confissão de Gaspar Ruiz no tempo do Recôncavo.**

29 de Janeiro de 1592

disse ser natural da capitania dos Ilhéus costa deste Brasil não sabe se é cristão novo se cristão velho filho de Gaspar Ruiz mestre de açúcar e de sua mulher Ana Vieira defunta solteiro que nunca casou de idade de vinte e sete anos pouco mais ou menos, morador na ilha dos Frades, freguesia de Tamarana deste Recôncavo mestre de açúcar

e confessando disse que haverá três ou quatro anos que estando ele doente de corrimentos curando-se em casa de sua irmã Caterina Ruiz que então morava em Mare, um dia com as muitas dores disse que já que Deus não tinha poder para lhe tirar as dores viessem os diabos e o levassem

e isto disse uma só vez que lhe lembre e a dita sua irmã o repreendeu e ele se calou segundo lhe parece e não se desdisse pelo que ora pede misericórdia

e foi logo perguntado se deixou ele de crer quando disse a dita blasfêmia que Deus Nosso Senhor é todo poderoso e que lhe podia tirar as dores se fora disso servido respondeu, que não deixou nunca de crer ser Deus todo poderoso, porém que com o desatino das dores que havia muito tempo tinha disse as ditas palavras

e sendo mais perguntado disse que não teve propósito deliberado de se entregar aos diabos para que o levassem e que seu pai estava também presente e que lhe não lembra que em algum tempo dissesse outras semelhantes palavras e foi lhe mandado ter segredo e que torne a esta mesa no mês de março

## Confissão de João Gonçalves cristão velho, no tempo do Recôncavo

29 de janeiro de 1592

disse ser cristão velho natural da capitania dos Ilhéus costa deste Brasil filho de Tomé Fernandes e de sua mulher Isabel Gonçalves trabalhadores, solteiro, que lhe parece ser de idade de vinte anos alfaiate morador em Ceregipe do Conde deste Recôncavo

e confessando disse que haverá três anos que foi na companhia de Cristóvão de Bairos a guerra de Ceregipe Novo na qual andou no arraial e mandando Cristóvão de Bairos a Álvaro Ruiz mamaluco da Cachoeira por capitão de uma companhia de cento e tantos homens pelo Sertão dentro a fazer descer gentio com paz ele confessante foi na dita companhia na qual andou no dito Sertão algum mês e meio e nesse tempo nos sábados e sextas-feiras e dias que não eram de carne ele confessante comeu sempre carne

e antes de partir com o dito Álvaro Ruiz para o dito Sertão estando no arraial em Ceregipe se fez riscar em um braço e logo mostrou o braço esquerdo entre o cotovelo e o ombro riscado de lavores cortados na carne feitos como ferretes que ficam em sinal para sempre o qual riscado é uso e costume dos gentios valentes de maneira que riscar-se e ser riscado significa entre os gentios ser gentio cavaleiro e valente, e declarou que Estacio Martins mamaluco alfaiate morador nos Ilhéus lhe fez o dito riscado

confessou mais que haverá ano e meio que ele confessante foi na companhia de Gonçalo Alvarez carpinteiro de Tamararia ao sertão das Alpariacas na qual companhia eram por todos vinte e cinco brancos e alguns sessenta selvagens pagãos e alguns trinta escravos cristãos e andaram no sertão quinze meses sem se confessar donde ora poucos dias há que vieram nos quais quinze meses em todos os dias da quaresma e nas sextas-feiras e sábados e mais dias que não eram de carne comeu carne e assim comia toda a dita companhia do seu rancho

e de tudo pediu perdão nesta mesa e foi lhe mandado ter segredo pelo juramento que recebeu e que se vá confessar ao colégio de Jesus e traga

escrito a esta mesa antes de se tornar para sua casa e que de pois de Março  
torne a esta mesa

[À margem:] Declarou que os do seu rancho são Simão Ruiz solteiro e seu  
filho

## **Confissão de Apolonia de Brustamante cigana no tempo da graça do Recôncavo.**

30 de Janeiro de 1592

disse ser cigana natural d'Évora filha de Francisco de Mendonça cigano e de sua mulher Maria de Bustamente cigana defuntos de idade de trinta anos pouco mais ou menos casada com Alonso dela Paz castelhano moradora nesta cidade que veio degradada por furto

e confessando disse que haverá quatorze anos que ela se amancebou com um cigano Francisco Cout.<sup>o</sup> a conta de casar com ele e andou amancebada com ele alguns sete anos pouco mais ou menos no qual tempo todo por ele lhe dar muito má vida ela com ira e agastamento renegava de Deus dizendo renego de Deus a qual blasfêmia lhe parece que disse algumas quarenta vezes pouco mais ou menos

e pelos caminhos de Alentejo e Andaluzia por onde naquele tempo andavam muitas vezes blasfemando ela a dita blasfêmia era arrependida de quem presente estava e contudo ela não se desdizia nem deixava de blasfemar somente quando o conde dos ciganos a reprendia ela se calava

e também no dito tempo com agastamento se entregara aos diabos dizendo dou-me aos diabos, os diabos me levem já e isto por muitas mais vezes que as que renegou de Deus e em todo o dito tempo, sete anos pouco mais ou menos, nas quaresmas quando se confessava fazia falsa confissão dizendo na confissão ao confessor que ela que era casada com o dito Francisco Coutinho cigano sendo verdade que eles não eram ainda casados, mas andavam amancebados e com estas confissões recebia o Santo Sacramento.

e depois de isto assim passar haverá seis ou sete anos que veio degradada para estas partes e nesta cidade se casou com o dito seu marido Alonso de la Paz e também neste tempo depois de casada até gora muitas vezes que lhe não lembra o número com agastamento de sua casa se da ao diabo dizendo o diabo me leve e de todas estas culpas disse que pedia perdão.

e foi perguntada quantas vezes no seu coração blasfemando as ditas blasfêmias deixou de todo a fé de Deus e se apartou da crença de Deus,

respondeu que nunca no seu coração perdeu a fé mas que depois que com agastamento blasfemava ela consigo se arrependia muito

e foi lhe mandado ter segredo e que se confesse de confissão geral de toda sua vida no colégio da companhia de Jesus e traga escrito a esta mesa e que não se saia desta cidade para outra parte sem primeiro se apresentar nesta mesa

e confessou mais que em Portugal e Castela e lhe parece também que nesta capitania caminhando ela por chuvas e lamas e enxurradas ela com agastamento a trabalhos disse bem dito sea el carajo de mi señor Jesus Cristo que agora mija sobre mi e esta blasfêmia disse dez ou doze vezes pouco mais ou menos e de tudo disse que pedia perdão

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Diogo Afonso cristão novo, no tempo do Recôncavo.**

30 de Janeiro de 1592

disse ser cristão novo natural da capitania de Porto Seguro, filho de Gaspar Dias da Vidigueira e de sua mulher Ana Ruiz solteiro de idade de vinte e sete anos não tem ofício morador nesta cidade

e confessando disse que sendo ele de idade de quinze anos pouco mais ou menos estando em Porto Seguro, veio ter amizade com Fernão do Campo que era mais velho que ele um ano filho de Pero Furtado de Porto Seguro que então era solteiro e ora está casado com uma filha de Luiz Gomes na capitania do Espírito Santo e por serem ambos vizinhos da mesma rua tinham muita comunicação e chegaram a pecar o pecado nefando de sodomia metendo o dio Fernão do Campo seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele confessante cumprindo nele e consumando com ele por detrás como faz um homem com uma mulher por diante e isso mesmo fez ele confessante também com o mesmo Fernão do Campo de maneira que alternadamente fizeram o dito pecado sendo umas vezes agentes e outras paciente e ainda que lhe lembra e se afirma que o dito Fernão do Campo cumpria com ele com polução contudo não se afirma de se próprio se também ele confessante tinha polução e o dito pecado assim alternadamente muitas vezes em diversos tempos e diferentes lugares, ora em casa ora nos matos, ora em ribeiras, e nesta amizade e conversação torpe duraram por espaço de um ano pouco mais ou menos tendo os ditos ajuntamentos sodomíticos consumadamente de três em três dias e de dois em dois dias e de semana em semana, e às vezes em um dia duas vezes de maneira que do número certo não é lembrado de quantas vezes tiveram o dito ajuntamento carnal mas foram muitas e também muitas vezes ajuntavam suas naturas por diante um com outro, e assim por diante se deleitavam tendo o dito companheiro polução, mas ele confessante de se não se afirma se a teve e sendo perguntado, disse que bem sabiam que era pecado e ofensa grande de Nosso Senhor e que lhe parece que nenhuma pessoa os viu e foi admoestado que se aparte de semelhantes torpezas e de conversações ruins

e que se vá confessar ao colégio da companhia de Jesus ao padre Pero Coelho e traga escrito a esta mesa.

## Confissão de João Queixada cristão velho.

30 de Janeiro de 1592

disse ser cristão velho inteiro natural da Bobadela filho de Gaspar de Queixada e de sua mulher Maria Figueira de idade de dez... anos pouco mais ou menos, solteiro, morador em casa do governador Dom Francisco de Sousa deste estado do Brasil cujo pajem é

e confessando disse que haverá um ano pouco mais ou menos que em Lisboa em casa do deão da Sé de Lisboa Afonso Furtado parente do dito governador, ficou uma noite ele confessante agasalhando-se com seus criados e ficou só eles em uma cama na qual aconteceu jazer junto dele um pajem do dito deão que ora será de idade de dezoito ou dezenove anos pouco mais ou menos o qual é mulato nascido na dita casa cujo nome lhe não lembra e de noite o dito mulato tentou com seu membro querer penetrar pelo traseiro dele confessante e por não poder com efeito penetrar se virou dando o traseiro para ele confessante e com sua mão tomou o membro dele confessante e o meteu pelo seu traseiro do dito mulato e assim esteve ele confessante breve espaço com a deleitação de penetrar como de feito penetrou com seu membro desonesto pelo vaso do dito mulato e não se afirma, antes se afirma bem que nem dentro nem fora do vaso não teve poluição desta culpa disse que se acusa e pede perdão nesta mesa neste tempo de graça

e sendo perguntado disse que lhe parece que os companheiros da cama que eram mais dois pajens estavam dormindo e não o sentiram e que lhe parece que o dito mulato tem nome Leonardo não se afirma nisto bem e do costume disse nada

e foi admoestado que lhe não aconteçam tais torpezas e se afaste das conversações que lhe podem acontecer e foi mandado confessar e ter segredo



## **Confissão de Dona Custódia de Faria cristã nova.**

31 de Janeiro de 1592

disse ser meia cristã nova, natural de Matoim desta capitania filha de Bastião de Faria cristão velho e de sua mulher Breatiz Antunes cristã nova, casada com Bernardo Pimentel de Almeida, de idade de vinte e três anos moradora no seu engenho de Matoim

e confessando se disse que haverá dois anos logo no comenos que ela casou sendo já casada com o dito seu marido lhe morreu era casa um escravo seu e nesse dia veio ter aí sua mãe Breatriz Antunes e lhe ensinou que lançasse a água fora que havia em casa porque era bom para os parentes do morto que ficavam vivos sem lhe declarar mais nada senão somente sua avó dela confessante lhe ensinara também isto a qual sendo moça aprenderá isto no reino de uma cristã velha

e que ela confessante lançou aquela vez e mandou lançar fora toda a água de casa simplesmente sem entender que era cerimônia de judeus e sem má tenção e da culpa que nisto tem assim fazer a dita cerimônia exterior sem tenção interior ruim pede misericórdia e perdão por que ela é mui boa cristã

e sendo perguntada quanto tempo há que sua mãe lhe começou a ensinar a lei de Moisés e as cerimônias dela respondeu que sua mãe, não lhe nomeou lei de Moisés nem suas cerimônias e lhe parece e assim o tem por certo que sua mãe é boa cristã e lhe ensinou a dita coisa de botar água fora também simplesmente seu saber que era cerimônia judaica

perguntada se quando sua avó Ana Ruiz ensinou a sua mãe que isto era da lei dos judeus, se estava ela confessante presente, respondeu que não sabe mais que dizer lhe sua mãe que a dita sua avó lhe ensinara isto mas que não sabe se lhe declarou logo ser cerimônia judaica, nem se lho não declarou

Perguntada que coisas mais lhe ensinou a dita sua avó que ela agora entenda serem judaicas ou isso mesmo, sua mãe, respondeu que nada mais lhe ensinou sua mãe e que sua avó não lhe ensinou mais nada nem lhes viu fazer nada de que ora tenha suspeita senão somente antes de ela casar não sabe quantos anos há morreu sua tia Violante Antunes mulher que fora de

Diogo Vaz também defunto e no dia que ela morreu que a trouxeram a enterrar a igreja de Nossa Senhora que está ora na fazenda dela confessante havia em Casa de sua mãe Breatiz Antunes panela de carne para jantar de vaca e galinhas e leitões assados por que havia em casa hóspedes seu se saber que a dita sua tia era morta a qual morreu em casa de sua filha Isabel Antunes em breve tempo de uma postema que lhe arreventou quase uma légua da dita igreja e chegada a nova como a traziam morta para a enterrar sua mãe Breatiz Antunes não quis comer nada da carne aquele dia ao jantar nem quis comer nada senão somente quando queria por se o sol a fizeram comer e comeu então peixe

e foi admoestada pelo senhor visitador com muita caridade que ela faça confissão inteira e verdadeira de todas suas culpas declarando tudo o que souber da dita sua mãe e avó e mais parentes por que com isso alcançará misericórdia porque estas coisas que ela diz dão mui forte presunção que ela e sua mãe e avó são todas judias e vivem afastadas da lei de Jesus Cristo e tem a lei de Moisés, que por tanto declare sua tenção e peça misericórdia e respondeu que ela é boa cristã e não tem a lei de Moisés e nunca a teve e somente crê na lei de Jesus Cristo e nunca no que dito tem teve tenção de cerimônia judaica nem tal entendeu nem suspeitou ser e que somente agora depois que ouviu publicar o édito da fé da Santa Inquisição entendeu que isto era cerimônia judaica e por isso se vem acusar do dito exterior que fez e tem dito a verdade e do costume o que dito tem e foi lhe mandado pelo senhor visitador que não se saia desta cidade sem sua licença.

## **Confissão de Breatis Antunes cristã nova no tempo da graça.**

31 de Janeiro de 1592

Disse ser cristã nova natural de Lisboa na freguesia de São Giam filha de Heitor Antunes defunto mercador e de sua mulher Amia Ruiz cristãos novos de idade de quarenta e três anos mulher de Bastião de Paria cristão velho morador no seu engenho de Matoim que veio para esta terra menina de seis ou sete anos com seu pai

e confessando se disse que haverá vinte e nove ou trinta anos que é casada e que de então para cá lhe tem acontecido as coisas seguintes s[cilicet] quando em casa lhe morria alguém lançava e mandava lançar fora toda água de casa e isto lhe aconteceu por dezessete ou dezoito vezes pouco mais ou menos, e quando lhe morria parente, ou parenta, como filho ou filha, irmão ou irmã ou pai, por nojo, nos primeiros oito dias não comia carne e isto lhe aconteceu em três ou quatro nojos s[cilicet] da morte de seu pai e de sua filha Inês, e de suas irmãs, Vilante Antunes e Isabel Antunes,

e que jura quando quer afirmar alguma coisa este modo de juramento pelo mundo que tem a alma de meu pai, e que algumas vezes, quando manda amortalhar os mortos de sua casa, os manda amortalhar em lençol inteiro sem lhe tirar ramo nem pedaço algum por grande que o lençol seja e atá-los amortalhados somente com ataduras, mandando que os não cosam com agulha, e que isto lhe aconteceu por seis ou sete vezes

e que todas estas coisas lhe ensinou sua mãe Ana Ruiz dizendo lhe que era bom fazê-las assim sem lhe declarar mais alguma outra razão, nem causa, somente que também lho ensinaram, sendo moça em Portugal, na Sertão uma sua comadre parteira cristã velha por nome Inês Ruiz

e que assim também quando em casa se assava quarto de carneiro lhe manda tirar a lândoa por ter ouvido que não se assa bem com ela e também não come lampreia e mandando lhe do reino duas ou três lampreias em conserva ela as não comeu não por outra coisa nenhuma, senão porque lhe tomou nojo mas come os mais peixe sem escama salvo os d'água doce e não come coelho

e que todas as ditas coisas simplesmente sem nenhuma má tenção e somente por que lhe disse sua mãe que não era bom coser os amortalhados com agulhas e que não era bom tirar dos lençóis das mortalhas ramo nem pedaço algum e que não era bom deixar água em casa quando alguém morria em casa ou na mesma rua da mesma parede e que era bom não comer carne, oito dias no nojo sem mais lhe dar outra razão e por isso fez as ditas coisas exteriormente sem ter nenhuma crença judaica nem ruim em seu coração interiormente

e foi logo admoestada pelo senhor visitador com muita caridade que todas estas coisas são mostras manifestas, de ela e sua mãe serem judias e viverem afastadas da lei de Jesus Cristo verdadeiro messias e de terem a lei de Moisés e que por tanto ela usa-se de bom conselho e fizesse confissão inteira e verdadeira declarando sua tenção judaica por que isso lhe aproveitava muito para alcançar misericórdia e perdão de suas culpas pois esta em tempo de graça por que é coisa muito dificultosa poder se crer que sendo ela cristã nova toda inteira e fazendo todas as ditas cerimônias tão conhecidas dos judeus as fizesse sem tenção de judia maiormente sendo ela mulher de bom entendimento como no seu falar se mostra

e contudo ela respondeu, que nunca teve tenção de judia, e nunca soube nem entendeu, que as ditas coisas eram cerimônias judaicas nem que nelas ofendia a Jesus Cristo senão depois que nesta terra entrou a Santa Inquisição

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Maria Grega mestiça no tempo do Recôncavo.**

31 de Janeiro de 1592

disse ser natural de Taparica, filha de João Grego carpinteiro de naus grego de nação e de sua mulher Costança Grega, índia deste Brasil de idade de quinze ou dezesseis anos pouco mais ou menos casada com Pero Dominguez que não tem ofício

e confessando disse que depois que casou com o dito seu marido com o qual é moradora na barra de Peragasu nunca até gora o dito seu marido dormiu com ela pelo seu vaso natural e com a mão a corrompeu e a deflorou com a mão e muitas vezes com a mão lhe anda por dentro do dito vaso natural e a deita de costas e por cima da barriga lhe alevanta os pés dela até os membros e assim se põe em cima dela e lhe mete o seu membro desonesto por baixo pelo seu vaso traseiro dela confessante e dorme daquela maneira com ela efetuando e consumando o pecado nefando da sodomia pelo seu vaso traseiro, como se fizera pelo dianteiro natural e depois que é casada com ele todas as vezes que teve ajuntamento carnal foi sempre desta maneira nefanda sodomítica

e sendo mais perguntada disse que o dito seu marido está em seu siso quando faz os ditos pecados e sabe muito bem que os faz e por ela não querer consentir ele lhe diz que cale a boca e que lhe cortará a língua com uma faca, e que não diga isto a ninguém e que isto que não é pecado e que a há de matar e contudo ela confessante consente nos ditos pecados sabendo que o são com medo do dito seu marido e que ela descobriu isto a sua mãe

Por não saber assinou a seu rogo o Notário

## **Confissão de Manoel Antônio torneiro cristão novo no tempo do Recôncavo.**

1 de Fevereiro de 1592

Disse ser cristão novo natural de Vila de Conde filho de Diogo Ruiz tosador e de sua mulher Ana Ruiz defuntos casado com Inês de Brito de idade de trinta e dois ou trinta e três anos morador em Paripe deste Recôncavo

e confessando suas culpas disse, que haverá quatro anos que em Paripe disse que melhor estado é o de bom casado que as outras ordens dos Religiosos e isto disse então uma vez não lhe lembra perante quem e que depois disso haverá ora um ano pouco mais ou menos em Paripe, tornou a dizer as mesmas palavras que melhor era o estado do bem casado que o dos religiosos, e que não lhe lembra perante quem isto tornou a dizer

e foi logo perguntado se foi alguma das ditas vezes repreendido por alguém respondeu que não lhe lembra

e foi perguntado, se andou algumas vezes entre luteranos e se leu por livros luteranos e quem lhe ensinou ou onde leu a dita heresia respondeu que nunca conversou luteranos nem saiu de Portugal senão para este Brasil nem leu livros de hereges mas que ouviu dizer muito tempo há estas palavras a uma pessoa e por muita diligência que faz lhe não lembra quem foi e de assim as ouvir ficou ele enganado cuidando sempre que era assim verdade e que com o Édito da fé e monitório geral de Santa Inquisição que se publicou ora na sua freguesia se desenganou e entendeu a verdade pelo que se vem acusar a esta mesa e pediu misericórdia, e prometeu ter segredo, e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de abril.

## Confissão de Ana Ruiz cristã nova na graça.

1 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã nova natural de Covilhã e criou-se na Sertão filha de Diogo Dias mercador cristão novo e de sua mulher Valante Lopez já defuntos viúva mulher que foi de Heitor Antunes cristão novo mercador defunto, de idade de oitenta anos

e confessando-se disse que de quatro ou cinco anos a esta parte não come cação fresco por que lhe faz mal ao estômago mas que o come salgado assado e outrossim não come raia mas que nos outros tempos atrás comia raia e cação e que de dois anos a esta parte costuma muitas vezes, quando lança a benção a seus netos dizendo a benção de Deus é minha te cubra lhes põem a mão estendida sobre a cabeça depois que lhe acaba de lançar a benção e que isto faz por desastre.

e que haverá quinze anos pouco mais ou menos que morreu o dito seu marido Heitor Antunes e que no tempo do nojo da sua morte ela esteve assentada detrás da porta também por desastre por acontecer ficar ali assim a jeito seu assento e que haverá trinta e cinco anos que estando ela na Sertão lhe morreu um filho por nome Antão e depois que morreu lançou e mandou lançar água fora dos potes água que estava em casa fora e por nojo de sua morte esteve os primeiros oito dias sem comer carne e estas coisas [não] saber que era o de judia por que lhas ensinou uma sua comadre cristã velha, Inês Ruiz parteira viúva cujo marido fora um carpinteiro a qual ora já é defunta e no dito tempo era muito velha e morava de frente dela confessante na dita Sertão em Portugal a qual lhe ensinou isso dizendo ser bom e por isso o fez e cuidando ela ser isto bom o ensinou também neste Brasil a suas filhas dona Lianor mulher de Anrique Monis e Breatriz Antunes mulher de Bastião de Faria.

e que na dita Sertão em Portugal ouviu e lhe ensinou não sabe quem este modo de juramento pelo mundo que tem a alma de meu pai ou de meu marido ou meu filho e que deste juramento usa ela muitas vezes quando quer afirmar alguma o usa mas nunca entendeu ser juramento de judeus e que estando seu filho Nuno Fernandez doente haverá três ou quatro anos ela

com paixão estava muitas vezes algum dia sem comer até a véspera e que haverá sete ou oito anos que esteve muito doente em Matoim onde ela ora é moradora dentro nesta capitania na qual doença chegou a tresvaliar e dizem que falava desatinos mas ela não está lembrada se nesse tempo falou ou fez alguma coisa em ofensa de Deus e perguntada quem lhe ensinou as ditas coisas, respondeu que lhe não alembra que outra pessoa alguma lhas ensinasse senão somente a dita parteira que dizia ser cristã velha, que lhas ensinou, na Sertão há mais de trinta e cinco anos não lhe lembra a que propósito nem lhe parece que lho ensinou em ruim tenção por que lhe via fazer obras de boa cristã

a qual lhe disse também que era bom botar a água fora quando alguém morria por que lavavam a espada do sangue nela e perguntada que espada ou que sangue era esse respondeu que não lhe lembra que a dita parteira lhe declarasse mais

perguntada se lhe via fazer estas coisas, o dito seu marido respondeu que não lhas via fazer nem ele sabia disto

perguntada se lhe declarou a dita parteira quando lhe ensinou estas coisas quem lhas tinha ensinado e como se lhe veio a descobrir que era judia respondeu que lhe não declarou que era judia nem nada mais e somente lhe ensinou as ditas coisas

e perguntada de que idade era ela confessante no dito tempo e a dita parteira que lho ensinou, respondeu que ela confessante seria então de quarenta e cinco anos e que a dita parteira seria então de alguns oitenta e logo daí a pouco tempo morreu

e perguntada se ensinou ela as ditas suas filhas, outras mais algumas cerimônias judaicas, respondeu que não

e perguntada quanto tempo há que ela confessante começou a ser judia e a deixar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo respondeu que nunca até agora foi judia e sempre até agora teve a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo mas que fez as ditas coisa s e cerimônias seu tenção alguma de judia não entendendo nem sabendo que eram cerimônias judaicas mas parvoamente as usava por lhas terem ensinado como dito tem



perguntada quanto tempo há que ela começou a ensinar as ditas suas filhas que fossem judias e cressem na lei de Moisés, respondeu que ela nunca ensinou a suas filhas que fossem judias, nem a lei de Moisés nem ela teve nunca essa lei

e logo foi admoestada pelo senhor visitador com muita caridade que ela use de bom conselho e que pois está em tempo de graça que para ela a alcançar lhe é necessário fazer confissão inteira e verdadeira nesta mesa e confessar a sua tenção judaica e que confessando ela a sua tenção e toda a verdade interior lhe aproveitará muito para alcançar perdão, respondeu que ela tem dita a verdade que nunca fez as ditas coisas com ruim tenção nem com coração de judia, nem de ofender a Deus e nunca cuidou que nas ditas coisas o ofendia

e logo pelo dito senhor visitador lhe foi dito que esta mui forte presunção contra ela que é judia e vive na lei de Moisés e se afastou da nossa santa fé Católica e que não é possível fazer ela todas as ditas cerimônias de judeus tão conhecidas, e sabidas, serem cerimônias dos judeus como botar água fora quando alguém morre e não comer oito dias carne no nojo e jurar pelo mundo que tem a alma do defunto e não comer cação, nem raia e por a mão na cabeça aos netos quando lhe lançava a bênção, tudo isto são cerimônias manifestamente judaicas e que ela não pode negar e que por isso fica claro que ele é judia e que as fez como judia

e contudo ela confessante disse e afirmou que ela nunca fez as ditas coisas com tenção ruim de judia nem de ofensa de Jesus Cristo, mas que as fez por ignorância como dito tem e não come o cação nem raia fresco por que lhe faz mal e quando punha a mão na cabeça dos netos era por desastre e que de toda a culpa que tem em fazer as ditas coisas exteriores, sem ter a dita tenção ruim interior como dito tem pede perdão e misericórdia neste tempo de graça

confessou mais que adita sua comadre Inês Ruiz lhe ensinou mais que quando amortalhavam algum finado, não era bom dar agulha para o coserem na mortalha nem era bom tirar ramo nem pedaço fora do lençol em que amortalhavam mas que havia de ser com o lençol inteiro e que não era bom a vassoura com que varriam a casa emprestá-la a nenhuma vizinha para varrer a sua e que ela confessante não se afirma bem se ensinou estas

coisas a suas filhas e prometeu ter segredo e foi lhe mandado pelo senhor visitador que não se saísse desta cidade sem sua licença.

Por não saber, assinou a seu rogo o Notário apostólico

## **Confissão de Dona Lianor cristã nova no tempo da graça.**

1 de fevereiro de 1592

disse ser cristã nova moradora em Matoim de idade de trinta e dois anos pouco mais ou menos casada com Anrique Monis cristão velho morador no Rio de Matoim dentro nesta capitania e confessando se disse que haverá dezoito anos pouco mais ou menos que é casada com o dito seu marido, e do dito tempo até agora lhe aconteceu muitas vezes lançar e mandar lançar fora de casa toda água dos potes e vasos que havia em casa das portas a dentro quando alguém lhe morria como filho ou filha ou escravos.

e que haverá quatro ou cinco anos que lhe morrera uma sua filha e estando em nojo por ela, não comeu oito dias carne e que de seis ou sete anos a esta parte por ouvir dizer que [é bom?] tirar as lândoas aos quartos traseiros das reses miúdas todas as vezes que em sua casa se assavam quartos semelhantes lhe mandava tirar a lândoa para se assarem

e que haverá dois ou três anos veio à sua casa uma lampreia que veio do reino em conserva e ela a não quis comer por haver nojo dela e vir fedorenta e não por outra alguma coisa e que come os mais peixes sem escamas e lhe sabem muito berri.

e que haverá um ano pouco mais ou menos que uma sua escrava degolou sua galinha de frente da sua porta e que ela mandou lançar em cima do sangue que estava derramado no chão um pouco de pó de saradura de madeira que se havia serrado, porque andava aí perto um porco e arremetia a ele para o comer e isto fez, porque o porco não ficasse inclinado a lhe comer os pinhões.

e que de dezessete anos a esta parte em que seu pai faleceu ela confessante quando quer afirmar alguma coisa tinha por costume ordinário jurar pelo mundo que tem a alma de seu pai e desta jura usava pela ouvir jurar a sua mãe Ana Ruiz mas não entende o que esta jura quer dizer e que todas estas coisas fez sem nenhuma má tenção e sem saber nem entender que eram cerimônias dos judeus.

e que tanto que ouviu dizer que na publicação da Santa Inquisição se declarou no Édito da fé que estas coisas eram cerimônias dos judeus ela confessante por ver que é da nação e que simplesmente tinha feito estas coisas ficou muito triste por ver que podiam cuidar que ela era judia não no sendo ela há verdade por que é boa cristã.

E perguntada quem lhe ensinou botar água fora quando lhe morria em casa respondeu que sua mãe Ana Ruiz lho ensinou dizendo que lho ensinara uma sua comadre, Inês Ruiz cristã velha na Sertão em Portugal sem lhe declarar que era cerimônia judaica

e que a dita sua mãe lhe ensinou também que não comesse carne, os ditos oito dias de nojo da morte de sua filha que lhe ensinara aquilo a dita sua comadre.

e que também ouviu a dita sua mãe o dito modo de jurar pelo mundo que tem a alma de seu pai, e a outras muitas pessoas que não lhe lembram os nomes e que por isso ela usava também do dito modo de jurar sem nenhuma ruim tenção

e que tanto é verdade que ela em todas as ditas coisas que fez nunca teve ruim tenção e as fez simplesmente que estando ela em conversação com Joana de Sá e suas irmãs e mãe mulher de Bastião Cavalo moradoras em Matoim ela confessante lhes contou que sua mãe Ana Ruiz lhe dissera que não era bom beber a água que havia em casa quando morria alguém e que era bom lança-la fora

e sendo perguntada perante quem lhe ensinou as ditas coisas, e quando lhas ensinou se lhes declarava logo que eram da lei judaica, respondeu que lhas ensinava perante sua irmã Breatiz Antunes mulher de Bastião de Faria cristão velho e que não lhes declarou nunca que eram da lei judaica, nem ela tal entendeu nem presumiu de sua mãe e a tem por boa cristã,

perguntada se viu a dita sua mãe fazer ou dizer outras algumas cousais contra nossa Santa fé Católica, respondeu que nunca lhes viu fazer nem dizer outras coisas mais do que dito tem

perguntada se no tempo que sua mãe esteve doente e se na sua doença lhe viu fazer ou ouviu dizer alguma coisa contra nossa santa fé Católica, respondeu que nunca lhe viu fazer nem dizer tal, mas que lhe lembra que

esteve doida e falava muitos desatinos e que lhe lembra que quando seu pai morreu a dita sua mãe por nojo da sua morte não comeu carne oito dias pela razão sobre dita de lho ter ensinado sua comadre

e foi admoestada pelo senhor visitador com muita caridade que ela confesse todas suas culpas inteiramente por que não é de crer que sendo ela mulher de bom entendimento como mostra em sua prática e sendo ela cristã nova e fazendo as ditas cerimônias tão conhecidas dos judeus as não fizesse com tenção de judia e que por estas razões está mui forte presunção contra ela que é judia e vive na lei de Moisés e não tem a lei de Jesus Cristo verdadeiro Messias e que para que lhe aproveite sua confissão para alcançar graça e perdão e misericórdia lhe é necessário fazer confissão inteira e verdadeira confessando sua tenção judaica o que ela não faz antes nega,

e por ela foi respondido que tem dito toda a verdade de suas culpas porque nunca nelas teve tenção de judia e simplesmente as fez por lhas ensinarem da dita maneira,

e logo declarou mais e confessou mais a dita Dona Lianor que no dito tempo depois de ser casada lhe aconteceu por duas ou três vezes que morrendo lhe em casa gentes mandou amortilhar mandando atar somente com uns nós, e mandando que não cosessem com agulha e linha a mortalha do lençol e que isto fez por lho ensinar a dita sua mãe Ana Ruiz dizendo lhe que não era bom coser na mortalha os defuntos com agulha e linha, com que se cosia em casa e também lhe ouviu dizer a dita sua mãe que não era bom tirar ramo nem pedaço de lençol em que se amortilhasse alguém defunto e o sobre dito fez ela simplesmente sem má tenção

e entende que também a dita sua mãe, simplesmente lhe ensinou o sobre dito sem malícia também por lho ensinarem sem entender que isso podia ser cerimônia judaica e da culpa que teve em fazer a dita obra exterior não tendo dentro no coração nenhuma ruim tenção pede misericórdia e perdão

disse mais acusando se a dita Dona Lianor que lhe lembra que uma vez haverá ano e meio pouco mais ou menos que morrendo lhe uma menina de uma sua escrava ela deu um pano para o amortilharem e mandou que amortilhassem nele assim inteiro que lhe não rasgassem nem tirassem nada fora e por não dizer mais foi lhe mandado ter segredo e que não se saia desta cidade sem licença dele senhor visitador



## **Confissão de Isabel Antunes meia cristã nova no tempo da graça do Recôncavo, mulher de Henrique Nunez Cristão novo.**

1 de Fevereiro de 1592

disse ser natural de Matoim onde ora é moradora nesta capitania meia cristã nova filha de Diogo Vaz cristão velho já defunto e de sua mulher Violante Antunez cristã nova de idade de dezoito anos casada com Anrique Nunez lavrador o qual não sabe de certo sua nação mas que somente lhe conhece um seu primo com irmão que é João Nunez de Pernambuco mercador o qual dizem que é cristão inteiro.

e confessando-se disse que haverá quatro anos que na sua fazenda lhe morreu um escravo menino e ela mandou à mãe do dito escravo que lançasse fora toda a água de casa e isto fez sem ter nenhuma tenção ruim, e sem entender que era nenhuma cerimônia judaica por quanto tinha ouvido dizer a sua mãe que era bom fazer isto sem lhe declarar mais nada e que ela não viu fazer isto a dita sua mãe que ora já é defunta

e também ela confessante morrendo lhe uma sua filha e outras pessoas nunca usou do sobredito mais que a dita vez por não lançar mão da dita coisa, e também desta obra que fez exterior sem ter ruim tenção interiormente no coração da culpa que nela teve fazendo-a simplesmente pede perdão misericórdia

e logo foi admoestada com muita caridade pelo senhor visitador que faça confissão inteira e verdadeira por que pois ela é cristã nova e esta cerimônia que ela fez é muito conhecida a ser dos judeus fica sendo grande presunção que ela é judia e que está afastada da fé de Jesus Cristo verdadeiro Messias e que vive na lei de Moisés maiormente sendo ela discreta como é e de bom entendimento faz muita suspeita que ela fez a dita cerimônia com tenção de judia e que portanto falasse verdade e descobrisse o seu coração por que lhe aproveitará muito para alcançar graça e misericórdia

respondeu que ela mandou fazer a dita cerimônia de deitar a água fora sem saber que era cerimônia de judeus e sem tenção disso mas ignorantemente como moça

e denunciou mais que ouviu dizer a dita sua mãe já defunta muito tempo já não lhe lembra quando que não era bom quando levavam um pote para buscar água fora de casa tornarem com ele para casa vazio, mas não lhe declarou nenhuma má tenção nisto e do costume disse o que dito tem e que nunca presumiu da dita sua mãe tenção ruim das ditas coisas



## **Confissão de Baltazar André Cristão velho no tempo da graça do Recôncavo.**

1 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural do Porto filho de Cristóvão Fernandez pescador e lavrador e de sua mulher Maria André moradores ora na barra de Jaguaripe de idade de vinte e três anos casado com Maria dos Reis cristã velha mercador estante nesta cidade

e confessando disse que haverá quatro anos pouco mais ou menos que indo ele desta cidade na nau de Antônio de Freitas Portales para a dita cidade do Porto foram tomados pelos ingleses luteranos na paragem das ilhas e foram levados à cidade de Antona [Soutampton] e na sua companhia os trouxeram alguns dois meses e meio no mar e terra a saber, no mar poderiam andar em sua companhia alguns vinte dias e em todos eles os ditos luteranos sempre pela manhã e a noite faziam suas orações luteranas assentados desbarretados em língua inglesa, e ele confessante com os mais seus companheiros sempre quando eles faziam as ditas orações luteranas se punham também desbarretados assim como os ditos luteranos e isto faziam parecendo lhes que lhes contentariam porque os luteranos obrigavam a fazer isso

e depois de estarem na cidade de Antona ele e seus companheiros por seis ou sete vezes foram às mesquitas e igrejas dos luteranos nas quais os ditos luteranos estavam as suas pregações luteranas nas quais igrejas não há retábulo nem imagem de Deus nem de Santo nem cruz e somente nelas está no meio no chão sobre um pau uma ave como corvo feita de metal e esta mais nelas um púlpito donde pregam os luteranos por um livro e estão mais uns bancos cobertos de panos finos roxos e azuis nos quais os luteranos comungam no seu uso luterano que é comerem umas fatias de pão e beberem a sua cerveja, nas quais também estão muitos cubículos ao modo de confessionários dentro nos quais, cada um com sua mulher e sua família se fecha

e, nestas igrejas luteranas entrou ele confessante por curiosidade e seus companheiros estando algumas vezes pregando e outras comungando e

outras rezando ao seu uso luterano e ele se punha de joelhos e desbarretava assim como os luteranos faziam, e isso mesmo fizeram também seus companheiros porém que ele confessante sempre em seu coração teve firme a fé de Cristo e nunca creu na dita seita luterana e destas culpas disse que pedia perdão

e foi mais perguntado a declaração de seus companheiros disse que os companheiros que no mar e na terra nas igrejas luteranas fizeram todas estas coisas, ajoelhando-se, desbarretando se como os ditos luteranos como atrás fica dito a saber Francisco Pirez marinheiro e seu cunhado Marcos, naturais da cidade do Porto e seu arrabalde os quais ambos estão nesta cidade que vieram na nau Portaleza que há vinte dias que a esta cidade chegou na qual ele também veio de que é mestre Pero Velho, e assim foram mais Antônio de Freitas mestre e em parte senhorio que era da nau em que foram tomados e Diogo Gonçalves d'alcunha Moleiro piloto da dita nau, e Cristovão Gonçalves marinheiro da dita nau e Antônio Garneiro carpinteiro e marinheiro dela, todos moradores e casados na cidade do Porto e seu arrabalde e Domingos Diaz mercador morador e casado em Meijão Frio, e outros moços cujos nomes lhe não lembram

## **Confissão de Nuno Fernandez cristão novo na graça.**

1 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão novo natural desta Bahia filho de Heitor Antunes mercador defunto e de sua mulher Ana Ruiz cristãos novos solteiro de idade de trinta anos morador em Matoim

e confessando disse que haverá quatro anos que sua irmã Violante Antunez morreu e que no dia que ela morreu ele com nojo não comeu nada todo o dia, e sendo domingo o dito dia não quis comer carne e somente à noite comeu peixe porém que não sabia que isto era cerimônia judaica nem ele com essa tenção o fez senão somente com nojo

foi logo admoestado pelo senhor visitador com muita caridade que faça confissão verdadeira e confesse sua tenção pois está em tempo de graça para alcançar perdão, respondeu que tem dito a verdade e não teve tenção de judeu e que é bom cristão

confessou mais que haverá quatro ou cinco anos que sabendo ele que o livro chamado Diana era defeso ele contudo leu por ele muitas vezes não lhe lembra quantas, e outrossim confessou que tem Ovídio de Metamorfose em linguagem não sabendo ser defeso confessou mais, que sabendo que Euforzina<sup>[30]</sup> é defeso leu por ele uma vez

e sendo perguntado pelos livros disse que somente tinha ora o dito Ovídio e foi lhe mandado que o trouxesse a esta mesa e prometeu ter segredo pelo juramento que recebeu foi lhe mandado que não se saia desta cidade sem licença do senhor visitador

## Confissão de João Remirão na graça

2 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho segundo lhe parece natural de Crasto Verde no Campo de Ourique, filho de Álvaro Martins lavrador e cirurgião, defunto e de sua mulher Caterina Gonçalves, casado com Esperança Batista de idade de trinta e três anos morador no seu engenho na freguesia de Japasse

e confessando disse que haverá doze anos pouco mais ou menos que ele foi para o Sertão dos Tapioões, por duas vezes em que poderia andar de ambas as vezes juntamente vinte meses pouco mais ou menos e nas ditas jornadas assim nas quaresmas como nos mais dias que a igreja defende carne ele comeu sempre carne podendo escusar de a comer pelo menos a maior parte dos ditos dias e confessou mais que haverá seis anos que reside e governa o dito seu engenho e sempre em todos os domingos e santos moendo o engenho depois do sol posto mandou e consente mandarem seus feitores lançar a moer o engenho e carretar carradas de lenha e canas e fazer o mais serviço pertencente à moenda nos ditos domingos e santos como se foram dias de semana, e também nos ditos domingos e santos ainda pelas manhãs ante missa manda carretar carradas de açúcar ao Porto, e isto mesmo de moer e carretar nos ditos dias vê ele que usam e costumam geralmente nesta capitania todos os senhores e feitores de engenhos sem exceção e assim também muitos lavradores

e sendo perguntado quais são as mais pessoas que também com ele comeram no Sertão carne podendo a escusar, respondeu que são os seguintes, Domingos Fernandes Tomacaúna, Francisco Afonso Capara mamaluco morador e casado em Perabasu, e Manoel da Fonseca mamaluco viúvo morador em Passe e Domingos de Meira mamaluco irmão do dito Capara com ele morador e Gonçalo Afonso morador no Acu, solteiro, e outros mais defuntos e pessoas de que ora se não lembra e de todas as ditas culpas pede perdão,

e foi admoestado que não as cometa mais pois são em tão notável ofensa de Deus, que tão facilmente se pode escusar, e do costume disse nada mas antes são amigos.



## **Confissão de Baltezar Camelo na graça.**

2 de Fevereiro de 1592

fez confissão de suas culpas a qual vai escrita no segundo livro das denúncias folha 70 e para declaração fiz aqui esta por mandado do dito senhor visitador Manoel Francisco Notário do Santo Oficio nesta visitaçao o escrevi.

## Confissão de André Dias mestiço na graça

2 de Fevereiro de 1592

disse ser mamaluco natural de Pernambuco filho de João Dias homem branco que não sabe se era cristão velho se novo e de Lianor índia deste Brasil sua escrava solteiro de idade de trinta anos pouco mais ou menos morador em Perabasu lavrador

e confessando disse que haverá dois meses que veio do Sertão de Laripe onde deu uma espada a um gentio infiel e viu que aos ditos gentios deram também armas às pessoas seguintes, Diogo da Fonseca mamaluco morador em casa de Gaspar Rebelo em Tassuapina deu um pistolete, e Domingos Fernandes Tomacaúna uma espingarda e Cristóvão da Rocha, também é fama certa que lhes deu uma espada, e espingarda, e bandeira, e tambor de guerra, e cavalos e pólvora dizendo lhes que se lá fossem os brancos da Bahia que se defendessem deles com aquelas armas

e viu a Antônio Diaz mamaluco de Pernambuco dar-lhes uma espada por uma peça, digo que disse que o dito Antônio Diaz deu a dita espada ao capitão Christóvão da Rocha e ele a deu ao gentio e que da sua culpa pedia perdão

e sendo perguntado disse que os ditos gentios são infiéis que quando acham tempo e ocasião matam aos brancos e já os gentios do dito Sertão mataram brancos.

## Confissão de Simão Luís francês filho de luterano na graça.

2 de Fevereiro de 1592

disse ser francês de nação natural da cidade de *rabra* Nova, filho de Roberto Luís luterano e de sua mulher Margarida Grisel Católica que não sabe se são vivos se defuntos, viúvo lavrador e morador no Rio de Perabasu de idade de trinta e cinco e anos

e confessando se disse que sendo ele moço de dez anos na sua terra fugia da doutrina de sua mãe católica e seguia aceita luterana que o dito seu pai luterano lhe ensinava

e sendo da dita condição e idade se veio em um navio da sua terra o qual navio era também de luteranos e com eles vinha ele guardando a sua seita e desembarcando na costa deste Brasil a buscar pau ele quando foi o tempo da partida no rio de S.Francisco fugiu e se ficou em terra, com os negros gentios deste Brasil no sertão e com os ditos gentios esteve dois anos usando todas as gentilidades como os ditos gentios de maneira que até ser de idade doze anos pouco mais ou menos ele não teve a lei de Jesus Cristo

e depois de isto passar fugiu dos ditos gentios para esta cidade e em Vila Velha o cura o confessou e os padres do dito colégio da companhia de Jesus o doutrinaram e de então até agora vive catolicamente porém sempre em seu coração teve até agora uma erronia a qual é parecer lhe e ter por certo que não era necessário rezar aos Santos nem às Santas, nem honrá-los, nem rogar-lhes nada mas que somente bastava e se devia honrar, rogar, pedir e rezar a Deus, a Jesus Cristo e a Nossa Senhora tendo para si que pois os Santos eram servos e Deus é o senhor, que não era necessário fazer conta dos servos senão do senhor e que destas culpas pede misericórdia dizendo que já está no conhecimento da verdade que os Santos devem ser venerados e honrados

e sendo perguntado, se disse ele perante alguém a dita heresia respondeu que não lhe lembra que a dissesse mais que em seu peito

e foi-lhe mandado que no colégio de Jesus continuasse cada manhã estar de uma ora estes dias seguintes com o Padre Pero Coelho até ele o instruir bem



nas coisas de Nossa Santa fé e que lhe importam para a salvação de sua alma e no fim se confesse a ele fazendo confissão geral de toda sua vida e que traga escrito a esta mesa de como tem satisfeito a isto

## Confissão de Pero Gonçalves cristão velho na graça.

2 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Guimarães filho de Manoel Gonçalves da Silva lavrador e de uma mulher por nome Senhorinha Pires, viúvo, casado que foi com Cezilha Gomes, criado do Bispo deste estado e em sua casa morador de idade de vinte e sete anos pouco mais ou menos

e confessando se disse que haverá mais de dois anos que vindo da cidade do Porto para estas partes do Brasil no navio de que era mestre é senhorio Francisco Gomez casado e morador em Miragaia de Porto, foi tomado na altura de S. Vicente pelos ingleses luteranos e foram trazidos por eles em sua companhia pelo mar alguns dois meses no qual tempo os ditos luteranos em todas as manhãs e tardes faziam suas orações e salvas luteranas na sua língua, lendo por seus livros em altas vozes assentados e desbarretados sem terem imagem nem cruz e ele confessante se achou sempre presente com os ditos luteranos nas ditas suas salvas e orações luteranas assentando-se e desbarretando-se como eles

e que isto fazia por constrangimento dos luteranos, e com modo de o espancarem porém que sempre era seu coração teve a fé de Cristo e nunca creu na seita luterana e desta culpa pediu misericórdia e sendo mais perguntado quem eram seus companheiros que fizeram o mesmo que ele fez, respondeu que são Lionel Mendez Pinto cristão, novo mercador estante nesta cidade natural de Guimarães e Simão que foi seu criado e ora o é de Manoel Ruiz Ribeiro, mercador estante nesta cidade e Gonçalo Mendes, sapateiro casado em Guimarães na rua do Gado freguesia de Nossa Senhora da Oliveira e um seu irmão que então parecia ser de idade de dezesseis anos trigueiro do rosto cujo nome lhe não lembra e Francisco filho de Gonçalo Gonçalves o Frade dalcunha morador no Cano dos Gafos arrabalde de Guimarães

diz que também João Borges mercador que então seria de 18 anos filho de Gaspar Dias cristão velho morador na rua de Couros em Guimarães e Álvaro Gonçalves de Carvalhal que trata para a Canária que vai e vem a Guimarães e de Guimarães natural e Belchior Ruiz cotileiro moço solteiro

que mora na Rua de Gatos freguesia de São Paio em Guimarães que então parecia ser de dezoito anos bochechudo trigueiro, e André Gonçalves alfaiate morador na rua das Oliveiras em Guimarães e Salvador Vicha escudeiro que não tem ofício neto de Rui Vieira ou Fernão Vieira mancebo de vinte anos alvarinho do rosto, morador mesmo em Guimarães detrás da igreja de S. Tiago, e Francisco Gomes senhorio da dita nau, e Inácio Carvalho segundo sua lembrança o nome da pia Inácio, morador na rua da Ladana cidade do Porto piloto da mesma nau, e outras pessoas mais cujos nomes bem lhe não lembram

e confessou mais, que na companhia dos ditos luteranos comeu também carne muitos dias de sextas-feiras e sábados em que a igreja a defende porque não tinham outro mantimento senão o que lhe davam os luteranos

e declarou que Baltesar Ribeiro solteiro morador na cidade do Porto mestre e senhorio de uma nau que ia de Pernambuco para o Reino que também foi tomada pelos mesmos luteranos também com os acima nomeados e outros muitos da mesma nau que ele não conhece comeram carne muitos dias em que a igreja a defende e se achavam presentes e desbarretavam como os ditos luteranos nas ditas suas salvas

e do costume disse nada salvo que teve já umas diferenças leves com Leonel Mendes porém já se correm e tratam digo salvam e que tem dito a verdade

foi lhe mandado ter segredo e que torne a esta mesa no mês de março que vem

## **Confissão de Duarte da Costa Cristão velho, na graça.**

4 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural da Torre de Penegate arcebispado de Braga filho de João Eanes da Costa procurador do número desta cidade e de sua mulher Antônia Ruiz solteiro de idade de trinta e três anos pouco mais ou menos morador em Taparica na roça de seu pai

e confessando disse que haverá quatro anos que nesta cidade em casa de seu pai dois ou três sábados comeu fígado de vaca e assim o comeu seu pai e isto sem necessidade e sem licença

e que outrossim há dois anos pouco mais ou menos que indo para a guerra de Ceregipe foi convidado por um seu amigo André Marante solteiro cunhado de Gaspar Nunez e com ele morador em Taparica para comer carne uma sexta-feira ou sábado e ambos a comeram sendo também parceiros que a comeram Diogo de Santos em Vila Velha, e Gonzalo Gonçalves criado do dito Gaspar Nunez podendo escusar de a comer

e que outrossim o mesmo em Ceregipe outra vez em sexta-feira ou sábado foi convidado por Lázaro Aranha mamaluco morador em Pero Absu, para comer carne e com ele a comeu sendo companheiros mais que com o dito Lázaro Aranha a estavam já comendo Bento de Lima criado que foi de Cristóvão de Bairros morador na banda de Perabasu, e Pedralvarez que do Sertão foi ora para Pernambuco, e Antônio Dias mamaluco que também dizem ir do Sertão para Pernambuco, podendo escusar de a comer

## Confissão de Maria Varela cristã velha na graça

4 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural da ilha Terceira filha de Pero Durazeo, e de sua mulher Ilena Teixeira moradores nesta cidade de idade de trinta anos pouco mais ou menos casada com Simão da Fonseca moradora no seu engenho de Pernão Merim freguesia de Tamararia deste recôncavo

e confessando disse que haverá dez ou doze meses pouco mais ou menos que em sua casa um dia com agastamento sobre certa coisa que uma sua negra lhe veio dizer mandando-a com um recado ao seu mestre do engenho sem ela considerar o que dizia disse que cria tanto a sua negra como o evangelho de São João, e que desta culpa pedia perdão.

e foi perguntada que pessoas estavam presentes e se a repreendeu alguém, respondeu que não lhe lembra se estava alguém presente nem se foi repreendida

e sendo mais perguntada disse que não lhe lembra se foi antes se depois de jantar e que estava em seu siso porém que com muita cólera e agastamento disse as ditas palavras das quais lhe pensou logo muito e se foi confessar delas.

e foi logo admoestada pelo senhor visitador que não lhe aconteça mais dizer semelhantes blasfêmias porque os Evangelhos são verdades infalíveis que não podem errar os quais devem os cristãos de crer muito mais que em nenhuma pessoa pecadora humana que tem por natureza poder errar e enganar-se e foi mandada confessar.

Por não saber, assinou a seu rogo o Notário apostólico

Confissão de Luzia Cabelos cristã velha na graça.

1 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural desta cidade filha de Luís de Góis defunto e de sua mulher Maria Gonçalves viúva de idade de vinte anos donzela moradora com sua mãe em Paripe deste Recôncavo

e confessando disse que na quaresma do ano passado estando ela na igreja da sua freguesia à missa do Santíssimo Sacramento confessada pela obrigação da quaresma dando o Santíssimo Sacramento o vigário que ora ainda é Miguel Martins antes de acabar de dar o Santíssimo Sacramento a todas as pessoas que estavam na dita mesa depois de o ter já dado a ela e a algumas mulheres que estavam abaixo dela se lhe acabaram as partículas, e então se tornou ao sacrário por mais partículas e entretanto ela e as mais tomaram o lavatório e depois de o ter tomado veio o dito vigário e cuidando que havia de começar a continuar a dar o sacramento dela confessante por diante cuidando ele que ainda ela não tinha sacramentado tornou a continuar a dita mesa começando dela e lhe tornou a dar o Santíssimo Sacramento segunda vez e ela o recebeu, tendo já tomado o lavatório

e continuando o dito vigário com algumas mulheres que estavam abaixo dela que já também tinham comungado elas lhe disseram como já tinham comungado e vendo ela confessante que as ditas mulheres não tornaram a comungar ficou entendendo que ela fizera mal em comungar segunda vez e em não declarar ao vigário, como já tinha tomado o lavatório assim como as ditas mulheres disseram e disse que desta culpa pede misericórdia e perdão e foi perguntada se crê ela que na hóstia consagrada está o verdadeiro corpo de nosso senhor e que são hereges os que isto negam respondeu que assim o crê bem e verdadeiramente hereges os que isso negam respondeu que assim o crê bem e verdadeiramente

e foi perguntada se quando ela comungou segunda vez não estando em jejum tendo bebido o lavatório sabia ela que recebia o corpo verdadeiro de Cristo, ou se duvidou disso, respondeu que não duvidou tal mas que creu e bem entendeu que recebia o verdadeiro corpo de Cristo

e sendo mais perguntada respondeu que ela sabia muito bem que não se pode comungar estando em saúde se não em jejum e que a isso era obrigada, mas que estando ali assim na mesa como moça de pouca experiência quando viu tornar o vigário com o sacramento não advertindo ela que não tinha acabado de correr toda a mesa pareceu lhe que tornava a dar aquelas partículas por não ter sacrário em que as guardar e assim simplesmente sem consideração fez o sobre dito mas já se confessou disso a seus padres espirituais e disse que estava muito arrependida

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## Confissão de Pero Domingez grego na graça

1 de Fevereiro de 1592

disse ser grego de nação natural de Lesminirne [Smirna?] cidade de Grécia filho de Domingos Grego e de sua mulher Inês de Flor gregos de idade de vinte e oito anos casado com Maria Grega alfaiate que já não usa morador na barra de Perabasu.

e confessando disse que há perto de dois anos que casou com a dita sua mulher que ora é de idade de treze anos e depois que casou com ela esteve com ela somente um mês e se foi para o Sertão donde tornou haverá um mês e nestes dois meses que tem coabitado com a dita sua mulher nunca dormiu com ela carnalmente pelo vaso natural por ela ser moça áspera da condição e o não querer consentir

e que uma vez antes de ir para o sertão querendo ele por diante naturalmente ter cópula com a dita sua mulher, resvalando seu membro por baixo a penetrou pelo vaso traseiro e nele cumpriu e consumou o pecado nefando porém que quando lhe isto aconteceu ele estava cheio de vinho e que fora desta vez nunca mais até agora pecou com a dita sua mulher no dito nefando

confessou mais que haverá três meses que vindo do sertão lhe aconteceu com uma sua escrava pagã querendo dormir com ela por diante resvalar-lhe o membro ao vaso traseiro porém não penetrou

Assinou de cruz



## **Confissão de Antônio de Aguiar Cristão velho, solteiro na graça.**

5 Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural desta Bahia filho de Pero de Aguiar d'Altero e de sua mulher Custódia de Faria morador com eles em Matoim deste Recôncavo de idade de vinte anos solteiro

e confessando disse que haverá seis anos pouco mais ou menos que sendo ele de idade de treze ou quatorze anos e sendo seu irmão mais moço de idade de doze ou treze anos dormiam ambos juntamente em uma cama, um mamaluco forro criado em casa por nome Marcos que então seria de idade de dezessete ou dezoito anos se ia de noite da sua rede em que dormia às vezes por si mesmo às vezes chamado por eles deitar se com eles na sua cama o qual se deitava antre eles irmãos e chegaram acontecer-lhes que ele Marcos e ele confessante pecarao o pecado nefando deitando-se ele confessante de bruços e sobre ele se deitava o dito Marcos metendo seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele confessante e cumprindo nele por detrás como homem com mulher por diante consumando e efetuando o pecado de sodomia

e pelo semelhante modo fazia ele confessante lançando-se também de barriga o dito Marcos e ele confessante pondo-se em cima dele por detrás dormindo com ele carnalmente como homem com mulher penetrando com seu membro o vaso traseiro do dito Marcos e cumprindo dentro em seu vaso traseiro efetuando o dito pecado de sodomia de maneira que alternados o faziam

e isto lhes aconteceu a cada um deles algumas quinze ou vinte vezes em espaço de um mês que poderia durar esta desonesta conversação e que duas vezes entenderam o eles que o dito seu irmão Bastião d'Aguiar que com eles estava na cama os sentiu e entendeu o que eles faziam pelo que o dito Marcos se pôs também sobre o dito seu irmão na mesma feição sodomítica e essas duas vezes sentiu ele confessante ao dito seu irmão Bastião d'Aguiar e ao dito Marcos ajuntarem se ambos amigavelmente nas mesmas

posturas de sodomia mas não sabe se ambos consumaram o dito pecado, e das ditas culpas disse que pedia perdão,

e sendo perguntado disse que lhe parece que somente as ditas duas vezes foi sentido do dito seu irmão e que ninguém outrem os viu e que ele sabia que era pecado mas não sabia que era tão grave

e que um dia acaso ouviu praticar no pecado nefando e então soube quão grave pecado é e dali por diante se afastou da dita conversação e nunca mais cometeu o dito pecado e se arrependeu muito

sendo mais perguntado disse que o dito Marcos se veio a fazer ladrão e de ruins manhãs e fugiu de casa haverá cinco anos, e pódera ora dar razão dele Diogo Martinz Cam porque depois que fugiu esteve com ele quase de um ano

e foi admoestado que lhe não aconteça mais semelhantes torpezas e que se afaste de conversações de que pode receber dano em sua alma e foi-lhe mandado que se confesse no mosteiro de S. Francisco e que traga escrito a esta mesa.

[À margem:] Seu irmão Bastião de Aguiar esta metido na religião dos Padres da Companhia e fez confissão neste livro atrás fol. 49

## **Confissão de Dona Maria de Reboredo cristã velha na graça**

5 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural de Setuvel filha de Anrique Lobo e de sua mulher Isabel de Roboredo defuntos de idade de quarenta e seis anos, casada com Diogo Monis Barreto moradora na sua fazenda de Pero Absu e confessando disse que de três ou quatro anos para esta parte pelo dito seu marido fazer sem razões e dormir com as escravas moças de casa e lhe dar muitas ocasiões de se enojar e agastar ela confessante muitas vezes em diversos tempos, com cólera e agastamento se pôs a falar só com Deus dizendo que assim como S. Thomé não creu senão vendo as chagas que assim ela se não visse vingança do dito seu marido seria como S. Thomé, e não creria em Deus e que esta blasfêmia disse muitas vezes em diversos dias do dito tempo a esta parte e que pede perdão e misericórdia

e foi logo perguntada pelo senhor visitador se duvidou ela alguma vez da nossa Santa fé Católica ou se descreu algum ora ou duvidou de crer ser Deus Nosso Senhor o verdadeiro Deus, respondeu que sempre teve e tem a Santa fé católica e que nunca duvidou nem teve tenção de descrer de Deus Nosso Senhor mas que com a paixão dizia as ditas palavras

e sendo mais perguntada, disse que lhe parece que nunca ninguém a ouviu, e que está muito arrependida, e que bem sabe que errou muito em dizer as ditas blasfêmias e que não sabe ler nem escrever e que nunca leu livros nem teve comunicação de hereges nem luteranos nem gente de má suspeita

e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de abril primeiro que virá e que tenha segredo

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Heitor Gonçalves cristão velho na graça.**

5 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural da ilha de Santa Maria filho de Belchior Luís e de sua mulher Margarida Gonçalves de idade de trinta anos pouco mais ou menos casado com Caterina de Góis cristã velha morador em Toque Toque lavrador

e confessando se disse que sendo ele moço de idade de oito até quatorze anos pouco mais ou menos, foi pastor de gado na própria ilha e nesse tempo dormiu carnalmente por muitas vezes em diversos tempos e lugares com muitas alimárias, ovelha, burras, vacas, éguas metendo seu membro desonesto pelos vasos das ditas alimárias naturais delas como se ele fora animal bruto de semelhante espécie e muitas vezes cumpriu dentro nos ditos vasos das ditas alimárias consumando o pecado contra a natura de bestialidade e que lhe lembra que cinco vezes cumpriu por ser já então de idade para isso

e disse que destas culpas está muito arrependido e já se confessou delas e que pede misericórdia e foi logo mandado que se confesse e que torne a esta mesa no mês de abril primeiro que venha e disse que lhe parecia que ninguém o tinha visto fazer os ditos pecados.

## **Confissão de Andresa Ruiz cristã velha no tempo da graça.**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural do Rio dos Ilhéus costa deste Brasil filha de Simão Ruiz mestre de açúcar e de sua mulher Victoria Jorge, de idade de»trinta anos casada com Antônio de Góis oleiro morador no termo de Peragasu

e confessando se disse que haverá dois anos que em sua casa dizendo-lhe Filipa sua negra da terra certas coisas ruins de seu cunhado Manoel de Góis também oleiro que já não usa muito ela agastada contra o dito seu cunhado que lhe negava o que a negra dissera disse que tanta verdade falava a dita sua negra como o evangelho de São João e desta culpa disse que pedia perdão

e foi perguntada se sabe ela que a verdade do evangelho é infalível em que nunca pode haver engano, e que a sua negra ainda em caso que fale verdade pudesse enganar respondeu que bem crê a certeza infalível do Evangelho, mas que com agastamento sem considerar disse a dita blasfêmia.

e sendo mais perguntada disse que só o dito seu cunhado a ouviu e foi lhe mandado ter segredo

e que torne a esta mesa no mês de maio primeiro

e declarou que o dito seu cunhado a repreendeu dizendo-lhe que era caso da Santa Inquisição e ela se não desdisse mas arrependeu-se

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Lucas d'Escovar meio Cristão novo solteiro na graça.**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser meio cristão novo, natural de Matoim termo desta cidade filho de Diogo Vaz Escobar cristão velho defunto e de sua mulher Vilante Antunes cristã nova defunta solteiro de idade de vinte e um anos, morador em Matoim

e confessando se disse que haverá três anos pouco mais ou menos que morrendo lhe escravos em sua casa ele vazou e mandou vazar fora toda água dos potes que havia em casa e que isto fez três ou quatro vezes nas mortes de três ou quatro escravos sem saber que era cerimônia judaica mas somente tinha visto a dita sua mãe fazer o mesmo por três ou quatro vezes morrendo lhe também gente e que sem saber a causa por que sua mãe o fazia o fez parecendo lhe que ia naquilo alguma coisa boa

e foi logo admoestado pelo senhor visitador com muita caridade que pois está em tempo de graça que para a alcançar faça confissão verdadeira e declare sua tenção por que não se pode presumir senão que ele é judeu e vive na lei de Moisés e não tem a fé de Jesus Cristo, pois faz a dita cerimônia tão conhecida e principal dos judeus, respondeu que nunca teve tenção de judeu na dita cerimônia

e sendo mais perguntado disse que nunca viu fazer a dita cerimônia senão a dita sua mãe e que nunca ninguém lhe ensinou a lei de Moisés nem contra a de Cristo

e foi lhe mandado ter segredo e que se não saia desta cidade sem licença do senhor visitador

## **Confissão de Luísa Ruiz mestiça na graça.**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser mamaluca natural deste Recôncavo filha de Francisco Ruiz  
escrivão cristão velho e de Isabel Ruiz índia deste Brasil defunta de idade  
de vinte e um anos, casada com Antônio Pirez lavrador morador na  
Tasuapina

e confessando-se disse que haverá seis ou sete anos no tempo que se  
levantou abusão da santidade antre os índios gentios e cristãos desta  
capitania que ela como ignorante creu na dita erronia por espaço de dez ou  
doze dias, crendo que havia de tornar Nossa Senhora e Nosso Senhor a  
andar qua no mundo, e outros despropósitos que os seguidores da dita  
abusão gentílica diziam mas que se foi confessar e o confessor a absolveu e  
ela esta muito arrependida de sua ignorância

Por não saber saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Guiomar Piçarra cristã velha no tempo da graça do Recôncavo.**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural de Moura em Portugal filha de Belchior Piçarra, e de sua mulher Maria Ruiz já defuntos, casada com Manuel Lopez lavrador de idade de trinta e oito anos moradora em Taparica

e confessando se disse que sendo moça de doze ou treze anos estando moradora no Rio Vermelho em casa de Antônio Ruiz Belmeche estava aí das portas a dentro também uma negra de Guiné ladina por nome Mecia alcorcobada que então seria de idade de dezoito anos e chegaram ambas a tão desonesta amizade que duas ou três vezes em diferentes dias se ajuntaram ambas em pé uma com a outra com as fraldas afastadas abraçando-se e combinando e ajuntando suas naturas e vasos dianteiros um com outro e assim se deleitavam como homem com mulher porém não se alembra nem se afirma se ela confessante cumpriu alguma das ditas vezes como costuma cumprir a mulher com o homem nem sabe se a dita Mecia cumpriu

confessou mais que haverá cinco ou seis meses que um dia à merenda estando ela em sua casa, digo, em casa de Gaspar Nunez lavrador juntamente com Maria Pinheira mulher de João d'Aguiar e Maria Nunez mulher de Gonçalo Gonçalves lavrador e pescador e Ana Alveloa mulher do dito Gaspar Nunez todas amigas moradoras e vizinhas em Tapanca sendo sábado a dita Ana d'Aveloa mandou ir a merenda um tatú que é caça do mato de carne cozido e todas elas quatro comeram a dita carne no dito sábado à merenda sabendo ser sábado, e ela confessante sentia-se mal disposta e disse as outras que aquele dia era sábado que não se podia comer carne e que ela por doente a comeria e contudo todas quatro a comeram sem ter necessidade nem desculpa

e das ditas culpas disse que pede perdão e que está muito arrependida e que já as confessou a seus confessores,

e foi logo perguntada pelo senhor visitador se sabia ela que o dito ajuntamento carnal entre mulheres é sodomia e que comer carne nos dias



proibidos é culpa heretical, respondeu que não sabia que eram senão pecados mortais de grande ofensa de Deus

e sendo mais perguntado disse que a dita Ana d'Alveloa é mamaluca e que a dita Mecia é ora casada com um negro alfaiate dos padres do colégio e ela também é alfaiate moradora nesta cidade

e do costume disse nada mas é amiga de todas e prometeu ter segredo e foi lhe mandado tornar a esta mesa no mês de maio

## **Confissão de Madanela Pimetel cristã velha na graça**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha natural de Pernambuco filha de Pero Pais e de Breatiz da Silva, de idade de quarenta e seis anos pouco mais ou menos viúva mulher que foi de Simão Gomez Varela moradora na sua fazenda na freguesia de Passe

e confessando se disse que sendo ela moça de nove até onze anos, teve amizade tola e de pouco saber com outras moças de sua mesma idade a saber Micia de Lemos, que hora é casada com João Ruiz Palha morador nesta cidade e com Iria Barbosa moça parda que ora é casada com André Ruiz, mamaluco em Pero Absu e assim também com outra moça maior que ela que parecia ser então de treze anos pouco mais ou menos por nome Ana Fernandez filha de Breatriz Eanes a qual Ana Fernandez está nesta capitania e casada mas não sabe em que freguesia e com cada uma das sobreditas teve ajuntamento carnal ajuntando seus vasos alternativamente ora uma debaixo, ora de cima, fazendo como se fora homem com mulher por muitas vezes em diversos tempos que não lhe lembra o número, porém nunca usaram de nenhum instrumento penetrante mais que somente com seus corpos

e disse que das ditas culpas pede perdão e que já delas se confessou a seus confessores e sendo perguntada disse que lhe parece que outra nenhuma pessoa as viu, e que as ditas moças não viam nem sabiam umas as outras isto mas que ela confessante com cada uma delas fez o dito pecado sem o dar a saber as outras

Por não saber assinou a seu rogo o Notário após-graça.

## **Confissão de Maria Pinheira cristã velha na graça.**

6 de Fevereiro de 1592

disse ser cristã velha segundo lhe parece natural desta cidade filha de João Pinheiro lavrador e de sua mulher Isabel Dias defuntos, de idade de trinta e oito anos casada com João d'Aguilar lavrador moradora em Taparica

e confessando se disse que haverá dois ou três anos não lhe lembra o certo, que em casa de Gaspar Nunez tido por cristão novo em Taparica estando juntas Ana Alveloa sua mulher e Maria Nunez viúva casada ora com Gonçalo Gonçalves pescador e Guimar Piçarra casada com Manoel Lopez todas vizinhas e amigas mandou vir para merendar a dita Ana Alveloa um tatú que é uma caça do mato assado de mo [modo?] que sendo sábado ou sexta-feira e todas quatro o comeram sem terem necessidade de comer carne salvo a dita Ana Alveola que estava parida e sangrada, e ouviu dizer que a dita viúva Maria Nunez estava prenhe secretamente sabendo todas que não era dia de carne e dizendo ela confessante que era velhacaria comê-la em tal dia e disse que da dita culpa pede misericórdia

e sendo perguntada disse que todas estavam em seu siso e sabiam o que faziam, e que as não viu outrem que lhe lembre

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Isabel Marques mestiça.**

7 de Fevereiro de 1592

disse ser mamaluca natural desta cidade, filha de Diogo Marques cônego que foi desta Sé defunto e Isabel índia desta terra também defunta de idade de trinta e sete anos, casada com Antônio Machado sapateiro que já não usa, moradora na freguesia de Ceregipe do Conde de Linhares

e confessando se disse que sendo ela moça de dez anos pouco mais ou menos em Vila Velha termo desta cidade foi à casa de Barão Lourenço seu vizinho folgar com sua filha Caterina Baroa que então seria de idade de quatorze ou quinze anos e ora é casada com Diogo Ruiz alfaiate moradora em Tamararia deste Recôncavo

e chegaram ambas a tão torpe ajuntamento que a dita Caterina Baroa se pôs em cima dela levantadas as camisas delas e assim juntaram seus vasos dianteiros como se fora homem com mulher, e isto por uma vez por um pequeno de espaço sem haver entre elas instrumento penetrante mais que seus corpos

e disse que lhe parece que ela confessante não cumpriu e que não sabe se a sobredita cumpriu

e sendo perguntada disse que viu a mesma Caterina Baroa fazer o mesmo pecado da mesma raaneira duas ou três vezes com outras moças menores de dez anos e que ninguém outrem viu a ela confessante fazer o dito pecado e que já se confessou dele a seu confessor

Por não saber assinou a seu rogo o Notário apostólico.

## **Confissão de Francisco Pirez cristão velho, no tempo do Recôncavo.**

7 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural da cidade do Porto de Miragaia filho de Domingos Pires pescador e de sua mulher Violante Gonçalves defuntos de idade de trinta anos casado com Filipa Gonçalves cristã velha contra mestre de uma nau que veio do Porto por nome Nossa Senhora do Castelo que chegou a este porto aos quatorze deste Janeiro passado

e confessando se disse que haverá quatro anos que indo ele em uma nau de que era mestre Antônio de Freites morador na cidade do Porto desta cidade para o dito Porto foram tomados na altura das Ilhas pelos ingleses luteranos os quais os levaram a cidade de Antona [Southampton] onde a ele confessante e a seus companheiros aconteceu que duas vezes em diferentes dias entraram na igreja dos luteranos onde não havia retábulo nem imagem, nem cruz mas que somente no meio dela sobre um pau uma águia de metal e entraram desbarretados e uma das ditas vezes estiveram presentes a um batismo de uma criança que os luteranos na mesma igreja batizaram e sempre desbarretados, e outra terceira vez chegaram a porta da dita igreja e estiveram um pouco ouvindo o pregador luterano que estava pregando

e destas culpas disse que pedia perdão que nunca creu na seita luterana e sempre teve a fé de Cristo e iam a dita igreja por curiosidade de verem

e sendo perguntado pelos companheiros, que fizeram o mesmo como ele nomeou os seguintes o dito Antônio de Freites, Diogo Gonçalves piloto da mesma nau morador em São João do Porto, Cristóvão Pires marinheiro da mesma cidade no arrabalde, Antônio Carneiro carpinteiro e marinheiro, Cosme Gonçalves calafate e marinheiro, Gaspar Gonçalves marinheiro, Baltesar André mercador, todos casados e moradores na dita cidade do Porto e seus arrabaldes o Domingos Dias mercador de Meijão Frio, e declarou que o dito Beltesar André está ora nesta cidade que veio nesta nau

## **Confissão de Antônio de Serpa cristão velho no tempo do Recôncavo.**

7 de Fevereiro de 1552

disse ser cristão velho natural da cidade de Lisboa filho de Duarte de Góis de Mendonça e de sua mulher Francisca de Carvalho, de idade de vinte e quatro anos pouco mais ou menos solteiro morador na Tapuam freguesia de Piraia lavrador

e confessando se disse que haverá um uno que indo ele de sua casa para a fazenda de seu pai que tudo é distancia de três léguas um dia de sábado ou sexta-feira ou outro de obrigação de jejum ele no caminho almoçou carne de caca do mato assada e que João Ribeiro morador lavrador de Paripe que presente estava o repreendeu e contudo ele a comeu sem necessidade nem desculpa

e que assim mais poucos dias depois disto indo ele confessante pelo mato em busca de uns negros que fugiram a seu pai também sendo dia que a igreja defende carne, comeu carne de vaca assada também podendo escusá-la e sem desculpa por que tinha farinha para poder passar aquele dia e disse que destas culpas pedia perdão

e foi perguntado se sabia ele que estas culpas são hereticais respondeu, que sabia que era pecado e ofensa de Deus

e sendo mais perguntado disse que a dita carne de vaca lhe viu comer um criado de seu pai per nome Francisco Pires morador nesta cidade em casa de seu pai o qual também o repreendeu

e foi logo admoestado pelo senhor visitador que nunca mais coma carne era dias defesos por que será gravissimamente castigado

## Confissão de Francisco de Azevedo cristão velho

7 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural da quinta do Telhado comarca da cidade do Porto filho de Cristóvão Gonçalves e de Maria de Azevedo, defuntos de idade de vinte e seis anos solteiro morador era Matoim em casa de Jorge de Magalhães

e confessando se disse que na era de mil e quinhentos e oitenta e cinco vindo em um galeão chamado de Nossa Senhora d'Ajuda chegando a um grau da banda do norte foram tomados de franceses luteranos em cuja companhia andaram alguns três meses no qual tempo todo nos dias que a igreja defende carne comeu ele sempre carne sem desculpa porque a podia escusar e muitas vezes quando eles faziam suas orações luteranas ele se ia por desbarretado com eles sem ser constrangido a isso e tudo isto mesmo faziam seus companheiros a saber Diogo de Pina mercador, e Miguel Gomes Bravo mercador, e Jacome Ruiz mercador, e Gaspar de Banhos passageiro, todos moradores na cidade do Porto, e Gaspar Gonçalves contra mestre do galeão, morador em Miragaia e um calafate cunhado deste contra mestre e outros cujos nomes lhe não lembra

confessou mais que na quaresma do ano passado comeu também carne sem necessidade nem desculpa toda a quaresma e com ele fizeram o mesmo, Baltesar Camelo, ourives e um castelhano por nome Francisco Ruiz morador em casa do mesmo Magalhães e Domingos Fernandez alfaiate morador na praça desta cidade obreiro, e Amador Filgueira mumaluco, e ouviu dizer que em geral em todo o arraial se comia carne, e assim mesmo a comia o capitão Rodrigo Martins da Cachoeira podendo muito bem escusá-la e disse que destas culpas pedia misericórdia

e foi perguntado se sabia ele que comer carne nos dias defesos é culpa heretical respondeu que sabe ser pecado grave mortal e foi admoestado pelo senhor visitador que não coma mais carne nos dias proibidos por que será gravissimamente castigado

## **Confissão de João Biscainho castelhano na graça.**

7 de Fevereiro de 1592

disse ser castelhano natural de Baeca, filbo de Francisco Bescainho lavrador e de sua mulher Ervira de Barrimão, casado com Branca Mendez mamaluca de idade de vinte nove anos morador na Pitonga no Cural de João de Sequeira

e confessando se disse que haverá oito meses que sendo morador em Quotegipe um dia à noite em sua casa estando agastado pelejando com sua mulher blasfemou dizendo arrenego de Jesus Cristo e esta blasfêmia disse uma só vez e que não sabe se já ouviu sua mulher ou outrem alguém e que estava em seu siso e era antes de cear

e sendo perguntado disse que em seu coração não deixou de crer em Cristo nunca nem duvidou dele e que não sabe ler, nem andou entre luteranos nem hereges

e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de maio primeiro que vem  
Havia um sinal do confessante que não sabia assinar



## **Confissão de Lucas Gato cristão velho, no tempo do Recôncavo.**

7 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural da Ilha Terceira, filho de Jerônimo Pereira e de sua mulher Joana Gata, de idade de vinte e três anos, solteiro, lavrador morador em Tamararia

e confessando se disse que haverá dois anos que em Tamararia estando um dia em casa de Ana Ruiz viúva praticando com um mancebo o qual lhe não lembra quem é acerca do mesmo mancebo que andava para casar, disse ele confessante que tão bom era o estado de bem casado como o estado dos religiosos e estas palavras disse aprovando-as por verdade

e o dito mancebo que lhe não lembra quem era repreendeu a ele confessante e contudo ele confessante aprofundando não se desdisse e ficou em seu dito cuidando que essa era a verdade até que se confessou e o confessor o desenganou

e desta culpa disse que pedia misericórdia

e sendo mais perguntado disse que a dita Ana Ruiz não era presente nem outra pessoa alguma mais e que não sabe ler e que nunca andou entre hereges nem luteranos nem conversou com eles

e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de maio primeiro que vem Assinou de cruz.

## Paulo Adorno no tempo do Recôncavo

8 de Fevereiro de 1592 disse ser mamaluco natural desta Bahia filho de Francisco Ruiz homem branco defunto cristão novo e de sua mulher Caterina Dias Adorno mamaluca viúvo de idade de trinta e nove anos morador em Matoim

e confessando se disse que no tempo que foi governador deste Brasil Luís de Brito d'Almeida foi duas vezes ele confessante ao Sertão uma na companhia do capitão Antônio Dias Adorno já defunto e outra, ele e Brás Dias mamaluco morador na barra de Jaguaripe ambos sós nas quais jornadas ambas ele comeu carne por muitas vezes em todo o tempo que elas duraram

que a primeira da companhia do Adorno durou nove meses e a outra durou três meses e sem terem necessidade e podendo escusar carne a comeram por muitas vezes não lhe lembra número certo assim na quaresma como nos mais dias proibidos e nas ditas jornadas fizeram o mesmo com ele o dito seu companheiro Brás Dias, que é homem pretelhão muito bexigoso cujo pai foi morador em Vila Velha e assim também e assim outros que ora lhe não lembram

e que outrossim haverá três anos que foi ao Sertão de Ceregipe na companhia de Cristóvão de Bairos onde também comeu por muitas o número lhe não lembra também em dias proibidos carne podendo-a escusar e sem desculpa e destas culpas disse que pedia perdão

e sendo mais perguntado disse que na dita jornada de Cristóvão de Bairos comeu também carne João Ribeiro seu camarada e morador em Paripe e dos costume disse nada

e foi lhe mandado ter segredo, e que torne a esta mesa no mês de maio primeiro que vem.

## **Confissão de Pedro Alvarez Aranha cristão velho.**

9 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Ponte de Lima filho de Fernão Pires da Costa e de sua mulher Marta Dias moradores em Ponte de Lima solteiro de idade de trinta anos lavrador morador em Quotegipe freguesia de Paripe.

e confessando se disse que haverá dois anos pouco mais ou menos que junto de São Bento arrabalde desta cidade um dia estando ele praticando com dois amigos seus os quais ora lhe não lembram quem foram, se veio a mover questão entre eles acerca dos estados e ele confessante teve, afirmou e sustentou que o estado dos solteiros e casados, era tão bom como o dos relegiosos

e nesta opinião ficou enganado até agora que leu o édito da fé e monitório geral pregado nas portas da sua freguesia pelo que vem pedir misericórdia foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de maio primeiro que vem e sendo perguntado se leu alguns livros de hereges ou luteranos ou se comunicou e andou com eles em suas terras ou em alguma outra parte respondeu que não

## **Confissão de Nuno Fernandes cristão novo na graça.**

9 de fevereiro de 1592

Pareceu Nuno Fernandes solteiro cristão novo morador em Matoim que já fez confissão neste livro folhas 150 e disse que pelo juramento que recebido tem fé lembra mais que usa muitas vezes deste juramento, pelo mundo que tem a alma de meu pai e o dito juramento jurou muitas sem nunca saber nem entender que era juramento judaico.

e outrossim disse que é costumado a vestir todos os sábados camisa lavada porém que a veste também todos os mais dias da semana e domingos, de maneira que cada dia a veste por limpeza

e que manda também nos domingos e santos trabalhar aos seus a cortar embira para atar a cana e a carregar a barca, nos tempos da necessidade porque vê que assim o costumam fazer geralmente nesta terra

e foi tornado admoestar que faça confissão verdadeira respondeu que tem dito a verdade

## **Confissão de Francisco Pires cristão velho na graça.**

10 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural de vila de Conde filho de João Pirez carpinteiro da Ribeira e de sua mulher Filipa Dias defunta de idade de trinta e quatro anos, carpinteiro da Ribeira viúvo morador em Ceregipe do Conde e confessando se disse que de dez ou doze anos a esta parte por muitas vezes em diversos tempos e lugares e perante diferentes pessoas que ora lhe não lembram disse e sustentou que o estado dos casados era melhor que os outros estados dos relegiosos pois Deus o fizera

e que este erro teve consigo todo o dito tempo cuidando ser assim verdade e assim lhe parece que o tinha ouvido a algumas pessoas que lhe não lembram e não lhe lembra que alguém alguma vez o repreendesse disso mas que somente lhe lembra que haverá dois meses pouco mais ou menos que em Ceregipe em o porto de Baltesar Barbosa trabalhando ele confessante disse o mesmo e assim também disse o mesmo Antônio de Sousa dizendo que ele Antônio de Sousa tivera também para si o mesmo de ser o estado dos casados melhor que o do relegioso

mas que o comissário de S. Francisco frei Belchior lhe declarara que dizer isso era heresia porque melhor era o dos religiosos e logo ele confessante respondeu que pois o dito Comissário isso dizia que isso era o certo e ele o não contradizia nem repugnava

e foi logo perguntado se leu alguns livros de hereges ou luteranos ou se andou entre eles ou em suas terras respondeu que não e foi lhe mandado que torne a esta mesa no mês de abril primeiro que vem

## **Confissão de Domingos Fernandes, Nobre de alcunha tomacaúna mestiço cristão velho no tempo da graça do Recôncavo no último dia dela.**

11 de Fevereiro de 1592

disse ser cristão velho natural de Pernambuco costa deste Brasil mamaluco filho de Miguel Fernandes homem branco pedreiro e de Joana negra do gentio deste Brasil defuntos de idade de quarenta e seis anos casado com Isabel Beliaga mulher branca cristã velha morador nesta cidade e não tem ofício

e confessando suas culpas disse que de idade de dezoito anos até idade de trinta e seis anos viveu como homem gentio não rezando nem se encomendando a Deus cuidando que não havia de morrer nem tendo conhecimento de Deus, como verdadeiro cristão e posto que se confessava pelas quaresmas era por cumprir com a obrigação, e sua vida no dito tempo foi mais de gentio que de cristão porém nunca deixou a fé de Cristo e essa teve sempre em seu coração

Confessou que haverá vinte e dois anos pouco mais ou menos que em Pernambuco pecou no pecado da carne com duas moças ambas suas afilhadas das quais ele foi padrinho quando sendo elas gentias as batizaram e fizeram cristãs parecendo lhe que tanto pecado era dormir com elas sendo suas afilhadas como se o não foram.

Confessou que haverá vinte anos pouco mais ou menos que ele foi ao Sertão de Porto Seguro em companhia de Antônio Dias Adorno, a conquista do ouro e no dito Sertão ele usou dos usos e costumes dos gentios tingindo-se pelas pernas com uma tinta chamada urucu, e outra jenipapo e empenando-se pela cabeça de penas e tangendo os pandeiros dos gentios, que são uns cabaços com pedras dentro e tangendo seus atabaques e instrumentos balhando com eles cantando suas cantigas gentílicas pela língua gentílica que ele bem sabe e que estas coisas fez por dar a entender aos gentios do dito Sertão que ele era valente e não os temia por andarem sempre em guerra.

Confessou que haverá dezesseis anos pouco mais ou menos que por mandado de João de Brito d'Almeida que foi governador nesta capitania na ausência do governador seu pai Luís de Brito que ia para a Paraíba foi ele confessante ao Sertão de Arabo, por capitão de uma companhia a fazer descer o gentio para povoado na qual jornada gastou quatro ou cinco meses e no dito Sertão ele tinha mulheres duas ao modo gentílico as quais eram gentias filhas de gentios que lhas davam por mulheres e se tingia ao seu uso gentílico e bailava e cantava e tangia com os gentios ao seu uso gentílico, e se riscou pelas coxas, nálgas e braços, ao modo gentílico, o qual riscado se faz rasgando com um dente de um bicho, chamado paca, e depois de rasgar a carne levemente pelo couro esfregam por cima com uns pós pretos, e depois de sarado ficam os labores pretos impressos nos braços e nas nálgas, ou onde os põem como ferretes para sempre

o qual riscado costumam fazer os gentios em si, quando querem mostrar que são valentes, e que tem já mortos a homens, e por ele confessante se ver então em um aperto dos gentios que se levantavam contra ele se fez riscar por um negro, do dito modo para se mostrar valente e assim escapou, por que vendo isso os gentios lhe fugiram e então se riscou então com ele pela dita maneira Francisco Alfonso Capara morador em Pirajója termo desta cidade.

Confessou que haverá quinze anos pouco mais ou menos que tornou ao mesmo Sertão de Arabo, desta capitania por mandado do dito governador Luís de Brito por Capitão doutra Capitania a fazer descer gentios para o povoado na qual jornada gastou alguns seis meses, e no dito Sertão lhe deram também os gentios suas filhas gentias por mulheres e tinha, duas e três juntamente por mulheres como qualquer gentio e bebiam eles o seu fumo, que é o fumo de uma erva que em Portugal chamam a erva santa, e bebia com eles os seus vinhos e bailava e tangia, e cantava, com eles, ao seu modo gentílico e andava nu como eles e chorava e lamentava propriamente como eles ao seu uso gentílico, as quais coisas todas fazia, em descrédito da lei de Deus por que os ditos gentios vendo-o fazer as ditas coisas o tinham também pior gentio e lhe chamavam sobrinho e estas coisas fazia (tendo em seu coração a fé de Cristo) para os gentios lhe darem bom tratamento.

Confessou que haverá treze ou quatorze anos que por mandado do mesmo governador tornou ao sertão dos Ilhéus onde gastou quatorze meses e nele se empenou pelo rosto com almecega e se tingiu com a tinta vermelha de urucu, ao modo gentílico e teve sete mulheres gentias que lhe deram os gentios e as teve a o modo gentílico e tratou com eles e bebeu seus vinhos e fez seus bailes e tangeres e cantares tudo como gentio

e por que eles se alevantaram contra ele e seus companheiros, eles confessante e João de Remirão senhor do engenho seu em que mora vizinho de Tasuapina desta capitania, se fingiram serem feiticeiros da maneira que os gentios costumam ser dizendo que lhes haviam de lançar a morte para todos morrerem e fazendo algumas invenções e fingimentos para que eles assim o cuidassem e para escaparem que os não matassem como escaparam.

Confessou que haverá vinte anos, no Sertão de Pernambuco, no Rio de São Francisco deu uma espada e rodela e adagas e facas grandes de Alemanha e outras armas aos gentios que são inimigos dos cristãos, e os matam e guerreiam, quando tem lugar para isso.

Confessou que haverá cinco ou seis anos pouco mais ou menos que no Sertão desta cidade se alevantou entre os gentios uma erronia e abusão a que eles chamavam Santidade e tinham um gentio a que chamavam Papa o qual dizia ser Deus e a outros chamavam, Santos e a uma gentia chamavam mãe de Deus e a outras chamavam santas e faziam entre si batismos com candeias acesas lançando água pelas cabeças dos batizados e punham lhe nomes a seu modo os quais batismos fazia o dito chamado Papa autor e inventor da dita erronia e abusão o qual se chamava Antônio e era do gentio deste Brasil e se criou em casa dos padres da Companhia de Jesus, no tempo que eles tinham aldeias em Tinhare capitania dos Ilhéus, donde ele fugiu para o Sertão

e ordenou a dita erronia arremedando e contrafazendo os usos da igreja cristã, fazendo os ditos batismos e fazendo igrejas com altares e pias de água benta e mesas de contrárias, e tocheiros e contas de reza e sacristia e tinham no altar um ídolo, de uma figura de animal que nem demonstrara ser homem, nem pássaro, nem peixe nem bicho, mas era como quimera no qual adoravam e a dita negra chamada mãe de Deus era mulher do dito chamado Papa ao seu uso gentílico



e sendo assim alevantada esta abusão foi ele confessante por mandado do governador Manoel Teles Barreto por capitão de uma companhia de soldados que consigo levou para desfazer a dita erronia e prender e trazer os sustentadores dela dos quais muitos e a maior parte deles eram cristãos que depois de serem cristãos fugiram para o dito chamado papa que também era cristão

e indo ele confessante já pelo Sertão dentro achou que os sustentadores da dita abusão fugiam por sentirem que iam contra eles e topou com uma manga de negros do gentio deste Brasil deles gentios e deles cristãos os quais traziam consigo o dito ídolo e vendo ele confessante o dito ídolo lhe tirou o chapéu e o reverenciou fingidamente por enganar aos que o traziam dando lhes a entender que cria naquela sua abusão

e pedindo lhe os ditos negros que os deixasse fazer uma procissão com o dito ídolo ele confessante lhe deu licença para isso e mandou aos seus negros que consigo levava que os ajudassem a fazer a dita procissão e com eles fez ele seus cantares gentílicos e bebeu seus fumos que eles chamavam sagrados e tangeu seus instrumentos gentílicos ao seu uso daquela sua abusão chamada santidade

E então mandou ele, confessante a alguns de seus companheiros com o dito ídolo que o levassem a Fernão Cabral de Taíde a sua fazenda de Jaguaripe donde ele confessante tinha partido para o dito Sertão, os quais companheiros eram Domingos Camacho natural do Algarve que ora está nas índias de Tocumão, e Pantaleão Ribeiro lavrador morador na fazenda de Diogo Correa, pelos quais com o dito ídolo, escreveu uma carta ao dito Fernão Cabral em que lhe dizia que lhe mandava ali aquele ídolo com aquela gente seguidora da dita abusão que poderiam ser algumas sessenta almas que lhes fizesse boa companhia enquanto ele confessante ia por diante ao Sertão por que não corresse ele perigo no Sertão

e que depois de assim despedir os ditos seus companheiros que levaram a dita sua gente e ídolo ele confessante foi por diante levando já consigo novo socorro de companheiros que lhe mandou o governador Manoel Teles

e chegando a um Paso onde chamam as Palmeiras Compridas lhe mandou dizer o principal dos sustentadores daquela erronia ao qual chamavam Papa que ele não pasasse daquele lugar sob pena de obediência por que ele veria

logo aí ter, e logo o dito chamado Papa viveu [sic] vestido com uns calções de raxa preta e uma roupeta verde e um barrete vermelho na cabeça trazendo consigo muitos dos seus secazes, em fileiras de três em ordem e as fêmeas e crianças todas detrás com as mãos alevantadas

e o dito chamado Papa que vinha na dianteira e os mais que o seguiam em fileiras vinham fazendo maneios e movimentos com os pés e mãos e pescoço e falando certa linguagem nova que tudo era invenção e cerimônia daquela abusão chamada Santidade

e ele confessante adorou ao dito chamado Papa, e se ajoelhou diante dele dizendo estas palavras, adoro te bode por que às de ser odre

e logo ele confessante fez também o pranto ao dito chamado Papa segundo o costume gentílico e saltou e festejou com ele ao seu modo gentílico e bebeu o fumo com ele ao qual fumo os seguidores da dita abusão chamavam sagrado e tangeu e cantou com eles seus instrumentos e suas cantigas, em suas linguagens e consentiu que adorassem a ele confessante e lhe chamassem filho de Deus e lhe chamassem também São Luís

e que todas estas coisas fez e consentiu sem a tenção nem ânimo de gentio, mas fingidamente para enganar aquela gente daquela erronia e a trazer consigo como trouxe para a dita fazenda do dito Fernão Cabral

e ao dito chamado Papa deu ele confessante uma espada de cavalgar e dantes já lhe tinha mandado um traçado e o dito vestido com que ele vinha vestido,

confessou mais que antes deste caso da dita abusão foi ele ao Sertão desta capitania em companhia de Luís Lopes Pessoa com licença do governador Lourenço da Veiga que então governava este estado para fazerem descer gente do gentio e trazê-la consigo para povoado na qual entrada gastou um ano e no dito tempo fez e usou com os ditos gentios os seus costumes gentílicos fazendo seus tangeres e cantares da maneira sobredita e aceitou deles quatro mulheres que lhe deram por mulheres ao seu modo gentílico.

Confessou mais que haverá dois anos e meio que ele foi com licença da mesa do governo ao Sertão na companhia de Cristóvão da Rocha a fazer descer gentio donde ora vem ao Sertão de Pernambuco onde também consentiu e mandou fazer uma dança de espadas e festas aos gentios do dito

Sertão de Pernambuco também deu duas espingardas aos ditos gentios e também lhe deram seis mulheres que ele teve por mulheres

e assim confessou que em todos os ditos tempos que andou nos ditos sertãos comeu sempre por muitas vezes carne em todas as quaresmas e mais dias em que a igreja defende carne e muitas vezes disse que não queria vir se nunca do Sertão pois nele tinha muitas mulheres e comia carne nos dias defesos e fazia o mais que queria sem ninguém lhe tomar conta

e disse que de todas estas coisas e culpas que confessado tem pede perdão neste tempo de graça e foi logo perguntado quanto tempo há que ele é casado com sua legítima mulher Isabel Beliaga e de que maneira tinha ele as mulheres no Sertão respondeu que há vinte e três anos pouco mais ou menos que é casado e que no sertão as mulheres que lhe davam ele as não recebia por palavras algumas da igreja somente as tomava como é costume entre os gentios para conversação por mulheres para conversação desonesta

e perguntado se podia ele escusar de comer carne nos tempos defesos respondeu que sempre a comeu por necessidade por não ter outro mantimento e que quando tinha mantimento deixava de comer a carne,

e declarou que no tempo que ele adorou o chamado Papa ele disse aos seus companheiros que o adorassem por desemular porém que ele estava diante de todos e não viu se adoraram senão que o dito chamado papa lhe disse que se chamava Antônio e era cristão e fora dos padres da companhia de Jesus de Tinhare capitania dos Ilhéus

e sendo perguntado que pessoas viu na dita sua companhia fazer o mesmo que ele fez ou outras coisas semelhantes respondeu que viu ao dito capitão Cristóvão da Rocha dar aos gentios que são inimigos dos brancos e quando podem os guerreiam e matam um instrumento de guerra, bandeira de seda, tambor, cavalo, égua, espingarda, espada e assim se dizia que dera uma botija de pólvora e o viu tisonado pelo pescoço com tinta de jenipapo ao costume gentílico e lhe viu ter cinco ou seis mulheres ao modo gentílico e viu a Pedro Álvares mamaluco morador ora em Ceregipe o Novo mandar dar uma espada aos ditos gentios por três peças e viu a Fernão Sanches Carilho homem branco d'Alentejo que ora está no rio de São Francisco dar aos ditos gentios uma coura diante e viu a Domingos Diaz mamaluco

riscado em um braço ao modo gentílico o qual ora lhe parece que está em Peragasu

e por não dizer mais foi lhe mandado ter segredo e assim o prometeu e do costume disse que tem ódio a Cristóvão da Rocha.

## **Confissão de Dona Ana Alcoforada cristã nova no tempo da graça do Recôncavo, no último dia dele.**

11 de Fevereiro de 1592

disse ser meia cristã velha e meia cristã nova, natural de Matoim dista capitania filha de Antônio Alcoforado cristão velho e de sua mulher Isabel Antunos cristã nova defuntos de idade de vinte e sete anos casada dom Nicolao Faleiro de Vascogoncelos lavrador morador na sua fazenda de Matoim

e confessando se disse que haverá quatro anos que teve em sua casa um seu criado por nome Baltesar Diaz d'Azambujo cristão velho segundo ele dizia natural de Santo Antônio do Toja que será ora homem de trinta anos pouco mais ou menos o qual ora é casado e morador na capitania dos Ilhéus com Caterina Cordeira sua mulher e vivem por sua lavoura o qual antes de viver com ela confessante viveu também alguns dias com sua tia Dona Lianor mulher de Anrique Monis Teles

e morrendo lhe a ela confessante no dito tempo em casa um seu escravo disse o dito seu criado Baltesar Diaz Azambujo perguntando que por que lançavam a água fora quando morria alguém em casa se era por nojo se por que

e ela confessante nunca até então tinha ouvido nem sabido que por morte de alguém se lançava água fora e lhe perguntou então porque dizia ele aquilo e ele lhe respondeu que o dizia por que vira já na sua terra entornar a água fora nas casas onde alguém morria mas que não sabia o porque nem lhe declarou mais

então ela confessante simplesmente cuidando que seria aquilo alguma coisa boa mandou entornar e lançar fora a água que havia na casa e dali por diante lhe aconteceu morrerem lhe em diversos tempos sete ou oito escravos e quando lhe morriam mandava lançar fora sempre e derramar a água que em casa havia e que isto fez sem o ter ouvido nem aprendido de nenhuma outra pessoa em outra nenhuma parte e sem o ter visto fazer a ninguém senão somente por o ouvir dizer ao dito seu criado

e outrossim disse que ouviu jurar a sua avó Ana Ruiz cristã nova quando queria afirmar alguma coisa este modo de juramento pelo mundo que tem a alma de Heitor Antunez, o qual era seu marido avó dela confessante

e assim ouviu o mesmo juramento a outras muitas pessoas que lhe não lembram e por isso ela também simplesmente sem nenhuma ruim tenção usou muitas vezes do dito modo de juramento e quando quer afirmar alguma coisa diz pelo mundo que tem a alma de meu pai e de minha mãe

e perguntada qual é este mundo que tem a alma de seu pai e de sua mãe respondeu que ela não entende nem sabe declarar o dito juramento, que queira dizer mas que faz este juramento simplesmente pelo ter ouvido e o jurou muitas vezes perante suas parentas e outras pessoas e não lhe lembra de quanto tempo a esta parte

e logo foi admoestada pelo senhor visitador com muita caridade que faça confissão inteira e verdadeira por que estas cerimônias que fez de lançar água fora são muito conhecidas serem dos judeus e o dito modo de jurar é muito conhecido ser dos judeus os quais costumam jurar pelo Orlon de mi padre que quer dizer o mesmo que pelo mundo que tem a alma de meu pai e que pois ela é cristã nova não se pode presumir senão que ela faz as ditas cerimônias e juramentos com tenção de judia e que ela é judia e vive na lei de Moisés e deixou a fé de Jesus Cristo que portanto fale verdade e descubra seu coração porque lhe aproveitará muito para alcançar graça pois está era tempo dela

e ela respondem que é boa cristã e nunca soube nem teve nada da lei de Moisés mas que fez as ditas coisas sem entender que eram judaicas e que depois que se publicou a Santa Inquisição nesta cidade e ouviu contar as coisas que se declaravam no Édito da fé entendeu serem judaicas as que dito tem e nunca mais as fez e que da culpa que tem era as fazer exteriormente sem ter no coração erro algum da fé Católica pede perdão e misericórdia.

FIM DO TEMPO DA GRAÇA QUE SE CONCEDEU À GENTE DAS FREGUESIAS E LUGARES  
DE TODO O RECÔNCAVO DESTA CAP.<sup>A</sup> DA BAHIA.

## TERMO DE COMO SÃO ACABADOS OS TRINTA DIAS DA GRAÇA CONCEDIDA AO RECÔNCAVO TODO DESTA BAHIA.

Aos onze dias do mês de fevereiro inclusive deste ano presente de mil e quinhentos e noventa e dois se acabaram os trinta dias da graça que o senhor visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça concedeu aos moradores, Residentes estantes e vizinhos de todo o Recôncavo desta capitania da Bahia de Todos os Santos que neles viessem perante ele senhor reconciliar-se e fazer inteira e verdadeira confissão de suas culpas e pedir perdão deles.

E por quanto todos os editos da fé e monitórios gerais e Éditos da graça e traslados do alunará de sua Majestade do perdão das fazendas que foram mandados a todos os vigários, curas, e capelães, de todo o dito Recôncavo são ora por eles já tomados à mesa do Santo Ofício com suas certidões solenizadas com testemunhas nelas assinadas por que consta como os publicaram em suas freguesias, igrejas e capelas por todo o dito Recôncavo desta capitania no primeiro domingo depois da festa dos Reis que foi aos doze dias do mês de Janeiro do presente ano a missa na estação e os fixaram nas portas das ditas igrejas e capelas e aí estiveram fixados todos os ditos trinta dias.

Mandou o senhor visitador a mim Notário fazer aqui este termo desta declaração com minha fé para sempre constar do sobredito.

E eu notário dou minha fé passar tudo assim na verdade, e fiz este termo nesta cidade do Salvador aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de mil e quinhentos e noventa e dois anos Manoel Francisco Notário do Santo Ofício nesta visitação do Brasil que o escrevi — Heitor Furtado de Mendonça — Manoel Francisco.

**Tem este Primeiro L.º das Confissões Cento e Oitenta e nove folhas com esta, por mim numeradas, e assinadas do meu sinal, Mendonça nas Primeiras Laudas em cima na Bahia aos 25 de Julho de 1591 — Heitor Furtado de Mendonça.**

---

[1] A versão deste volume apresenta sutis diferenças em relação ao original, de 1922. Foram extraídos apenas detalhes específicos àquela edição, e que não fariam sentido na presente versão. N. do E.

[2] Rev. de história, 2º, 1944.

[3] Arch. hist. port., 6.º, 171.

[4] Ann. da Bibl. Nacional, 1, 72.

[5] O processo de Boulés foi impresso nos An. da Bib. Nac, 25º, Sua ida forçada ou voluntária para a Índia, primeiro indicada pelo próprio José de Anchieta, é confirmada nas denúncias da presente visitação pelo padre Luís de Grã.

[6] P. de Azevedo, Antonio de Gouveia, alquimista do século XVI, Arch. hist. port., 3o, Cf. Porto Seguro, Hist. ger. 3ª edição, nota K, p. 45 a 48. Alfredo de Carvalho, Rev. do Inst. Arch. Pern. 11º, que reimprimiu o segundo processo do padre do Ouro, concorda com a identificação proposta pelo autor desta nota.

[7] Ann. da Bib. Nac. 19º, 93.

[8] Cf. A. S. Turberville, Medieval heresy & the Inquisition London, 1920, que, no dizer de um crítico competente, cortou muito *t*, pingou muito *i* e forceja por ser imparcial.

[9] Arch. hist. port., 5º, 423 a 424.

[10] Ann. da Bib. Nac, 19º, 67. F. C. de Taíde foi sentenciado a dois anos de desterro para fora do Brasil, informa Lúcio de Azevedo, Hist. dos Chr. nov. port., 227, que nas ps. 225 a 229 dá uma ideia exata das duas visitas.

[11] Lúcio de Azevedo, História de Antônio Vieira, Historia dos Cristãos novos portugueses.

[12] Informação geral de Pernambuco, 48. sep. dos Ann. da Bib. Nacional, 28º.

[13] História dos cristãos novos portugueses, 140

[14] Turbeville, op. cit.



- [15] Ann da Bibl. Nac, 27º, 144 a 148. Outro Heitor Antunes menciona a Rev. Trim., 57º, I, 228; não pode ser o mesmo desta visitação, que era mercador.
- [16] Annaes da Bib. Nac, 27º, 165 a 169. Cf. Varnhagen, Historia geral, 370, nota da incompleta e esgotada 3ª ed.
- [17] Ann. da Bibl. Nac, 19º, 108.
- [18] Rev. Trim., 67º, I, 225.
- [19] Inv. dos documentos, etc. 25, sep. dos Ann. da Bib. Nac, 31º.
- [20] Em A-rari-pe *pe* é uma posposição, *a* é protético, empregado pelos portugueses para conservarem o som brando da consoante, único existente na língua geral. O mesmo som brando remedava-se com *l* inicial que não existia em tupi, "sem *r* (forte) isto é sem rei, sem *l*, isto é sem lei, sem *f*, isto é sem fê", rezava o rifão, talvez inspirado por Gândavo. No sertão baiano, perto de Orobó, havia também uma serra do Rari, donde o jesuíta Diogo Nunes foi descer gentes antes de 1585, Rev. Trim., 57º, I, 242.
- [21] Rev. Trim., 62º, I, 81.
- [22] Rev. Trim., 5º, 37 e seg.
- [23] A via fluvial ainda foi seguida algum tempo depois dos descobertos. "Todos aqueles que não têm domicílio ou razão particular para descerem das minas para S. Paulo ou Rio de Janeiro se retiram delas pelo rio de S. Francisco embarcados na forma sobredita, por que além da brevidade e suavidade da viagem a fazem com muito pouco custo porque evitam comprar cavalos pelo excessivo preço que valem nas ditas minas e acabada sua viagem vendem as canoas no porto a que chegam por dobrado valor do que lhe tem custado nas minas". Estas e outras informações procedem de um manuscrito anônimo e sem título, anterior à guerra dos Emboabas, cod. 51, VI, 24 fl. 460 a 467, da biblioteca da Ajuda. Em 1748 o primeiro bispo de Mariana foi embarcado desde o Preto afluente do Grande, até o rio das Velhas. Com a falha de quinze dias para crismar, venceu em quarenta e cinco dias mais de duzentas léguas de distância navegando contra a corrente do rio. Rev. do Arch. Min., 6º, 293 a 296.
- [24] Pereira da Costa, Chr. hist. do est. do Piahy, 6,20.
- [25] Rev. Trim., 46º, I, 105 e seg.
- [26] À margem está escrito: "Ré Maria Vilela. Esta R. veio no tempo da graça confessar desta pedra de Ara. R por ser desta matéria se não escreveu no livro, mas repreendia e mandei confessar e admoestei não usasse mais destas superstições."
- [27] Sinagoga.
- [28] Claustro.
- [29] Atilho, cadarço.
- [30] *Comédia Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, foi impressa em primeira edição de 1561; *Eufrosina*, de Nuno Fernandes, é de 1561.